Bert Hellinger

O Amor do Espírito

ATMAN

na Hellinger Sciencia

Título do original alemão
Die Liebe des Geistes
Was zu ihr fuehrt und wie sie gelingt
Hellinger Publications 2008 - Copyright by Bert Hellinger
Printed in Germany
1a. edição 2008

Todos os direitos para a língua portuguesa reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou usada de qualquer forma ou por qualquer meio (eletrônico, mecânico, inclusive fotocópias, gravações ou sistema de armazenamento em banco de dados) sem permissão escrita do detentor do "Copyright", exceto no caso de textos curtos para fins de citação ou crítica literária.

1ª. Edição - março de 2009 - ISBN 978-85-98540-20-7
Direitos de tradução para a língua portuguesa adquiridos com exclusividade pela: EDITORA ATMAN Ltda.
Caixa Postal 2004 - 38700-973 - Patos de Minas - MG - Brasil
Telefax: (34) 3821 -9999 - http://www.atmaneditora.com.br
editora @ atmaneditora.com.br
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Revisão ortográfica: Elvira Nícia Viveiros Montenegro
Revisão: Tsuyuko Jinno-Spelter e Wilma Costa Gonçalves Oliveira
Coordenação editorial: Tsuyuko Jinno-Spelter
Designer de capa: Manuela Lagardère
Diagramação: Virtual Edit

Depósito legal na Biblioteca Nacional, conforme o decreto no 10.994, de 14 de dezembro de 2004.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

H 477 Hellinger, Bert
O Amor do Espírito na Hellinger Sciencia /
Bert Hellinger; tradução Filipa Richter, Lorena Richter, Tsuyuko Jinno-Spelter. Patos de Minas: Atman, 2009. 216 p.
Título original: Die Liebe des Geistes. Was zu ihr fuehrt und wie sie gelingt. ISBN: 978-85-98540-20-7
I. Constelações familiares. 2. Filosofia crítica. 3. Relações humanas. I. Richter, Filipa.
II. Richter, Lorena. III. Jinno-Spelter, Tsuyuko. IV. Título

CDD: 142.78

Pedidos:
www.atmaneditora.com.br
comercial @ atmaneditora.com.br
Este livro foi impresso com:
Capa: supremo LD 250 g/m2
Miolo: offset LD 75 g/m2

Bert Hellinger

O Amor do Espírito na Hellinger Sciencia

Tradução

Filipa Richter
Lorena Richter
Tsuyuko Jinno-Spelter

2009

ATMAN

Sumário

A Hellinger® Sciencia
Introdução e visão geral 08
- A dimensão espiritual 08
- A liberdade 09
- A preocupação 10
- O futuro 10
- O amor 10

Sobre este livro 11
Os primórdios 13
- Nota preliminar 14

Culpa e inocência nos relacionamentos 15
- A compensação 15
- O desligamento 15
- A abundância 15
- O ideal de um bom ajudante 15
- A troca 16
- Passar adiante 16
- A bola dourada 16
- O agradecimento 17
- Sobre o tomar 17
- Os que voltaram 17
- A felicidade 17
- A justiça 18
- Perdas e danos 18
- A saída 18
- A impotência 18
- A dupla transferência 19
- O vingador 19
- O perdão 20
- A segunda vez 20
- A reconciliação 20
- A revelação 20
- A dor 21
- Bom e mau 21
- Aquilo que nos pertence 21
- Aquilo que não nos pertence 21
- O destino 22
- A humildade 22
- Ordem e abundância 23

Os limites da consciência 23
- A resposta 23
- Culpa e inocência 24
- As condições prévias 24
- As diferenças 24
- Os diferentes relacionamentos 25
- A ordem 25
- A aparência 25

Os jogadores 26
- O feitiço 26
- O vínculo 26
- A consideração 27
- A lealdade 27
- Cedendo o lugar 27
- Lealdade e doença 28
- O limite 28
- O bem 28
- A consciência de grupo 28
- O direito de pertencer 29
- A compensação no mal 29
- A hierarquia 29
- O anseio 30
- O tremor 30
- O medo 30
- Fora de contexto 30
- A expiação 30
- A solução 31
- A compreensão 31

O caminho 31

Ordens do amor entre pais e filhos e dentro do grupo familiar 32
- Ordem e amor 32
- As diferentes ordens 32
- Pais e filhos 32
- A fonte romana 33
- Honrar a dádiva 33
- A vida 33
- Agradecimento ao despertar da vida 34
- A recusa 34
- O que é especial 35
- As boas dádivas dos pais 35
- O que é próprio dos pais 35
- A arrogância 36
- A comunidade de destino 36
- O grupo familiar 36
- Os laços do grupo familiar 37
- A completude 37
- A responsabilidade no grupo familiar 38
- Direitos iguais de pertencimento 38
- As ordens do amor 38

Ordens do amor entre homem e mulher e em relação à totalidade que sustenta 40
- Homem e mulher 40
- Pai e mãe 40
- O desejo 40
- A consumação do amor 41

- O vínculo do casal 41
- O ciúme 42
- A carne 42
- O baixo contínuo 42
- A carência 43
- O filhinho do papai e a filhinha da mamãe . 43
- Animus e Anima 43
- A reciprocidade 44
- Seguir e servir 44
- A equivalência 44
- O equilíbrio 45
- O entendimento 45
- Emaranhamentos 46
- A constância 46
- O processo de morte 46
- A totalidade que sustenta 47

A consciência espiritual 48

- Nota preliminar 49

A diferenciação das consciências 50

- A consciência pessoal 50
  a. O vínculo
  b. Bom e mau
- A consciência coletiva 51
  a. A completude
  b. O instinto
  c. O pertencimento para além da morte
  d. Quem pertence?
  e. Só o amor libera
  f. Quem mais pertence à família?
  g. O equilíbrio
  h. A expiação
  i. A vingança j. A cura
  k. A hierarquia
  I. A violação da hierarquia e suas consequências
  m. O alcance
- A consciência espiritual 55

As diferentes consciências e as Constelações familiares 56

- A consciência espiritual 56
  a. A diferenciação das consciências
  b. As Constelações familiares espirituais
- A consciência pessoal 58
- A consciência coletiva 59
- Conclusão 59

Reflexões 59

- Aquilo que parte 59
- Ser guiado 60
- A procura 60
- A benevolência 61
- A expectativa 61
- Para frente 61
- Leve 62
- A sintonia 63
- Estar aqui 63
- A consciência 63
- A união 65

O que faz adoecer nas famílias e o que cura 66

- Nota preliminar 67

O amor que adoece e o amor que cura 68

- O vínculo e suas conseqüências 68
- Semelhança e compensação 68
- A doença segue a alma 68
- "Antes eu do que você" 68
- O amor que sabe 69
- "Eu por você" 70
- "Mesmo que você vá, eu fico" 70
- "Eu sigo você" 70
- "Eu ainda vivo mais um pouquinho" 70
- A esperança que faz adoecer 71
- O amor que cura 71
- A doença como expiação 71
- A compensação através da expiação traz um sofrimento duplo 72
- A compensação através do tomar e da ação reconciliadora 72
- A expiação é um substitutivo para a relação.... 73
- Na Terra, a culpa passa 73
- A doença como expiação substitutiva 73
- A doença como conseqüência da recusa de tomar os pais 73
- Honrar os pais 73
  O não-ser 74
- Outras publicações sobre o tema saúde 75
  Livros 75
  Vídeos 76
  DVDs 76

Saúde e cura do ponto de vista espiritual 77

O amor do espírito 78

Amar os pais espiritualmente 78

- A criança 78
- O outro amor 79
- Meditação: a despedida 79
- O caminho 80
- O instante 80

A violação da igualdade 80

- O emaranhamento 81
- A solução 81
- Culpa e expiação 81
- O nível espiritual 81

Psicoses, o amor à beira do abismo .. 81

- Um exemplo 81
- O que leva à psicose? 83

- Psicoses como agressores, psicóticos como vítimas 84
- As psicoses como um problema familiar..... 85
- Os ajudantes 85
- Exercício: o amor espiritual 85

Nosso amor à beira do abismo 86

- O amor da consciência inconsciente 86
- Benevolência para todos 86
- O emaranhamento 87
- O amor ciente 87
- A precedência 87
- Nosso amor cego 87
- O caminho da purificação 88

Meditação: o amor que afasta do abismo 88

- O círculo 88
- Paz aos mortos 88
- A liberdade 88
- Distúrbios de fala 88
- Gagueira e esquizofrenia 89
- Gaguejar por temor perante uma pessoa internalizada 89
- Gaguejar porque um segredo de família não pode vir à luz 89
- O alívio 89
- Reconciliar os opostos 90
- Um exercício para gagos: "Você e eu - nós dois" 90
- Como crescemos 90
- Exercício: Reconciliação na alma 90
- Exemplo: Gagueira e esquizofrenia 91
- Explicações 93

A fala **94**

- As coisas 94
- As grandes palavras 95

Autismo **95**

- Publicações sobre o tema psicose e distúrbios de fala 95
  - Livros 95
  - Vídeos 96
  - DVDs 96

As Constelações familiares espirituais em uma frase 97

- O procedimento 97
- Exemplo: menino de 12 anos tem um tique nervoso 97
- Exemplo: homem de 40 anos com diarreia 98
- Exemplo: menino de 15 anos se automutila e tem ataques de pânico 99

Exemplo: cliente de 35 anos de idade consegue apenas ingerir alimentos líquidos 99

- Exemplo: cliente de 37 anos tem o lado direito do corpo paralisado há um ano 100
- O movimento interno 100
- Meditação: a nossa própria frase 100

Supervisões breves 101

- O futuro 101
- Um menino perde a fala 101
- Exercício: acompanhar o espírito 102

Ajudar em sintonia 104

- Nota preliminar 105

A ajuda como profissão 106

- A ajuda como dar e tomar 106
- A ajuda profissional 106
- Quando nos é permitido ajudar? 106
- Ajudar com respeito 106
- Ajudar com segurança 106
- Ajudar outros a crescer 107

Ordens da ajuda 107

- O que significa ajudar? 107
- A ajuda como compensação 107
- Dar o que temos e tomar o de que precisamos 108
- Permanecer dentro das possibilidades... 108
- O arquétipo da ajuda: Pais e filhos 108
- Ajudar de igual para igual 109
- Permanecer dedicado à família toda 110
- Ajudar sem julgamento 110
- Ajudar para além do bom e do mau 111
- Ajudar sem lastimar 111
- Ajudar em harmonia com um destino difícil ..111
- A percepção especial 111
- Observação, percepção, compreensão, intuição, sintonia 112

Ajudar em sintonia com a alma 113

- A postura terapêutica 114
- As perguntas 114
- O começo do amor 114
- Amor e força 115
- O amor do ajudante 115
- A alma abrangente 116
- A psicoterapia simples 116
- Amor e destino 116

Ajudar em sintonia com as famílias **117**

- Ajudar em sintonia com os pais 117
- A sintonia com a própria família 117
- A sintonia com a outra família 118
- A sintonia com os outros ajudantes 118
- A benevolência 118

Como a ajuda pode dar certo **119**

- O último lugar 119
- A hierarquia 119
- Grandeza 120

A relação terapêutica **120**

- Agir 120
- O controle 120

- A serviço da vida ... 121
- O empenho ... 121
- Sintonia e coragem ... 121
- A disputa pelo poder ... 122
- A dureza ... 123
- A empatia ... 123
- A empatia sistêmica ... 123

A grande alma ... **124**

- Atuar sem agir ... 124
- A noite do espírito ... 124
- Recusar a ação ... 124
- O guerreiro ... 124
- Ganhar e perder ... 124
- Os opostos ... 125
- Erros ... 125
- A fonte ... 125

Imagens que solucionam ... **125**

- A imagem inicial ... 125
- As imagens de solução ... 126

Dois tipos de sentimentos ... **126**

- Os sentimentos primários ... 126
- Os sentimentos dramáticos ... 126
- Sonhos ... 127
- O olhar bom e o olhar mau ... 127
- A questão ... 127
- Curto e preciso ... 128
- A seriedade ... 128
- O limite máximo ... 128
- O respeito ... 128
- O centramento ... 128
- A outra dimensão ... 129
- A humildade ... 129
- Pena ... 129
- O movimento interrompido ... 129
- Desprender-se dos mortos ... 129
- Ações que solucionam ... 130
- Temor ... 131
- A cautela ... 131
- O rio ... 132

Ajudar de igual para igual ... 132

- Em cima e embaixo ... 132
- Agir ... 132
- Reclamações ... 132
- Acontecimentos ... 132

As Constelações familiares internas ... 133

- Ajuda através da renúncia ... 133
- A realidade que é trazida à luz ... 134

O destino ... 134

- A margem de movimento ... 134
- A família como destino ... 134
- A sequência de gerações ... 134
- A força curativa ... 135
- O grande destino ... 135
- Morte precoce ... 135

As Constelações familiares espirituais ... 136

- Nota preliminar ... 137
- O que é novo nas Constelações familiares espirituais? ... 137

A filosofia ... 138

- O corpo ... 138
- A alma ... 138
- O espírito humano ... 138
- O espírito criativo ... 139

As Constelações familiares espirituais . 139

- O campo espiritual ... 139
- Os movimentos do espírito ... 139
- O campo espiritual da família ... 140
- Campo e alma ... 140
- A alma da família ... 140
- A consciência ... 140
- A justiça ... 140
- O cativeiro do espírito ... 141

O caminho fenomenológico do conhecimento 141

- O procedimento ... 141
- Meditação: A distância ... 142

A alma ... 143

- A outra direção ... 143
- A seriedade ... 143
- O alcance ... 143
- A alma perdida ... 143
- A clareza ... 144

Conectar o que está separado ... 144

- Na nossa família ... 144
- Na família de um cliente ... 145
- Dissonância e ressonância ... 145

A outra maneira das Constelações familiares ... 146

- O desejo ... 146
- Dimensões da ajuda ... 146
- Atuar através da não-ação ... 146
- Os iniciantes ... 147
- Confiar na alma ... 147
- A proteção ... 147
- O incompleto ... 148
- Crescer em harmonia ... 148
- A não-ação ... 149
- Os caminhos diversos ... 149
- História: Duas maneiras de saber ... 149
- Outras publicações sobre o tema ajuda ... 151

Livros / Vídeos ... 151

DVDs ... 152

Homem e mulher ... 153

Homem e mulher do ponto

de vista espiritual 154
- O respeito 154
- A concordância 154
- O amor do espírito 154
- A fidelidade 155
- A sucessão 155
- Exemplo: O olhar para além do parceiro 155
- Exercício: Acompanhar o movimento do espírito 156
- A indulgência 156
- Exemplo: A felicidade que fica 157
- Outras publicações sobre o tema homem e mulher 158

Livros 158
Vídeos 158
DVDs 159

Crianças em apuros 160

Todas as crianças são boas 161
- Meditação: Nós como crianças difíceis 161

Uma história para um órfão 162
- Ajudar as crianças 162

Exemplo: Criança portadora de deficiência: Agora eu concordo 163
- Nota preliminar 163
- A constelação 163

Exemplo: Crianças abortadas são representadas 165
- As consequências para a mulher 169
- As consequências para as crianças 169
- As consequências para o relacionamento do casal 170
- Indicações de livros e vídeos sobre o tema crianças em apuros 171

DVDs 171
Livros 171

Os grandes conflitos 172

- Nota preliminar 173
- Indicações de publicações sobre o tema reconciliação 173

Livros 173
Vídeos 173
DVDs 174

O grande conflito 175
- A vontade de extermínio 175
- A transferência da vontade de destruição 175
- A justiça 175
- A consciência 176
- A ameaça do novo 176
- A internalização do rejeitado 177
- O campo 177
- Campo e consciência 177
- O delírio 178
- Resumo 178

A grande paz 178
- O amor 178
- O intercâmbio 178
- A consciência 178
- A impotência 179
- O triunfo 179
- A compreensão 179
- A paz interior 179
- A percepção 179
- A outra consciência 180
- O outro amor 180
- Paz aos povos 181

A religião espiritual 182

- Nota preliminar 183

O amor de Deus 184
Deus e os deuses 185
À semelhança de Deus 185
O outro Deus 186

Exemplo: Jesus e Caifás 186
- Nota preliminar 186
- Ismael e Isaac 186
- Caifás e Jesus 186
- O caminho espiritual do conhecimento 187
- A constelação 187
- Consideração final 188

História: A volta 188
- Indicações de publicações sobre o tema religião 189

Livros 189
Vídeos 190
CDs 190

Considerações finais 191

Coloque sua casa em ordem! 192
Vigiando 192
A liberdade 192
Chegamos 193
A vida que fica 193
A retirada 194
A paz 194
Basta 195
Partida 195
Epílogo 196

A Hellinger® Sciencia Introdução e visão geral

A *Hellinger Sciencia,* aqui propositalmente escrito dessa maneira, é uma ciência do amor do espírito. É uma *scientia universalis* – a ciência universal das ordens da convivência humana, começando pelas relações nas famílias, ou seja, pelo relacionamento entre homem e mulher e entre pais e filhos, incluindo sua educação, passando pelas ordens no âmbito do trabalho, na profissão e nas organizações, chegando até as ordens entre grupos extensos como, por exemplo, povos e culturas.

Ao mesmo tempo é a scientia universalis das desordens que leva a conflitos no âmbito da convivência humana, que separam as pessoas ao invés de uni-las.

Essas ordens e desordens também são transferidas para o corpo, têm um papel importante em relação às doenças e à saúde física, anímica e espiritual.

Por que esta ciência denomina-se *Hellinger Sciencia*? Eu obtive e descrevi essas compreensões. Examinei-as publicamente através de ações práticas, assim sendo, muitos puderam verificar os efeitos dessas compreensões em si mesmos, tanto em seus relacionamentos quanto nas suas ações. Nisso se mostra que se trata de uma verdadeira ciência.

Enquanto ciência, a *Hellinger Sciencia* está em movimento. Isto significa que se encontra em constante desenvolvimento, também através das compreensões e experiências de muitos outros que se abriram para ela - e também para as suas consequências. Enquanto ciência viva, a *Hellinger Sciencia* não é uma "escola" como se já estivesse sido concluída e pudesse ser transmitida e ensinada como algo definitivo. Assim sendo, também não existe um controle de seu sucesso, de maneira que pudesse ser avaliada através de parâmetros externos e como se tivesse que se justificar através deles e, sim, através de seus efeitos e do seu sucesso. Trata-se de uma ciência aberta em todos os sentidos.

A dimensão espiritual

Além das compreensões imediatas sobre as ordens e desordens nas nossas relações, a *Hellinger Sciencia* alcançou ainda uma outra dimensão - uma dimensão espiritual. Somente a partir dela obtém-se a consciência da extensão dessas compreensões, seu significado universal e suas consequências tornam-se perceptíveis em todas as áreas.

O que é essa compreensão espiritual e quais as suas dimensões? É parte de uma observação e suas consequências: tudo que existe não se movimenta por si mesmo, mas é movimentado por algo externo. Tudo que vive, mesmo quando se movimenta como se estivesse se movimentando por conta própria, tem um movimento que não pode partir dele mesmo. Portanto, todo movimento, incluindo o movimento de tudo aquilo que vive, resulta de um movimento que vem de fora, e isso não se aplica apenas ao início do movimento mas, continuamente, pelo tempo todo que dura essa vida.

Devemos considerar algo mais aqui. Todo movimento, principalmente todo movimento de algo vivo, é consciente, pressupõe uma consciência naquela força que tudo movimenta. Em outras palavras: todo movimento é um movimento pensado. Ele começa porque é pensado por esta força e entra em movimento da maneira como é pensado.

O que, então, encontra-se no início de cada movimento? Um pensar que pensa tudo da maneira como é.

O que resulta disso? Para este pensar não existe nada que ele não queira da maneira como é e justamente da maneira como se movimenta. No final, todo movimento é um movimento desse espírito, assim sendo, nada termina para esse espírito. Tudo que foi, é: o espírito ainda pensa da mesma maneira como se pensa no que passou, no que acontece e como pensa, ao mesmo tempo, em tudo que ainda está por vir.

Porque pensa naquilo que está porvir, ao mesmo tempo em que pensa no que se passou, o que se passou se refere totalmente àquilo que ainda está por vir. Aquilo que já passou movimenta-se em direção àquilo que está por vir e lá é concluído.

Porém, aquilo que ainda está por vir também se torna algo que passou e se movimenta no passado como algo que se movimenta em direção a algo que está por vir. Para nós é inconcebível que este

pensar que tudo movimenta termine. Da mesma forma como não pode existir nada que não seja pensado por ele, nada também pode existir após ele, pois, quem ou o quê ainda poderia pensar depois dele?

Diante desse pensamento, muitas suposições e ideias, até então importantes para nós, deixam de existir. Por exemplo, a pressuposição da existência de um livre arbítrio, a ideia da responsabilidade pessoal e muitos julgamentos de valor e diferenciações que sustentam a nossa cultura deixam de existir.

Eu me refiro aqui, em primeiro lugar, à diferenciação entre bom e mau, certo e errado, escolhido e rejeitado, entre em cima e embaixo, alto e baixo, melhor e pior e finalmente entre vida e morte.

No entanto, nós continuamos a fazer essas distinções e também as vivenciamos como reais. Mas, elas não são igualmente pensadas e desejadas por esse espírito, assim como são?

Temos que considerar aqui que o que passou e o que ainda está por vir não são a mesma coisa. O que passou está a caminho daquilo que está por vir. Consequentemente, nós experimentamos um antes e um depois, um mais e um menos.

O que é este menos? O que é este mais? Trata-se de menos consciência e mais consciência. Nós nos encontramos num movimento de menos consciente em direção à mais consciente. Nós nos encontramos em um movimento de menos consciente em sintonia com este espírito e o seu movimento abrangente, em direção a mais consciente em sintonia com o seu movimento. Portanto, para nós, existe um movimento de mais ou menos, que não é pensado por este espírito, porque para ele não existe um mais ou um menos. Mesmo assim, este movimento em tudo que nele encontramos é pensado por este espírito, neste movimento. É pensado pelo espírito para nós, dessa maneira, não importando quais as experiências que nos impõe para um caminho direcionado a uma consciência maior.

Quem consegue adquirir esta consciência maior? Quem consegue obter essa sintonia maior com a consciência desse espírito? Isso pode ser feito individualmente? Podemos ser nós, unicamente nesta vida ou são todos os seres humanos - do passado, do presente e do futuro - que juntos neste caminho alcançarão essa consciência juntamente com todos os outros? Alcançarão essa consciência juntamente com todas as experiências já feitas e com aquelas que ainda devem ser feitas, tanto por nós como por muitos outros, tanto nesta vida como em várias outras? Aqui, também, somente juntos?

A liberdade

É claro que nos sentimos livres em vários sentidos. É claro que nos sentimos responsáveis pelos nossos atos e suas consequências. Contudo, ao mesmo tempo, sabemos que uma outra força, um poder espiritual que tudo movimenta, pensou, movimentou e quis a nossa liberdade e a nossa responsabilidade, assim como a nossa culpa com todas as suas consequências, de tal forma que as vivenciamos como se fossem nossas.

Agimos, então, de forma diferente? Podemos agir de forma diferente? De onde devemos tirar a força para nos movimentarmos e agirmos de forma diferente?

Então, o que nos resta fazer? Continuar agindo da mesma forma como até agora e concordar com a nossa liberdade, a nossa responsabilidade, o nosso passado e a nossa culpa com todas as suas consequências como são e como as experimentamos.

Ao mesmo tempo, no entanto, nós as experimentamos como um mais em termos de sintonia consciente com este espírito que tudo movimenta. Nós as experimentamos também como uma consciência maior tanto para nós como para todos os outros que carregam juntamente conosco, as consequências da nossa liberdade e da nossa responsabilidade e que foram envolvidos nas consequências dos nossos atos e da nossa culpa.

Todas essas pessoas, portanto, experimentam o mesmo processo de maneira diversa. Passam por uma experiência diferente através do mesmo processo. Se perceberem ambos ao mesmo tempo – ser livre e não ser livre alcançam um mais em consciência, talvez também um mais em sintonia com esse espírito que tudo movimenta. Alcançam um mais em consciência que os leva – assim como muitos outros – um pouco adiante em seu caminho, em direção à consciência ampla.

A preocupação

Nesta dimensão espiritual a preocupação termina, inclusive a preocupação sobre o futuro da *Hellinger Sciencia.* Ela vem de um movimento do espírito, da forma como é pensada por esse espírito e permanece em movimento da maneira como esse espírito a pensa, independente do fato de alguém concordar com ela ou rejeitá-la. Enquanto ciência universal, comprova sua verdade em ambos os casos, simplesmente através do seu efeito.

O que acontece, então com as nossas preocupações com o futuro, com o nosso, o de outras pessoas e o do mundo? Essas preocupações não se revelam como tolas, como se pudéssemos mudar ou impedir algo com isso? Seriam preocupações contra o movimento do espírito, como se fossem independentes dele.

Com as preocupações que temos em sintonia com o movimento desse espírito é diferente. São preocupações provenientes de um cuidado que está a serviço do mundo, da maneira como esse espírito o movimenta. Estão em sintonia com a preocupação e o cuidado do espírito, com as ordens da vida, incluindo seu início e seu fim.

O futuro

Em sintonia com os pensamentos desse espírito, para nós, qualquer futuro é agora. Este espírito pensa tudo agora. A preocupação pelo futuro imediato termina na dimensão espiritual. Em sintonia com este movimento, todo o futuro imediato se mostra para nós agora. Da mesma forma como existe algo que segue, existe para nós um futuro - um futuro, porém, que acontece agora.

A *Hellinger Sciencia* é uma ciência para o agora. Todas as suas compreensões atuam agora e atuam imediatamente. Qualquer resistência que se opõe a ela também atua agora e imediatamente. Aqui se mostra que a Hellinger Sciencia é uma ciência verdadeira. Uma ciência dos nossos relacionamentos - agora.

O amor

No final, a *Hellinger Sciencia* é uma ciência do amor, é uma ciência universal do amor. É a ciência do amor que inclui tudo da mesma maneira.

Como esse amor pode dar certo? Pode dar certo em sintonia com o pensar do espírito, que movimenta tudo da maneira como pensa. É um amor em sintonia com o pensar do espírito, consciente do movimento desse espírito. Esse amor sabe como ama e como pode amar, consciente através da compreensão, em sintonia com a consciência do espírito. Assim sendo, esse amor e essa consciência são puros por serem movidos por um outro pensar. Trata-se de um amor que conhece, um amor puro e conhecedor.

Portanto é também um amor criativo - criativo, porém, em sintonia com o pensar desse espírito. Assim sendo, esse amor se torna uma ciência, uma ciência universal. Enquanto ciência universal atua de maneira universal, atua por ser verdadeira.

Sobre este livro

O termo, *Hellinger Sciencia,* usado ao longo deste livro, pode levantar a questão sobre até que ponto esta denominação é legítima. Eu também me fiz essa pergunta, pois, apenas lentamente percebi a extensão das minhas com- preensões sobre as ordens da convivência humana e do amor humano. Reconheci que elas se unem numa ciência abrangente sobre as nossas relações humanas e que havia chegado o momento de apresentá-la como ciência própria e solicitar publicamente o lugar que lhe é devido.

Meu nome deve garantir que esta ciência seja apresentada e descrita em sua clareza original. Este também é o objetivo desse livro.

Para mim foi possível obter essas compreensões sobre as ordens e desordens das relações humanas, através das minhas compreensões sobre as maneiras de atuação da consciência humana e as suas consequências em todos os níveis dos nossos relacionamentos. A intocabilidade atribuída à consciência na cultura ocidental e, particularmente, na cultura cristã impediu que até mesmo grandes filósofos como Kant, inclusive iluministas de destaque olhassem e observassem de maneira mais precisa o que a assim chamada lealdade em relação à consciência provoca no contexto da convivência humana. Esse olhar mais preciso foi dificultado ainda mais pela afirmação de que a voz de Deus era a voz da consciência, a qual deve ser seguida em todas as circunstâncias.

As extensas consequências dessa afirmação são vistas nos grandes conflitos mortais onde ambos os lados procuram destruir um ao outro de consciência tranquila, sem compaixão humana e sem respeito.

Este livro transmite uma visão geral da *Hellinger Sciencia* e sua aplicação nas seguintes áreas:

- Homem e mulher
- Pais e filhos
- Saúde e doença
- Profissão e sucesso
- Organizações
- Reconciliação e paz

Ao mesmo tempo, serve como um manual de treinamento para a aplicação dessas compreensões. O foco de atenção está no método das Constelações familiares e seu desenvolvimento em direção às Constelações familiares espirituais.

Este livro abarca os seguintes temas:

1. Os primórdios
2. A consciência espiritual
3. 0 que faz adoecer nas famílias e o que cura
4. Saúde e cura do ponto de vista espiritual
5. Ajudar em sintonia
6. As Constelações familiares espirituais
7. Homem e mulher
8. Crianças em apuros
9. Os grandes conflitos
10. A religião espiritual

A aplicação da *Hellinger Sciencia* nas áreas da profissão, sucesso e organizações resulta em sua maioria das compreensões sobre a consciência, sobretudo das consequências da exclusão, das leis da compensação entre dar e tomar e de ganho e perda, da lei da hierarquia e suas consequências, quando

não é respeitada.

Com esse manual entrego a você uma abundância de compreensões - todas obtidas através de experiências vivas - proporcionando-lhe uma melhor compreensão da *Hellinger Sciencia* em sua extensão e como aplicá-la na sua vida pessoal e no seu trabalho. Com a ajuda da *Hellinger Sciencia* nossos relacionamentos podem dar certo com mais facilidade em vários níveis, tornando dessa forma muitas pessoas mais felizes.

Bert Hellinger

Os Primórdios

Nota preliminar

As compreensões essenciais nas ordens das relações humanas chegaram lentamente até mim, passo a passo, através de um longo caminho do conhecimento. Neste capítulo, você pode me acompanhar neste caminho do conhecimento. Você pode caminhar comigo e vivenciá-lo desde os seus primórdios.

Os capítulos foram se desenvolvendo ao longo de um ano. As bases das compreensões neles contidas foram verificadas constantemente na experiência viva. Por isso, são como jornadas de descobertas na nossa alma. Cada capítulo conduz a um trecho à frente: nas ordens do dar e tomar, nas ordens da consciência do pertencimento e da exclusão e nas ordens do amor entre homem e mulher e pais e filhos.

Culpa e inocência nos relacionamentos

As relações humanas começam com o dar e o tomar. Do mesmo modo, com o dar e o tomar começam também nossas experiências de culpa e inocência, pois quem dá tem também direito de reivindicar, e quem toma se sente obrigado.

A reivindicação de um lado e a obrigação, de outro, constituem para toda relação o modelo básico de culpa e inocência. Esse modelo está a serviço da troca entre o dar e o tomar. Aqueles que dão e aqueles que tomam não descansam até que se chegue a um equilíbrio. Isto significa que aquele que toma tem que ter uma chance de dar e aquele que dá tem igualmente a obrigação de tomar. Ilustro isso com um exemplo:

A compensação

Um missionário na África estava sendo transferido para outra região. Na manhã de sua partida, recebeu a visita de um homem. Ele fizera uma longa caminhada para se despedir do missionário e oferecer-lhe uma pequena quantia em dinheiro, equivalente a alguns centavos de dólar. O missionário percebeu que o homem queria agradecer- lhe por tê-lo visitado muitas vezes, quando estivera doente. Sabia que aquela quantia era uma grande soma para ele.

Assim, sentiu-se inclinado a devolver-lhe o dinheiro e ainda a dar-lhe mais algum de volta, porém, pensou melhor, pegou o dinheiro e agradeceu.

Quando recebemos algo dos outros, por mais belo que seja, perdemos nossa independência e inocência. Ao receber algo, nos sentimos em dívida com o doador. Experimentamos essa dívida como desconforto e pressão, e procuramos nos livrar desta pressão dando algo de volta. Nada se toma sem esse preço.

A inocência, ao contrário, é experimentada como prazer. Nós a sentimos como reivindicação quando damos sem ter recebido ou quando damos mais do que recebemos. E a sentimos como leveza e liberdade quando não estamos obrigados a nada, por exemplo, quando de nada precisamos ou nada recebemos de um modo especial, quando, tendo recebido, também retribuímos na mesma medida.

Conhecemos três atitudes típicas para alcançar ou manter essa condição de inocência. A primeira é:

O desligamento

Alguns pretendem preservar a inocência negando-se a entrar no jogo. Preferem fechar-se a tomar, pois não ficam obrigados. Essa é a inocência dos que não jogam, não querem sujar as mãos e, por isso, frequentemente se consideram especiais ou melhores. Entretanto, eles vivem restritos e, nessa mesma medida, sentem-se descontentes e vazios.

Encontramos essa atitude em muitos depressivos. Sua recusa em tomar se dirige sobretudo a um dos pais ou a ambos. Posteriormente estendem essa recusa às outras relações e às coisas boas deste mundo. Essas pessoas justificam essa recusa alegando que o que receberam não foi o certo ou não foi o suficiente. Outros justificam sua recusa, apelando para os defeitos da pessoa que deu. Entretanto, o resultado é sempre o mesmo: permanecem paralisados e sentem-se vazios.

A abundância

O efeito oposto pode ser notado nas pessoas que conseguem tomar seus pais como são, e tudo o mais que eles lhes dão. Experimentam essa atitude como um afluxo constante de energia e felicidade, que também os capacita a manter outras relações, onde também dão e recebem abundantemente.

O ideal de um bom ajudante

Uma segunda maneira de experimentar inocência é a reivindicação que faço em relação a outros, quando lhes dei mais do que eles a mim. Esse tipo de inocência é geralmente passageira, pois logo que recebo do outro uma compensação, a minha reivindicação cessa.

Algumas pessoas, porém, preferem obstinar-se em seu direito de cobrar a receberem de volta algo do outro. Adotam o lema: "É melhor você ficar devendo do que eu". Essa postura, encontrada em muitos idealistas, é conhecida como "o ideal de um bom ajudante".

Contudo, tal liberdade de obrigação é inimiga dos relacionamentos, pois aquele que se limita a dar apega-se a uma superioridade que só pode ser transitória, pois de outra maneira não existe equilíbrio no relacionamento. E os outros não querem ter mais nada daquele que não quer tomar nada, afastam-se ou ficam zangados com ele. Esses "ajudantes" permanecem solitários e frequentemente se tornam amargos.

A troca

A terceira e mais bela forma de experimentar inocência é o alívio depois da retribuição, quando igualmente tomamos e demos. Essa alternância entre o dar e o tomar se processa entre os envolvidos: quem recebe algo de alguém retribui-lhe com algo equivalente.

O que importa, entretanto, não é apenas a troca, mas o quanto se investe. Um pequeno investimento no dar e tomar traz um pequeno ganho, mas um grande investimento enriquece e é acompanhado por uma sensação de abundância e felicidade. Essa felicidade não nos é dada de graça, ela se constrói. Quando investimos muito, temos uma sensação de leveza e liberdade, de justiça e paz. Dentre as possibilidades de experimentar inocência, esta é, sem dúvida, a mais libertadora. É uma inocência com satisfação.

Passar adiante

Contudo, esse alívio não é possível em alguns relacionamentos, porque neles existe um desnível irrevogável entre quem dá e quem toma. É o que acontece, por exemplo, entre pais e filhos ou entre professores e alunos. Pais e professores são basicamente doadores, enquanto filhos e alunos são primariamente tomadores. É verdade que os pais também recebem algo dos filhos, e os professores, por sua vez, recebem também algo de seus alunos. Isso, porém, apenas reduz o desequilíbrio, não o anula.

Contudo, os pais já foram filhos, e os professores já foram alunos. Eles conseguem compensar à medida que transmitem à geração seguinte o que receberam da anterior. E seus filhos ou alunos poderão agir da mesma forma.

Börries von Münchhausen visualiza isso em seu poema:

A bola dourada

O que recebi pelo amor de meu pai
eu não lhe paguei
pois, em criança,
ignorava o valor do dom,
e quando me tornei homem, endureci
como todo homem.
Agora vejo crescer meu filho,
a quem amo tanto
como nenhum coração de pai
se apegou a um filho.
E o que antes recebi
estou pagando agora
a quem não me deu
nem me vai retribuir.
Pois quando ele for homem
e pensar como os homens,
seguirá, como eu,
os seus próprios caminhos.
Com saudade, mas sem ciúme,
eu o verei pagar ao meu neto

o que me era devido.
Na sucessão dos tempos
meu olhar assiste, comovido e contente,
ao jogo da vida:
cada um, com um sorriso,
lança adiante a bola dourada,
e a bola dourada nunca é devolvida!

O que vale para a relação entre pais e filhos, e professores e alunos também se aplica a todas as situações em que não é possível equilibrar pela retribuição ou pela troca, mas somente repassando a outros aquilo que recebemos.

O agradecimento

Por último, gostaria de mencionar o agradecimento como possibilidade de compensação entre o dar e o tomar. Com o agradecimento não me desobrigo de dar. Entretanto, às vezes, é a única resposta adequada: por exemplo, se alguém é deficiente físico, doente, moribundo ou ainda, às vezes, em casos de um amante.

Além da necessidade do equilíbrio entre o dar e o tomar, há também aquele amor primário que atrai e mantém juntos os membros de um sistema social, assim como a força da gravidade mantém unidos os corpos no Universo. Esse amor precede e acompanha o dar e o tomar, e no tomar ele se expressa sob a forma de agradecimento.

Quem agradece está reconhecendo: "Você me dá sem saber se poderei pagar-lhe algum dia. Eu recebo isso de você como um presente". E quem acolhe o agradecimento diz: "Seu amor e o reconhecimento de minha dádiva valem mais para mim do que qualquer outra coisa que você possa fazer por mim".

Ao agradecer, não atestamos apenas o que damos uns aos outros, mas também o que somos uns para os outros. Vou lhes contar uma breve história a este respeito:

Sobre o tomar

Alguém que foi salvo de um perigo de vida sentia-se na obrigação de agradecer muito a Deus. Perguntou a um amigo o que deveria fazer para que seu agradecimento também fosse digno de Deus. Então o amigo lhe contou esta história:

Um homem se apaixonou por uma mulher e a pediu em casamento. Ela, porém, tinha outros planos em mente. Certo dia, quando iam atravessar a rua, um carro teria atropelado a mulher se o amigo, com muita presença de espírito, não a tivesse puxado para trás. Então ela se virou para ele e lhe disse: "Agora aceito me casar com você".

"Como você acha que o homem se sentiu?", perguntou o amigo. O outro, porém, em vez de responder-lhe, apenas torceu a boca, em sinal de desagrado.

"Está vendo?", disse o amigo, "talvez Deus sinta o mesmo em relação a você".

E vou lhes contar mais uma história:

Os que voltaram

Um grupo de amigos foi para a guerra, enfrentaram perigos indescritíveis e muitos deles morreram ou ficaram gravemente feridos, mas os dois voltaram ilesos.

O primeiro se tornou muito silencioso. Sabia que não merecera a sua salvação e tomou sua vida como um presente, uma graça.

O outro, porém, gabava-se de seus feitos heroicos e dos perigos de que escapara. Foi como se isso não lhe tivesse custado nada.

A felicidade

Frequentemente encaramos uma felicidade não merecida como algo que nos ameaça e amedronta. Isso

decorre de que secretamente achamos que nossa felicidade desperta a inveja do destino ou de outras pessoas. Então, ao concordar com essa felicidade, nos sentimos violando um tabu, assumindo uma culpa ou concordando com um risco. A gratidão diminui o medo. Mas, para ser feliz, é preciso ser humilde e corajoso.

A justiça

O jogo alternado entre culpa e inocência é portanto iniciado pelo dar e tomar e regulado pela necessidade comum de compensação. Quando essa necessidade é satisfeita, a relação pode terminar, ou então pode ser retomada e continuada, com a renovação do dar e tomar.

A troca, porém, não dura, se no decurso dela não se voltar sempre ao equilíbrio. É como o caminhar. Se nos mantivermos em equilíbrio, ficaremos parados. Se o perdermos totalmente, cairemos e ficaremos estirados no chão. E se alternadamente o perdermos e recuperarmos, caminharemos em frente.

Culpa experimentada como obrigação, e inocência como alívio e reivindicação, estão a serviço da troca. Com essa troca em curso nos consolidamos e nos unimos positivamente. Esse tipo de culpa e inocência é, entretanto, uma boa culpa e uma boa inocência. Aí nos sentimos em ordem, no controle e nos sentimos bem.

Perdas e danos

Entretanto, no processo de dar e tomar também existe uma culpa má e uma inocência má. Por exemplo, quando aquele que toma é um agressor e quem dá é sua vítima. Isto ocorre quando alguém faz algo contra um outro que não pode se defender, quando um indivíduo reivindica algo que causa a dor ao outro ou quando obtém uma vantagem às expensas do outro.

Aqui, ambos, o agressor e a vítima, são submetidos à necessidade de compensação. A vítima tem o direito de exigi-la, e o agressor sabe que está obrigado a dá-la. Só que, desta vez, a compensação resulta em prejuízo para ambos, pois, consumado o ato, também o inocente planeja maldade: quer prejudicar o culpado, da mesma forma como foi prejudicado por ele, e causar-lhe um sofrimento, como recebeu dele. Pelo fato de se exigir do culpado mais do que a simples reparação do dano, ele também precisa expiar.

O culpado e sua vítima só voltarão a equiparar-se quando tiverem sido igualmente maus e tiverem perdido e sofrido na mesma medida. Só então poderão reconciliar-se, ter paz e voltar a fazer-se o bem. Ou só então, se o dano e a dor tiverem sido excessivos, poderão separar- se em paz. Sobre este tema, vou contar uma história:

A saída

Um homem contou a um amigo que havia vinte anos que sua mulher o recriminava porque, poucos dias depois do casamento, ele a deixara sozinha e saíra de férias com seus pais por um mês e meio, pois precisaram dele como motorista. Todas as suas explicações, desculpas e pedidos de perdão tinham sido inúteis.

O amigo replicou: "O melhor que você tem a fazer é dizer-lhe que ela tem o direito a desejar ou fazer algo em seu próprio benefício, que custe tanto a você quanto custou a ela o que você lhe fez naquela época".

O homem compreendeu e sorriu. Agora possuía uma chave para sua situação.

Isso pode assustar algumas pessoas: que não se chegue a uma reconciliação nesses casos, a não ser que o inocente se zangue e exija reparação. Entretanto, como diz o velho ditado "uma árvore se conhece por seus frutos", basta observarmos o que sucede num caso e no outro para verificarmos o que é realmente bom e o que é realmente mau.

A impotência

Também no contexto de perdas e danos, a inocência é sentida de diversas maneiras.

A primeira delas é a impotência. O agressor age, enquanto a vítima sofre. Julgamos tanto mais culpado o agressor e tanto mais grave o seu ato quanto mais indefesa e impotente for a vítima. Após o fato,

porém, ela raramente continua indefesa. Pode agir e exigir do culpado justiça e reparação, colocando um ponto final na culpa e possibilitando um recomeço.

Quando a própria vítima não age, outros agem no seu lugar, porém, com uma diferença: o dano e a injustiça que causam em seu lugar são muito piores do que se a vítima tivesse exigido justiça e se vingado por seus próprios meios. Ilustro isso com um exemplo:

A dupla transferência

Um casal já maduro estava participando de um curso de desenvolvimento pessoal. Na primeira noite a mulher sumiu, só reapareceu na manhã seguinte, postou-se diante do marido e lhe disse: "Passei a noite com meu amante[1]'.

Com as outras pessoas essa mulher se mostrava atenciosa e interessada, somente diante do marido ficava fora de si. Os outros não conseguiam entender por que ela era tão má para ele, tanto mais que ele não se defendia nem se exaltava.

O que emergiu foi que essa mulher, quando criança, era mandada para o campo com a mãe e os irmãos, durante o verão, por ordem do pai. Ele ficava na cidade com sua amante e, às vezes, ia com ela visitar a família. Sua mulher os servia, sem queixas nem recriminações. Ela reprimia sua raiva e sua dor, e os filhos percebiam isso.

Isso, que alguns chamariam de virtude heroica, tem um péssimo efeito, pois, nos sistemas humanos, a raiva reprimida volta à tona mais tarde, justamente nas pessoas que menos podem defender-se contra ela. Na maioria das vezes, são os filhos ou netos, e eles não chegam a tomar consciência disso.

Nesse caso houve um dupla transferência da emoção reprimida. Em primeiro lugar, para um outro sujeito: em nosso exemplo, da mãe para a filha. Em segundo lugar, para um outro objeto: em nosso exemplo, do pai culpado para o marido inocente. Também aqui tornou-se vítima a pessoa menos apta para se defender, porque amava a ofensora. Portanto, quando os inocentes preferem sofrer a agir, aumenta logo o número de vítimas inocentes e de ofensores culpados.

Em nosso exemplo, a solução teria sido que a mãe da mulher se zangasse abertamente com o marido. Aí ele seria obrigado a tomar uma atitude, o que levaria a um recomeço ou a uma clara separação.

No caso presente, nota-se ainda que, quando a filha vinga a mãe, ama não somente a ela, mas também ao pai, pois ela o imita, agindo com o marido da mesma forma como o pai agia com sua mãe. Aqui atua, portanto, um padrão diferente de culpa e inocência, no qual o amor cega a pessoa para que não veja a ordem. A inocência impede a pessoa de ver a culpa, de um lado, e suas consequências, do outro.

A dupla transferência acontece também quando a vítima não pôde agir depois do ato porque estava impotente. Sobre esse tema trago mais um exemplo:

O vingador

Um homem de quarenta anos, que estava em terapia, receava cometer alguma violência contra outras pessoas. Como seu caráter e seu comportamento não davam indícios disso, o terapeuta perguntou-lhe se houvera violência em seu grupo familiar.

O que emergiu foi que seu tio materno fora um assassino. Em sua empresa tinha uma funcionária que era também sua amante. Certo dia, mostrou-lhe a foto de uma mulher e pediu-lhe que fizesse um penteado igual. Depois que ela já havia sido vista por muito tempo com aquela aparência, ele viajou com ela para o exterior e a matou. Em seguida, regressou a seu país com a mulher da foto, que substituiu a outra como funcionária e amante, porém o crime foi revelado e ele foi condenado à prisão perpétua.

O terapeuta pediu detalhes sobre os parentes do cliente, principalmente sobre os avós, para saber de onde viera o impulso para o crime. O cliente, porém, não soube dar muitas informações. Do avô nada sabia, e da avó afirmou que era uma mulher piedosa e bem conceituada. Investigando com mais cuidado, o cliente soube que, durante o regime nazista, essa avó denunciou como homossexual o próprio marido, que então foi preso, internado num campo de concentração e assassinado.

Essa piedosa avó foi a verdadeira assassina desse sistema, e dela proveio a energia destruidora que se

manifestou. Seu filho assumiu o papel de um Hamlet, como vingador do próprio pai, cego, como Hamlet, por uma dupla transferência. Assumiu a vingança no lugar do pai - e essa foi a transferência do sujeito. Mas poupou a mãe e matou, em lugar dela, a mulher que ele amava - essa foi a transferência do objeto.

Então assumiu as consequências, não apenas do próprio ato, mas também do ato da mãe e tornou-se semelhante a ambos: à mãe, pelo crime, e ao pai, pela prisão.

Portanto, é uma ilusão acreditar que podemos escapar do mal sob a capa da impotência e inocência, em lugar de reagirmos à culpa do agressor, mesmo ao preço de nos tornarmos maus, também, por nossa vez. Caso contrário, a culpa não terá fim. Quem se submete, sem ação, à culpa do outro não consegue preservar a própria inocência e, ainda por cima, semeia desgraça.

O perdão

O ato de perdoar também funciona como substituto para um confronto necessário. Com isso, apenas se encobre e adia o conflito, em vez de resolvê-lo. Os efeitos do perdão são especialmente nocivos quando a vítima absolve o agressor de sua culpa, como se tivesse o direito de fazê-lo. Para que aconteça uma verdadeira reconciliação, a vítima tem não somente o direito, mas também o dever de exigir reparação e compensação e o culpado tem não apenas o dever de assumir as consequências de seus atos, mas também o direito de fazê-lo. Um exemplo:

A segunda vez

Um homem e uma mulher, ambos já casados, apaixonaram-se. A mulher engravidou, separaram-se dos parceiros anteriores e se uniram num segundo matrimônio. A mulher ainda não tinha filhos, e o homem tinha uma filhinha do primeiro casamento, que ficou com a mãe. Os novos parceiros se sentiam culpados em relação à primeira mulher do marido e à sua filha, e o seu maior desejo era que a mulher lhes perdoasse. Mas ela estava zangada porque tinha pago, junto com sua filha, o preço da vantagem deles.

Quando falaram disso a um amigo, ele lhes sugeriu que imaginassem como se sentiriam se essa mulher lhes perdoasse. Aí reconheceram que tinham fugido das consequências de sua culpa, e que sua esperança de perdão ia contra a dignidade e a reivindicação de todos. Reconheceram que tinham construído sua nova felicidade à custa da infelicidade da primeira mulher e de sua filha, e resolveram atender devidamente às justas exigências delas. Mantiveram, porém, sua nova escolha.

A reconciliação

Entretanto, existe um modo bom de perdoar, que preserva a dignidade do culpado e a do agressor. Ele requer que a vítima não faça exigências exageradas e aceite a compensação e a reparação que lhe forem oferecidas pelo ofensor. Sem tal perdão, não existe reconciliação. Vou dar um exemplo:

A revelação

Uma mulher abandonou o marido e divorciou-se dele por causa de um amante. Muitos anos depois, viu que ainda o amava e lhe perguntou se a aceitaria novamente como sua mulher. Ele não quis se definir, e decidiram consultar juntos um psicoterapeuta.

O psicoterapeuta perguntou o que ele queria dela. O homem respondeu: "Desejo apenas uma revelação". O terapeuta disse que seria difícil, mas se esforçaria por consegui-la. Então perguntou à mulher o que ela oferecia ao homem para que ele a quisesse novamente, como sua esposa. Entretanto ela imaginou que isso seria muito simples e sua oferta foi sem compromisso. Não admira que não tenha impressionado o ex-marido. O terapeuta mostrou a ela que precisava reconhecer que o fizera sofrer e que ele precisava ver que ela queria reparar a injustiça cometida. A mulher refletiu um pouco, olhou o marido nos olhos e disse: "Sinto muito pelo mal que lhe fiz. Por favor, deixe-me ser de novo sua mulher. Eu o amarei e cuidarei de você e, no futuro, você poderá realmente confiar em mim".

Mas o homem continuou impassível. O terapeuta o encarou e lhe disse: "O que sua mulher fez naquela época deve ter-lhe feito muito mal, e você não quer vivenciar isso de novo". Então brotaram lágrimas de seus olhos. O terapeuta continuou: "Uma pessoa contra a qual foi cometido tanto mal sente-se moralmente superior à pessoa culpada. Por isso, sente-se no direito de rejeitá-la, como se não

precisasse dela. Contudo, contra tal inocência o culpado não tem chances". O homem sorriu, sentindo-se apanhado, voltou-se para sua mulher e a olhou com carinho.

O terapeuta disse: "Esta foi a revelação. Custa cinquenta marcos. Agora vocês vão embora, eu não vou querer saber o resultado disso".

A dor

Quando em um relacionamento uma ofensa de um parceiro conduz à separação, frequentemente achamos que ele agiu com independência e livre-arbítrio. Mas se não cometesse essa ofensa talvez fosse ficar enfraquecido e poderia reivindicar o direito de ficar ressentido com a outra pessoa.

Frequentemente, o ofensor procura pagar pela separação sofrendo com ela, a ponto de contrabalançar a dor da vítima. Talvez ele somente queira abrir para si um espaço novo ou mais amplo e sofra porque só o conseguirá ferindo ou prejudicando o outro. Uma separação, porém, pode oferecer um novo começo, tanto para a pessoa que é ferida, como para a pessoa que causou a dor. A vítima também tem, de repente, novas possibilidades.

Entretanto, se a vítima permanecer no seu sofrimento, dificultará ao outro seguir uma nova vida. Assim, apesar da separação, ambos permanecem amarrados um ao outro.

Contudo, quando a vítima percebe a chance de um recomeço, proporciona liberdade e alívio ao ofensor. De todos os diferentes tipos de perdão, talvez esse seja o mais belo porque reconcilia, mesmo que a separação perdure.

Entretanto, quando a culpa e os danos cresceram a ponto de se transformarem num infortúnio, só haverá reconciliação se houver uma total renúncia à expiação. Essa é uma forma humilde de perdoar, um render-se à impotência. Ambos, a vítima e o culpado, submetem-se a um destino imprevisível, colocando um ponto final na culpa e na expiação.

Bom e mau

Gostaríamos de dividir o mundo em duas partes: uma que possui o direito de existir e outra que, embora exista e atue, não possui esse direito. A primeira parte denominamos bom ou saudável, felicidade ou paz. A outra denominamos mau ou doente, infelicidade ou guerra ou lhe damos qualquer outro nome. O fato é que chamamos de bom ou benéfico o que é leve para nós, e de mau ou maléfico o que nos é pesado.

Contudo, olhando com atenção, vemos que a força que faz o mundo avançar baseia-se no que chamamos de mau ou maléfico. O desafio para aquilo que é novo vem daquilo que gostaríamos de eliminar ou excluir.

Assim, quando buscamos escapar do que é pesado, pecaminoso ou agressivo, perdemos justamente o que queríamos conservar: nossa vida, nossa dignidade, nossa liberdade, nossa grandeza. Somente aquele que se defronta com as forças obscuras e concorda com elas, permanece em contato com as próprias raízes e com as fontes de sua força. Tais pessoas não são simplesmente boas ou más. Elas estão em sintonia com algo maior, com sua profundidade e força.

Aquilo que nos pertence

Existem coisas más ou pesadas que nos pertencem como um destino pessoal: por exemplo, uma doença hereditária, circunstâncias traumáticas de nossa infância ou uma culpa pessoal. Quando concordamos com o que é pesado e o incorporamos à realização de nossa vida, isso se torna para nós uma fonte de força.

Quando, porém, nos rebelamos contra esse destino, por exemplo, contra um ferimento de guerra, ele rouba a força de nosso destino. O mesmo vale para a culpa pessoal e suas consequências.

Aquilo que não nos pertence

Nos sistemas familiares é comum que uma outra pessoa assuma o destino rejeitado ou a culpa recusada por alguém. Isso tem efeitos duplamente nefastos.

Um destino alheio ou uma culpa alheia não nos dão força, pois somente nosso próprio destino e a

nossa própria culpa são capazes disso. Contudo, a pessoa cujo destino ou cuja culpa assumimos fica enfraquecida, pois dessa forma o seu destino e a sua culpa também perdem sua força para ela.

O destino

Sentimo-nos culpados também quando o destino nos beneficiou à custa de outros, sem que o pudéssemos impedir ou mudar.

Por exemplo: a mãe morre no nascimento de alguém. Sem dúvida, ele é inocente, e ninguém poderá responsabilizá-lo por isso. Mas o conhecimento da própria inocência não o alivia. Por se sentir ligado pelo destino à morte de sua mãe, jamais se livra do peso da culpa.

Um outro exemplo: alguém dirige seu carro quando estoura um pneu. O carro derrapa e se choca com outro. O segundo motorista morre, enquanto o primeiro se salva. Embora não tenha culpa, sua vida ficou enredada com o sofrimento e a morte do outro. Apesar da comprovação de sua inocência, sente-se culpado.

Um terceiro exemplo: um homem contou que, no final da guerra, sua mãe, que estava grávida dele, viajou para buscar o marido num hospital militar e trazê-lo para casa em segurança. Na fuga, foram ameaçados por um soldado russo e o mataram, para se defender. Embora tenham agido em defesa própria, sentem-se agora - inclusive o filho - permanentemente culpados, pois estão vivendo, ao passo que o outro morreu no cumprimento do dever.

Em face da culpa ou da inocência imposta pelo destino sentimo-nos absolutamente impotentes; por isso nos é tão difícil carregá-la. Se tivéssemos culpa ou merecimento, teríamos também poder e influência sobre isso. Mas o que sentimos é que, tanto no mal quanto no bem, estamos entregues a um destino imprevisível que, independentemente de sermos bons ou maus, decide sobre nossa vida ou morte, salvação ou desgraça, felicidade ou perdição.

Essa impotência imposta pelo destino apavora muitas pessoas, a tal ponto que preferem abrir mão da felicidade ou da vida que receberam a aceitá-la como uma graça. Frequentemente, elas tentam mais tarde invocar um mérito ou uma culpa pessoal, talvez para fugir da sensação de estarem sujeitas a uma salvação imerecida ou a uma culpa indevida.

O padrão habitual de reação a uma culpa imposta pelo destino é que a pessoa que foi beneficiada à custa de outra limita essa vantagem ou abre mão e se desfaz dela, por exemplo, através do suicídio, de uma doença ou de uma culpa pessoal pela qual é punida.

Tais soluções, associadas ao pensamento mágico, são formas infantis de lidar com uma sorte imerecida, pois na verdade não diminuem a desgraça, pelo contrário, aumentam-na.

Por exemplo, quando um filho, cuja mãe morreu de parto, limita a própria vida ou comete suicídio, o sacrifício dessa mãe foi inútil. E ela ainda se torna, de certa forma, responsável pela desgraça dele.

Se, porém, o filho disser: "Querida mamãe, se você perdeu sua vida com o meu nascimento, isso não pode ter sido em vão. Farei algo de minha vida, em sua memória." Então a pressão da culpa imposta pelo destino se toma uma força motriz para sua vida, tornando-o capaz de ações que outros não teriam a força de realizar. Nesse caso, o sacrifício da mãe produz um efeito bom para além de sua morte, reconciliando e criando paz.

Em casos como este, todos os envolvidos sofrem uma pressão para compensar, pois quem recebeu algo do destino também quer dar algo em troca. Caso não possa fazê-lo, quer ao menos privar-se de algo equivalente. Mas os caminhos habituais levam ao vazio, pois o destino não se importa com nossas exigências, reparações e expiações.

A humildade

O que torna a culpa imposta pelo destino mais difícil de suportar é a sensação da própria inocência. Se eu fosse punido quando culpado e salvo, quando inocente, poderia supor que o destino obedece a uma lei e a uma ordem moral. Poderia influenciá-lo e dirigi-lo por meio da minha culpa ou da minha inocência. Mas se sou salvo, independentemente da minha culpa ou inocência, enquanto outros perecem, tanto inocentes quanto culpados, então eu me sinto totalmente entregue a esses poderes e inescapavelmente confrontado com a impotência que o destino impõe à minha culpa e à minha

inocência.

Resta-me, como única saída, submeter-me e sujeitar- me voluntariamente a uma força maior, seja para minha felicidade ou para minha desgraça. Tal ação tem como base uma postura que eu chamo de humildade. Ela me permite concordar com a minha vida e a minha sorte, pelo tempo que durarem, independentemente do preço que outros pagaram por elas. Ela também me leva a concordar com a minha morte e um destino difícil, quando chegar a minha vez, independentemente da minha culpa ou inocência.

Essa humildade leva a sério a experiência de que eu não comando o destino, mas ele a mim. Ele me acolhe, sustenta e deixa cair, de acordo com leis cujo mistério não posso nem devo desvendar. Essa humildade é a resposta adequada à culpa e à inocência impostas pelo destino. Ela me torna igual às vítimas, equipara-me a elas. Permite-me honrá-las, na medida em que não rejeito ou limito o que recebi à custa delas, mas justamente o aceito com gratidão, apesar do alto preço que custou, e depois transmito algo disso a outras pessoas.

Até aqui eu falei da culpa e da inocência no processo de dar e tomar. Entretanto, elas possuem diversas faces e atuam de diferentes maneiras. Os relacionamentos humanos são uma articulação de várias necessidades e ordens, que procuram se impor por meio de diferentes sentimentos de culpa e inocência. Abordarei essas outras formas de sentir culpa e inocência quando falar dos limites da consciência e das ordens do amor. Ainda acrescento algo sobre ordem e abundância:

Ordem e abundância

Ordem é a maneira como
coisas diferentes atuam em conjunto.
Envolve, portanto, diversidade e abundância. Mantém-se na troca, une o disperso e o congrega na execução.
Envolve, portanto, movimento.
Prende o que perece numa forma que lhe dá permanência.
Envolve, portanto, duração.
Mas em relação ao tempo procede como a árvore que,
antes de tombar, deixa cair o fruto que lhe sobrevive.
Envolve, portanto, renovação e mudança.
Ordens, se são vivas, vibram e evoluem;
através do anseio e do medo nos impelem e disciplinam;
ao imporem limites, também abrem espaço.
Estão mais além daquilo que nos separa.

Os limites da consciência

Conhecemos a consciência como um cavalo conhece o cavaleiro que o monta, e como um timoneiro conhece as estrelas pelas quais calcula sua posição e orienta seu rumo. O problema é que o cavalo é montado por muitos cavaleiros e, no navio, muitos timoneiros olham para muitas estrelas. É importante saber a quem os cavaleiros obedecem, e que direção o capitão indica ao navio.

A resposta

Um discípulo perguntou a um mestre: "Diga-me, o que é a liberdade?"

"Que liberdade?", perguntou-lhe o mestre. “A primeira liberdade é a estupidez. Assemelha-se ao cavalo que, relinchando, derruba o cavaleiro, só para sentir depois o seu pulso ainda mais firme.

A segunda liberdade é o arrependimento. Assemelha- se ao timoneiro que, após o naufrágio, permanece nos destroços em vez de subir no barco salva-vidas.

A terceira liberdade é a compreensão. Ela sucede à estupidez e ao arrependimento. Assemelha-se ao caule que se balança com o vento e, por ceder onde é fraco, permanece de pé".

"Isso é tudo?", perguntou o discípulo.

O mestre retrucou: "Algumas pessoas acham que são elas que buscam a verdade de suas almas.

Contudo, é a grande Alma que pensa e procura através delas. Como a natureza, ela pode permitir-se muitos erros porque está sempre e sem esforço substituindo os maus jogadores. Mas àquele que a deixa pensar ela concede, às vezes, uma certa liberdade de movimento. E, como um rio que carrega um nadador que se deixa levar, ela o leva até a margem, unindo sua força à dele".

Culpa e inocência

É em nossos relacionamentos que experimentamos a consciência, pois todas as ações que produzem efeitos sobre outros são acompanhadas por um sentimento de culpa ou de inocência. Assim como os olhos, ao ver, distinguem constantemente o claro e o escuro, esse sentimento discerne, a cada momento, se nossa ação prejudica ou favorece o relacionamento. O que causa dano a ele é experimentado como culpa; o que o favorece, como inocência.

Por meio do sentimento de culpa, a consciência nos puxa as rédeas e nos impele a mudar de direção; pelo sentimento de inocência, ela nos solta as rédeas, e um vento fresco infla as velas do nosso barco.

Isto se assemelha ao que sucede com o equilíbrio físico. Assim como um sentido interno, por meio de sensações de conforto e desconforto, constantemente nos impulsiona e dirige para nos mantermos em equilíbrio, um outro sentido interno, por meio de sensações diferentes de conforto e desconforto, nos impulsiona e dirige constantemente para mantermos nossos relacionamentos significantes.

O sucesso dos relacionamentos depende de condições que, no essencial, nos são preestabelecidas, como acontece com o equilíbrio físico com relação às orientações básicas: em cima e embaixo, na frente e atrás, à direita e à esquerda. De fato, caso desejemos, podemos cair para a frente ou para trás, para a direita ou para a esquerda. Entretanto, um reflexo inato força a compensação antes que haja um acidente e nos equilibramos a tempo.

Da mesma forma, um sentido de equilíbrio superior ao nosso arbítrio vela sobre nossos relacionamentos e atua como um reflexo de correção e equilíbrio, quando nos desviamos das condições de sucesso e colocamos em risco nossos relacionamentos. À semelhança do sentido interno de equilíbrio corporal, o sentido interno dos relacionamentos percebe cada indivíduo, juntamente com seu entorno, reconhece o espaço livre e os limites e dirige o indivíduo por meio de diferentes sensações de desprazer e de prazer. Esse desprazer é sentido como culpa; esse prazer, como inocência.

Assim, culpa e inocência servem a *um* mesmo senhor. Ele as atrela a *um* carro, guia-as *numa* direção e elas puxam o carro, como uma parelha presa a *uma* corda. Alternando seus impulsos, fazem progredir o relacionamento e o mantêm na trilha. Às vezes, tentamos tomar as rédeas nas mãos, mas o cocheiro não as solta. Nesse carro só viajamos como prisioneiros e convidados. E o nome do cocheiro é *consciência.*

As condições prévias

Entre as condições que nos são preestabelecidas para os relacionamentos humanos incluem-se:

- o vínculo,
- o equilíbrio,
- a ordem.

Satisfazemos a essas três condições sob a pressão do instinto, da necessidade e do reflexo, da mesma forma como satisfazemos às condições do nosso equilíbrio físico, mesmo contra nosso desejo ou vontade. Essas condições são sentidas por nós como básicas porque as experimentamos simultaneamente como necessidades básicas.

O vínculo, o equilíbrio e a ordem se condicionam e complementam mutuamente. Juntos, são experimentados como consciência. Por conseguinte, experimentamos também a consciência como instinto, necessidade e reflexo, basicamente idêntica às necessidades de vínculo, equilíbrio e ordem.

As diferenças

Embora estas três necessidades - de vínculo, equilíbrio e ordem - atuem sempre em conjunto, cada uma delas tenta impor seus objetivos através de um peculiar sentimento de culpa e inocência.

Por conseguinte, sentimos a culpa e a inocência de maneiras diversas, de acordo com o fim e a necessidade a que servem.

- Quando estão a serviço do vínculo, experimentamos a culpa como exclusão e distância, e a inocência como conforto e proximidade.
- Quando estão a serviço do equilíbrio entre dar e tomar, vivenciamos a culpa como obrigação, e a inocência como liberdade ou reivindicação.
- Quando estão a serviço da ordem, vivemos a culpa como transgressão e medo de punição, e a inocência, como retidão e lealdade.

A consciência serve a cada um desses fins, mesmo quando se opõem entre si. Sentimos essas contradições na consciência, pois, muitas vezes, a consciência exige, a serviço do equilíbrio, o que nos proíbe a serviço do vínculo e nos permite, a serviço da ordem, o que nos impede enquanto serve ao vínculo.

Por exemplo, quando retribuímos, na mesma medida, a afronta que alguém nos fez, satisfazemos a necessidade de equilíbrio e nos sentimos justos. Com isso, entretanto, podemos sacrificar o vínculo. Para satisfazer tanto o equilíbrio quanto o vínculo precisamos fazer ao outro um mal um pouco menor do que ele nos fez. Então talvez o equilíbrio sofra, mas o vínculo e o amor ganham.

Inversamente, quando retribuímos um bem recebido de alguém na mesma medida, obtemos um equilíbrio, mas dificilmente nasce um vínculo. Para que o equilíbrio também gere um vínculo, precisamos fazer ao outro um bem um pouco maior do que ele nos fez. Ele, por sua vez, ao compensar, precisará fazer-nos um bem um pouco maior do que terá recebido de nós. Então o intercâmbio do dar e tomar leva ao equilíbrio e também a uma troca duradoura, ao vínculo e ao amor.

Experimentamos contradições semelhantes entre a necessidade de vínculo e a necessidade de ordem. Quando uma criança faz algo errado e sua mãe a manda brincar sozinha no quarto por uma hora e realmente a deixa lá todo esse tempo, ela satisfaz à ordem. Mas a criança fica zangada com ela e com razão, porque a mãe, por causa da ordem, foi contra o amor. Se, ao contrário, depois de algum tempo ela dispensa a criança do resto da pena, vai contra a ordem, mas reforça o vínculo e o amor entre ela e a criança.

Portanto, não importa como seguimos a nossa consciência, nós nos sentiremos tanto livres como culpados.

Os diferentes relacionamentos

Da mesma forma como nossas necessidades, nossos relacionamentos também são diferentes e seus interesses se contradizem. O que serve a um relacionamento pode prejudicar outro. E aquilo que num relacionamento nos é creditado como inocência, em outro nos precipita num sentimento de culpa. Assim, talvez, por *um* único ato respondemos a muitos juízes e um deles nos condena, enquanto outro nos declara inocentes.

A ordem

Experimentamos a consciência, às vezes, como se ela fosse um indivíduo único. Entretanto, na maioria dos casos, ela mais se assemelha a um grupo onde diversos representantes perseguem diferentes objetivos, com a ajuda de diferentes sentimentos de inocência e culpa, e procuram se impor de diferentes maneiras. Nisso eles se apoiam ou se questionam mutuamente, pelo bem do todo; não obstante, mesmo quando se contrapõem, servem a uma ordem superior. À semelhança de um general que, em diversas frentes, com diferentes tropas, em terrenos diversos, com diferentes meios e táticas, busca diferentes êxitos, essa ordem faz com que, pelo bem de um todo maior, em cada frente só se obtenham êxitos parciais. Por essa razão, só se consegue a inocência em parte.

A aparência

Na maioria das vezes, culpa e inocência comparecem juntas. Quem procura agarrar a inocência toca também na culpa, e quem é inquilino da culpa encontra a inocência como sublocatária. A culpa e a inocência também trocam de trajes com muita frequência, de modo que a culpa vem vestida de inocência, e vice-versa. Então as aparências enganam e só os efeitos mostram o que era real. Vou

contar-lhes uma pequena história a respeito:

Os jogadores

Eles se apresentam como adversários.
Então se sentam frente a frente
e jogam no mesmo tabuleiro
com diferentes figuras
e complicadas regras,
lance por lance,
o mesmo jogo real.
Ambos sacrificam a seu jogo
diversas figuras
e tensos se mantêm em xeque
até que cessa o movimento.
Quando não há mais saída
a partida termina.
Então trocam de lado e de cor,
e recomeça o mesmo jogo,
apenas uma outra partida.
Mas quem joga muito tempo
muitas vezes ganha
e muitas vezes perde
torna-se, em ambos os lados,
um mestre.

O feitiço

Quem quer resolver os enigmas da consciência entra em um labirinto, e precisa de muitos fios orientadores para distinguir, na confusão dos meandros, os caminhos que levam para fora e os que dão em becos sem saída. Tateando nas trevas, precisa defrontar-se, a cada passo, com mitos e histórias que se enlaçam, como trepadeiras, em torno da culpa e da inocência, desencaminhando nossa razão e paralisando os passos de quem ousa investigar o que ocultamente acontece.

É o que pode suceder às crianças quando ouvem contar as histórias da cegonha, e pode ter sucedido aos prisioneiros, ao lerem no portão do campo de extermínio: “O trabalho liberta!"

Porém, às vezes, aparece alguém que tem coragem de olhar e quebrar o feitiço, como aquela criança que, no meio da multidão ensandecida que aclamava o ditador, aponta e diz, em alto e bom som, o que todos sabem, mas ninguém ousa admitir ou confessar: "Ele está nu!"

E há também a história do músico que se coloca à beira da estrada por onde iria passar o encantador de ratos com seu séquito de crianças. Contrapondo-lhes outra melodia, ele consegue fazer com que alguns saiam de sua marcha mecânica.

O vínculo

A consciência nos vincula ao grupo que é importante para nossa sobrevivência, sejam quais forem as condições que ele nos imponha. Ela não está acima desse grupo, nem acima de sua fé ou superstição. Está a serviço dele.

Assim como uma árvore não determina onde cresce e se desenvolve de forma diferente, em campo aberto ou no bosque, no vale protegido ou na montanha exposta, assim também uma criança se submete ao grupo de origem sem questionar, e adere a ele com uma força e uma persistência só comparáveis a um caráter. A criança experimenta esse vínculo como amor e felicidade, quer ela possa florescer, quer tenha de murchar no grupo.

A consciência reage a tudo que promova ou ameace o vínculo na família. Assim, temos boa consciência quando agimos de uma tal forma que podemos continuar pertencendo ao grupo. E temos má consciência quando nos desviamos das condições impostas pelo grupo de tal forma que receamos ter perdido, em parte ou no todo, o direito de pertencer a ele. Contudo, ambos os lados da consciência

servem a *um* propósito único. Como o açúcar e o chicote num adestramento, eles nos puxam ou nos impelem na mesma direção, para assegurar nosso vínculo às raízes e ao tronco familiar.

Assim, o padrão da consciência é aquele que vigora no grupo a que pertencemos. Por essa razão, pessoas originárias de diferentes grupos têm também diferentes consciências, e quem faz parte de vários grupos tem para cada um deles uma consciência distinta.

A consciência nos mantém no grupo como um cão mantém as ovelhas no rebanho. Quando mudamos de ambiente ela muda de cor, como um camaleão, para proteger-nos. Assim, temos uma consciência junto à mãe e outra junto ao pai, uma na família e outra na profissão, uma na igreja e outra na mesa da grande família. Porém, a consciência sempre se refere ao vínculo e ao amor ao vínculo, ao medo da separação e da perda.

E o que fazemos quando um vínculo se contrapõe a outro? Procuramos, da melhor forma possível, o equilíbrio e a ordem. Ilustro isso com um exemplo:

A consideração

Um homem e uma mulher perguntaram a um professor como deveriam proceder com relação à filha. A mãe frequentemente tinha de impor limites a ela, e nisso não se sentia suficientemente apoiada pelo marido.

O professor lhes expôs em três frases as regras de uma educação de sucesso:

1. Na educação dos filhos, o pai e a mãe consideram certo, de diferentes maneiras, o que em suas respectivas famílias era importante ou faltou.

2. A criança segue e reconhece como certo o que para ambos os pais, nas respectivas famílias, era importante ou faltava.

3. Quando um dos pais se impõe sobre o outro na educação, a criança secretamente tomará o partido do genitor em desvantagem.

Depois o professor sugeriu aos pais que se permitissem perceber onde e como sua filha os amava. Então eles se entreolharam, e um sorriso passou pelo rosto de ambos.

Finalmente, o professor aconselhou ao pai que, de vez em quando, desse a perceber à filha como fica contente quando ela fica bem com a mãe.

A lealdade

A consciência nos liga mais fortemente quando ocupamos posição inferior no grupo e estamos entregues a ele. Mas, logo que ganhamos poder ou nos tornamos independentes do grupo, o vínculo se afrouxa e, com ele, também a consciência.

Os membros fracos, porém, são conscienciosos e permanecem fiéis porque estão fortemente ligados. Numa família são os filhos; numa empresa, os trabalhadores de nível inferior; num exército, os soldados rasos e, numa igreja, a massa dos fiéis. Pelo bem dos fortes do grupo eles arriscam lealmente a saúde, a inocência, a felicidade e a vida, mesmo que os fortes, em vista dos fins que consideram elevados, abusem deles sem consideração.

Nesse grupo se incluem os pequenos que entregam a cabeça pelos grandes, os carrascos que fazem o trabalho sujo, os heróis em postos perdidos, os cordeiros que seguem o pastor que os leva ao matadouro e as vítimas que pagam o pato. E também os filhos que, por seus pais ou antepassados, se atiram na brecha e executam o que não planejaram, expiam pelo que não fizeram e respondem por dívidas em que não incorreram. Sobre isso trago um exemplo:

Cedendo o lugar

Um pai castigou um filho por desobediência. Na noite seguinte o rapaz se enforcou.

O homem tinha envelhecido e ainda carregava o peso da culpa. Então, em conversa com um amigo, lembrou- se de que esse filho, poucos dias antes do suicídio, ouvindo sua mãe contar, durante a refeição, que estava novamente grávida, exclamou, transtornado: "Pelo amor de Deus, nós não temos mais lugar!" Com essa lembrança o pai entendeu: o filho havia se enforcado para livrar os pais dessa

preocupação. Cedera seu lugar ao mais novo.

Lealdade e doença

O amor ao vínculo se manifesta também em casos de doenças graves, como, por exemplo, na anorexia. Pois, o anoréxico, em sua alma infantil, diz a um dos pais: "Antes desapareça eu do que você". Por isso, uma doença como essa é muitas vezes difícil de curar, porque para nossa alma infantil ela é um atestado de inocência e, por meio dela, esperamos assegurar e preservar nosso direito de pertencer. Essa doença se associa ao sentimento de lealdade.

Inversamente, e apesar das afirmações em contrário, a solução ou a cura é temida e evitada porque está associada ao medo de perder o direito de pertencer, e ao sentimento de culpa e traição.

O limite

A consciência, ao mesmo tempo que liga, também delimita e exclui. Por isso, para continuar pertencendo ao nosso grupo, frequentemente nos sentimos obrigados a recusar ou negar a outros o direito de pertencer que reivindicamos para nós, pelo simples fato de serem diferentes. Então nos tornamos, por obra da consciência, temíveis para os outros, pois exatamente o que tememos para nós mesmos - a exclusão do grupo - como a pior consequência de uma culpa e como a ameaça extrema, temos de desejar ou fazer aos outros, em nome da consciência, só porque são diferentes.

E, assim como procedemos com os outros, os outros procedem conosco, em nome da consciência. Então nos impomos mutuamente um limite para o bem, mas o abolimos para o mal, em nome da consciência.

Assim, culpa e inocência não significam o mesmo que bom e mau. Frequentemente cometemos ações más com boa consciência e ações boas com má consciência. E cometemos ações más com boa consciência quando servem ao vínculo que nos une ao grupo importante para nossa sobrevivência e cometemos ações boas com má consciência quando elas colocam em risco nossa vinculação a esse grupo.

O bem

Consequentemente, o bem que reconcilia e promove a paz precisa superar os limites que a consciência nos impõe por meio do vínculo a grupos particulares. Esse bem segue uma outra lei, uma lei oculta, que atua nas coisas pelo simples fato de existirem. Contrariamente a esse modo típico da consciência, essa lei atua de modo silencioso e despercebido, como a água que flui por baixo do solo. Só percebemos sua presença pelos efeitos.

A consciência fala, enquanto as coisas são. Por exemplo, uma criança vai a um jardim, maravilha-se com as plantas que crescem, escuta um pássaro na moita. Então sua mãe lhe diz: "Isso é bonito". A partir daí, em vez de se maravilhar e escutar, a criança ouve palavras, e sua relação com o real passa a ser substituída por juízos.

A consciência de grupo

A consciência nos vincula tão poderosamente à nossa família e a outros grupos que, mesmo inconscientemente, sentimos como exigência e obrigação para nós o que outros membros sofreram ou ficaram devendo no grupo. Assim a consciência nos leva a nos emaranhar cegamente na culpa alheia e na inocência alheia, em pensamentos alheios, preocupações alheias e sentimentos alheios, em brigas alheias e em suas consequências, em metas alheias e num desfecho alheio.

Quando, por exemplo, uma filha, para cuidar dos pais idosos, renuncia à felicidade de ter sua própria família e, por isso, é ridicularizada e desprezada pelos outros irmãos, mais tarde uma sobrinha imitará a vida dessa tia e, sem perceber essa conexão e sem poder defender-se contra isso, sofrerá o mesmo destino.

Aqui, contrapondo-se à consciência pessoal que sentimos, atua ainda uma outra consciência mais ampla, que atua secretamente e tem primazia sobre a consciência pessoal. A consciência pessoal e manifesta torna-nos cegos para a consciência oculta e mais ampla, a qual muitas vezes transgredimos justamente ao seguirmos a consciência pessoal.

A consciência pessoal que sentimos serve a uma ordem que se deixa perceber através de impulso, necessidade e reflexo. Mas a consciência abrangente, que atua no oculto, permanece despercebida, da mesma forma como a ordem, a que ela serve, muitas vezes permanece inconsciente para nós. Assim, não podemos sentir essa ordem: somente a conhecemos pelos seus efeitos, principalmente pelo sofrimento que decorre de sua inobservância, sobretudo para as crianças.

A consciência pessoal e manifesta se refere a pessoas a quem nos sentimos ligados; portanto, aos pais e irmãos, aos familiares, amigos, parceiros, filhos. Essa consciência confere a essas pessoas um lugar e uma voz na alma.

A consciência oculta, em contraposição, toma a seus cuidados as pessoas que excluímos de nossa alma e de nossa consciência, seja porque as tememos ou condenamos, seja porque nos rebelamos contra seu destino, seja porque outros na família se tornaram culpados em relação a elas, sem que essa culpa tenha sido reconhecida e, menos ainda, expiada; seja, ainda, porque essas pessoas precisaram pagar pelo que tomamos e recebemos, sem que lhes tivéssemos agradecido e as tivéssemos honrado por isso. Essa consciência toma a seus cuidados os rejeitados e os ignorados, os esquecidos e os mortos. Ela não deixa em paz os que se sentem seguros de pertencer ao grupo, até que também deem aos excluídos um lugar e uma voz em seu coração e retornem para o lugar que lhes é devido na família ou no grupo.

O direito de pertencer

A consciência de grupo dá a todos o mesmo direito de pertencer. Vela para que esse direito seja reconhecido por todos os que fazem parte do grupo. Vela pelo vínculo num sentido mais amplo do que a consciência pessoal. Não conhece nenhuma exceção a essa regra: nem mesmo os assassinos de pessoas pertencentes ao próprio grupo. Eles também continuam pertencendo.

A compensação no mal

Se um membro do grupo é excluído ou expulso pelos outros, mesmo que meramente esquecido, porque não se fala mais dele, como frequentemente acontece com uma criança prematuramente falecida, a consciência de grupo faz com que um outro membro do grupo venha a representar o excluído. Ele imita então o destino daquele, sem ter a consciência disso. Daí resulta, por exemplo, que um neto imite, por uma identificação inconsciente, um avô excluído, passando a viver, sentir-se, planejar e fracassar como seu avô, sem estar consciente dessa conexão.

Para a consciência do grupo isso é uma compensação, ainda que num nível arcaico. Aliás, a consciência de grupo é uma consciência arcaica. Ela leva a um equilíbrio cego no mal, que não ajuda nem cura ninguém. A injustiça cometida contra os antecessores é apenas repetida pelos sucessores inocentes, mas não é reparada novamente. O excluído permanece excluído.

A hierarquia

Uma outra lei básica se manifesta na atuação da consciência de grupo: em cada grupo há uma hierarquia, que se orienta pela precedência no tempo. Isso significa que, de acordo com essa ordem, o que chega primeiro tem precedência sobre os que chegam depois. Por exemplo, um avô tem precedência sobre um neto, um primogênito tem precedência sobre os demais irmãos e um tio tem precedência sobre seu sobrinho. Consequentemente, a compensação que obedece à consciência de grupo não faz justiça aos sucessores, pois não os equipara aos antecessores. O equilíbrio arcaico só contempla os antecessores, desconsiderando os sucessores. Assim, essa consciência de grupo não permite que os sucessores interfiram nos assuntos dos antecessores, seja para fazer valer o direito deles, seja para expiar a culpa em seu lugar, seja ainda para resgatá-los, mesmo que posteriormente, de seu destino funesto. Influenciado pela consciência de grupo, o sucessor reage à própria presunção com uma necessidade de fracasso e declínio.

Portanto, quando num grupo familiar existe um comportamento autodestrutivo e quando um indivíduo, aparentemente perseguindo nobres fins, encena cegamente o seu próprio fracasso e declínio, quem age assim é, na maioria dos casos, um sucessor que, como que aliviado pelo próprio fracasso, presta finalmente homenagem a um antecessor. Dessa maneira, o poder arrogado resulta em impotência, a justiça arrogada, em injustiça e o destino arrogado, em tragédia. Ilustro isso com alguns exemplos:

O anseio

Uma mulher jovem sentia um anseio insaciável que ela não conseguia explicar. De repente, ficou claro para ela que esse sentimento não lhe pertencia mas à sua meia- irmã, do primeiro casamento de seu pai. Desde o segundo casamento do pai, ela não pudera mais vê-lo nem visitar seus meios-irmãos. Nesse ínterim, emigrara para a Austrália e todas as conexões pareciam rompidas.

Não obstante, sua irmã, a cliente, restabeleceu contato com ela e convidou-a para visitá-la na Alemanha, mandando-lhe inclusive o bilhete para a viagem.

Porém o destino não se deixou mais mudar: a meia- irmã desapareceu no caminho para o aeroporto.

O tremor

Num workshop, uma mulher começou a tremer descontroladamente o corpo inteiro. Deixando que o fenômeno atuasse sobre ela, o dirigente do grupo reconheceu que aquele tremor pertencia a uma outra pessoa.

Perguntou então à mulher: "A quem pertence este tremor?" Ela respondeu: “Não sei". Ele perguntou ainda: "Não será a um judeu?" Ela respondeu: “A uma judia".

Quando ela nasceu, um oficial nazista veio à sua casa para cumprimentar a mãe em nome do partido. Atrás da porta estava uma judia, que tinha se escondido em sua casa. E ela tremia.

O medo

Um homem e uma mulher já estavam casados havia anos, mas ainda não moravam juntos, pois o marido dizia que só achava trabalho numa cidade distante. Sempre que lhe diziam, no grupo, que ele podia fazer o mesmo trabalho na cidade da mulher, ele respondia com objeções. Assim, ficou claro que havia uma razão oculta que explicava seu comportamento.

O pai dele, que sofria de uma tuberculose grave, passara muitos anos num sanatório isolado. Quando, às vezes, visitava sua família, a mulher e o filho corriam o risco de contágio. O perigo já passara havia muito tempo, mas agora o filho assumira o mesmo medo e o mesmo destino do pai, e se mantinha afastado da mulher, como se seu contato com ela também fosse perigoso.

Fora de contexto

Um rapaz que estava em risco de suicídio contou num grupo que, quando era criança, perguntara a seu avô: "Vovô, quando é que você finalmente vai morrer e desocupar seu lugar?" O avô achou muita graça, mas o rapaz nunca mais conseguiu esquecer aquela frase.

O dirigente do grupo disse a ele que a frase foi verbalizada pela criança porque não pôde ser dita em outro contexto.

Eles decidiram investigar a história familiar e descobriram que há muitos anos atrás o outro avô, do lado materno, iniciou uma relação com sua secretária, e pouco tempo depois a mulher dele ficou tuberculosa. A sentença: "Quando é que você finalmente vai morrer e desocupar o lugar?" pertencia a esse contexto, embora o avô talvez não estivesse consciente dela. O desejo se realizou, e a mulher morreu.

Contudo, membros subsequentes da família assumiram inconscientemente a culpa e a expiação. Primeiro, um dos filhos fugiu com a secretária, impedindo que o pai tirasse proveito da morte da mãe. Em seguida, o neto que trouxe o problema se ofereceu para tomar sobre si a sentença funesta e expiar a culpa, colocando-se assim em risco de suicídio.

Trago mais um exemplo. Foi-me contado por um cliente através de uma carta, e atenho-me rigorosamente às suas informações.

A expiação

A bisavó do cliente casou-se com um jovem camponês e engravidou dele. Ainda durante a gestação, o marido morreu, aos 27 anos de idade, num dia 31 de dezembro

e, segundo constou, devido a uma febre cerebral. Fatos graves ocorridos a partir dessa época sugerem

que essa mulher, quando ainda casada, teve um caso com o homem que veio a ser seu segundo marido, e que isso teve relação com a morte do primeiro. Levantou-se mesmo a suspeita de assassinato.

Essa mulher casou-se num dia 27 de janeiro com o segundo marido, que veio a ser o bisavô do cliente. Esse marido morreu de acidente quando um filho seu completou 27 anos. Nesse mesmo dia, anos depois, um neto do bisavô morreu de um acidente similar. Outro neto dele desapareceu, aos 27 anos.

Exatamente cem anos depois da morte do primeiro marido da bisavó, um bisneto enlouqueceu, por volta de 31 de dezembro, aos 27 anos, - portanto, com a idade e na data em que morrera o primeiro marido da bisavó - e enforcou-se no dia 27 de janeiro, aniversário do segundo casamento dela. Nessa ocasião sua mulher estava grávida, à semelhança da bisavó por ocasião da morte de seu primeiro marido.

O filho do suicida, sobrinho do cliente, completara 27 anos um mês antes da mencionada carta. O cliente tinha o pressentimento de que algo poderia acontecer ao sobrinho, mas julgava que o perigo maior seria no dia 27 de janeiro, aniversário do suicídio do pai. Assim, fez uma viagem com o intuito de protegê-lo e visitou com ele o túmulo do pai. Mais tarde, a mãe do rapaz contou que no dia 31 de dezembro ele ficara transtornado, pegara o revólver e fizera todos os preparativos para matar-se, mas ela e o seu segundo marido conseguiram demovê-lo da ideia. Isso se passou exatamente 127 anos depois da morte do primeiro marido da bisavó, sobre o qual, aliás, esses familiares nada sabiam.

No referido caso, portanto, um acontecimento atuou tragicamente até a quarta e a quinta gerações.

Mas a história ainda não termina aí. Alguns meses depois dessa carta, o cliente me procurou numa aguda crise de pânico porque sentia-se ameaçado de suicídio e não conseguia se defender contra esses pensamentos. Eu lhe disse que se imaginasse diante do primeiro marido da bisavó, olhasse para ele, fizesse a ele uma profunda reverência, até o chão, e lhe dissesse: "Eu lhe presto homenagem. Você tem um lugar em meu coração. Por favor, me abençoe se eu fico".

Então o fiz dizer à bisavó e ao bisavô: "Seja qual for a sua culpa, eu a deixo com vocês. Sou apenas uma criança". A seguir, disse-lhe que se imaginasse tirando cuidadosamente sua cabeça de uma corda, caminhando lentamente para trás e deixando-a pendurada. Ele fez tudo isso, sentindo-se depois aliviado e livre de seus pensamentos de suicídio. Desde então o primeiro marido da bisavó tornou-se seu amigo e protetor.

A solução

Neste último exemplo mostrei também uma solução que satisfaz de forma curativa as exigências da consciência oculta. Os excluídos recebem a homenagem, o lugar e a posição que lhes competem. E os que vêm depois deixam a culpa e suas consequências com aqueles a quem ela pertence, retirando-se humildemente do assunto. Assim se consegue um equilíbrio que traz reconhecimento e paz para todos.

A compreensão

Os princípios subjacentes da consciência de grupo fazem-se conhecidos em nossos relacionamentos e em seus efeitos. Quem conhece tais efeitos pode transcender os limites das consciências pela compreensão. Onde as consciências cegam, a compreensão sabe; onde as consciências prendem, a compreensão libera; onde as consciências incitam, a compreensão inibe; onde as consciências paralisam, a compreensão age; e onde as consciências separam, a compreensão ama. Para terminar, contarei outra história:

O caminho

Um filho procurou o velho pai e pediu-lhe:
“Pai, abençoa-me antes de partires!"
O pai falou: "Minha bênção será acompanhar-te
por um trecho no início do caminho do saber".
Na manhã seguinte saíram para o campo
e partindo do vale estreito
subiram numa montanha.
Quando chegaram ao cume, a tarde caía
mas a paisagem, em todas as direções

até a linha do horizonte,
estava banhada de luz.
O sol se pôs, e com ele o seu radioso brilho.
Caiu a noite.
Mas quando escureceu
as estrelas luziram.

Ordens do amor entre pais e filhos e dentro do grupo familiar

De início, direi algo sobre a atuação conjunta da ordem e do amor. Como é um texto denso, deve ser lido devagar.

Ordem e amor

O *amor preenche o que a ordem abarca.*
O amor é a água, a ordem é o jarro.
A ordem reúne,
o amor flui.
Ordem e amor atuam unidos.
Como uma canção obedece às harmonias,
o amor obedece à ordem.
E, como é difícil para o ouvido
acostumar-se às dissonâncias,
mesmo que sejam explicadas -,
é difícil para a alma
acostumar-se ao amor sem ordem.
Alguns tratam essa ordem
como se ela fosse uma opinião
que eles podem ter ou mudar à vontade.
Contudo, ela nos é preestabelecida.
Ela atua, mesmo que não a entendamos.
Não é inventada, mas descoberta.
Nós a percebemos, como ao sentido e à alma,
por seus efeitos.

As diferentes ordens

É, portanto, pelos efeitos que descobrimos as ordens do amor, bem como as leis segundo as quais perdemos ou ganhamos no amor. Aí se evidencia que relacionamentos da mesma espécie - por exemplo, relações de casal - estão sujeitos às mesmas leis, e relacionamentos de diferentes espécies seguem leis diferentes.

As ordens do amor entre filhos e pais diferem das ordens do amor das relações dentro do grupo familiar. As leis do amor para o relacionamento de casal diferem daquelas para o casal, como pais em relação a seus filhos. Finalmente, são diferentes para a nossa relação com a totalidade que nos sustenta, isto é, para o que experimentamos como espiritual ou religioso.

Pais e filhos

Pertence às ordens do amor entre pais e filhos, em primeiro lugar, que os pais deem e os filhos tomem. Os pais dão a seus filhos o que antes tomaram de seus pais e o que, como casal, tomaram um do outro. Os filhos tomam, antes de tudo, seus pais como pais e secundariamente aquilo que os pais lhes dão por acréscimo. Em compensação, aquilo que tomaram dos pais posteriormente transmitem a outros e, principalmente, como pais, aos próprios filhos.

Alguém só pode dar porque antes tomou, e tem o direito de tomar porque mais tarde também dará.

Quem vem primeiro deve dar mais, pois também já tomou mais, e quem vem depois precisa tomar ainda mais. Entretanto também ele, quando já tiver tomado bastante, dará aos que vierem depois. Assim, dando e tomando, todos se sujeitam à mesma ordem e seguem a mesma lei.

Esta ordem também vale para o dar e o tomar entre irmãos. Quem veio antes deve dar aos que vierem depois, e quem vem depois deve tomar dos que vieram antes. Quem dá, já recebeu antes, e quem recebe, também precisa dar depois. Por essa razão, o primeiro filho dá ao segundo e ao terceiro, o segundo recebe do primeiro e dá ao segundo e o terceiro recebe do primeiro e do segundo. O filho mais velho dá mais e o mais novo recebe mais. Em compensação, o mais novo frequentemente cuida dos pais quando envelhecem.

Esse movimento descendente é visualmente descrito no poema de Conrad Ferdinand Meyer:

A fonte romana

O jato d'água se ergue
e se derrama em cheio
sobre a taça de mármore;
que, enchendo-se, transborda
para a segunda taça;
esta se enriquece e verte
para a terceira taça;
e cada uma, ao mesmo tempo,
recebe e dá, flui e repousa.

Honrar a dádiva

Em segundo lugar, pertence às ordens do amor entre pais e filhos e entre os irmãos que aquele que recebe honre a dádiva recebida e a pessoa de quem a recebeu. Quem recebe dessa maneira ostenta a dádiva recebida, fazendo-a brilhar. E, embora ela continue a fluir dele para os que vêm depois, seu brilho reflui para o doador, da mesma forma como, na imagem da fonte romana, a taça inferior reflete para a superior a água que recebe dela e o céu acima de ambas.

Em terceiro lugar, as ordens do amor na família incluem uma hierarquia. Como o dar e o tomar, ela se desenvolve de cima para baixo, de acordo com a ordem no tempo. Com isso, os pais têm precedência sobre os filhos, e o primeiro filho sobre o segundo.

O fluxo do dar e do tomar, que vem de cima para baixo, e o fluxo do tempo, que transcorre do antes para o depois, não podem ser sustados, invertidos ou mudados de direção, de modo a fluírem de baixo para cima ou do depois para o antes. Por essa razão, os filhos sempre se subordinam aos pais, e os sucessores sempre vêm depois dos antecessores. O dar e o tomar, juntamente com o tempo, sempre flui para diante, nunca para trás.

A vida

Naquilo que os pais dão e os filhos tomam, não se trata de uma forma qualquer de dar e tomar, mas do dar e tomar a vida. Ao dar a vida aos filhos, os pais não lhes dão algo que lhes pertence. Dão-lhes, com a vida, a si mesmos, tais como são, sem acréscimo e sem exclusão. Portanto, os pais nada podem acrescentar à vida que dão, e também nada podem excluir dela ou reservar para si. E por essa razão os filhos, quando tomam dos pais a vida, também não podem acrescentar-lhe nada, nem deixar de lado ou recusar algo dela. Pois os filhos não somente têm os seus pais, eles são os seus pais.

Faz parte, portanto, das ordens do amor que a criança tome sua vida tal como os pais a dão, como uma totalidade, e que tome seus pais como eles são, sem qualquer outro desejo, sem recusa e sem medo.

Esse ato de tomar é um ato de humildade. Significa meu assentimento à vida e ao destino, tal como me foi predeterminado através de meus pais; aos limites que me foram impostos, às possibilidades que me foram dadas, aos emaranhamentos no destino dessa família, na culpa dessa família ou no que haja de pesado e de leve nessa família, seja o que for.

Podemos experimentar em nós os efeitos dessa concordância, imaginando que nos ajoelhamos diante de nosso pai e de nossa mãe, nos inclinamos profundamente até o chão, estendemos as mãos para a

frente, com as palmas para cima, e lhes dizemos: "Eu lhes presto homenagem". Então nos levantamos, olhamos nos olhos do pai e da mãe e lhes agradecemos pelo presente da vida. Nós podemos dizer:

Agradecimento ao despertar da vida

"Querida mamãe,
eu tomo a vida de você,
tudo, a totalidade,
com tudo o que ela envolve,
e pelo preço total que custou a você
e que custa a mim.
Vou fazer algo dela, para a sua alegria.
Que não tenha sido em vão!
Eu a mantenho e honro
e a transmitirei, se me for permitido,
como você fez.
Eu tomo você como minha mãe
e você pode ter-me como seu(sua) filho(a).
Você é a mãe certa para mim
e eu o(a) filho(a) certo(a) para você.
Você é a grande, eu sou o(a) pequeno(a).
Você dá, eu tomo - querida mamãe.
E me alegro porque você tomou meu pai.
Vocês dois são os certos para mim.
Só vocês!"

Em seguida, diz-se o mesmo ao pai:

"Querido papai,
eu tomo a vida também de você, tudo, a totalidade, com tudo o que ela envolve, e pelo preço total que custou a você e que custa a mim.
Vou fazer algo dela, para sua alegria.
Que não tenha sido em vão!
Eu a mantenho e honro e a transmitirei, se me for permitido, como você fez.
Eu tomo você como meu pai, e você pode ter-me como seu(sua) filho(a).
Você é o pai certo para mim,
E eu sou o(a) filho(a) certo(a) para você.
Você é o grande, eu sou o(a) pequeno(a).
Você dá, eu tomo - querido papai.
Eu me alegro porque você tomou minha mãe.
Vocês dois são os certos para mim.
Só vocês!

Quem consegue realizar esse ato fica em paz consigo mesmo, sente-se certo e inteiro.

A recusa

Algumas pessoas julgam que, se tomarem os pais dessa maneira, poderá infiltrar-se nelas algo de mau que receiam, por exemplo, um traço dos pais, uma deficiência ou uma culpa. Então também se fecham ao lado bom dos pais e não tomam a vida em sua totalidade.

Muitos que se recusam a tomar completamente seus pais procuram compensar essa carência e, então, talvez busquem a realização pessoal ou a iluminação espiritual. A busca dessas metas não passa, neste caso, de uma busca secreta do pai não tomado ou da mãe não tomada. Contudo quem rejeita seus pais rejeita a si mesmo e sente-se, nessa mesma medida, irrealizado, cego e vazio.

O que é especial

Existe, porém, outro ponto a considerar. É um mistério, não posso justificá-lo. Mas, quando falo disso, deparo com um assentimento imediato. Cada indivíduo percebe que possui também algo de único que não pode derivar de seus pais. Precisamos concordar com isso também. Pode ser algo leve ou pesado, algo bom ou algo ruim, isso não podemos discriminar. Seja o que for que alguém faça ou omita, apoie ou combata, ele foi tomado a serviço, querendo ou não. Vivemos isso como uma tarefa ou como um chamado que não se baseia em nossos méritos, nem em nossa culpa, por exemplo, quando se trata de algo pesado ou, talvez, algo cruel. De uma forma ou de outra, fomos simplesmente tomados a serviço.

As boas dádivas dos pais

Nossos pais não nos dão somente a vida. Eles também nos nutrem, educam, protegem, cuidam de nós, dão-nos um lar. E é adequado que tomemos tudo isso tal como recebemos deles. Então, lhes dizemos: "Eu tomo tudo - com amor". E é claro que isso faz parte: "Eu tomo com amor". Essa é uma forma de tomar que equilibra ao mesmo tempo, porque os pais se sentem apreciados e respeitados e dão com mais prazer.

Se tomamos de nossos pais dessa maneira, via de regra, é o bastante. Existem exceções que todos conhecemos. Pode não ser sempre o que desejamos ou o quanto desejamos, mas, via de regra, é o bastante.

Quando o filho se torna adulto, diz aos pais: "Recebi muito, e isso basta. Eu o levo comigo em minha vida". Então ele se sente satisfeito e rico. E acrescenta: "O resto eu mesmo faço". Também essa é uma bela frase. Ela nos torna independentes. A seguir, o filho diz ainda aos pais: "E agora eu os deixo em paz". Então se solta deles. Não obstante, ele os conserva como pais, e eles também o conservam como filho.

Quando, porém, o filho diz aos pais: "Vocês têm de me dar mais", o coração dos pais se fecha. Já não podem dar ao filho tanto quanto lhe davam, nem com o mesmo prazer, porque ele o exige. O filho, por sua vez, ainda que receba algo, não consegue tomá-lo; caso contrário, sua cobrança cessaria.

Quando um filho insiste em sua exigência aos pais, não pode se tornar independente, pois sua cobrança o prende a eles. Contudo, apesar dessa amarra, o filho não tem os seus pais, nem os pais têm o filho.

O que é próprio dos pais

Além do que os pais são e dão, eles também têm coisas que conquistaram por merecimento ou sofreram como perdas. Isso lhes pertence a título pessoal, e os filhos só participam disso indiretamente. Os pais não podem nem devem dar aos filhos o que lhes pertence pessoalmente, e os filhos não podem nem devem tomá-lo dos pais. Pois cada um é o artífice da própria felicidade e da própria desgraça.

Quando um filho se arroga o que é um bem ou direito pessoal dos pais, sem realização própria e sem um destino e um sofrimento pessoal, ele reivindica o que não tem e cujo preço não pagou.

O dar e tomar que serve à vida e à família se inverte quando um mais novo assume algo pesado em lugar de um mais velho: por exemplo, quando um filho assume, por um dos pais, uma culpa, uma doença, um destino, uma obrigação ou uma injustiça que foi cometida contra ele. Pois o mais velho não recebeu isso de outro antecessor como um presente bom a ser transmitido aos sucessores, mas pertence ao seu destino pessoal e permanece sob sua responsabilidade. Isso pertence à dignidade dessa pessoa e possui uma força e um bem especiais, na medida em que ela o assume e os outros o deixam com ela. Ela pode dar esse bem a algum sucessor, não o preço que pagou por ele.

Entretanto, quando um mais novo assume algo de funesto em lugar de um mais velho, mesmo que seja por amor, ele se intromete na esfera mais pessoal de alguém que hierarquicamente o precede e tira dessa pessoa e de seu destino funesto sua dignidade e força. Nesse caso, do lado bom do destino difícil já não resta a ambos a coisa em si, mas apenas o preço pago por ela.

A arrogância

A ordem do dar e tomar na família é subvertida quando um mais novo, ao invés de tomar do mais velho e de honrá-lo por isso, pretende dar-lhe como se fosse igual ou mesmo superior a ele. Isso acontece, por exemplo, quando os pais querem tomar dos filhos, e os filhos querem dar aos pais o que estes não tomaram dos próprios pais ou dos próprios parceiros. Então os pais querem tomar, como se fossem filhos, e os filhos querem dar, como se fossem pais. Com isso, o dar e tomar, em vez de fluir de cima para baixo, tem de fluir de baixo para cima, contra a força natural. Porém, essa forma de dar, como um riacho que quisesse subir a montanha ao invés de descê-la, não alcança sua meta.

Há pouco tempo, tive num grupo uma mulher que tinha o pai cego e a mãe surda. O casal se completava bem, mas a filha achava que precisava cuidar deles. Então fiz a constelação da família, como costumo fazer quando quero trazer à luz coisas ocultas. Durante a constelação a filha comportou-se como se fosse ela a grande e os pais os pequenos. Porém a mãe lhe disse: "Isso com seu pai eu posso resolver sozinha". E o pai lhe disse: "Isso com sua mãe eu posso resolver sozinho. Não precisamos de você para isso". A mulher ficou muito desapontada, pois foi devolvida ao seu tamanho de criança.

Na noite seguinte ela não conseguiu dormir e me pediu ajuda. Eu lhe disse: "Quem não consegue dormir acha que precisa vigiar". Aí contei-lhe uma pequena história de Borchert. Em Berlim, no final da guerra, um menino tomava conta de seu irmão morto, para que os ratos não o devorassem. O garoto estava esgotado, pois achava que tinha de vigiar. Então chegou um senhor amável e lhe disse: "Mas de noite os ratos dormem". E o menino adormeceu. Na noite seguinte, a cliente dormiu melhor.

Quando um filho infringe a hierarquia do dar e tomar, ele se pune com severidade, frequentemente com o fracasso e o declínio, sem tomar consciência da culpa e da conexão. Isto porque, como é por amor que ele transgride a ordem ao dar ou tomar o que não lhe compete, não se dá conta da própria arrogância e julga que está agindo bem. Porém, a ordem não se deixa suplantar pelo amor. Pois o sentido de equilíbrio que atua na alma, anteriormente a qualquer amor, leva a ordem do amor a fazer justiça e compensação, mesmo ao preço da felicidade e da vida. Por essa razão, a luta do amor contra a ordem está no início e no fim de toda tragédia, e só existe um caminho para escapar disso: compreender a ordem e segui-la com amor. Compreender a ordem é sabedoria, segui-la com amor é humildade.

A comunidade de destino

Pais e filhos também constituem uma comunidade que partilha um destino comum. Nela, cada um depende do outro de muitas maneiras e, na medida de suas possibilidades, precisa cooperar para o bem comum. Aqui cada um simultaneamente dá e recebe. Também os filhos dão aos pais: por exemplo, cuidando deles na idade avançada. Neste caso os pais têm o direito de exigir e de receber dos filhos.

Isso é o que pode ser dito sobre as ordens do amor entre pais e filhos.

O grupo familiar

A segunda relação importante para nós nasce simultaneamente com nossa relação com nossos pais. Pois não pertencemos apenas a eles, pertencemos também ao nosso grupo familiar. Juntamente com nossos pais, temos também as linhagens de ambos e pertencemos a um grupo familiar em que elas se unem.

O grupo familiar se comporta como se estivesse unido por uma força que liga todos os seus membros e por um sentido de ordem e de equilíbrio que atua em todos da mesma forma. Pertencem a esse grupo todos os que essa força vincula e leva em consideração. E deixa de pertencer a ele aquele que não é mais ligado por essa força ou considerado por esse sentido. Assim, é possível discernir, pelo alcance dessa força e desse sentido, quem pertence ao grupo familiar.

Via de regra, fazem parte dele:

1. o filho e seus irmãos,

- inclusive os mortos e os natimortos, os abortos provocados e espontâneos;

2. os pais e seus irmãos,

- inclusive os mortos, os natimortos e os filhos abortados; bem como os nascidos fora do casamento e os meios-irmãos;

3. os avós e, algumas vezes, os seus irmãos;

4. eventualmente, um ou outro dos bisavós;

5. incluem-se também pessoas sem laços de parentesco que tenham cedido lugar a outros no grupo familiar, como os

- parceiros anteriores dos pais ou dos avós

- e todos cuja desgraça ou morte tenha resultado em vantagem para outras pessoas do grupo familiar.

Os laços do grupo familiar

Os membros do grupo familiar são ligados entre si como uma comunidade de destino, onde o destino funesto de um membro afeta todos os demais e os leva a querer partilhá-lo com ele. Por exemplo, quando um dos filhos morre prematuramente numa família, outros irmãos podem querer segui-lo. Às vezes, também, pais ou avós podem querer morrer porque desejam seguir um filho ou neto que faleceu. Ou ainda, quando num casal morre um parceiro, o outro, com frequência, também deseja morrer. Os sobreviventes dizem interiormente aos mortos: “Eu sigo você".

Muitas pessoas que tem câncer ou outra doença grave sofrem um sério acidente ou estão em risco de suicídio são pressionadas pelos laços desse destino e pelo amor proveniente dessa ligação e dizem, interiormente, ao falecido: "Eu sigo você". A essa atitude está estreitamente ligada a ideia de que uma pessoa pode entrar no lugar de outra, assumindo o sofrimento, a expiação e a morte em seu lugar, resgatando-a, assim, de seu destino. Por trás desse procedimento existe a frase: "Antes eu do que você".

Por exemplo, quando uma criança percebe que um membro de seu grupo familiar está gravemente doente, diz-lhe interiormente: "Antes adoeça eu do que você". Ou, ao ver que alguém da família incorreu numa culpa grave que precisa expiar, diz-lhe: "Antes pague eu do que você". Ou ainda, quando percebe que algum parente próximo deseja ir embora ou morrer, a criança lhe diz interiormente: "Antes desapareça eu do que você".

É de notar que são principalmente os membros mais jovens do grupo familiar e, em particular, as crianças que desejam sofrer, expiar ou morrer em lugar de outros. Tal substituição também pode ocorrer entre os parceiros de uma relação de casal.

Ainda deve ser observado que esse processo transcorre de modo amplamente inconsciente, não sendo compreendido nem pelos que se oferecem para substituir, nem por aqueles que eles pretendem ajudar, mas a pessoa que conhece os laços do destino pode desprender-se conscientemente deles. Nas Constelações familiares esses laços se revelam de forma particularmente impressionante.

A completude

Um objetivo estreitamente associado aos laços do destino é a manutenção da completude do grupo familiar. Com efeito, um poderoso sentido de ordem, cuja ação afeta igualmente a todos, exerce vigilância para que todos os membros do grupo familiar permaneçam nele, mesmo para além da morte. Pois o grupo familiar abrange tanto os vivos quanto os mortos, geralmente até a terceira geração, eventualmente alcançando a quarta e a quinta. Por conseguinte, quando um membro se perde do grupo familiar porque lhe recusaram o pertencimento ou simplesmente o esqueceram, existe dentro do grupo uma necessidade irresistível de restaurar sua completude. Isso faz com que o membro perdido seja como que revivido e representado por outro membro mais jovem, através de uma identificação.

Este processo também transcorre inconscientemente e recai primeiramente sobre as crianças. Ilustro isso com um exemplo simples.

Um homem casado conhece uma outra mulher e diz à esposa: "Não quero mais viver com você". Se vier a ter filhos com a nova parceira, um deles irá representar a esposa abandonada, talvez dirigindo ao pai

o mesmo sentimento de ódio, rejeição e sofrimento dela ou então afastando-se dele com a mesma tristeza. Essa criança, porém, não sabe que está tornando presente a pessoa excluída e fazendo-a valer. E nem seus pais têm consciência disso.

A responsabilidade no grupo familiar

Assim, no grupo familiar, membros inocentes frequentemente são induzidos a responder por membros culpados, e a injustiça que os antecessores cometeram ou que foi cometida contra eles precisa ser reparada e compensada pelos sucessores. E são principalmente as crianças que esta força superior encarrega de equilibrar a injustiça. Isso certamente se liga ao fato de que, dentro do grupo familiar, também vigora uma hierarquia que concede prioridade aos membros anteriores sobre os posteriores, fazendo com que estes fiquem a serviço daqueles e sejam sacrificados em benefício deles. Portanto, no que diz respeito ao equilíbrio, não existe justiça no grupo familiar, no que toca à equiparação entre as pessoas.

Direitos iguais de pertencimento

Entretanto, vigora no grupo familiar uma lei básica que reconhece a todos os que fazem parte do grupo o mesmo direito de pertencer-lhe. Esse direito é negado a alguns membros em muitas famílias e grupos familiares. Por exemplo, um homem casado tem um filho fora do casamento e sua mulher diz: "Não quero saber dessa criança nem da mãe dela. Elas não pertencem à nossa família". Ou quando um membro da família teve um destino difícil

- por exemplo, quando a primeira mulher do avô morreu de parto -, esse destino amedronta os outros e eles silenciam sobre essa pessoa, como se ela já não pertencesse à família. Ou, ainda, quando um membro da família exibe um comportamento que foge às regras, os outros lhe dizem: "Você é uma vergonha para nós, e por isso o excluímos da família".

Muitos casos de arrogância moral significam apenas, na prática, que uns estão dizendo a outros: "Temos mais direito de pertencer à família do que vocês" ou: "Vocês têm menos direito de pertencer do que nós", ou ainda: "Vocês perderam seu direito de pertencer". Nesse contexto, "bom" significa apenas: "Tenho mais direitos", e "mau" significa somente: "Você tem menos direitos".

Muitas vezes também se nega esse direito a crianças que nasceram mortas ou faleceram prematuramente, na medida em que são esquecidas. Às vezes, os pais dão ao próximo filho o nome do irmão falecido, como se dissessem a ele: "Você não pertence mais à família, temos um substituto para você". Assim a criança morta perde até mesmo o próprio nome.

Quando os membros de um grupo familiar negam a um antepassado o direito de fazer parte dele, seja porque o desprezam ou temem o seu destino, seja porque não reconhecem que ele cedeu lugar a outros da família ou que ainda lhe devem algo, então alguém mais novo, pressionado pelo sentido da compensação, identifica-se com o mais velho, sem que tenha consciência disso e sem que possa evitá-lo. Assim, sempre que se nega a algum membro o direito de pertencer, existe no grupo familiar uma pressão irresistível para restaurar a completude perdida e para compensar a injustiça cometida, no sentido de que o membro excluído seja representado e imitado por outro membro da família.

Nesse contexto, sobreviventes de uma família também sentem culpa diante de um membro que morreu prematuramente, como se fosse injustiça com o morto, o fato de continuarem vivos. Então querem compensar a injustiça impondo limites à sua própria vida, desconhecendo a razão por que o fazem.

As ordens do amor

O grupo familiar é dominado por uma ordem arcaica que aumenta a desgraça e o sofrimento, em vez de impedi-los. Pois, se algum sucessor, pressionado por um sentido cego de compensação, quiser posteriormente colocar em ordem algo que aconteceu a um antecessor, cria um ciclo vicioso e o mal não acabará mais. Esse tipo de ordem mantém sua força enquanto permanece inconsciente. Entretanto, quando vem à luz, podemos cumprir sua finalidade de outra forma e sem consequências funestas, pois efetivamente atuam outras ordens que, mesmo no que diz respeito ao equilíbrio, concedem aos membros mais novos os mesmos direitos dos mais antigos. A essas ordens eu chamo ordens do amor. Em contraposição ao amor cego, que procura compensar o mal com o mal, esse amor

é sábio. Ele compensa de forma curativa e, através de boas ações, põe um fim nos acontecimentos nefastos.

Ilustrarei isso com alguns exemplos, começando com as frases: "Eu sigo você" e "Antes eu do que você".

Quando alguém diz interiormente essas frases, sugiro que as diga diretamente para a pessoa que deseja seguir ou em cujo lugar está disposto a sofrer, expiar ou morrer. Quando ele realmente olha essa pessoa nos olhos, não é mais capaz de dizer essas frases. Percebe que ela também o ama e recusaria seu sacrifício. O passo seguinte seria dizer a essa pessoa: "Você é grande, eu sou pequeno(a). Eu me curvo diante de seu destino e tomo o meu destino como me é dado. Por favor, abençoe-me se fico e se deixo que você se vá - com amor". Então fica ligado a essa pessoa com um amor muito mais profundo do que quando quer segui-la ou assumir o destino dela, em seu lugar. Então essa pessoa, em vez de representar uma ameaça, como talvez tivesse receado, passará a velar com amor pela sua felicidade.

Ou se uma pessoa quer seguir alguém na morte, por exemplo, uma criança que quer seguir um irmão prematuramente falecido, esta pessoa pode dizer: "Você é meu irmão, eu honro você como meu irmão. Você tem um lugar no meu coração. Eu me curvo diante do seu destino, da forma como foi, e tomo o meu destino como me foi determinado". Então, ao invés de os vivos se juntarem aos mortos, são os mortos que se juntam aos vivos e velam por eles com amor.

Ou se uma criança se sente culpada por continuar viva quando o irmão morreu, pode dizer a ele: "Querido irmão, você morreu, eu ainda vivo mais um pouquinho e depois morro também". Assim a presunção diante dos mortos cessa, e a criança que vive pode viver sem sentimento de culpa.

Ou quando um membro do grupo familiar foi excluído ou esquecido, a completude pode ser restabelecida na medida em que os excluídos são reconhecidos e respeitados. Isto é basicamente um processo interno. Então, por exemplo, uma segunda mulher diria à primeira: "Você é a primeira, eu sou a segunda. Eu reconheço que você cedeu lugar para mim". Se a primeira mulher sofreu uma injustiça, ela ainda pode dizer. “Reconheço que tenho o meu marido à sua custa". E acrescentar: "Por favor, olhe com carinho para mim, se o tomo e conservo como meu marido, e olhe também com carinho para meus filhos". Nas Constelações familiares pode-se ver como se relaxa o semblante da primeira mulher e como ela é capaz de concordar com o pedido, por ter sido respeitada. Então a ordem é restabelecida e já não é necessário que alguma criança represente essa mulher. Vou ainda dar outro exemplo:

Um homem ainda jovem, empresário e representante exclusivo de um produto em seu país, chega dirigindo um Porsche e fala de seus êxitos. É evidente que possui poder e um charme irresistível. Mas ele bebe, e seu contador o adverte de que está retirando da empresa muito dinheiro para fins pessoais, pondo o negócio em risco. Apesar dos êxitos que tivera até então, ele secretamente tencionava arruinar-se.

Apurou-se que sua mãe mandara embora seu primeiro marido porque ele, segundo sua expressão, era um bolha. Depois casou-se com o pai do cliente, levando para o novo matrimônio um filho do casamento anterior. Este, porém, não pôde mais ver o próprio pai e perdeu o contato com ele, nem mesmo sabia se o pai ainda estava vivo.

O jovem empresário percebeu que não ousava continuar tendo sucesso porque devia sua vida à infelicidade do irmão. A solução que encontrou foi a seguinte:

Primeiramente, reconheceu que o casamento de seus pais e sua própria vida estavam associados pelo destino às perdas sofridas pelo irmão e pelo pai dele.

Em segundo lugar, conseguiu, apesar disso, dizer sim à sua própria sorte e dizer aos outros que se considerava igual a eles e com os mesmos direitos.

Em terceiro lugar, dispôs-se a prestar a seu irmão um favor especial, como prova de sua vontade de equilibrar as contas entre o dar e o tomar. Assim, resolveu procurar o pai de seu meio-irmão, que tinha desaparecido, e promover um reencontro entre eles.

Onde as ordens do amor são aplicadas, cessa a responsabilidade por injustiças cometidas no grupo familiar. A culpa e suas consequências retornam às pessoas a que pertencem, e começa a vigorar a

compensação através do bem, substituindo a necessidade sinistra de equilibrar através do funesto, que gera o mal a partir do mal. O sucesso acontece quando os mais novos aceitam o que receberam dos mais velhos, apesar de seu preço, e os honram, independentemente do que tenham feito, e quando o passado, bom ou mau, já pode ser considerado como passado. Então, os excluídos recuperam seu direito de ser acolhidos e, em vez de nos atemorizarem, abençoam-nos. Quando lhes damos o lugar que merecem em nossa alma, ficamos em paz com eles. E, de posse de todos os que nos pertencem, sentimo-nos inteiros e plenos.

Ordens do amor entre o homem e a mulher e em relação à totalidade que nos sustenta

Em primeiro lugar, tratarei detalhadamente das ordens do amor na relação entre o homem e a mulher, começando pelo mais elementar.

Homem e mulher

O homem sente atração pela mulher porque, como homem, falta-lhe a mulher. E a mulher sente atração pelo homem porque, como mulher, falta-lhe o homem. O masculino está orientado para o feminino: por isso o homem precisa da mulher para ser homem. E o feminino está orientado para o masculino: a mulher também precisa do homem para ser mulher. Assim, o homem só se torna homem quando toma para si uma mulher como sua esposa, e a mulher só se torna mulher quando toma para si um homem como seu marido. Só quando o homem faz de uma mulher a sua mulher e a tem como tal, e a mulher faz de um homem o seu homem e o tem como tal é que eles são marido e mulher e formam um casal.

Portanto, faz parte, em primeiro lugar, das ordens do amor entre o homem e a mulher, que o homem queira a mulher como mulher e que a mulher queira o homem como homem. Portanto, se numa relação conjugal o homem ou a mulher se querem principalmente por outras razões -, por exemplo, para a diversão ou o sustento, ou porque o outro é rico ou pobre, culto ou iletrado, católico ou evangélico, ou porque o querem conquistar, proteger, melhorar ou salvar, ou ainda porque querem o outro, como se diz com belas palavras, como o pai ou a mãe dos próprios filhos -, então a casa foi construída sobre a areia e dentro da maçã já se encontra o verme.

Pai e mãe

Em segundo lugar, faz parte das ordens do amor na relação entre o homem e a mulher que ambos estejam orientados em função de um terceiro, e que sua masculinidade e sua feminilidade só se completem num filho. Pois o homem só se torna plenamente homem como pai, e a mulher só se torna plenamente mulher como mãe. E só no filho o homem e a mulher formam indissoluvelmente uma unidade, de maneira plena e visível para todos. No entanto, seu amor ao filho como pais apenas continua e coroa seu amor como casal, porque este vem antes daquele. E, assim como as raízes nutrem a árvore, assim também seu amor como casal sustenta e nutre seu amor de pais pelo filho.

Assim, quando o amor recíproco dos parceiros flui do fundo do coração, também flui do fundo do coração o seu amor de pais pelo filho. E, quando esmorece o amor do casal, também esmorece o amor pelo filho. Tudo o que o homem e a mulher admiram e amam em si mesmos e no parceiro, também admiram e amam em seus filhos. E tudo o que os irrita e incomoda em si mesmos e no parceiro, também os irrita e incomoda no filho.

Por isso, onde os pais se dão bem em sua relação conjugal, no que toca ao respeito e amor mútuo, nisso também se dão bem em sua relação com o filho. E onde se dão mal em sua relação conjugal, nisso também se dão mal em sua relação com a criança. Porém, quando o amor dos pais pelo filho apenas continua e coroa seu amor recíproco, a criança se sente considerada, aceita, respeitada e amada por ambos os pais, sabe que está em ordem e sente-se bem.

O desejo

Um casal procurou um conhecido terapeuta e lhe pediu ajuda nos seguintes termos: "Toda noite nos

empenhamos ao máximo para corresponder à nossa responsabilidade na conservação da espécie humana. Entretanto, apesar de nossos esforços, não conseguimos até agora cumprir essa nobre missão. Onde erramos, e o que precisamos aprender e fazer?"

O terapeuta lhes recomendou que apenas o ouvissem em silêncio e depois, sem se falarem, fossem imediatamente para casa. Eles concordaram. Então ele lhes disse: "Toda noite vocês se esforçam ao máximo para corresponder à sua responsabilidade na conservação da espécie humana. Mas, apesar de todos os seus esforços, ainda não conseguiram cumprir sua nobre missão. Por que vocês não se entregam simplesmente à sua paixão?" E os despediu.

Então eles se levantaram e foram às pressas para casa, como se não pudessem esperar mais. Mal se viram sós, deixaram cair as roupas e se amaram com gozo e paixão. Em duas semanas a mulher engravidou.

Uma outra mulher, já não tão jovem, num acesso de pânico ante a perspectiva de ficar solteira, publicou num jornal o seguinte anúncio: "Enfermeira procura viúvo com filhos, para fins matrimoniais". Que expectativa de intimidade poderia ter essa relação? Ela poderia ter escrito: "Uma mulher quer um homem. Quem me quer?"

A consumação do amor

O pudor em nomear nosso ato mais íntimo e em desejá-lo, como o mais importante e mais próximo numa relação conjugal, decorre certamente de que, em nossa cultura, o ato do amor entre o homem e a mulher é considerado por muitos como algo indecente, como uma necessidade indigna. Entretanto, é a maior realização humana possível. Nenhum outro ato humano está mais sintonizado com a ordem e a plenitude da vida, nem nos toma mais amplamente a serviço do mundo em sua totalidade. Nenhum outro ato humano nos traz um prazer tão inebriante nem proporciona, em seu seguimento, um tal sofrimento amoroso. Nenhum outro ato humano é mais pesado de consequências, mais cheio de riscos, nem exige de nós tais extremos ou nos faz tão conhecedores, sábios, humanos e grandes do que aquele em que um homem e uma mulher reciprocamente se tomam e se reconhecem com amor. Em comparação a esse ato, qualquer outro ato humano aparece apenas como uma preparação ou uma ajuda, uma consequência ou, talvez, uma doação adicional ou, então, como carência e substituição.

O ato do amor entre o homem e a mulher é simultaneamente o nosso ato mais humilde. Em nenhum outro lugar nos mostramos tão despidos, nem revelamos de forma tão desprotegida o lugar onde somos mais vulneráveis. E, por isso, também nada protegemos com pudor mais profundo do que o lugar onde o homem e a mulher se encontram amorosamente e onde mostram e confiam mutuamente o que possuem de mais íntimo.

A consumação do amor entre o homem e a mulher é também nosso ato mais corajoso. Pois, ao se unirem para o resto de suas vidas, o homem e a mulher, embora estejam no início e antes da plena realização, já têm o fim diante dos olhos, percebem seus limites e encontram sua medida.

O vínculo do casal

De acordo com uma bela expressão da Bíblia, através da consumação do amor, o homem deixa seu pai e sua mãe e se une à sua mulher, e ambos se tornam uma só carne. O mesmo também vale para a mulher. Esta imagem reflete um processo na alma, cuja realidade experimentamos através de seus efeitos. Pois esse processo na alma cria um vínculo que, mesmo contra a nossa intenção, se manifesta como algo que não pode ser anulado e, por essa mesma razão, não pode ser repetido.

Pode-se objetar que o divórcio e uma nova relação provam o contrário. No entanto, uma segunda relação não tem o mesmo efeito da primeira. Um segundo marido ou uma segunda mulher percebem a ligação da parceira, ou do parceiro, com o primeiro marido ou a primeira mulher. Isso se revela pelo fato de que o marido ou a mulher de uma pessoa que se casa pela segunda vez não ousa tomá- la e mantê-la tão plenamente como se fosse essa a sua primeira união. A razão é que o novo casal experimenta a segunda união como culpa em relação à primeira, mesmo se já tiver morrido a parceira ou o parceiro anterior. Pois, de fato, só nos separamos quando morremos.

Portanto, uma segunda relação só tem sucesso quando o vínculo aos parceiros anteriores é reconhecido e honrado como tendo precedência sobre o novo vínculo, e quando os novos parceiros

reconhecem que têm uma dívida com os parceiros anteriores. Contudo, um vínculo no sentido original, como na primeira relação, está fora de seu alcance. Em decorrência disso, quando acaba uma segunda relação, sente-se geralmente menos culpa e obrigação do que quando se rompe a primeira relação. Trago um exemplo a respeito.

O ciúme

Uma mulher contou num grupo que atormentava o marido com seu ciúme. Reconhecia que seu comportamento era irracional, mas não conseguia evitá-lo. O dirigente do grupo lhe mostrou a solução, dizendo-lhe: "Mais cedo ou mais tarde você vai perder seu marido. Aproveite-o enquanto é tempo!" A mulher riu e ficou aliviada. Alguns dias depois, o marido telefonou ao dirigente do grupo e lhe disse: "Quero agradecer-lhe por minha mulher".

Esse homem tinha participado, muitos anos antes, de um curso do mesmo terapeuta, junto com a namorada daquela época, com quem já estava há sete anos. Durante o curso revelara, diante de todos os participantes e sem consideração pela dor da namorada, que ia separar-se dela para ficar com uma outra mais jovem. Mais tarde veio a um novo curso, desta vez com a nova namorada. Durante o curso ela engravidou e pouco depois se casaram.

Então ficou claro para o dirigente do grupo o sentido do ciúme dessa segunda mulher. Ela negara exteriormente a ligação do marido com a ex-namorada e, com seu ciúme, reforçava abertamente sua reivindicação sobre ele. Secretamente, porém, reconhecia a ligação anterior dele e sua própria culpa. Assim, seu ciúme não indicava uma culpa do marido em relação a ela, mas era uma admissão secreta de que não o merecia. Provocar uma separação parecia-lhe o único meio de reconhecer o vínculo que subsistia e de expressar solidariedade à ex-namorada do marido.

A Carne

O vínculo especial e - num sentido profundo - indissolúvel entre o homem e a mulher nasce da consumação de seu amor. Só ela faz do homem e da mulher um casal e transforma os parceiros em pais. Para isso não bastam o amor puramente espiritual e o reconhecimento público da relação. Por conseguinte, quando a consumação do amor é prejudicada, por exemplo, quando os parceiros se deixam esterilizar antes do relacionamento, não se origina um vínculo, mesmo que os parceiros o desejem. Por isso, tais relacionamentos carecem de compromisso e os parceiros, ao separar-se, não são afetados pelo sentimento de responsabilidade ou de culpa.

Quando a consumação do amor é prejudicada a *posteriori,* por exemplo, por um aborto intencional, a relação sofre uma ruptura, embora o vínculo permaneça. Se, apesar disso, o homem e a mulher quiserem permanecer juntos, precisam decidir-se novamente um pelo outro e conviver como se fosse essa a sua segunda relação. Pois a primeira, via de regra, terminou.

A consumação sexual é a manifestação da superioridade da carne sobre o espírito, sua veracidade e profundidade. Às vezes, somos tentados a depreciar a carne em favor do espírito, como se o que acontece através da força do instinto e da necessidade, do desejo e do amor, valesse menos do que o que nos ordenam a razão e a vontade moral. No entanto, o instintivo demonstra sua sabedoria e sua força justamente onde a razão e a moral esbarram nos próprios limites e falham. Pois, através do instinto, atuam um espírito superior e um sentido mais profundo diante do qual fogem assustadas nossa razão e nossa vontade moral, nas situações difíceis.

Por exemplo, quando uma criança cai na água e uma pessoa mergulha para salvá-la, ela não o faz após uma reflexão racional e uma vontade moral. Não, não! Ela o faz por instinto. Mas será seu ato, por esta razão, menos certo, corajoso e bom?

Ou ainda, quando um pássaro atrai com seu canto a companheira e eles se acasalam, constroem um ninho, chocam, têm filhotes e os alimentam, aquecem, defendem e guiam, isso é menos maravilhoso por ser instintivo?

O baixo contínuo

Um relacionamento de casal se desenvolve como um concerto barroco. Uma bela melodia soa nas escalas mais altas, enquanto um baixo-contínuo a conduz, unifica e carrega, dando-lhe peso e completude. Num relacionamento de casal, o baixo-contínuo soa assim: "Eu tomo você, eu tomo você,

eu tomo você. Eu tomo você como minha mulher. Eu tomo você como meu marido. Eu tomo você e me dou - com amor".

A carência

Para que a relação de casal entre o homem e a mulher cumpra o que promete, o homem deve ser homem e permanecer homem, e a mulher deve ser mulher e permanecer mulher. Assim o homem deve renunciar a apropriar- se do feminino e a possuí-lo, como se pudesse tornar-se mulher e ser uma mulher. E a mulher precisa renunciar a apropriar-se do masculino e a possuí-lo, como se pudesse tomar-se homem e ser um homem. Em um relacionamento de casal, o homem só é importante para a mulher quando é e permanece homem, e a mulher só é importante para o homem quando é e permanece mulher.

Se o homem pudesse desenvolver em si o feminino e possuí-lo, não precisaria da mulher. E se a mulher pudesse desenvolver em si o masculino e possuí-lo, não precisaria do homem. Por isto, muitos homens e mulheres que desenvolvem em si as características do outro sexo frequentemente vivem sós. Eles se bastam.

O filhinho do papai e a filhinha da mamãe

Portanto, as ordens do amor entre o homem e a mulher envolvem também uma renúncia, que já começa na infância. Pois o filho, para tornar-se um homem, precisa renunciar à primeira mulher em sua vida, que é sua mãe. E a filha, para tornar-se uma mulher, precisa também renunciar ao primeiro homem de sua vida, o seu pai. Por essa razão, o filho precisa passar cedo da esfera da mãe para a do pai. E a filha precisa retornar cedo da esfera do pai para a da mãe. Permanecendo na esfera da mãe, frequentemente o filho só chega a ser um eterno adolescente e queridinho das mulheres, mas não um homem. E, persistindo na esfera do pai, a filha muitas vezes só se torna uma eterna adolescente e uma namoradinha dos homens, mas não uma mulher.

Quando um "filhinho da mamãe" se casa com uma "filhinha do papai", ele frequentemente busca uma substituta para a sua mãe e a encontra na mulher, e a mulher busca um substituto para o seu pai e o encontra no marido. Quando, porém, um filho ligado ao pai se casa com uma filha ligada à mãe, eles têm mais chances de formarem um par bem sucedido.

De resto, o filho ligado ao pai costuma dar-se bem com o sogro, e a filha ligada à mãe geralmente se dá bem com a sogra. Ao contrário, o filho ligado à mãe frequentemente se relaciona melhor com a sogra do que com o sogro, e a filha ligada ao pai, melhor com o sogro do que com a sogra.

Animus e anima

Quando o filho permanece na esfera da mãe, o feminino inunda a sua alma, impedindo-o de tomar a masculinidade que vem de seu pai. E quando a filha permanece na esfera do pai, o masculino inunda sua alma, impedindo-a de tomar a feminilidade que vem de sua mãe. Carl Gustav Jung denominou o feminino presente na alma do homem de *anima,* e o masculino presente na alma da mulher de *animus.*

A *anima* se desenvolve mais fortemente quando o filho permanece na esfera da mãe. Curiosamente, porém, ele sente então menos compreensão e simpatia por outras mulheres, e tem menos sucesso com as mulheres e com os homens. E o *animus* se desenvolve com mais força quando a filha permanece na esfera do pai. Curiosamente, porém, ela sente então menos compreensão e simpatia por outros homens e tem menos sucesso com os homens e as mulheres.

A atuação da *anima* na alma do homem se mantém dentro de seus limites se ele passou cedo para a esfera do pai. Contudo, curiosamente, ele sente então mais simpatia e compreensão pelas características e pelos valores das mulheres. E a atuação do *animus* na alma da mulher se mantém dentro de seus limites se ela retorna cedo à esfera da mãe. Contudo, curiosamente, ela sente então mais simpatia e compreensão pelas características e pelos valores dos homens.

Portanto, a *anima* resulta do fato de o filho não ter tomado o pai e o *animus* resulta de a filha não ter tomado a mãe.

A reciprocidade

Pertence às ordens do amor entre o homem e a mulher que entre eles se estabeleça uma troca em que ambos igualmente deem e tomem. Pois cada um tem o que falta ao outro, e a cada um falta o que o outro tem. Ambos precisam, portanto, no que se refere à troca, dar o que têm e tomar o que lhes falta. Em outras palavras, o homem se dá à mulher como homem e a toma como sua mulher; e a mulher se dá ao homem como mulher e o toma como seu homem.

Esta ordem do amor é perturbada quando um deseja e o outro concede; porque o desejar parece ser algo pequeno, e o conceder, algo grande. Então um dos parceiros se mostra como carente e como alguém que recebe, e o outro, embora talvez ame, mostra-se como alguém que ajuda e que dá. É como se aquele que recebe se tornasse uma criança, e aquele que dá se tornasse um pai ou uma mãe. Então o que recebe precisa agradecer, como se tivesse recebido sem dar, e o que dá se sente superior e livre, como se tivesse dado sem receber. Isso, porém, impede a compensação e coloca em risco a troca. Para o bom êxito, é preciso que ambos precisem e ambos concedam, com respeito e amor, o que o outro necessita.

Seguir e servir

Contudo, pertence às ordens do amor entre o casal que a mulher siga o homem. Isso significa que ela o siga para sua família, sua cidade, seu círculo, sua língua e sua cultura, e concorde que os filhos também sigam o pai. Não posso explicar essa ordem, mas sua realidade se comprova pelos seus efeitos. Basta comparar famílias onde a mulher segue o homem e os filhos seguem o pai com famílias onde o homem segue a mulher e os filhos seguem a mãe. Entretanto, aqui também existem exceções. Por exemplo, se há destinos difíceis ou enfermidades graves na família do homem, é mais seguro e conveniente para ele e para os filhos que passem para a esfera da família e dos parentes da mãe e vice-versa.

Neste particular existe uma compensação. Pois também pertence às ordens do amor entre o homem e a mulher, como seu complemento, que o homem sirva ao feminino.

A equivalência

As ordens do amor entre o homem e a mulher são diferentes das ordens do amor entre pais e filhos. Por isso a relação do casal sofre abalo e fica perturbada quando o casal transfere irrefletidamente para ela as ordens do relacionamento entre pais e filhos.

Se, por exemplo, numa relação de casal, um parceiro busca no outro um amor incondicional, como uma criança busca em seus pais, ele espera receber do outro a mesma segurança que os pais dão a seus filhos. Isso provoca uma crise na relação, fazendo com que aquele de quem se esperou demais se retraia ou se afaste. E com razão, pois ao se transferir para a relação de casal uma ordem própria da infância, comete-se uma injustiça para com o parceiro.

Quando, por exemplo, um dos parceiros diz ao outro: "Sem você não posso viver" ou: "Se você for embora eu me mato", o outro precisa se afastar, pois tal exigência entre adultos no mesmo nível hierárquico é inadmissível e intolerável. Já uma criança pode dizer algo assim a seus pais, porque sem eles realmente não pode viver.

Inversamente, se o homem ou a mulher se comporta como se fosse autorizado a educar o parceiro e tivesse a necessidade de fazê-lo, arroga-se, em relação a alguém que lhe é equiparado, direitos semelhantes ao dos pais em relação aos filhos. Neste caso, frequentemente o parceiro se esquiva à pressão e busca alívio e compensação fora do relacionamento.

Portanto, faz parte das ordens do amor na relação entre o homem e a mulher que ambos se reconheçam como iguais. Qualquer tentativa de colocar-se diante do parceiro numa atitude de superioridade, própria dos pais, ou de dependência, característica da criança, restringe o fluxo do amor entre o casal e coloca em perigo a relação.

Isso também se aplica ao equilíbrio entre o dar e o tomar. Na relação de pais e filhos, são os pais que dão e são os filhos que tomam. Toda tentativa dos filhos de aplainar o desnível existente entre eles e seus pais é frustrada. Por essa razão, os filhos permanecem sempre em dívida com seus pais, e quanto menos conseguem pagá-la, tanto mais intimamente permanecem vinculados a eles. Porém, como querem afirmar-se e desenvolver-se através de suas próprias ações, o sentimento de dívida que os

vincula aos pais os motiva também a sair de casa.

Se um dos parceiros der ao outro como um pai ou uma mãe dá a uma criança, por exemplo, custeando-lhe uma formação superior durante o casamento, aquele que recebeu tanto já não pode equiparar-se ao doador. Embora permaneça obrigado a agradecer-lhe, geralmente o deixará quando se formar. Só poderá equiparar-se novamente ao parceiro e permanecer com ele quando o compensar plenamente, tanto pelas despesas quanto pelo esforço.

O equilíbrio

No nível do sexo, o homem e a mulher, embora sejam diferentes, equiparam-se em sua capacidade de dar e tomar reciprocamente. Eles se dão bem e progridem na troca amorosa quando o dar e o tomar entre eles também se compensam e completam em outros domínios. Isso vale tanto para as coisas boas quanto para as más.

Quando um dos parceiros recebe do outro algo de bom, a necessidade de compensar não lhe dá descanso até que lhe retribua com algo de bom. Porém, como o ama, faz- lhe, por precaução, um bem algo maior do que a compensação exige. Então, o outro fica sob pressão e, como ama o parceiro, também lhe faz, por precaução, um bem algo maior do que a compensação requer. Assim, aumenta a troca no bem, desde que, em seu decurso, sempre se volte ao equilíbrio e se inaugure uma nova rodada de trocas.

Quando não se alcança um equilíbrio, a troca cessa. Pois, se um parceiro se limita a receber, o outro logo perde a vontade de dar-lhe; e, se um deles quer apenas dar, o outro em breve não vai mais querer receber. Da mesma forma, a troca cessa quando um dá mais do que o outro pode ou quer receber ou quando um deseja mais do que o outro pode ou quer dar. A medida de quem dá deve ajustar-se à medida de quem recebe, e vice-versa. Toda troca deve, em princípio, ajustar-se a uma medida que a limita.

Para que uma relação de casal seja bem-sucedida, é preciso que haja também uma compensação no mal. Quando um parceiro faz algo que fere ou magoa o outro, a vítima tem que fazer algo ao autor que lhe traga uma dor semelhante ou exigir dele algo igualmente difícil.

Quando a vítima é tão boa que não consegue ser má, não acontece a troca e a relação fica ameaçada. Por exemplo, se um dos parceiros tem um caso e o outro insiste em se manter inocente, o culpado não consegue mais equiparar-se. Se, porém, o outro lhe paga na mesma moeda, a relação pode ser retomada.

Entretanto, se a vítima ama o ofensor, não deve fazer-lhe uma afronta do mesmo tamanho, pois assim ficariam quites. A vítima, ciente de sua própria inocência, deve ser cuidadosa em não exagerar na vingança, senão dá ao ofensor o direito de zangar-se por sua vez. Precisa fazer- lhe uma afronta um pouco menor. Com isso, tanto a justiça quanto o amor serão satisfeitos, e a troca no bem poderá ser retomada e continuada.

Mas se a vítima e o ofensor forem se suplantando em suas afrontas, agindo no mal como se fosse um bem, a troca no mal irá sempre crescendo. Uma troca assim também liga o casal, mas para a própria desgraça. De resto, conhece-se a qualidade de uma relação de casal verificando se a troca se efetua principalmente no bem ou no mal, e quanto se investe em cada um desses lados.

Com isso dei uma indicação sobre a forma de recuperar e tornar feliz uma relação de casal, transformando uma troca no mal numa troca no bem, e incrementando essa troca com amor.

O entendimento

De suas famílias de origem, o homem e a mulher conhecem diferentes modelos ou padrões para a relação conjugal, tanto no bem quanto no mal. Por isso, para que a união seja bem-sucedida, precisam testar os modelos que receberam dos pais e, eventualmente, desprender-se dos padrões antigos e encontrar novos padrões para sua relação. Nisso frequentemente se defrontarão com sentimentos de inocência e de culpa. Se adotarem os padrões que lhes foram transmitidos, mesmo que sejam ruins, experimentarão um sentimento de inocência. Se abandonarem os padrões recebidos, mesmo que os novos sejam melhores, experimentarão um sentimento de culpa. Somente ao preço dessa culpa poderão conseguir o bem e a felicidade em sua união.

Emaranhamentos

Talvez as piores consequências para uma relação de casal resultem dos emaranhamentos de cada parceiro com o seu grupo familiar. Isso acontece, sobretudo, quando um dos parceiros ou ambos, sem que o percebam, são tomados a serviço, como substitutos, para a solução de antigos conflitos dos respectivos grupos familiares. Citarei um exemplo:

Embora um homem e uma mulher se sentissem muito ligados, surgiam entre eles conflitos inexplicáveis. Certo dia, quando a mulher se postava furiosa diante do marido, um terapeuta observou que seu rosto mudava, até assumir o aspecto de uma velha. E ela censurava o marido por coisas que nada tinham a ver com ele. O terapeuta perguntou a ela: "Quem é essa velha?" Aí ela se lembrou de que sua avó, que tinha um restaurante, fora muitas vezes arrastada pelos cabelos pelo avô no meio do salão, à vista de todos os fregueses. Então ficou claro que a raiva que ela sentia contra seu marido era a raiva reprimida que a avó sentira contra o avô.

Muitas crises inexplicáveis do casamento nascem de uma transferência como essa. Tal processo, que é inconsciente, nos assusta, porque ficamos entregues a ele e não sabemos sua causa. Depois de saber de tais emaranhamentos tomamos mais cuidado quando nos sentimos tentados a ofender pessoas que não nos tenham dado motivos para isso.

A constância

Alguns casais, desconhecendo a profundidade de seu vínculo, consideram sua união como um acordo cujos fins podem fixar ao seu bel-prazer e cuja ordem ou duração podem predeterminar, alterar ou revogar, de acordo com o seu humor ou comodidade. Com isso, porém, entregam sua união à leviandade e ao arbítrio. Talvez venham a reconhecer, tarde demais, que isso é regulado por uma ordem à qual devem submeter-se.

Quando, por exemplo, um dos parceiros desfaz uma ligação de modo desrespeitoso e leviano, às vezes um filho dessa união morre ou comete suicídio, como se precisasse expiar uma grave injustiça. Na realidade, os fins de uma união nos são preestabelecidos e exigem de nós, se quisermos alcançá-los, constância e sacrifício.

O processo de morte

Ao tomar uma mulher como sua mulher, o homem se faz homem por intermédio dela. Ao mesmo tempo, porém, ela também lhe tira a masculinidade e a coloca em questão. Assim, ele também se torna menos homem no casamento. E quando a mulher toma um homem como seu marido, torna-se mulher por meio dele. Contudo, ao mesmo tempo, ele também lhe tira a feminilidade e a coloca em questão. Assim, ela também se torna menos mulher no casamento. Por essa razão, para que o relacionamento conserve sua tensão, o homem precisa renovar sua masculinidade junto aos homens, e a mulher precisa renovar sua feminilidade junto às mulheres.

Contudo, na relação com a sua mulher, o homem perde sua identidade como homem. E, na relação com o seu marido, a mulher perde sua identidade como mulher. Pois o homem e a mulher se distinguem sob todos os aspectos. Pois sim, uma pequena diferença! Quase tudo é diferente entre o homem e a mulher. Contudo, embora sejam tão diferentes, as maneiras masculina e feminina de encarar o mundo e os diferentes modos de sentir e de reagir são formas plenamente válidas e equiparadas de realização humana. Ambos, o homem e a mulher, precisam reconhecer isso. Mas assim a mulher tira do homem sua segurança como homem, e o homem tira da mulher sua segurança como mulher. Portanto, também precisam perder, no decurso de seu relacionamento, as respectivas identidades, como homem e como mulher, que adquiriram por meio do outro. Por essa razão, o homem e a mulher também experimentam sua relação como um processo de morte. Embora esperemos, ao entrar numa relação, que ela venha a ser nossa realização máxima, ela também é, na verdade, uma morte progressiva. Cada conflito no casamento é uma etapa desse processo de despedida e de morte. Quanto mais tempo dura a relação, tanto mais perto chegam o homem e a mulher dessa renúncia extrema. Então alcançam um outro patamar, mais elevado. A divisão entre homem e mulher pressiona no sentido da unidade. Contudo, a fusão dos dois sexos produz apenas uma unidade transitória, que não dura. A supressão dos contrários acontece, portanto, para além dessa fusão, que fica apenas como um símbolo dela. A verdadeira unidade é alcançada na morte. Então retornamos a uma Origem que não conhecemos.

Esse é, sem dúvida, somente um ponto de vista possível, mas ele confere à relação uma profundidade e uma seriedade que são dignas dela. Pois apenas essa renúncia extrema realiza a superação dos contrários que nos é prometida pela fusão.

A totalidade que sustenta

As ordens do amor que nos acompanharam em nossos relacionamentos anteriores também afetam nossa relação com a vida e com o mundo como totalidade, bem como nossa relação com o mistério que pressentimos por trás desse mundo.

Por conseguinte, podemos relacionar-nos com essa misteriosa totalidade da mesma forma como uma criança se relaciona com seus pais. Então buscamos um Deus Pai ou uma grande Mãe, acreditamos como uma criança, esperamos como uma criança, confiamos como uma criança, amamos como uma criança. E, como uma criança, talvez tenhamos medo desse ser e, como uma criança, talvez ainda tenhamos medo de saber a verdade.

Ou então nos relacionamos com a totalidade misteriosa como com nossos antepassados e o grupo familiar. Sentimo-nos como seus consanguíneos numa comunidade de santos, mas também, como no grupo familiar, como rejeitados ou escolhidos segundo uma lei implacável, cujos decretos não entendemos e não podemos influenciar.

Ou, ainda, tratamos a totalidade misteriosa como alguém equiparado aos demais num grupo, tornamo-nos seus colaboradores e representantes, negociamos ou firmamos uma aliança com ela, e regulamos por um contrato os direitos e os deveres, o dar e o tomar, os ganhos e as perdas.

Ou tratamos a totalidade misteriosa como se tivéssemos com ela uma relação conjugal onde existem um amado e uma amada, um noivo e uma noiva.

Ou nos comportamos diante da totalidade misteriosa como pais se comportam diante de seus filhos, dizendo- lhe o que ele fez errado e o que precisa fazer melhor, questionando sua obra e, se este mundo não nos convém como ele é, querendo nos salvar dele e salvar outras pessoas.

Ou, finalmente, quando nos relacionamos com o mistério deste mundo, relegamos ao passado e esquecemos as ordens do amor que conhecemos, como se fôssemos rios que já alcançaram o mar e caminhos que já chegaram à meta.

A consciência espiritual

Nota preliminar

Este capítulo oferece uma visão geral do desenvolvimento de minhas compreensões relativas às diferentes consciências, resumindo-as.

Mostrou-se que as Constelações familiares, enquanto se movimentam na esfera da consciência pessoal e coletiva, chegam a limites que impedem uma solução abrangente que inclui também a esfera do espírito. Somente as Constelações espirituais, que se movimentam em sintonia com essa consciência, encontram soluções que superam os nossos limites impostos pelas outras consciências e abrem o caminho do amor em nossos relacionamentos, em um sentido amplo.

A esta visão geral acrescento algumas reflexões que ajudam a entrar na postura interna de que necessitamos para as Constelações familiares espirituais. São meditações, nas quais experimentamos ser carregados e conduzidos, cada um de sua maneira, a estar em sintonia com um movimento do espírito que nos prepara e nos equipa para tais constelações.

A diferenciação das consciências

As diferentes consciências são campos espirituais.

A primeira deias, a consciência pessoal, é estreita e tem o seu alcance limitado. Pois, através de sua diferenciação entre o bom e o mau só reconhece para alguns o direito de pertencer, excluindo outros.

A segunda, a consciência coletiva, é mais ampla, defendendo também os interesses daqueles que foram excluídos pela consciência pessoal. Por isso, está frequentemente em conflito com a consciência pessoal. Contudo, a consciência coletiva também tem um limite porque abrange somente os membros dos grupos que são governados por ela.

A terceira, a consciência espiritual, supera as limitações das outras duas consciências, limitações estas que surgem através da diferenciação entre bom e mau e da diferenciação entre pertencimento e exclusão.

A consciência pessoal

a. O vínculo

Experimentamos a consciência pessoal como boa e má consciência. Nós nos sentimos bem quando temos boa consciência e mal quando temos má consciência.

O que acontece quando temos uma boa consciência? O que acontece, quando temos uma má consciência? O que precede à boa e à má consciência, para que a sintamos de tal forma?

Ao observarmos atentamente, quando é que temos uma boa consciência e quando uma má consciência, podemos perceber que ficamos com má consciência quando pensamos, sentimos e fazemos algo que não está em sintonia com as expectativas e as exigências das pessoas e grupos aos quais queremos pertencer e a que frequentemente também precisamos pertencer.

Isto significa que nossa consciência vela para que fiquemos conectados com essas pessoas e grupos. Percebe, de imediato, se nossos pensamentos, desejos e ações colocam em perigo nossa ligação e nosso pertencimento a eles. E quando a nossa consciência percebe que nos afastamos deles através de nossos pensamentos, sentimentos e ações, ela reage com o sentimento de medo de perdermos nossa ligação com essas pessoas e grupos. Sentimos esse medo como má consciência.

Por outro lado, quando pensamos, desejamos e agimos de uma forma que nos sintoniza com as expectativas e exigências dessas pessoas e grupos, sentimo-nos pertencentes e temos a certeza de podermos pertencer. O sentimento de termos assegurado o nosso direito de pertencer, sentimos como benéfico e bom. Não precisamos ficar preocupados de sermos cortados, de repente, por essas pessoas e grupos e nos experimentarmos sós e desprotegidos. Sentimos como boa consciência a sensação precisa de podermos pertencer.

A consciência pessoal nos liga, portanto, a pessoas e grupos que são importantes para o nosso bem-estar e nossa vida. Contudo, é uma consciência estreita, pois nos liga somente a determinadas pessoas e grupos, excluindo-nos simultaneamente de outros.

Esta consciência nos foi de suma importância quando crianças. As crianças fazem de tudo para pertencer, pois sem essa ligação e sem esse direito de pertencer estariam perdidas. A consciência pessoal assegura nossa sobrevivência junto às pessoas e grupos que nos são importantes. Por isso, a sua importância só pode ser altamente apreciada. Vemos isso também através do alto conceito que a consciência pessoal tem na nossa sociedade e cultura.

b. Bom e mau

Neste contexto podemos observar que nosso conceito de bom e mau são distinções feitas pela consciência pessoal. Elas estabelecem em que medida algo assegura o nosso direito de pertencer e em que medida isso o coloca em perigo.

O que assegura o nosso direito de pertencer experimentamos como bom. Experimentamos como bom através da boa consciência, sem a necessidade de muita reflexão; mas se olharmos para isso a certa distância, não saberemos se é realmente bom para nós ou até ruim para outros. Aqui o denominado

bom é somente sentido. E é sentido como algo bom.

Portanto, o bom é sentido como bom e defendido com bom, irrefletidamente. Para um observador fora desse campo espiritual isso pode parecer algo estranho, algo que coloca a vida de muitos mais em perigo do que a seu serviço.

Evidentemente que o mesmo é válido para o mau. Contudo, sentimos o mau mais fortemente do que o bom, porque está ligado ao nosso medo de perder o direito de pertencer e igualmente o nosso direito de viver.

A diferenciação do bom e do mau serve, portanto, à sobrevivência dentro do próprio grupo. Serve à sobrevivência do indivíduo no seu grupo.

A consciência coletiva

Por trás da consciência que sentimos atua ainda uma outra consciência. É uma consciência poderosa, e seus efeitos são muito mais fortes do que os da consciência pessoal. Entretanto, permanece amplamente inconsciente para nós. Por quê? Porque sentimos que a consciência pessoal tem precedência em relação a essa consciência coletiva.

A consciência coletiva é uma consciência grupai. Enquanto que a consciência pessoal é sentida por cada indivíduo e está a serviço do seu pertencimento e da sua sobrevivência pessoal, a consciência coletiva tem em seu campo de visão a família e o grupo como um todo. Está a serviço da sobrevivência do grupo inteiro, mesmo que para isso alguns precisem ser sacrificados. Está a serviço da completude desse grupo e das ordens que asseguram a sua sobrevivência, da melhor forma possível.

Quando o interesse de cada indivíduo se contrapõe ao interesse de seu grupo, a consciência pessoal também se contrapõe à consciência coletiva.

a. A completude

A consciência coletiva está a serviço de que ordens e como as impõe?

A primeira ordem, a qual essa consciência serve, é: todo membro de uma família tem o mesmo direito de pertencer. Se um membro for excluído, não importam quais sejam os motivos, mais tarde, um outro membro precisa representar a pessoa excluída.

A consciência coletiva se mostra, comparada à consciência pessoal como imoral, ou amoral. Isso significa que não diferencia entre bom e mau, tampouco entre culpado e inocente. Por outro lado, protege todos da mesma forma. Quer proteger o seu direito de pertencer ou restabelecê-lo, se isso lhe for negado.

O que acontece quando esse direito é negado a um membro familiar? De certa forma, ele é reconduzido ao grupo por essa consciência, na medida em que outro membro dentro da família precisa representá-lo, sem que esteja consciente disso.

Como essa volta se mostra? Um outro membro familiar assume o destino da pessoa excluída, representando-a. Ele pensa como essa pessoa excluída, tem sentimentos semelhantes, vive de forma semelhante, fica doente de forma semelhante, até mesmo morre de forma semelhante. Esse membro familiar está, dessa forma, a serviço da pessoa excluída e representa os seus direitos. É apossada, por assim dizer, pela pessoa excluída, entretanto, sem se perder a si mesmo. Quando a pessoa excluída recupera o seu lugar, esse membro familiar se libera dessa pessoa.

Não é que a pessoa excluída queira ser representada dessa forma, embora isso também aconteça algumas vezes, que ela deseje algo de mau para alguém da família. Em primeira instância, é essa consciência que atua e deseja a representação e o emaranhamento. Ela quer restabelecer a totalidade do grupo.

b. O instinto

Aqui, existe o perigo de imaginarmos essa consciência como uma pessoa, como se ela tivesse metas pessoais e as seguisse após reflexões profundas. Essa consciência atua como um instinto, um instinto grupai que quer somente uma coisa: salvar e restabelecer a totalidade. Por isso é cega na escolha de seus meios.

c. O pertencimento para além da morte

Podemos reconhecer quais são as pessoas que são influenciadas e conduzidas pela consciência coletiva, quando percebemos se são atraídas ou não para representar membros familiares excluídos. Aqui precisamos considerar que ninguém perde o seu direito de pertencer através de sua morte. Isto significa que os membros familiares mortos da família são tratados pela consciência coletiva da mesma forma que os vivos. Ninguém é separado de sua família através de sua morte. Ela abrange igualmente seus membros familiares vivos e mortos. Esta consciência também traz de volta os membros mortos para a família, se foram excluídos. Sim; principalmente esses. Portanto, uma pessoa perde a sua vida através de sua morte, mas nunca o seu pertencimento à família.

d. Quem pertence?

Agora está na hora de enumerar quem pertence ao sistema familiar que é conduzido por uma consciência coletiva comum. Vou começar com os que nos estão mais próximos. Aos membros familiares que estão sujeitos a essa consciência, pertencem:

1. **Os filhos.** Portanto, nós mesmos e nossos irmãos e irmãs. Não somente os que vivem, mas também os natimortos, os abortados e frequentemente também os abortos espontâneos. Justamente aqui existe muitas vezes a ideia de que podemos excluí-los. E é claro que pertencem também à família os filhos que foram ocultados ou dados.

Para a consciência coletiva todos eles fazem parte completamente, são lembrados por ela e trazidos de volta à família, são trazidos de volta cegamente, sem levar em consideração justificativas e desejos.

2. **O nível acima dos filhos.** A este nível fazem parte os pais e seus irmãos biológicos. Aqui também todos os irmãos e irmãs deles, como eu já enumerei antes para os filhos.

Também os parceiros anteriores dos pais fazem parte. Se são rejeitados e excluídos, mesmo que estejam mortos, são representados por um dos filhos, até que sejam lembrados e trazidos de volta à família, com amor.

e. Só o amor libera

Agora gostaria de interromper a enumeração e falar como os excluídos podem ser trazidos de volta. Só o amor é capaz disso.

Que amor? O amor preenchido. Ele é sentido como dedicação ao outro, como ele é. Ele é também sentido como luto pela perda. É sentido especialmente como dor por aquilo que porventura fizemos de mal para o outro.

Sentimos também se esse amor alcança o outro, se o reconcilia, se o deixa em paz, se ele assume o seu lugar, permanecendo nele. Então essa consciência coletiva também encontra a paz.

Aqui nós vemos que essa consciência está a serviço do amor, a serviço do mesmo amor por todos que fazem parte dessa família.

f. Quem mais pertence à família?

Agora vou continuar com a enumeração de quem pertence à família, porque eles também são abrangidos e protegidos por essa consciência.

3. **No próximo nível acima dos pais** pertencem os avós, mas sem seus irmãos, a não ser que tenham tido um destino especial. Os parceiros anteriores dos avós também fazem parte.

4. **Bisavós.** Um ou outro dos bisavós também pode fazer parte, mas isso é raro.

Até agora, enumerei sobretudo os parentes consanguíneos, e ainda os parceiros anteriores dos pais e dos avós.

5. **Aqueles com que através de sua morte ou destino, a família teve vantagem.** Além dos parentes consanguíneos e parceiros anteriores, também fazem parte de nossa família aqueles com que, através de sua morte ou destino, a família teve uma vantagem; por exemplo, através de uma herança considerável. Também fazem parte aqueles com que à custa de sua saúde e vida, a família enriqueceu.

6. **Vítimas.** Aqueles que foram vítimas de atos violentos através de membros de nossa família tor-

nam-se parte dela, especialmente aqueles que foram assassinados. A família precisa olhar também para eles, com amor e dor.

7. **Agressores.** Por último, algo que para alguns pode ser um desafio. Quando membros de nossa família são vítimas de crimes, especialmente se perdem a vida, os assassinos passam a fazer parte de nossa família. Se foram excluídos ou rejeitados, a consciência coletiva pressionará para que sejam representados, mais tarde, por membros de nossa família.

Talvez eu deva aqui chamar a atenção de que tanto os assassinos se sentem atraídos para suas vítimas como também as vítimas para seus assassinos. Ambos se sentem totalmente inteiros quando se encontram. A consciência coletiva também não faz diferenciações aqui.

g. O equilíbrio

Antes de continuar, quero dizer algo sobre as leis do equilíbrio e como elas atuam nessas duas consciências. A necessidade do equilíbrio entre o dar e tomar e entre o ganho e a perda é também um movimento da consciência.

A consciência pessoal que sentimos como boa e má consciência e como culpa e inocência vela sobre o equilíbrio entre o dar e tomar, portanto também com sentimentos de culpa e inocência e com o sentimento de uma boa e má consciência. Entretanto, aqui sentimos a culpa e a inocência de um forma diferente.

A culpa é sentida aqui como obrigação, quando recebo algo ou tomo algo, sem dar de volta algo equivalente. A inocência aqui é sentida como estar livre de uma obrigação. Temos esse sentimento de inocência e liberdade quando tomamos e também damos, de uma forma que o dar e tomar fique equilibrado.

Aqui devo ainda acrescentar que podemos alcançar o equilíbrio também de uma outra forma. Como não podemos devolver com algo equivalente, por exemplo, aos nossos pais, passamos adiante algo equivalente aos nossos filhos ou para outras pessoas.

h. A expiação

Nós também equilibramos através do sofrimento. Isso também é um movimento da consciência. Se causamos sofrimento a alguém, também queremos sofrer para equilibrar e, depois do sofrimento, temos novamente uma boa consciência.

Essa forma de equilíbrio conhecemos como expiação. Entretanto, esta necessidade tem como referência a si mesmo, porque não pode realmente dar qualquer coisa para o outro e restaurar o equilíbrio. Contudo, através dessa expiação, o outro frequentemente não se sente mais sozinho em seu sofrimento.

Este tipo de equilíbrio tem pouco ou nada a ver com o amor. É, antes de mais nada, instintivo e cego.

i. A vingança

Temos a necessidade do equilíbrio quando alguém nos fez algo de mau. Então queremos também fazer algo de mau a ele. Esta necessidade de equilíbrio se torna uma necessidade de vingança. Entretanto, a vingança equilibra apenas por um momento, porque desperta em todos os envolvidos outras necessidades de vingança, prejudicando-os no final.

j. A cura

Dentro da consciência coletiva também existe o movimento de equilíbrio, entretanto, está amplamente oculto de nossa consciência. Pois, quem precisa representar uma pessoa excluída não sabe que está compensando.

O equilíbrio aqui é o movimento de um todo superior que equipara impessoalmente, pois aqueles que são atraídos para compensar são inocentes, no sentido da consciência pessoal.

Podemos comparar esta forma de equilíbrio a um processo de cura. Algo que foi ferido é restabelecido sob a influência de poderes superiores. A consciência coletiva quer reintroduzir algo que foi perdido e, dessa forma, trazer novamente a ordem ao sistema familiar e curá-lo.

k. A hierarquia

Volto a falar das ordens da consciência coletiva e direi algo sobre a segunda ordem, que está a serviço da consciência e que tenta restaurá-la, quando foi ferida.

Essa ordem requer que cada indivíduo de um grupo deve e precisa assumir o lugar que lhe pertence, de acordo com a sua idade. Isso significa que aqueles que vieram antes têm precedência em relação aos que vieram mais tarde. Por isso, os pais têm precedência em relação aos filhos, e o primeiro filho tem precedência em relação ao segundo. Cada membro do grupo tem um lugar próprio e particular, que pertence somente a ele. No decorrer do tempo ele se desloca dentro da hierarquia, de baixo para cima, até que cria sua própria família e nela assume imediatamente, com seu parceiro, o primeiro lugar.

Aqui se impõe uma outra ordem de hierarquia, uma hierarquia entre as famílias, por exemplo, entre a família de origem e a nova família. Aqui a nova família tem prioridade perante a antiga.

Esta ordem também é válida quando um dos pais inicia, durante o casamento, um relacionamento com um outro parceiro do qual nasce uma criança. Com isso, ele cria uma nova família que tem prioridade em relação à primeira.

A família posterior não anula o vínculo com a anterior, assim como a família nova não anula o vínculo com a família de origem. Contudo, ela tem prioridade em relação à anterior.

I. A violação da hierarquia e suas consequências

A hierarquia é violada quando alguém que veio mais tarde quer assumir uma posição superior àquela que lhe cabe, de acordo com a ordem hierárquica. Essa violação da ordem hierárquica é, na verdade, como se sabe, um orgulho que precede a queda.

As violações mais frequentes da hierarquia observamos nas crianças. Em primeiro lugar, quando se colocam acima de seus pais. Por exemplo, quando se sentem melhores do que eles e se comportam de forma correspondente. Isso é uma violação da hierarquia sem amor.

Essa hierarquia é principalmente violada quando a criança quer assumir algo pelos pais. Por exemplo, quando ficam doentes no lugar deles e querem morrer. Nesse caso, a hierarquia é violada com amor. Entretanto, esse amor não protege a criança das consequências da transgressão da ordem.

O que existe de trágico nisso é que a criança transgride a ordem de boa consciência. Isso significa que, sob a influência da consciência pessoal, a criança se sente especialmente inocente e boa através dessa transgressão. E que também se sente pertencente, de uma forma especial.

Portanto, aqui as duas consciências se opõem. A hierarquia, que impõe e protege a consciência coletiva, é violada em sintonia com a consciência pessoal. Nesse sentido ela é conscienciosa. Aqui a consciência pessoal impele alguém a transgredir essa ordem e sofrer as consequências dessa transgressão.

Quais são as consequências dessa transgressão? A primeira é o fracasso. A pessoa que se coloca acima dos pais, seja sem amor ou com amor, fracassa. Isso é válido não somente dentro da família, mas também em outros grupos, por exemplo, em organizações.

Muitas organizações fracassam através de conflitos internos, nos quais uma pessoa que é admitida depois ou um departamento que é criado posteriormente se eleva, dentro da hierarquia, em relação a um anterior, que tem precedência.

Na verdade, o fracasso, como consequência da violação da hierarquia, é a morte. O herói trágico quer assumir algo por aqueles que o precedem. Contudo, ele não apenas fracassa, ele morre.

Vemos algo semelhante com as crianças que carregam e querem assumir algo pelos pais. Elas lhes dizem internamente: "Antes eu do que você." O que realmente está contido nisso? No final, isso significa: "Eu morro em seu lugar."

A hierarquia é a ordem da paz. Ela está a serviço da paz na família e no grupo. Está, no final, a serviço do amor e da vida.

m. O alcance

Até que ponto para trás a consciência coletiva alcança? Somente os mortos que conhecemos fazem

parte? Ou essa consciência quer trazer de volta também os excluídos de muitas gerações anteriores? Talvez até nós, como éramos em uma vida anterior? Talvez até esteja a serviço de um movimento cósmico para o qual nada pode ficar perdido, nada que tenha existido? Nós também violamos essa hierarquia através de nossa crença de progresso, como se fôssemos melhores do que nossos antepassados? Como se fôssemos superiores a eles?

O que acontece conosco se nos colocarmos internamente no nosso lugar adequado, humildemente no último lugar?

Se incluirmos aqui e agora todos aqueles que foram excluídos, não importam quais tenham sido os motivos, e aqueles que tiveram que morrer antes de ter cumprido o seu tempo total e aquilo que ainda lhes falta, então nós também estaremos completos com eles.

Em relação a isso, Rilke diz num poema:

Existe alguém que toma tudo em sua mão,

como se fossem lâminas ruins e quebram.

Não é nenhum estranho, pois ele mora no sangue,

que é a nossa vida e sussurra e descansa.

Não posso acreditar que ele faça mal;

contudo, ouço muitos falarem mal dele.

A consciência espiritual

A que reage a consciência espiritual? Ela responde a um movimento do espírito, este espírito que move tudo exatamente da maneira que se move, este espírito que move tudo de forma criativa.

Tudo está submetido a esse movimento, não importando se queremos ou não, não importando se nos submetemos ou tentamos resistir a ele. A pergunta é, apenas, se nós nos percebemos em sintonia com esse movimento, se nós nos submetemos a ele de boa vontade e permanecemos em sintonia com ele de maneira sábia. Quer dizer, se nós somente nos movimentamos, pensamos, sentimos e agimos até o ponto em que percebemos que estamos sendo conduzidos, levados e movimentados por ele.

O que acontece conosco quando estamos em sintonia com esse movimento? O que acontece conosco quando talvez o nosso desejo seja nos afastarmos desse movimento, porque a sua reivindicação nos parece ser grande demais, provocando-nos medo?

Experimentamos aqui, em relação à consciência espiritual, aquilo que podemos comparar com a consciência pessoal.

Quando experimentamos estar em sintonia com os movimentos do espírito, nos sentimos bem. Sobretudo, nós nos sentimos calmos e sem preocupações. Sabemos do nosso próximo passo e temos força para dá-lo. Isso seria, por assim dizer, a boa consciência espiritual.

Como em relação à consciência pessoal, aqui também sabemos imediatamente se estamos em sintonia. Contudo, esse conhecimento aqui é espiritual. A boa consciência é a entrega ciente a um movimento espiritual.

Sobretudo, o que é a essência deste movimento espiritual? É um movimento de dedicação a tudo, assim como é. Está em sintonia com a dedicação do espírito a tudo, assim como é.

Como é que experimentamos, então, uma má consciência espiritual, de modo análogo ao sentimento de culpa da consciência pessoal? Nós a sentimos como inquietação, como bloqueio espiritual. Nós não nos conhecemos mais, não sabemos o que podemos fazer e nos sentimos sem força.

Quando é que temos sobretudo uma má consciência espiritual? Quando nos desviamos do amor do espírito. Por exemplo, quando excluímos alguém de nossa dedicação e de nossa benevolência. Nesse momento, perdemos a sintonia com o movimento do espírito. Somos entregues de volta a nós mesmos e temos uma má consciência.

Contudo, como na consciência pessoal, a má consciência também atua a serviço da boa consciência.

Através de seus efeitos, ela nos guia de volta para a sintonia com os movimentos do espírito, até que fiquemos novamente calmos e nos tornemos um com o seu movimento de dedicação e amor por todos e por tudo, assim como é.

As diferentes consciências e as Constelações familiares

Quando alguém quer entender e solucionar um problema pessoal com a ajuda das Constelações familiares, ou um problema de relacionamento com um parceiro ou na família ou com uma criança, vemos imediatamente qual é a consciência que está mais envolvida, criando e mantendo o problema e percebemos o que esse problema exige do indivíduo e de sua família, para que haja uma solução. Dessa maneira, precisamos ver as diferentes consciências unidas umas às outras, pois todas estão a serviço de nossos relacionamentos. Elas trabalham juntas, uma após a outra, e se complementam, de forma que precisamos ver que um problema e a sua solução estão relacionados a mais de uma consciência e, no final, a todas elas.

Por exemplo, se alguém pede a nossa ajuda, podemos reconhecer imediatamente quais consciências estão envolvidas no seu problema e de que forma, e quais soluções estão disponíveis.

Inversamente, se um ajudante tem um problema com um cliente, ele pode se perguntar quais as consciências relativas a ele que estão envolvidas nesse problema, e o que elas também lhe oferecem como solução.

A consciência espiritual

Em primeiro lugar, observo aqui as Constelações familiares partindo do fim do caminho percorrido por elas, portanto, do ponto de vista da consciência espiritual. Em retrospectiva ao caminho percorrido até agora, reconhecemos de forma mais clara o significado das outras duas consciências. Reconhecemos também onde é que chegam aos seus limites. A consciência espiritual nos conduz para além desses limites.

a. A diferenciação das consciências

O que distingue, essencialmente, as diferentes consciências? O que lhes impõe limites? É o alcance de seu amor.

A consciência pessoal está a serviço do vínculo a um grupo limitado. Exclui outros que não pertencem a esse grupo. Não somente une, também separa. Não somente ama, também rejeita.

A consciência coletiva vai além da consciência pessoal, pois também ama aqueles que foram rejeitados e excluídos dentro da família e dentro de grupos similares pela consciência pessoal. A consciência coletiva quer trazer de volta os excluídos, para que possam fazer parte novamente de suas famílias e grupos. Por isso, o seu amor vai além. Não exclui ninguém.

Contudo, em seu campo de visão não tem tanto o bem-estar de cada um. Senão, não poderia obrigar um inocente, que não estava envolvido na exclusão, a representar um excluído, embora com isso lhe imponha algo pesado. Aqui se mostra que essa consciência não é pessoal, mas coletiva, que deseja principalmente a completude e a ordem em um grupo.

Os movimentos do espírito, ao contrário, dedicam-se igualmente a todos. Quem entra em sintonia com os movimentos do espírito não pode fazer de outra forma, a não ser se dedicar igualmente a todos com benevolência e amor, não importando qual seja o seu destino. Este amor não conhece fronteiras. Supera as diferenciações entre o "melhor" ou o "pior" e entre o "bom" e o "mau". Por isso, esta consciência transcende os limites da consciência pessoal e os limites da consciência coletiva. Está dedicada de forma igual a cada um e a todos em sua família e nos outros grupos dos quais faz parte.

A consciência espiritual vela sobre esse amor, quando nos afastamos dela.

b. As Constelações familiares espirituais

O que isso significa para as Constelações familiares? Como esse amor se mostra nas Constelações

familiares?

Em primeiro lugar, chamo a atenção para o fato de que os movimentos do espírito nas Constelações familiares se manifestam de uma forma expressiva. Eles são experimentados e se tomam visíveis através dos representantes e para aqueles que observam esses movimentos. Isso significa que os movimentos do espírito são percebidos, em primeiro lugar pelos representantes e, através deles, por aqueles que observam esses movimentos, sendo talvez atraídos e apanhados por eles também.

Por isso, o procedimento das Constelações familiares espirituais é outro, diferente daquele que muitas pessoas associam às Constelações familiares. Aqui não se coloca mais a família de forma que alguém escolhe de um grupo representantes para os diversos membros de sua família

e, depois, coloca-os num espaço, uns em relação aos outros. Aqui se coloca por exemplo, o cliente ou um representante para ele, e talvez ainda uma segunda pessoa, por exemplo, seu parceiro. Contudo, não que este seja colocado no sentido habitual de um em relação ao outro, mas apenas colocado em frente ao outro a uma certa distância. Aqui não existem instruções ou intenções. O cliente ou seu representante e as outras pessoas são simplesmente colocadas.

De repente, são apanhados por um movimento sem que possam conduzi-lo ou resistir a ele. Esse movimento vem de fora, embora seja vivenciado como se viesse de dentro. Isso significa que experimentam estar em sintonia com uma força que vem de fora e que coloca algo em movimento através deles. Mas, isso acontece somente se ficarem centrados, sem intenções próprias e sem medo daquilo que talvez se mostre. Tão logo entrem em jogo as próprias intenções, por exemplo, a intenção de ajudar ou o medo daquilo que possa vir à luz e para onde isso talvez vá conduzir, a conexão com os movimentos do espírito é perdida. Também o centramento dos observadores se perde. Por exemplo, ficam inquietos.

Após um certo tempo, através dos movimentos dos representantes se revela se é necessário ainda acrescentar ou não outra pessoa. Por exemplo, quando um deles olha para o chão, isso significa que está olhando para uma pessoa morta. Então se escolhe um representante, e ele é solicitado a se deitar no chão de costas, em frente ao outro. Ou quando um representante olha fixamente numa direção, coloca-se alguém em frente a ele, para onde está olhando.

Os movimentos dos representantes são bem lentos. Quando um representante se movimenta depressa, está sendo movido por uma intenção e não está mais em sintonia com os movimentos do espírito. Ele não está mais centrado e não é mais confiável, e precisamos substituí- lo por um outro representante.

Sobretudo o ajudante precisa abster-se de suas intenções e interpretações. Ele também se entrega aos movimentos do espírito, agindo somente quando sente claramente que está sendo movido para um próximo passo ou uma frase, que ele mesmo diz ou pede para um representante dizer.

Além disso, através dos movimentos dos representantes, recebe continuamente indicações sobre o que está acontecendo dentro deles e para onde os seus movimentos conduzem ou devem conduzir.

Por exemplo, quando um representante se afasta do representante de uma pessoa morta que está deitada à sua frente ou quer se virar, o ajudante interfere, depois de um certo tempo e o conduz de volta. Contudo, não de uma forma que, ao seguir esse procedimento, o ajudante deva deixar tudo ao critério dos movimentos dos representantes. Ele está, como eles, a serviço dos movimentos do espírito e os segue, muitas vezes irresistivelmente, quando interfere de uma determinada forma ou diz algo.

No final, para onde conduzem esses movimentos do espírito? Eles unem o que antes estava separado. Eles são sempre movimentos do amor.

Esses movimentos não precisam ser levados sempre até o fim. É o suficiente quando fica visível para onde conduzem. Por isso, essas constelações muitas vezes permanecem incompletas e abertas. É o suficiente que tenham entrado em movimento. Nós podemos confiar que continuarão. Esses movimentos não mostram simplesmente uma solução para um determinado problema. Eles já são os movimentos decisivos no processo de cura e precisam também do seu tempo para se desdobrar. São o início de um movimento de cura.

As Constelações familiares, em sintonia com os movimentos do espírito, pressupõem que o ajudante, sobretudo o ajudante também permaneça em sintonia com esses movimentos. Isto é, que em primeiro

lugar permaneça dedicado a todos com o mesmo amor, para além dos limites da diferenciação entre o bom e o mau. Ele só pode fazer isso se tiver aprendido a prestar atenção aos movimentos do espírito dentro de si, de modo que todo desvio do amor será percebido imediatamente. Por exemplo, quando quer internamente atribuir a culpa a um acontecimento ou quando tem pena de uma pessoa por aquilo que ela precisa sofrer Experimentamos continuamente os desvios desse amor. Mas, quando tivermos aprendido a prestar atenção aos movimentos da consciência espiritual e nos submetermos à sua disciplina, podemos ser reconduzidos novamente à sintonia com o seu movimento de amor por tudo aquilo, assim como é.

A consciência pessoal

Os limites mais estreitos contra o amor são traçados pela consciência pessoal. Pois as nossas diferenciações usuais entre o direito de pertencer ou a perda do direito de pertencer são determinadas e aprovadas por essa consciência.

É evidente que essa diferenciação tem um significado importante para a nossa sobrevivência, não podendo ser substituída por nada, dentro de determinados limites.

Esta consciência coloca seus limites principalmente em relação às crianças. Para elas, a realização das formas de pensamento e comportamento, exigidas por esta consciência, é importante para a sua sobrevivência, inclusive a desconfiança em relação àqueles que seguem uma outra consciência pessoal, porque estão ligadas a um outro grupo, rejeitando-os e lutando contra eles.

Ela, como uma boa consciência, por um lado, possibilita e assegura a sobrevivência; por outro lado, coloca-a em perigo logo que o nosso grupo entra em conflito com outros, estabelecendo disputas mortais com eles.

Na consciência pessoal também reside a necessidade do equilíbrio. Essa necessidade é um movimento da consciência, pois temos uma boa consciência, quando damos de volta algo equivalente àqueles que nos deram algo, de forma que exista um equilíbrio entre o dar e o tomar. Temos também a mesma boa consciência quando, não podendo dar de volta algo equivalente, transmitimos a outros algo equivalente.

Em conformidade com isso, temos uma má consciência quando recebemos sem dar algo equivalente ou quando fazemos exigências que não nos competem.

Aqui também a consciência pessoal tem uma tarefa fundamental a serviço de nossas relações. Sim, esta necessidade é que torna isso possível, ela também está a serviço de nossa sobrevivência, entretanto apenas dentro de determinados limites.

Em sua função de equilíbrio, a consciência pessoal, de modo semelhante à sua função de nos ligar à nossa família, serve tanto à vida e à sobrevivência como também ao oposto, quando determinados limites forem transgredidos. Aqui leva também à morte.

Com referência ao vínculo, a consciência pessoal leva à separação de grupos gerando conflitos graves, inclusive a guerra.

Com referência à necessidade do equilíbrio relativo ao prejuízo e ofensa mútuos, ela pode chegar até a vingança mortal, por exemplo, à vingança pelo sangue.

A necessidade de expiação segue a mesma direção quando, para expiar pelo sofrimento e prejuízo que causamos a outros, também nos infligimos um sofrimento, nos limitamos e nos prejudicamos.

Às vezes, nós expiamos no lugar de outro. Por exemplo, quando uma criança expia pelos pais, mas também quando a mãe ou o pai espera que a criança expie por eles. Por exemplo, quando fica doente ou morre no lugar deles, como podemos observar muitas vezes nas Constelações familiares. Entretanto, isso acontece de forma inconsciente, de ambos os lados, pois aqui a consciência coletiva também tem um papel importante.

Contudo, sempre se trata de um equilíbrio que se opõe à vida, que a prejudica ou até mesmo a sacrifica - de boa consciência ou com o sentimento de inocência.

A que precisamos prestar atenção nas Constelações familiares, para que fiquemos dentro dos limites da consciência pessoal que está a serviço da vida? Precisamos ter deixado para trás os limites da

diferenciação entre o bom e o mau. Se nas Constelações familiares permanecermos na esfera da consciência pessoal, por exemplo, quando junto com o cliente rejeitamos outros, estaremos a serviço da vida de uma forma limitada. Então, como essa consciência estaremos a serviço, por um lado, da vida e, por outro, a serviço da morte.

A consciência coletiva

O que devemos observar nas Constelações familiares em relação à consciência coletiva?

Em primeiro lugar, que não excluamos ninguém, seja na nossa família ou na família do cliente e que procuremos na família dele e na nossa, pelos excluídos, olhemos para eles com amor e os coloquemos, com amor, em nosso coração. Podemos fazer isso somente se tivermos deixado para trás a diferenciação entre o bom e o mau e se também colocarmos as nossas crianças não nascidas no nosso campo de visão, mesmo sendo difícil para nós. Aqui é necessário tanto a coragem como a clareza.

Em segundo lugar, que nós nos atenhamos à hierarquia. Isto é, que em primeiro lugar fiquemos conscientes de que através de nossa ajuda nos tornamos temporariamente um membro da família do cliente. Contudo, nós chegamos nessa família como o último e por isso temos o último lugar dentro dela.

O que acontece quando um ajudante se comporta como se tivesse o primeiro lugar, até mesmo antes e acima dos pais do cliente? Ele fracassa. O cliente também fracassa quando ele fere a hierarquia, e o ajudante talvez até o apoie nisso. Por exemplo, quando junto com o cliente, de uma ou outra forma, coloca-se contra os seus pais.

A violação da hierarquia algumas vezes também coloca a vida em perigo. Por exemplo, quando o cliente assumiu algo pelos pais, o que não lhe competia, de acordo com a hierarquia. Então, algumas vezes, diz para seus pais: "Eu, no lugar de vocês."

Também para o ajudante a violação contra a hierarquia pode ser perigosa. Por exemplo, quando ele se arro- ga a assumir algo pelo cliente, algo que ele precisa carregar sozinho. Então se coloca acima do cliente, como talvez tenha tentado fazer quando criança, em relação aos seus próprios pais. Mas, principalmente, quando o ajudante se arroga a que pode mudar o destino de um cliente ou protegê-lo dele. Somente dentro da hierarquia o ajudante permanece em sua força, e o cliente encontra a solução que lhe é adequada, aqui em sentido duplo.

Com referência à consciência coletiva só precisamos ficar dentro dos limites que ela nos coloca nas Constelações familiares, pois esses limites são amplos e abertos.

Conclusão

Nas Constelações familiares a consciência espiritual, através de seu amor por todos, nos conduz para além dos limites da consciência pessoal. Também nos protege para não desrespeitarmos os limites da consciência coletiva, pois ela está dedicada a todos da mesma forma. Presta especial atenção à hierarquia porque sabemos, quando seguimos os movimentos do espírito, que somos todos iguais e equivalentes, no mesmo nível, embaixo.

Nas Constelações familiares espirituais permanecemos sempre no amor, no amor total. Somente as Constelações familiares espirituais estão sempre, em todos os lugares e unicamente, a serviço da vida - do amor - e da paz.

Reflexões

Aquilo que parte

Na noite de Natal, estava sentado diante da lareira, observando como as chamas consumiam a madeira, diminuindo cada vez mais até que se transformou em brasa. Sentado ali dessa maneira, deixando-me levar internamente por esse movimento original, algumas frases me vieram à mente.

Tudo se consome para algo a que está a serviço.

Cada um queima por si só.

Aquilo que queimou, ainda arde por muito tempo.
Antes de passar, às vezes, flameja mais uma vez.
Aquilo que queima transforma-se em cinzas e delas
surge algo novo.

Ser guiado

No âmbito do espírito e, especialmente nas Constelações familiares espirituais, tudo depende de até que ponto nos deixamos ser guiados, até que ponto entramos em sintonia com um movimento espiritual que nos atinge e ao qual nos rendemos.

Experimentamos essa "condução", "esse ser guiado" de diversas formas. Em primeiro lugar nós a experimentamos através de uma compreensão imediata, ou seja, através de uma compreensão que recebemos exatamente no momento em que temos que agir. É a compreensão daquilo que deve ser feito a seguir, quando, por exemplo, alguém nos pede ajuda e apoio.

Essa compreensão é sempre nova. Ela nos surpreende e exige que a sigamos da maneira como nos é presenteada. Se tivermos dúvidas, imediatamente nos sentimos abandonados por essa condução, entregues aos nossos próprios pensamentos e intenções. Sentimo-nos remetidos a experiências antigas e separados do essencial, que importa.

Qualquer coisa que tentamos movimentar e solucionar por conta própria, nessa dimensão do espírito, não flui. Falta-lhe a força necessária para restaurar a ordem daquilo que estava em desordem dentro de nós e dentro dos outros por nos termos oposto ao amor.

Em segundo lugar, experimentamos essa condução como clareza e força, sem termos a necessidade de pedir conselho e ajuda a outras pessoas. Essa condução do espírito não tolera ninguém a seu lado, assim como não tolera nenhuma avaliação, objeção ou crítica, pois estas normalmente vêm de pessoas que se esquivam, de uma forma ou de outra, da condução do espírito ou se opõe a ela. Elas são abandonadas pelo espírito pois se colocam no caminho do amor e de um movimento que une aquilo que estava separado.

A procura

A procura essencial, a mais profunda, é a nossa procura por compreensão, pelo conhecimento essencial que, no final, é a única coisa que importa. Apenas esse conhecimento permanece, apenas esse conhecimento une, apenas esse conhecimento é amor.

Nesta procura somos guiados. Uma força nos carrega para onde nunca poderíamos ir por conta própria. Para onde nos leva, no final? Ela nos guia para cima ou para baixo? Sempre para baixo, para o lugar onde estamos conectados a tudo, conectados com amor.

Apenas embaixo - juntos com muitos e todos, embaixo - olhamos para cima, olhamos para frente e, juntos, achamos o caminho para aquilo que nos transcende, infinitamente além de nós. Somente lá encontramos a paz sem a procura, pois somos levados, levados de forma segura, cientes de forma segura.

O que nos distrai dessa procura? Quando procuramos esse conhecimento e essa condução em outro lugar, quando procuramos por outras mãos que nos guiem, quando procuramos por um conhecimento passageiro.

Assim sendo, no final, estamos sozinhos nessa procura e nesse caminho, embora andemos juntos com muitos outros - sozinhos com essa força, com esse espírito, sem procurar por outro conhecimento e outra condução.

Essa procura e essa força nos levam a ações, a ações de amor, a ações que conectam muitas pessoas. Embora estejamos nesse amor, embora estejamos em todo o amor, permanecemos nele somente guiados, amplamente guiados, profundamente guiados, solitariamente guiados, plenamente guiados.

A procura e o encontro tornam-se uma unidade. O amor e o conhecimento tornam-se uma unidade. Aqui a alegria e o sofrimento formam uma unidade. Aqui o tomar e o deixar formam uma unidade - e aqui o início e o fim formam uma unidade, pois tudo permanece.

A benevolência

Ser benevolente com outros é um movimento de amor. Sentimos essa benevolência de diversas maneiras. Por um lado, de ser humano para ser humano, principalmente entre homem e mulher que desejam permanecer juntos por toda vida. A benevolência recíproca une-os de forma feliz.

Também podemos ser benevolentes com aqueles que permaneceram estranhos para nós. A benevolência supera o alheio, sem que tenhamos que transcender essa postura interna de benevolência, por exemplo, indo ao encontro dessas pessoas. A benevolência, por si só, já nos aproxima.

Aprendemos e exercitamos a benevolência de forma abrangente quando entramos em sintonia com os movimentos do espírito que movimenta tudo da maneira como é, que quer tudo da maneira como é, que pensa tudo da maneira como é. Esse espírito é voltado para tudo com benevolência, tal como ele pensa e movimenta.

Quando entramos em ressonância com esses movimentos, quando somos tocados e levados por eles, então também experimentamos, em nós mesmos, a dedicação a tudo como é, com benevolência por tudo.

Essa benevolência é a mesma que existe de ser humano para ser humano? Trata-se de uma benevolência espiritual, uma benevolência em sintonia com os movimentos do espírito.

Essa benevolência é, em primeiro lugar, a concordância com tudo da maneira como é, também com aquilo que causa medo em nós e em outras pessoas. Por isso é, no fundo, a concordância aos movimentos do espírito, da maneira como ele movimenta tudo. Então, essa concordância direciona-se, em primeiro lugar, para esse espírito, da maneira como ele movimenta tudo e, apenas em segundo lugar, em direção àquilo que ele movimenta. Independente do que o espírito movimentar, primeiro olhamos para ele e somente junto com o espírito olhamos para o que ele movimenta. Assim sendo, mantemos uma distância daquilo que ele move, uma distância que renuncia a qualquer intenção própria.

Portanto, a nossa benevolência permanece sem intenções. Deixa tudo e todos onde pertencem, movendo- se na direção para onde encontram e cumprem o seu destino. Ao mesmo tempo, permanecemos também no nosso devido lugar, onde nos movimentamos, onde nosso destino foi determinado e será cumprido, movimentado por esse espírito, da maneira como ele quer.

A expectativa

A expectativa cessa quando permanecemos no momento presente. Pois tudo que esperamos está além do momento presente. A expectativa nos impede de permanecermos neste instante - através da expectativa o perdemos. Perdemos principalmente o que o instante nos presenteia. Ele nos dá mais do que esperamos, pois o que o instante nos oferece nós possuímos de uma maneira segura.

Muitas expectativas são de alegria. Ao mesmo tempo são acompanhadas pelo medo de não se realizarem e da dúvida se serão realizadas da maneira como esperamos. Ambos, alegria e medo nos paralisam, impedem de nos abrirmos para aquilo que está por vir, exatamente da maneira como vem. A expectativa nos compromete com as nossas ideias daquilo que está por vir e para o qual nos preparamos.

Quando permanecemos no momento presente, temos aquilo que é possível agora. E o temos plenamente. Dessa maneira, estamos abertos a surpresas e para aquilo que devemos fazer em seguida. Somente no momento é que uma ou outra coisa se mostra. Somente no momento estamos abertos e preparados para ambos.

O que esperamos, então? Apenas pelo próximo instante. Somente ele nos leva adiante. Ele é aquilo que podemos esperar, com certeza. Esperar, como? De forma centrada e serena - preparados e prontos para ele.

Para frente

O movimento criativo é sempre um movimento em direção a algo novo. Movimenta-se para frente. O amor também se movimenta para frente e a benevolência, também. A compreensão e o

reconhecimento também se movimentam para frente.

Quando nos centramos, também é assim. Podemos apenas nos centrar para frente, em direção àquilo que vem a seguir, para aquilo que realmente vem a seguir, para aquilo que deve ser feito.

O que acontece, então, com o instante? Ele é o agora. Mas, também o agora está adiante de nós e, diante de nós, tanto em relação ao tempo quanto em relação àquilo que está vindo. Pois o que está por vir, vem agora. O agora está na nossa frente e direcionado para o que está vindo.

O que acontece com os nossos sonhos em relação ao futuro e as nossas ideias de como o futuro deve ser? Esse futuro está, de fato, na frente ou está atrás de nós? Pois em que essas ideias se orientam? Estão voltadas para frente de maneira criativa ou alimentam-se de algo passado, de expectativas passadas? Elas estão no caminho daquilo que é realmente criativo, porque nos confinam a algo que pode ter pouco futuro.

Somente o que vem a seguir é novo. Somente aquilo que está na nossa frente, a seguir, solicita-nos de forma criativa.

O que acontece, então, com o passado? O que acontece com aquilo que não foi concluído? O que acontece com aquilo que não deu certo? O que acontece com a culpa e suas consequências? O que acontece se permanecermos com o que já passou? Perdemos o novo, o criativo. Perdemos aquilo que nos leva adiante.

Quando realmente olhamos para frente e movimentamos para frente, aquilo que já passou vem junto. Mas, apenas quando deixamos ser passado, totalmente passado. Pois o próximo é o lugar onde também o passado quer chegar. Quer ir para frente.

Leve

O espiritual é sobretudo amplo e leve. Os movimentos do espírito também são leves, quando entramos em sintonia com eles. Liberam-nos daquilo que nos puxa para baixo, principalmente daquilo que nos leva para o nosso passado.

Para que passado? Somente para o nosso passado pessoal? Ou também para o passado dos nossos pais e nossos ancestrais? Talvez também para o passado de nossas vidas anteriores, como se esse passado não estivesse passado ainda? Ou também nos levam para o passado de todos os seres humanos e para o passado das pessoas com quem entramos num relacionamento, num relacionamento intenso e próximo ou, num relacionamento hostil e distante, que nos afasta de nós mesmos?

Os movimentos do espírito levam todo passado junto. Estão em sintonia com todo passado, da maneira como foi, também com o nosso. Porém, juntamente com todos os outros passados. Nos movimentos do espírito, todo passado é certo da maneira como foi. Nesses movimentos, todo passado é ao mesmo tempo inacabado, por continuar em movimento com eles. Nesse movimento - esta é a minha imagem - todo passado torna-se leve, pois continua em movimento. O passado torna-se leve também para nós, é permitido ser leve para nós.

Como se torna leve para nós? Se permanecermos no movimento do espírito, em um movimento que continua, que está sempre direcionado para frente.

Para onde, na frente? Para a sintonia com todos que são movimentados para frente, junto conosco. Movimentados para quê? Para a sintonia com o amor do espírito em relação a cada pessoa, da maneira como é, com o seu passado da maneira como foi e com sua realização, independente de como seja. Essa realização espiritual é leve, já agora, é leve. Por quê? Por ser amor, amor puro, já agora, o amor do espírito em tudo.

O que mais nos torna leves? O que foi grande em nosso passado, a grandeza do passado dos nossos pais e ancestrais, a grandeza do passado das nossas vidas anteriores e a grandeza do passado de toda humanidade. Também nos deixa leves a grandeza do passado das pessoas com quem temos um relacionamento, tanto um relacionamento intenso e próximo como um distante e hostil. Essa grandeza também é levada para o movimento do espírito, para o nosso futuro em comum e já agora nos deixa concluídos e leves em sua plenitude, em sintonia com o movimento do espírito.

A sintonia

Entramos em sintonia com um movimento direcionado para frente, contínuo. Portanto, nós também nos movimentamos para frente com ele, afastando-nos de algo que deixamos para trás, de algo que já passou. Nessa sintonia atingimos a calma, porém uma calma que está em movimento. Nós ficamos calmos, porque dentro desse movimento somos bem sucedidos em algo. Somos bem sucedidos por acompanharmos esse movimento, mais precisamente, por sermos levados por ele.

Nem sempre experimentamos essa sintonia, pois frequentemente aquilo para onde a sintonia nos leva causa- nos medo. Para permanecermos em sintonia, necessitamos de toda nossa coragem. A sintonia nos solicita uma total entrega e todo amor, o amor por tudo da maneira como é.

Na sintonia nós nos tornamos altruístas e totalmente puros. Na sintonia estamos unidos a tudo da maneira como é. Na sintonia tudo vem ao nosso encontro da maneira como é. Abre-se para nós e modifica-se para nós, por estarmos em sintonia com isso. Somente no momento em que entramos em sintonia com o movimento do espírito no outro também entramos em sintonia com o movimento do espírito em nós.

Estar aqui

O que é isso? Tudo está aqui. Quando esteve aqui? O que está aqui agora, já esteve aqui alguma vez antes? Tudo que foi ainda está aqui? Se eu pensar no que foi, isso está de uma forma diferente? E eu estou aqui de maneira diferente, se pensar no que foi? Estou aqui de forma diferente porque estou aqui junto com tudo que foi e porque aquilo que foi está comigo, ao mesmo tempo, exatamente da maneira como foi? Ou seja, algo dentro de mim se modifica porque aquilo que foi pode ser como foi, e eu estou presente com aquilo da maneira como foi? Então, está aqui comigo, ao mesmo tempo, da maneira como foi, sem o pensamento ou o desejo de ser ou tornar-se diferente? Em outras palavras, que nada pode ser modificado nele? Que, então, nada pode ser modificado nele somente porque de repente aquilo está aqui para mim, exatamente como é, exatamente como foi?

Para a minha experiência e minha existência faz uma grande diferença quando me experimento com tudo ao mesmo tempo, da maneira como foi. Assim entro na minha plenitude sem ter que agir, simplesmente porque eu sinto e sei, e sei que existo aqui juntamente com tudo.

Talvez também faça uma diferença, para aquilo que esteve aqui, que eu esteja aqui exatamente como sou, sabendo que estou aqui com ele ao mesmo tempo, e que pode participar da minha presença, apenas porque eu estou igualmente presente. Ou seja, que tudo que foi se experimenta como mais rico e maior pelo simples fato de eu também estar aqui, sem que algo mude nele ou em mim.

A nossa existência torna-se mais rica, na medida em que tudo pode estar aqui da maneira como foi, na medida em que tudo pode sempre estar presente da maneira como foi e que nós também podemos estar aqui para tudo, da maneira como somos - apenas estarmos presentes juntos com tudo. Como presentes, juntos? Com amor por tudo como foi e continua sendo para nós.

O que isso tem a ver com as Constelações familiares espirituais? Nas Constelações familiares espirituais, mostra-se que tudo que antes não podia estar presente, agora pode estar aqui, exatamente assim como foi e assim como é. Pode estar aqui junto conosco, assim como somos.

Quando tudo pode estar presente da maneira como foi e como é, nós experimentamos isso como plenitude.

Algumas vezes falta alguma coisa para que algo possa estar presente plenamente e da maneira como é. Falta chorarmos por aquilo que nos separou, falta chorarmos pelo trágico que nos separou. Mas, devemos chorar sem lamentar. Choramos apenas com amor, acordados e presentes, totalmente presentes.

A consciência

Quem tem consciência? Tudo tem consciência, principalmente tudo que vive. Sem consciência não se saberia o que é necessário para permanecer vivo e para passar a vida adiante. Mas essa consciência se estende para além da vida isolada de uma pessoa, pois sabe de que forma cada ser vivo está conectado a outro ser vivo, mutuamente conectado, de maneira que todos se mantêm em vida reciprocamente e

estimulam as suas vidas. Mas, nem tudo que vive tem consciência de possuir essa consciência. Mesmo assim, comporta-se como se tivesse consciência.

Onde, então, encontra-se essa consciência? Pode estar em cada ser vivo individual? Ou a consciência dos seres vivos é movimentada e conduzida por uma outra consciência, de maneira que eles sejam levados para determinados objetivos junto com vários outros seres vivos? Objetivos que permanecem inconscientes ao ser vivo individual, aos quais, porém, ele serve como se tivesse consciência deles.

Dizemos que o ser humano possui consciência. Ele tem consciência de que possui uma consciência. Mas a sua consciência difere significativamente da consciência dos outros seres vivos? Ele não é igualmente, em grande parte, movido e conduzido por uma consciência que não percebe conscientemente, mesmo que ele frequentemente se comporte e tenha que se comportar como se tivesse consciência dela?

Quanto ele sabe sobre a sua consciência? Até que ponto ele é capaz de se conectar conscientemente com essa consciência e conduzi-la como se fosse a sua consciência? Para onde será conduzido, comportando-se como se fosse a sua própria consciência e como se tivesse na mãos os movimentos essenciais da sua vida? Logo percebe que sua consciência pessoal é limitada e que, permanecendo a sós com ela, talvez perderá algo essencial da vida.

Onde, então, encontra-se a consciência essencial onde se encontra a consciência abrangente? Somos tomados por ela e de tal forma que temos consciência dela, Mas, sabemos que ela vai para além de nós. Tanto, que a experimentamos como infinita, infinita no sentido que nos leva para um domínio onde nossa consciência falha.

Que tipo de domínio é esse? É um domínio espiritual. Por essa única razão, já é infinito para nós. É um domínio criativo, pois tudo que existe é pensado de modo criativo. Isso significa que é pensado tal como está aqui, exatamente da maneira como é pensado. Tudo que existe vem de uma consciência ilimitada, de uma consciência infinita, embora esteja presente para nós.

Para onde, então, leva-nos o nosso caminho quando temos consciência dessa consciência? Nós vamos juntos com essa consciência da maneira como nos pensa e nos move. Vamos juntos conscientemente com essa consciência, entregando-nos a ela até que experimentemos uma unidade com ela, em todos os sentidos.

O que isso significa para o nosso dia a dia? O que significa para o nosso amor? O que significa o que nós estamos fazendo?

Nós vamos junto com tudo da forma como acontece, despreocupados, pois em todos os momentos experimentamos ser levados por essa consciência, todo o tempo. Também vamos junto, despreocupados com o que acontece com os outros e com o que acontece com o mundo, pois temos consciência de que tudo está sendo movimentado por essa consciência, exatamente assim como é. Conscientemente vamos junto com essa consciência, vamos criativamente com essa consciência e somos criativamente movidos por ela.

Então, continuamos sendo nós mesmos? Somente nessa maneira consciente de ir junto com essa consciência tornamo-nos realmente conscientes de nós mesmos, de como somos movidos por essa consciência, movidos em tudo.

Existe alguma coisa além dessa consciência? Pode existir mais alguma coisa, independente dela? No final, percebemos que para nós resta apenas uma coisa que permanece completa: essa consciência.

O que, então, significa "Constelações familiares espirituais"? Significa permanecer em sintonia com essa consciência, em nós e nos outros. Em sintonia com os movimentos dessa consciência, assim como se mostram em nós e nos outros, e somente na extensão em que se mostram.

O que, então, no final, é importante nas Constelações familiares espirituais? Que tomemos consciência de algo, da maneira como é movido por essa consciência: movido corretamente para nós, movido de forma criativa, movido em sintonia com tudo, movido com amor, movido com o amor dessa consciência e, assim, com o amor por tudo e por todos, como é movido por essa consciência.

A união

Uma união liga. Por exemplo, a união para a vida entre o homem e a mulher. E em várias situações nós também nos sentimos ligados a outros com amor, por exemplo, aos nossos pais e a nossa família. E em alguns casos, nos aliamos a outros como uma associação para realizarmos uma tarefa em comum.

Às vezes, nós também nos unimos contra outras pessoas. A aliança contra outras pessoas termina quando fazemos as pazes com elas, quando nos unimos a elas numa aliança de paz. Então, ao invés de estarmos contra o outro como antes, agora estamos a favor do outro.

A pergunta é: estamos em união também conosco mesmos? Estamos em união com o nosso corpo? Estamos em união com os nossos pais? Estamos em união com o destino que nos cabe? E, principalmente, estamos unidos àqueles dos quais nós ou a nossa família queriam se livrar, àqueles que nós e a nossa família queriam esquecer e esqueceram? Estamos unidos àqueles que nós ou a nossa família mantinham em segredo? Ainda estamos unidos àqueles a quem devemos algo importante, por exemplo, antigos parceiros, professores ou pessoas que nos ajudaram em situações de perigo ou doença?

Quando assumimos isso, sentimos o quanto algo nos falta, o quanto eles nos fazem falta, o quanto nós talvez façamos falta a eles, por não estarmos mais unidos a eles, unidos com amor, gratidão, tristeza e arrependimento. De repente, percebemos como somos sozinhos sem eles.

Que podemos fazer para restabelecermos a união, pelo menos em pensamento e no coração? Abrimos o nosso coração para eles, com amor.

As vezes isso é difícil para nós, especialmente quando nos sentimos culpados ou em dívida com eles. Como podemos restaurar a união com eles?

Reconhecendo que aqueles que excluímos ou deixamos de fora dessa união continuam fazendo parte de nós e nós deles. Além disso, é esse reconhecimento que restaura a união. Através desse reconhecimento, de repente, nos sabemos mais ricos, mais redondos e mais inteiros.

As Constelações familiares têm sucesso onde acontece a união com os excluídos e os esquecidos, trazendo- os de volta para nosso grupo de convivência - e nós para o deles. Às vezes isso é impedido pelo fato do condutor da constelação também negar a união com os excluídos. Por exemplo, quando ele e o cliente fecham os olhos àqueles que esperam ser trazidos de volta para a aliança ou quando o ajudante se recusa a olhar para as pessoas que o cliente prejudicou.

A maneira mais fácil de restabelecer e consolidar a união destruída é através das Constelações familiares espirituais, pois elas caminham com um movimento do espírito que movimenta todos com amor, na mesma medida. Portanto, a união essencial e que permanece é uma união do espírito. Renova os laços com tudo que nos pertence, em sintonia com o seu reconhecimento e sua atenção, voltados para todos na mesma medida. Essa é uma ligação que ninguém pode romper, como se tivesse o direito e o poder para fazer isso, pois mesmo a união rompida permanece inteira e sagrada para o amor do espírito.

O que, então, nos conecta profundamente com todos aqueles com quem estamos e fomos unidos, através da nossa vida? Esse outro amor abrangente e humilde. A nossa união com esse espírito, com o seu amor e o nosso amor por todos e tudo, da maneira como é, sustentado e inspirado por esse espírito é uma união de amor.

O que faz adoecer nas famílias e o que cura

Nota preliminar

Este capítulo descreve o desenvolvimento das compreensões sobre os panos de fundo da nossa história familiar, que nos fazem adoecer ou bloqueiam o caminho da cura.

Nos primórdios, pudemos observar os movimentos da consciência pessoal e do amor de vínculo na alma e as suas consequências para a saúde e a doença, como vimos e experimentamos através das Constelações familiares. O primeiro capítulo trata deste assunto: o amor que adoece e o amor que cura.

Essas compreensões permanecem dentro do alcance da consciência, deparando-se logo com seus limites. Somente as compreensões sobre os movimentos do espírito, que movimentam todos da mesma maneira, não importando quais sejam seus destinos, tomando todos a seu serviço, fazem com que a saúde e a doença se apresentem sob uma luz diferente. Os movimentos do espírito conduzem a soluções que não podem ser alcançadas ou compreendidas dentro dos limites da consciência.

A segunda parte deste capítulo trata dessas soluções: doença e saúde, do ponto de vista espiritual. Mostra a extensão dos nossos emaranhamentos e o que nos conduz a eles. Trata-se principalmente da violação do direito de pertencer, que é igual para todos, que acontece através da exclusão de alguém que precisa pertencer e do desrespeito à lei da hierarquia, quando um membro do grupo se posiciona acima daqueles que chegaram antes e que têm precedência.

Apresentarei alguns exemplos sobre panos de fundo de doenças graves, como eles vêm à luz através das Constelações familiares espirituais e descreverei caminhos para a cura.

O amor que adoece e o amor que cura

Muitas pessoas acreditam que através de uma doença ou da própria morte podem assumir o sofrimento ou a culpa de um outro membro familiar. Ficam doentes, têm acidentes e até se suicidam porque sentem saudades dos membros familiares falecidos e querem unir-se a eles através da própria morte. As observações e compreensões feitas através das constelações, que relatarei a seguir, ajudam a desvendar tais ideias que provocam doenças e a superá-las de forma curativa.

O vínculo e suas consequências

Todos os membros familiares são inexoravelmente ligados pelos laços de destino. O laço de destino mais forte é entre pais e filhos. Atua também de maneira forte entre irmãos e entre homem e mulher. Um vínculo especial surge em relação àqueles que cederam lugar a outros membros familiares e particularmente forte em relação àqueles que tiveram um destino difícil; por exemplo, o vínculo dos filhos de um segundo casamento com a primeira mulher do pai, que morreu no parto.

Semelhança e compensação

O vínculo faz com que os membros familiares posteriores e mais fracos queiram segurar os membros familiares anteriores e mais fortes para que não partam ou pretendam segui-los, se já partiram.

Além disso, o vínculo atua de uma forma que aqueles que possuem alguma vantagem queiram assemelhar-se àqueles que estão em desvantagem. Por exemplo, filhos saudáveis querem se tornar doentes como seus pais, e membros familiares inocentes posteriores querem se tornar culpados como seus pais ou ancestrais. Esse vínculo atua de uma forma que os saudáveis sentem-se responsáveis pelos doentes, os culpados, pelos inocentes, os felizes, pelos infelizes e os vivos, pelos mortos.

Assim, muitas vezes aqueles que têm alguma vantagem em relação a outros estão dispostos a arriscar e renunciar à sua saúde, inocência, felicidade e sua vida em favor da saúde, inocência, felicidade e da vida de outros. Eles esperam que, renunciando à sua própria felicidade e à sua própria vida, possam salvar e assegurar a felicidade e a vida de outros dentro dessa comunidade de destino. Frequentemente esperam ainda que, através do seu sacrifício, possam recuperar e restabelecer a vida e a felicidade de outros membros familiares, mesmo que essas pessoas já tenham partido há muito tempo.

Existe, então, na comunidade de destino da família e do clã familiar uma necessidade irresistível - baseada no vínculo e no amor de vínculo - de compensação entre a vantagem de alguns e a desvantagem de outros, entre a inocência e a felicidade de alguns e a culpa e a infelicidade de outros, entre a saúde de alguns e a doença de outros e entre a morte de alguns e a vida de outros. Em razão dessa necessidade, se uma pessoa foi infeliz, uma outra também quer ser infeliz; se uma ficou doente ou se sente culpada, uma outra, saudável ou inocente, também fica doente ou se sente culpada; e se uma morreu, outra, próxima a ela, também deseja morrer.

Portanto, dentro dessa estreita comunidade de destino, o vínculo e a necessidade de compensação levam ao equilíbrio e à participação na culpa e na doença, no destino e na morte de outros. Levam à tentativa de pagar pelo bem-estar do outro com o próprio infortúnio, pela saúde do outro com a própria doença, pela inocência do outro com a própria culpa e pela vida do outro com a própria morte.

A doença segue a alma

Como essa necessidade de equilíbrio e compensação anseia pela doença e pela morte, a doença segue a alma. Assim, no processo de cura necessita-se, além dos cuidados médicos, de cuidados para a alma. O médico pode reunir ambos ou uma outra pessoa pode apoiar o trabalho dele, ocupando-se da alma do cliente. Mas, enquanto o médico se esforça por curar a doença pelo tratamento ativo, o assistente da alma fica mais recolhido, pois com assombro se defronta com forças com as quais não tem a presunção de medir-se. Assim, em sintonia com essas forças, esforça-se para reverter o destino difícil, agindo mais como seu aliado do que como inimigo. Vou dar um exemplo.

"Antes eu do que você"

Num grupo de hipnoterapia, uma mulher com esclerose múltipla viu-se como criança, ajoelhada diante

da cama de sua mãe paraplégica e lembrou-se de que naquela época havia decidido: "Querida mamãe, antes eu do que você." Para os participantes do grupo foi comovente testemunhar o quanto uma criança ama os seus pais e como a jovem mulher estava em paz consigo mesma e com seu destino. Uma participante, porém, não conseguindo suportar a profundidade desse amor que se dispunha a assumir, em lugar da mãe, a doença, o sofrimento e a morte, disse ao condutor do grupo: "Gostaria tanto que você pudesse ajudá-la."

O condutor do grupo ficou consternado, pois como alguém poderia ousar tratar o amor de um filho como se fosse algo ruim? Ele não insultaria a alma da criança e pioraria seu sofrimento, ao invés de amenizá-lo? A criança não iria ocultar ainda mais seu amor pela mãe e não se apegaria ainda mais à sua esperança e à decisão tomada num determinado momento de salvar a mãe querida, através do sofrimento próprio?

Mais um exemplo. Uma mulher jovem, que sofria igualmente de esclerose múltipla, colocou dentro do grupo, a sua família de origem e a rede de relações que nela atuava. A mãe estava à direita do pai. Diante deles, ficou a paciente, que era a filha mais velha; à sua esquerda, seu irmão seguinte, que morreu aos quatorze anos de insuficiência cardíaca e, mais à esquerda, um pouco mais afastado, o irmão mais novo.

O condutor do grupo pediu ao representante do irmão morto que saísse da sala, o que numa constelação significa morrer. Assim que ele saiu, o rosto da representante da filha imediatamente iluminou-se, e era óbvio que sua mãe também se sentia mais confortável. Como o condutor observara que os representantes do pai e do filho mais novo se sentiam atraídos para fora, pediu que ambos também deixassem a sala. Quando todos os homens saíram - significando que estavam mortos - a mãe endireitou-se, triunfante. Ficou claro que era ela quem queria realmente morrer - fossem quais fossem os seus motivos -, e se sentia aliviada porque os homens de sua família estavam prontos e dispostos a assumir a morte, no seu lugar.

Então o condutor do grupo chamou os homens de volta e fez com que a mulher saísse. De repente, todos se sentiram livres da pressão de tomar o destino da mãe e ficaram bem.

Entretanto, o condutor do grupo suspeitava que a esclerose múltipla da filha estivesse relacionada ao desejo da mãe de morrer. Por isso chamou a mãe de volta, posicionou-a do lado esquerdo do pai e a filha ao lado da mãe.

Ele disse à filha para olhar para a mãe e lhe dizer, com amor: "Mamãe, eu faço isso por você!" Quando disse isso, seu rosto ficou radiante. O significado e a finalidade de sua doença ficaram claros para todos.

Portanto, o que o médico ou um assistente da alma tem o direito de fazer aqui e o que deve evitar?

O amor que sabe

Frequentemente tudo que um ajudante ciente pode e deve fazer é trazer à luz o amor da criança. Não importa o que a criança tiver assumido em nome desse amor, ela sabe estar em sintonia com a sua consciência e sente-se nobre e boa. Quando, entretanto, com o auxílio de um ajudante sensato o amor da criança pode vir à luz, também torna- se claro para ela que o objetivo desse amor nunca pode ser atingido. Pois, trata-se de um amor que tem a esperança de poder salvar a pessoa amada através dos seus sacrifícios, protegê-la do sofrimento, expiar a sua culpa e salvá-la da desgraça. Frequentemente, ainda tem esperança de trazer de volta uma pessoa amada, do reino dos mortos.

Entretanto, quando esse amor infantil é trazido à luz, talvez essa criança - agora adulta - perceba que não pode superar a doença, o destino e a morte do outro através do seu amor e dos seus sacrifícios, mas que deve se expor a eles, impotente e corajosamente e concordar com tudo assim como é.

Quando os objetivos do amor infantil e os meios para atingi-los são trazidos à luz ficam decepcionados, pois fazem parte de uma imagem mágica do mundo que não tem substância diante do conhecimento de um adulto. Mas o amor propriamente dito permanece. Trazido à luz, ele procura por caminhos que trarão bons resultados. Então, o mesmo amor que causou a doença procura agora por uma outra solução, uma solução ciente, anulando, se ainda for possível, aquilo que causa a doença. Aqui os médicos e outros ajudantes talvez possam apontar direções. Porém somente se o amor da criança for considerado e reconhecido por eles, para que possa se dirigir a algo novo e maior.

"Eu por você"

Frequentemente reconhecemos como causa anímica de uma doença mortal a decisão da criança perante uma pessoa amada: "Antes desapareça eu do que você".

Na anorexia a decisão é: *"Antes desapareça eu do que você, querido papai*."

No nosso exemplo sobre a esclerose múltipla a decisão era: *"Antes desapareça eu do que você, querida mamãe.* "

Uma dinâmica semelhante acontecia antigamente com a tuberculose. Essa dinâmica está presente também no suicídio ou no acidente fatal.

"Mesmo que você vá, eu fico"

Quando essa dinâmica se revela numa conversa com o enfermo, qual seria a solução que ajuda e cura? Como acontece com toda boa descrição de um problema, a solução já está contida na descrição e atua através dela. A solução começa quando se traz à luz a frase que faz adoecer, e o paciente diz, com toda a força desse amor que move, à pessoa amada: *"Antes desapareça eu do que você".* É importante que a frase seja repetida tantas vezes quanto forem necessárias até que o cliente perceba e reconheça a pessoa amada como alguém que está diante dele e que, portanto, apesar de todo o amor, é uma pessoa autônoma e separada dele. Caso contrário a simbiose e a identificação permanecem, fracassando a diferenciação e a separação, responsáveis pela cura.

Quando se consegue dizer amorosamente essa frase, estabelece-se um limite tanto em relação à pessoa amada quanto ao próprio eu e separa-se o destino próprio do destino da pessoa amada. A frase não apenas nos força a ver o nosso próprio amor, mas também o amor da pessoa amada. Ela nos força a reconhecer que aquilo que a pessoa que ama quer fazer, no lugar da pessoa amada é um peso para ela, muito mais que uma ajuda.

Então é o momento de dizer à pessoa amada uma segunda frase: *"Querido papai, querida mamãe, querido irmão, querida irmã* - ou quem quer que seja - *mesmo que você vá, eu fico."* Às vezes, principalmente quando a frase se dirige ao pai ou à mãe, o paciente ainda acrescenta: *"Querido papai, querida mamãe, abençoe-me, mesmo que você vá e eu ainda fique.*"

Vou ilustrar com um exemplo.

O pai de uma mulher tinha dois irmãos deficientes: um era surdo e o outro psicótico. Ele se sentia atraído por seus irmãos e, por lealdade a eles, desejava partilhar seu destino, pois não suportava a própria felicidade em face da infelicidade deles. Mas sua filha percebeu o perigo e saltou na brecha. Ela colocou-se no lugar do pai, ao lado dos irmãos dele, e em seu coração, disse ao pai: *"Querido papai, antes desapareça eu, e me junte aos seus irmãos, do que você"* e " *Querido papai, antes partilhe eu a infelicidade com eles, do que você.*" E tornou-se anoréxica.

O que, porém, seria a solução para ela? Teria que pedir aos irmãos do pai, mesmo que só internamente: *"Por favor, abençoem meu pai, se ele fica conosco; e me abençoem, se fico com meu pai."*

"Eu sigo você"

Por trás do desejo de partir do pai e da mãe, que o filho procura impedir através da frase: *"Antes eu do que você",* existe frequentemente nos pais uma outra frase. Eles a dizem, como filhos, a seus próprios pais ou irmãos, quando estes morreram cedo, contraíram uma longa doença ou ficaram inválidos. A frase é: *"Eu sigo você",* ou mais precisamente: *"Eu sigo você em sua doença"* ou *"Eu sigo você para a morte*."

Portanto, na família a frase que atua primeiro é: *"Eu sigo você",* que é também uma frase infantil. Mais tarde, porém, quando essas crianças, por sua vez, se tornam pais, seus filhos impedem que a executem e então dizem: *"Antes eu do que você."*

"Eu ainda vivo mais um pouquinho"

Quando a frase "Eu sigo você'[1] vem à luz como o quadro de fundo de doenças graves, acidentes fatais ou tentativas de suicídio, a solução que ajuda e cura consiste em que o filho afirme a frase, com toda a

força do amor que o move, olhando nos olhos da pessoa amada: "Querido papai, querida mamãe, querido irmão, querida irmã - ou seja quem for -, eu sigo você." Aqui também é importante que a frase seja repetida tantas vezes quantas forem necessárias, até que a pessoa amada seja percebida e reconhecida como uma pessoa autônoma que, apesar de todo o amor, separada do próprio eu. Então o filho reconhece que o seu amor não supera os limites que o separam do ente querido e que precisa deter-se diante desses limites. Aqui a frase também o força a reconhecer tanto o próprio amor quanto o da pessoa amada e a compreender que essa pessoa carrega e realiza melhor o seu destino quando ninguém a segue, muito menos o seu próprio filho.

Então o filho também pode dizer ao morto querido também uma segunda frase, que realmente dispensa e libera da obrigação do seguimento funesto: *"Querido papai, querida mamãe, querido irmão, querida irmã* - ou seja quem for - *você está morto, eu ainda vivo mais um pouquinho, depois morrerei também. "*Ou ainda: *"Eu realizo a vida que me foi dada, enquanto durar e, então, também morrerei."*

Se o filho vê que um dos seus pais quer seguir na doença e na morte alguém de sua família de origem, então deve dizer: *"Querido papai, querida mamãe, mesmo que você vá, eu fico."* Ou: *"Mesmo que você vá, eu honro você como meu pai e eu honro você como minha mãe. Você será sempre meu pai e você será sempre minha mãe" ou,* se um dos pais tiver se suicidado: *"Eu me curvo diante de sua decisão e diante de seu destino. Você sempre será o meu pai e você será sempre a minha mãe; e eu serei sempre o seu filho*."

A esperança que faz adoecer

As duas frases "Antes eu do que você" e "Eu sigo você" são ditas e realizadas com a consciência tranquila e a certeza total da inocência. Ao mesmo tempo, correspondem à mensagem cristã e ao modelo cristão, por exemplo, à palavra de Jesus no Evangelho de São João: "Ninguém tem maior amor do que quem dá a vida por seus amigos", e o apelo a seus discípulos para segui-lo, em sua via-crúcis, até a morte.

O doutrina cristã da redenção através do sofrimento e da morte e o exemplo dos santos e heróis cristãos confirmam a fé e a esperança da criança de poder assumir no lugar de outros a sua doença, o seu sofrimento ou a sua morte. Ou ainda que pode, pagando a Deus e ao destino na mesma moeda, salvar outros do sofrimento através de seu próprio sofrimento e doença, e resgatá-los da morte, morrendo no seu lugar. Ou ainda que pode, se a salvação não é possível nesta terra, reencontrar seus entes queridos através de sua própria morte.

O amor que cura

Quando existem tais emaranhamentos, a cura e a salvação ultrapassam os limites da simples intervenção média e terapêutica. Elas exigem uma realização religiosa, uma conversão a algo maior que vá além do pensamento mágico e do desejo mágico, desmascarando o seu poder. Algumas vezes, o médico ou outro ajudante pode preparar e apoiar um tal ato. Mas este não está em seu poder, não segue um método, não é causa e efeito. Este ato, quando é bem-sucedido, exige o máximo respeito e é experimentado como uma graça.

A doença como expiação

Uma outra dinâmica que conduz a doenças, acidentes e ao suicídio é o desejo de expiar uma culpa.

Às vezes, eventos que foram inevitáveis e determinados pelo destino são percebidos como culpa, por exemplo, um aborto espontâneo, uma deficiência ou a morte precoce de uma criança. Nesses casos, o que ajuda é olhar os mortos com amor, expor-se à dor e deixar em paz o que passou.

Se, por obra do destino, acontece alguma coisa que causa dano a outros e proporciona a alguém alguma vantagem ou a salvação e a vida, isso é experimentado também como culpa; por exemplo, a morte da mãe no nascimento de um filho.

Porém, existe também a culpa verdadeira, de responsabilidade pessoal, por exemplo, quando alguém, sem necessidade, entregou ou abortou uma criança ou quando exigiu de outros ou lhes causou algo de grave.

Muitas vezes a culpa fatídica ou pessoal deve ser paga através da expiação, pagando com danos próprios pelos prejuízos infligidos a outros. Com isso, pretende-se "abater" a culpa com a expiação e,

dessa forma, estabelecer o equilíbrio.

Esses processos expiatórios, mesmo sendo extremamente nocivos para todos os envolvidos, são também incentivados por doutrinas e exemplos religiosos, através da crença de que o pecado e a culpa são redimidos através da autopunição e da dor.

A compensação através da expiação traz um sofrimento duplo

A expiação satisfaz a nossa necessidade de compensação. Porém o que realmente se alcança, quando se busca essa compensação através de doenças, de acidentes ou da morte? Nesse caso, haverá dois prejudicados, ao invés de um, ou dois mortos, e não apenas um. Pior ainda: para as vítimas da culpa, a expiação duplica o dano e a infelicidade, pois a sua desgraça alimentará uma outra desgraça, seu dano provocará novos danos e sua morte acarretará outra morte.

Devemos ainda considerar outra coisa. A expiação é barata, como o pensamento mágico e a ação mágica. Dentro dessa ótica, a salvação de outros acontece somente através do próprio sofrimento, bastando o próprio infortúnio para a sua salvação. Somente o sofrimento e a morte devem bastar, sem que o relacionamento seja visto, sem que o outro seja visto, sem que a dor pela sua infelicidade seja sentida e sem o seu consentimento e sua bênção para o que deve ser feito.

Na expiação, retribui-se também com a mesma moeda. Também aqui a ação é substituída pelo sofrimento, a vida pela morte e a culpa pela expiação, como se somente o sofrimento e a morte bastassem, dispensando dessa forma a ação e trabalho. Assim, quando as frases: "Antes eu do que você" e " Eu sigo você" são consumadas, a desgraça, o sofrimento e a morte aumentam, o mesmo ocorrendo com a expiação realizada.

Um filho cuja mãe faleceu no parto sente-se permanentemente culpado diante dela, porque ela pagou pela vida dele com a própria morte. Se o filho tenta expiar por essa culpa vivendo mal, recusando-se a tomar a vida também pelo preço da morte da mãe ou se suicidando, como expiação, a desgraça da mãe é duplamente grave. O filho não toma a vida que a mãe lhe deu, e seu amor e sua disposição de lhe dar tudo não são respeitados. Sendo assim, a sua morte foi em vão, pior ainda, em vez de vida e felicidade trouxe uma nova desgraça pois, ao invés de uma morte, aconteceram duas.

Se quisermos ajudar um filho nessa situação, devemos estar cientes de que, além do desejo de expiação, ele tem também outro desejo: "Antes eu do que você" ou "Eu sigo você". Assim, só poderemos lidar positivamente com o desejo nefasto de expiação, curando-o, se conseguirmos também a solução positiva com essas duas frases.

A compensação através do tomar e da ação reconciliadora

Qual seria a solução apropriada para esse filho e para a sua mãe? Ele precisa dizer: *"Querida mamãe, já que você pagou um preço tão alto pela minha vida, que isso não tenha sido em vão. Eu farei algo da minha vida, em sua memória e em sua homenagem. "*

Nesse caso, então, o filho precisa agir, produzir e viver, em vez de sofrer, fracassar e morrer. Agindo assim, a criança ficará muito mais estreitamente ligada à mãe do que seguindo-a no sofrimento e na morte.

Quando o filho desaparece, em simbiose com a mãe, está ligado a ela de modo cego e inconsciente. Quando porém, em memória da mãe e da sua morte, realiza algo proveitoso, quando toma sua vida, passando-a adiante para outros, liga-se à mãe de modo totalmente diferente e vê-se amando, na presença dela: Pois, quando toma e realiza sua vida de modo tão ativo, vê a mãe diante dos olhos e a leva no coração. Desse modo, a bênção e a força fluem da mãe para o filho, pois ele faz de sua vida algo de especial.

Em oposição à compensação através da expiação, que é apenas uma compensação pela fatalidade, pelo sofrimento e pela morte, essa seria uma compensação pelo bem. Diversamente da compensação pela expiação, que é um recurso barato, que tira e prejudica sem reconciliar, a compensação pelo bem é muito cara. Porém traz bênção, atuando de uma forma que leva a mãe e o filho a se reconciliarem com seus destinos. Pois o bem que esse filho realiza em memória de sua mãe acontece através dela. Através do filho ela participa desse bem e assim continua a viver e a atuar.

Essa compensação segue a compreensão de que nossa vida é única e que, à medida que passa, cria espaço para os próximos e que, apesar de já ter passado, nutre a vida presente.

A expiação é um substitutivo para a relação

Através da expiação, evitamos expor-nos ao relacionamento, pois através dela tratamos a culpa como uma coisa, pagando por um dano com algo que também nos custa. Porém, o que uma expiação consegue quando tratei injustamente um ser humano, causei sua infelicidade, danos irreversíveis ao seu corpo, sua alma e sua vida? Buscar alívio pela expiação, prejudicando a mim mesmo, é algo que só posso fazer quando perco de vista a outra pessoa. Pois, quando a tenho diante dos olhos, preciso reconhecer que pretendo anular pela expiação algo que preciso ser feito.

Isso deve igualmente ser considerado no caso de uma culpa que envolve responsabilidade pessoal. Frequentemente, para expiar por um aborto ou pela perda de um filho, uma mãe contrai uma doença grave ou termina o relacionamento com o pai da criança, renunciando a um novo relacionamento. A expiação por uma culpa pessoal também se realiza de forma inconsciente, mesmo que seja conscientemente negada ou explicada.

Algumas vezes, junto com a necessidade de expiação, as mães sentem o desejo de seguir a criança morta, da mesma forma como um filho deseja seguir a mãe morta. Mas uma criança que morreu por culpa da mãe também pode estar dizendo: "Antes eu do que você." Nesse caso, se a mãe adoece e morre como expiação, a morte da criança, por amor à mãe, terá sido inútil.

Também no caso da culpa pessoal, a solução é substituir a expiação por uma ação reconciliadora. Isso acontece quando se olha nos olhos a pessoa a quem se fez algo injusto ou de quem se exigiu algo de mau - por exemplo, quando a mãe olha nos olhos de uma criança abortada ou o pai olha sua criança negada ou abandonada, e diz: "*Eu sinto muito"* e *"Agora eu lhe dou um lugar no meu coração"* e *"Eu reparo isso, na medida em que posso repará-lo."* e *"Você terá parte no bem que eu fizer em sua memória e com você diante dos meus olhos.*" Desse modo, a culpa não terra sido em vão, pois o bem que a mãe - ou seja lá quem for - realiza em memória dessa criança, acontece com a criança e através dela. Ela participa do bem e permanece por algum tempo conectada com a mãe e suas ações.

Na Terra, a culpa passa

Devemos considerar algo mais em relação à culpa: ela passa e precisa passar. Na Terra, a culpa é transitória. Como tudo nela, também passa, depois de algum tempo.

A doença como expiação substitutiva

Muitas vezes a culpa e a expiação também são assumidas na família ou no clã. Um filho ou um parceiro também pode dizer: "Antes eu do que você", assumindo a culpa e as suas consequências, quando outros se recusam a isso.

Num grupo, uma mãe relatou que se recusara a acolher a sua mãe idosa, colocando-a em um asilo. Na mesma semana uma de suas filhas ficou anoréxica, vestiu-se de preto e passou a visitar um asilo, duas vezes por semana, para cuidar de pessoas idosas. Mas ninguém, nem sequer a própria filha, viu essa conexão.

A doença como consequência da recusa de tomar os pais

Uma outra postura que leva a doenças graves é a recusa da criança em tomar amorosamente seus pais e em honrá-los como seus pais. Há doentes de câncer, por exemplo, que preferem morrer a se curvar diante de sua mãe ou de seu pai.

Honrar os pais

Honrar os pais significa tomá-los e amá-los como eles são, e honrar a vida significa tomá-la e amá-la como ela é: com início e fim, saúde e doença, inocência e culpa. Isso, porém, constitui propriamente o ato religioso, denominado, antigamente, devoção e adoração. Nós o experimentamos como o despojamento extremo, que tudo toma e tudo dá - com amor.

Vou ilustrar isso com uma história. Poderia chamar- se: "Dois tipos de felicidade", mas aqui recebe outro nome:

O não-ser

Um monge que andava buscando
pediu a um mercador uma esmola.
O mercador se deteve por um momento e
ao dar-lhe o que pedia, perguntou ao monge:
"Como é possível que você me peça
o que lhe falta para viver
e, no entanto, precise menosprezar
a mim e ao meu modo de vida,
que lhe proporcionamos isso?"
O monge lhe respondeu:
"Em comparação com o Último
que busco
tudo o mais me parece pequeno".
Mas o mercador perguntou ainda:
"Se existe um Último,
como pode haver algo
que alguém possa buscar ou encontrar
como se estivesse no fim de um caminho?
Como poderia alguém sair ao seu encontro
e apossar-se dele,
como se fosse uma coisa entre outras muitas,
mais do que muitos outros?
E inversamente, como poderia alguém
afastar-se desse Último,
ser menos conduzido por ele
ou estar menos a seu serviço
do que as outras pessoas?"
O monge retrucou:
"Encontra o Último
quem renuncia ao próximo e ao presente".
Mas o mercador ainda ponderou:
"Se existe o Último
ele está perto de cada um,
mesmo que esteja oculto
no que nos aparece e no que permanece,
assim como em cada ser se oculta um não-ser
e, em cada agora, um antes e um depois.
Comparado ao ser,
que experimentamos como fugaz e limitado,
o não-ser nos parece infinito,
como o de onde e o para onde,
comparados ao agora.
Porém o não-ser se revela a nós
no ser,
assim como o de onde e o para onde
se revelam no agora.
O não-ser, como a noite

e como a morte,
é um começo desconhecido
e só por um breve instante,
como um raio,
nos abre o seu olho
no ser.
Assim também, o Último
só se aproxima de nós
no que está perto e brilha
agora."
Então o monge perguntou, por sua vez:
"Se fosse verdade o que você diz,
o que nos restaria ainda,
a mim e a você?"
O mercador respondeu:
"Ainda nos restaria, por algum tempo,
a Terra".

Outras publicações sobre o tema saúde

Exemplos pormenorizados sobre os panos de fundo da história familiar de saúde e doença e a sua solução e cura podem ser encontrados nos seguintes livros e vídeos:

Livros

Ordens do amor

Um guia para o trabalho com Constelações Familiares 424 p., 2004, Editora Cultrix

Familien-Stellen mit Kranken

Dokumentation eines Kurses für Kranke, begleitende

Psychotherapeuten und Àrzte

352 Seiten, 3. Auflage 1998 (vergriffen)

Was in Familien krank macht und heilt

Ein Kurs für Betroffene

288 Seiten, 197 Abb. 2. Auflage 2001

Carl-Auer-Systeme Verlag

Wo Schicksal wirkt und Demut heilt

Ein Kurs für Kranke

320 Seiten, 165 Abb. 2. Auflage 2001

Carl-Auer-Systeme Verlag

Desatando os Laços de Destino

Constelações Familiares com doentes de câncer 215 p., 2006, Editora Cultrix

Die grõBere Kraft

Bewegungen der Seele bei Krebs. Hrsg. Michaela Kaden 193 Seiten, 111 Abb. 2001 Carl-Auer-Systeme Verlag (vergriffen)

Liebe am Abgrund

Ein Kurs für Psychose-Patienten 230 Seiten, 187 Abb. 2001 Carl-Auer-Systeme Verlag

O outro jeito de falar

Um curso para pessoas com distúrbios de fala e seus ajudantes 146 p., 2007, Editora Atman Ltda.

Wo Ohnmacht Frieden stiftet

Familien-Stellen mit Opfem von Trauma, Schicksal und Schuld

255 Seiten, 186 Abb. 2000 Carl-Auer-Systeme Verlag

DVDs

Wo Ohnmacht Frieden stiftet

Familien-Stellen mit Opfem von Trauma, Schicksal und Schuld

3 DVDs, 5 Stunden, 54 Minuten

Wo Schicksal wirkt und Demut heilt.

3 DVDs, 5 Stunden, 30 Minuten

Das andere Sagen

3 DVDs, 8 Stunden

Vídeos

Familien-Stellen mit Kranken

Kurs für Kranke, begleitende Psychotherapeuten und Ârzte

3 Videos 10 Stunden (vergriffen)

Wo Schicksal wirkt und Demut heilt

Ein Kurs für Kranke 3 Videos 9 Stunden, 30 Minuten

Bert Hellinger arbeitet mit Krebskranken

Líebe am Abgrund

2 Videos, 8 Stunden

Ein Kurs für Psychose-Patienten

3 Videos, 10 Stunden

Die Versõhnung des Getrennten

Ein Kurs für Psychose-Patienten in Mallorca

4 Videos, 8 Stunden, 46 Minuten. Deutsch/Spanisch

Das andere Sagen

Ein Kurs für Sprechgestórte und ihre Helfer

3 Videos, 8 Stunden

Wo Ohnmacht Frieden stiftet

Familien-Stellen mit Opfern von Trauma, Schicksal und Schuld

3 Videos, 6 Stunden, 30 Minuten

Saúde e cura do ponto de vista espiritual

O amor do espírito

Adoecemos quando desviamos do amor do espírito. A saúde permanece e retorna quando vivemos em sintonia com o amor do espírito ou encontramos novamente o caminho para ele, se tivermos perdido a sintonia com esse amor.

Tudo de que falei anteriormente sobre os caminhos que levam à doença nas famílias são desvios do amor do espírito que ama e quer tudo como é, pois pensa tudo da maneira como é. Tudo de que falei anteriormente sobre os caminhos que podem atenuar e curar doenças nas famílias são caminhos de retorno ao amor do espírito e à sintonia com o mesmo. O que isso significa exatamente?

Primeiramente, a doença vem com a rejeição dos pais e acusações contra eles. A rejeição pode tomar a forma de acusações, especialmente acusações públicas, processos legais contra os pais ou quando os filhos se negam a dar aos pais os devidos cuidados e apoio, quando necessitam e se negam a manter e proteger a sua reputação.

Algumas vezes, podemos ver tais quadros de fundo em pessoas com câncer ou outras doenças graves. Muitas delas preferem morrer a honrar sua mãe.

A obesidade, principalmente em mulheres, frequentemente está relacionada a uma rejeição da mãe, assim como o fracasso na profissão e no relacionamento de casal. Os dois últimos sintomas não são doenças no sentido exato da palavra, mas suas consequências podem ser similares às das doenças.

O amor do espírito não tolera a rejeição dos pais, não importando os motivos. Ele não tolera nenhum tipo de arrogância ou superioridade.

As consequências da rejeição dos pais, reclamações e acusações são as mesmas também onde parecem ser justificadas. Aqui nos é mostrado, de forma especial, que no nível do espírito regem ordens diferentes daquelas que regem no nível de certo ou errado e de justo ou injusto. No nível do espírito aquilo que estava oposto à saúde e ao sucesso é colocado em ordem, tanto para os filhos como para os pais.

A questão é: como podemos retomar ao amor por nossos pais? Quando vamos ao seu encontro para além da diferenciação entre bom e mau, no nível do espírito, com o amor do espírito.

Através do exemplo de uma criança que foi dada à adoção, descrevo mais especificamente como isto pode dar certo, permitindo-nos experimentar como tomar nossos pais de um modo espiritual, como podemos aprender a honrar e amar os nossos pais e encontrar um caminho de volta para eles, como podemos voltar para eles quando estamos separados deles ou, ainda, quando esperamos algo deles que eles não conseguem ou não nos podem dar.

Amar os pais espiritualmente

A criança

A criança adotada tem os seus pais, como as outras crianças também. Como as outras crianças, ela também obteve a sua vida desses pais específicos. Essa criança pertence à família deles assim como todos os outros membros. Está ligada a essa família, qualquer que seja o destino que ela carregue. E todos os outros membros dessa família são afetados por esse destino também. Eles participam no destino como se ele fosse o seu também. A adoção não muda nada nisso, de forma alguma.

Para a criança adotada também vale que recebeu esses pais de presente, assim como são e que eles transformaram-se no seu destino, da maneira como foi determinado. Qualquer acusação contra eles, como se tivessem se tornado culpados em relação à criança e qualquer outra exigência em relação a eles, voltam-se contra essa força espiritual que movimenta ambos, pais e filho de forma que ninguém possa ser diferente do que ele ou ela é.

Como, então, uma criança que foi dada para adoção pode e deve lidar com o seu destino de maneira espiritual? Como pode e deve lidar com esse destino de uma forma que lhe permita reconhecer como algo grande o que esse destino especial lhe solicita, para vê-lo de uma maneira positiva e concordar com ele, assim como é?

O outro amor

A criança pode imaginar seus pais, mesmo que nunca tenha se encontrado com eles. Precisa apenas voltar-se para dentro de si que saberá tudo sobre eles, pois estão presentes dentro dela. Eles estão presentes fisicamente, pois vivem nessa criança. E também estão presentes na sua alma. Ela sente como eles, carrega algo como eles e também para eles. Está emaranhada no destino dos pais e suas famílias. Sofre como eles, tem esperança assim como eles e aguarda algo que vem para curar, assim como eles. Sente-se culpada e quer expiar, assim como eles, também pela culpa de ter sido separada pela adoção.

Assim como os pais, a criança pode-se libertar desses emaranhamentos e consequências somente entrando em contato com uma força espiritual e um movimento do espírito, que se encontram para além de tudo que há de pesado em primeiro plano e que acolhe todos com o mesmo cuidado e os toma a seu serviço para algo que está além deles. É um serviço através do qual tanto eles quanto outros podem crescer. Pois a adoção é difícil para todos os envolvidos e torna-se um destino comum para eles, através do qual ficam mais humanos, mais amorosos, mais incluídos, mais humildes e grandes.

Meditação: a despedida

Aqui sugiro um exercício interno, que ajuda uma criança adotada a separar-se dos seus pais com amor. Essa despedida requer duas coisas:

Primeiramente o ato de concordar, concordar inteiramente com tudo que foi dado a essa criança através dos seus pais.

Em segundo lugar, a abdicação de algo mais, a abdicação total, a abdicação para sempre.

Como esse exercício pode ser feito individualmente? A criança fecha os olhos e imagina sua mãe e seu pai. Eles se amaram como homem e mulher. Não puderam agir de maneira diferente. Independente das circunstâncias, uma força maior serviu-se deles, quis que, com esse amor essa criança recebesse a vida. Então, a criança olha para sua mãe e seu pai como eles foram tomados a serviço por essa força.

Ao mesmo tempo olha para além dos pais, para essa força espiritual e se curva profundamente diante dela. Sente como essa força também lhe dá o seu amor e o presente da vida, através dos seus pais, e a atrai com amor. A criança se entrega totalmente a essa força e a esse movimento e diz: "Sim, tomo isso de você, tudo, da maneira como você me deu, a minha vida através destes pais. Eu abro meu coração e minha alma para este presente. Eu carrego isto com honra. Eu vou com ele para onde me conduzir. Eu sou grato!"

Depois a criança olha para sua mãe, assim como ela é, como foi tomada a serviço por essa força e para tudo que lhe custou e talvez ainda custe. Diz a ela: "Querida mamãe, eu tomo tudo de você, pelo preço total, seu preço e o meu. Para mim vale a pena todo o preço, o seu e o meu. Eu sou grato!”

"Mesmo que você tenha me dado para sempre, eu a levei comigo, assim como você é, como minha mãe, que me foi dada como presente por essa grande força com amor. Você também ainda pode me ter. Eu pertenço a você. Se algum dia precisar de mim, saiba que será sempre minha mãe e eu serei sempre seu filho."

Depois a criança olha para seu pai, assim como ele é, assim como foi tomado a serviço por esta força e para tudo que lhe custou e talvez ainda custe. Diz a ele: “Querido papai, eu tomo tudo de você, pelo preço total, seu preço e o meu. Para mim, vale a pena todo o preço, o seu e o meu. Eu sou grato!

Mesmo que você tenha me dado para sempre, eu o levei comigo, assim como você é, como meu pai, que me foi dado como presente por essa grande força com amor. Você também ainda pode me ter. Eu pertenço a você. Se algum dia precisar de mim, saiba que será sempre meu pai e eu serei sempre seu filho."

Depois a criança olha novamente para sua mãe e lhe diz: "Querida mamãe, vejo você como minha mãe e me vejo como seu filho. Também a vejo como filha da sua mãe e do seu pai, como você está ligada a eles com amor, também com o seu destino e com tudo que tiveram que suportar junto com a família deles. Como você, também estou ligado a eles e ao seu destino da maneira como o tiveram que tomar. Deixo você lá, da maneira como você é atraída para lá. Eu também me sinto conectado com eles.

Mas também olho para além de vocês todos, para esta força que os movimenta, da maneira como se movimenta e para a qual estão e estiveram a serviço. Entrego-me a ela junto com vocês e digo: "Sim". Digo a ela: "Eu sou grato! Eu deixo vocês lá da maneira como essa força os atrai e os toma, com amor."

Depois de algum tempo a criança também olha novamente para o seu pai e lhe diz: "Querido papai, vejo você como meu pai e me vejo como seu filho. Também o vejo como filho da sua mãe e do seu pai, como você está ligado a eles com amor, também com o seu destino e com tudo que tiveram que suportar junto com a família deles. Como você também sou ligado a eles e ao seu destino da maneira como o tiveram que tomar. Deixo você lá, da maneira como você é atraído para lá. Eu também me sinto conectado com eles.

Mas, também olho para além de todos vocês, para esta força que os movimenta, assim como se movimenta e para a qual estão e estiveram a serviço. Entrego-me a ela junto a vocês e digo: "Sim." Digo a ela: "Eu sou grato!" Eu deixo vocês lá da maneira como essa força os atrai e os toma, com amor."

O caminho

Em seguida a criança olha para aqueles que a acolheram e providenciaram o que foi necessário para que pudesse permanecer em vida, e diz a eles: "Vocês me foram dados assim como são. Vocês me acolheram quando meus pais não puderam ficar comigo. Agora vocês são pai e mãe para mim. Vocês se tornaram meus pais. Vocês me foram dados de presente como meus segundos pais. Eu tomo vocês assim como me foram dados, independente do preço que isto custa para vocês e para mim, independente do destino de vocês que determinou que seriam meus novos pais."

Depois a criança também olha para além deles, para esse poder que segura todos os destinos em suas mãos, pois quer a todos assim como eles são. Curva-se diante dessa força que tudo abarca. Entrega-se a ela com amor e lhe diz: "Sim, eu tomo de você a minha vida e o meu destino como são. Eu me deixo ser carregado e conduzido por você, assim como é, eu cumpro o que você me dá e para onde você direciona a minha vida. Eu sou grato!"

O instante

Onde e como essa criança está agora? Ainda é uma criança que foi dada? Ou será que sabe estar acolhida de uma maneira maravilhosa? Ela experimenta estar conectada às suas origens, em toda sua extensão, não importa qual distância possa alcançar para trás. Em cada fibra do seu corpo há um sentido de unidade com todos seus antepassados e a força da vida - a força espiritual que tomou todos os envolvidos a seu serviço, assim como foram e assim como são. A serviço dessa força ninguém foi melhor ou pior, mais rico ou mais pobre. Todos foram igualmente amados e todos estavam igualmente a serviço da vida.

Assim esta criança sabe que ela é, como os outros, igualmente amada e acolhida. Sabe que está lá em cada instante, realmente lá, na plenitude e no amor, lá, junto com todos.

A violação da igualdade

Quem vive é equivalente a todos os outros no sentido que a sua vida - assim como todas a outras - foi pensada e lançada na existência pelo mesmo espírito. Sempre que nos comportamos como se pudéssemos dispor sobre a vida alheia achando que nossa vida tem mais valor ou alguma precedência em relação à vida do outro, infringimos esta ordem da igualdade. Isso tem consequências amplas para nossa saúde e para a saúde de outros membros da família, especialmente para nossos filhos e netos e, algumas vezes, também para nossos parceiros.

Isso significa que as consequências de tal arrogância têm que ser carregadas tanto pela pessoa que ofende como por outros que não estiveram envolvidos no acontecimento. Ou seja, as consequências afetam a família como um todo, independente do envolvimento de cada membro familiar e da noção que tem sobre estes acontecimentos.

A violação da igualdade é um dos motivos principais de doenças, mas também das dificuldades e comportamento de muitas crianças que deixam seus pais muito preocupados. Aqueles que foram excluídos, rejeitados e às vezes até assassinados numa família - como, por exemplo, no caso de um

aborto - , mais tarde serão representados por outros membros familiares. Os rejeitados serão representados mais tarde por outros membros da família, sem que tenham consciência disso.

O emaranhamento

A exclusão de membros da família mais antigos leva ao emaranhamento com o destino deles. Nos membros familiares emaranhados, podemos ver traços e fardos da pessoa excluída, frequentemente também a agressão daqueles que queriam essa exclusão e foram responsáveis por ela. Desta maneira sua agressão atinge seus descendentes, neles se refletindo. A agressão daqueles que excluíram os alcança novamente, através dos seus descendentes.

A solução

Qual é então a solução? Os excluídos são trazidos de volta para a família com amor, mas também com tristeza e pesar em relação àquilo que aconteceu. Eles são lembrados pelos seus nomes e ocupam seus lugares de volta em suas famílias. De repente experimentamos que podemos estar bem de novo, que as crianças podem recuperar a saúde e que não precisam continuar com o comportamento agressivo que as põem em perigo, distanciando- as dos outros. De repente, elas também têm um senso da ordem e do pertencimento.

Culpa e expiação

Mas somente trazer os excluídos de volta, frequentemente não é o suficiente, pois aqueles que os excluíram ou os deram para alguém ou os mataram sentem culpa. Isto significa, que querem expiar por aquilo que fizeram, por exemplo, também deixando sua família, ficando doente, morrendo ou de outras maneiras.

Entretanto, as crianças frequentemente ocupam este lugar para os pais: adoecem ou morrem no seu lugar. Ou cometem algo para que sejam punidos e, então, não expiam apenas a própria culpa, mas também a culpa dos pais.

O nível espiritual

Aqui a solução encontra-se num outro nível, no nível do espírito. Nesse nível reconhecemos que tudo que acontece é movido por uma outra força, exatamente como acontece, incluindo o destino dos excluídos, o destino daqueles que sentem culpa, o destino dos que querem expiar por si próprios ou pelos outros.

Então, eles olham para além do que está próximo, para essa força espiritual que tudo movimenta - e se submetem a ela. Sabem que os excluídos são sempre incluídos por essa força espiritual. Ninguém pode separá-los dela, nem mesmo os culpados. Diante dessa força, humildemente entregam-se a ela, tornando-se uma unidade com ela. Entregam também aqueles por cujo destino tornaram-se culpados.

Somente neste nível espiritual o trágico é realmente superado. A ordem pode verdadeiramente retornar com o amor dentro da ordem, e seus efeitos podem terminar.

Psicoses, o amor à beira do abismo

Um exemplo

HELLINGER *para uma cliente* Qual é a sua questão?

CLIENTE Na minha família existem psicoses nas quais eu também estou envolvida. Já estive por três vezes numa clínica psiquiátrica.

HELLINGER *para o grupo* Já trabalhei muitas vezes com psicoses. Se trabalhar com ela agora, teremos um bom exemplo para aprenderemos a lidar com psicoses de uma maneira diferente.

Hellinger escolhe uma mulher para ser representante.

HELLINGER *para o grupo* Tentarei algo que nunca fiz até agora.

Para a representante Você representa a psicose.

A representante da psicose fica inquieta. Vira-se para a direita e para a esquerda, apoia os punhos nos quadris e olha para o chão. Depois deixa as mãos caírem para baixo e dá um passo para frente.

Novamente, apoia os punhos nos quadris. Move a cabeça de maneira agitada para um lado e para o outro, olha para cima, inclina-se em direção ao chão e tenta tocar com as mãos em alguma pessoa imaginária que se encontra ali. Mas depois, ela se ajeita, levantando-se rapidamente.

Repete os mesmos movimentos: olha para cima, colocando os punhos nos quadris e deixando-os cair novamente, vira-se agitada para a direita e a esquerda. Depois coloca uma mão em frente aos olhos, vira-se para a direita e faz um movimento como se quisesse afastar alguém.

Hellinger escolhe uma mulher como representante e pede que se posicione diante da psicose. Diz a ela que não sabe quem ela representa.

A representante da psicose vira-se com medo e começa a tremer. Depois anda lentamente, de lado, passo a passo, em direção à outra mulher. Para e, ainda andando de lado, volta para trás, gemendo com temor, como uma criança.

HELLINGER *para a representante da psicose* Diga a ela: "Por favor."

PSICOSE Por favor.

Diz isso com uma voz fina e chorosa, como uma criança. Continua gemendo com essa voz, sem conseguir articular uma palavra. Treme, estica os braços em direção à outra representante e se afasta novamente. A outra mulher permanece no seu lugar, imóvel, sem demonstrar qualquer emoção.

Agora, a representante da psicose caminha lentamente em direção à outra pessoa, dá uma volta em torno dela, esconde-se atrás, ficando ao seu lado. Após algum tempo, gira em torno da mulher. A mulher gira junto com ela, de frente para ela, com um olhar frio. A psicose recua, fica de frente e a mantém no seu ângulo de visão o tempo todo.

A representante afasta-se lentamente da psicose, passo a passo.

HELLINGER *para esta mulher* Diga para a psicose: "Por favor."

REPRESENTANTE Por favor.

A psicose recua mais. A outra mulher também se afasta mais da psicose.

Após algum tempo, essa mulher se move lentamente em direção à psicose. Ela, porém, se afasta, mantendo a distância anterior. Após algum tempo, ambas caminham uma em direção à outra e param, a cerca de dois metros uma da outra.

Hellinger pede a uma mulher que se deite de costas, entre as duas. Ela representa uma pessoa morta.

A psicose começa a tremer fortemente. Olha para a morta o tempo todo. Aproxima-se mais dela, tremendo, e por cima dela estica uma mão em direção à outra mulher que também olha para a morta. A morta oscila, afastando- se da psicose e olha para a outra mulher.

Lentamente a psicose passa ao lado da morta e fica atrás da mulher, que agora está olhando intensamente para a morta.

Após algum tempo, a psicose dá um passo para trás e vira-se, como se tivesse concluído a sua tarefa. Ficou claro que sua tarefa era de estabelecer a conexão entre a outra mulher e a morta. Agora a psicose estava calma.

A outra mulher aproxima-se da morta, que estica a mão em sua direção. Ajoelha-se ao seu lado e segura sua mão. Com este movimento, a psicose afasta-se mais ainda. Ela se agacha, senta-se nos seus calcanhares, de frente para as outras duas e faz uma reverência profunda.

Enquanto isso a outra mulher deitou-se ao lado da morta. Ambas se olham nos olhos e abraçam-se intensamente. A mulher começa a soluçar. A morta a puxa para mais perto. Abraçam-se mais intensamente.

Nesse meio tempo, a psicose, ainda sentada em seus calcanhares, vira-se completamente de costas para as duas.

O que leva à psicose?

HELLINGER *para o grupo* Gostaria de explicar, mais detalhadamente, minhas experiências com psicoses.

Uma psicose, principalmente na forma de esquizofrenia, aparece em famílias onde ocorreu um assassinato, um assassinato dentro da família. Muitas vezes isso aconteceu há várias gerações atrás. Não existe mais memória deste acontecimento, porém, no campo espiritual da família a memória permanece totalmente preservada e é trazida à luz numa constelação.

Nesta constelação nós pudemos ver que inicialmente a representante da psicose estava totalmente conturbada devido a diversos sentimentos. Quando adicionei mais uma pessoa, pudemos ver que existia uma conexão entre essa pessoa e a psicose.

Para a cliente Não sabemos quem era essa pessoa. Talvez pertença a uma geração anterior.

Para o grupo A psicose e a outra pessoa estavam conectadas uma com a outra, e a mesma palavra-chave teve significado para ambas. A palavra "Por favor" da psicose para essa pessoa era a mesma palavra dela para a psicose. A psicose disse a esta pessoa: "Por favor, faça algo." E a pessoa disse à psicose: "Por favor, me ajude." A psicose estava a serviço dessa pessoa.

Depois, as duas tentaram ficar juntas, mas isso não foi possível, algo as impedia. De repente, ficou claro: havia uma pessoa morta entre elas. Então, pedi que uma representante para a pessoa morta se deitasse entre elas. Logo que a morta deitou-se no chão e a outra pessoa olhou para ela, a psicose pôde afastar-se. Tinha cumprido a sua tarefa.

Para a cliente Pudemos ver claramente que a psicose tinha concluído a sua tarefa.

Para o grupo Por que alguém se torna psicótico? A pessoa está simultaneamente emaranhada com duas pessoas que se opõem, profundamente conectadas, mas não reconciliadas. Na minha experiência até agora, trata-se sempre de um assassino e uma vítima que ainda não se reconciliaram com amor. Nesta constelação, no final foram unidos com amor. Assim o que ainda não estava reconciliado, agora finalmente se reconciliara, e o problema que ainda não tinha sido resolvido foi solucionado.

Para a cliente Se existiu um acontecimento assim numa família, um membro de cada geração subsequente tem que representar aqueles que ainda não se reconciliaram. Ele torna-se psicótico, de uma forma ou de outra, como você provavelmente sabe.

A cliente assente com a cabeça.

Mas eles não estão doentes. Estão procurando uma solução com amor. Todos procuram uma solução com amor. A psicose procura uma solução no amor. Ela quer unir aqueles que estavam separados, que foram excluídos da família porque esse acontecimento foi amedrontador e, por isso, não querem mais olhar para isso.

Para o grupo O que vimos aqui foi uma bela imagem do movimento do espírito, de como, através da ajuda da psicose, ele conduz o assassino e a vítima a ficarem juntos, mesmo depois de terem estado separados por muito tempo.

Para a cliente Aqui a psicose provavelmente representou diferentes pessoas ao mesmo tempo. Mas nós pudemos observar a função da psicose de forma direta e clara. Como você está agora?

CLIENTE Eu me sinto melhor.

HELLINGER Agora vá até a representante da psicose e tome-a em seus braços.

A cliente se ajoelha diante da representante da psicose, que ainda está sentada sobre seus calcanhares e coloca as mãos em frente ao rosto. A psicose olha para cima e estica as mãos em sua direção, porém, após um tempo, abaixa-as.

A cliente vira-se para o lado e olha para o chão. Curva o corpo até apoiar sua cabeça no joelho da psicose. Começa a chorar alto. Após algum tempo, endireita-se e levanta-se, afasta as mãos do rosto e olha nos olhos da psicose. Então, vira-se para o lado novamente e olha para o chão. Após algum tempo, a psicose desliza em direção a ela até ficar ajoelhada ao seu lado. Olha para o chão junto com ela.

A cliente quer tocara psicose nas costas, mas está muito tímida. Após algum tempo, toca-a muito delicadamente, encosta a cabeça no seu ombro e segura seu braço.

Pouco depois a psicose vira a cabeça em direção à cliente - ambas querem tocar o rosto da outra. Nesse instante a psicose afasta-se e olha para o chão novamente. Esses movimentos repetem-se algumas vezes.

Então a cliente senta-se de frente para a psicose e segura suas mãos. Após algum tempo, desvia o olhar da psicose e depois a olha novamente. Ambas soltam as mãos. A psicose torna a olhar para o chão.

Após algum tempo, a psicose vira-se. A cliente senta no chão ao seu lado. A psicose quer colocar a mão nas costas da cliente, mas a retira imediatamente. Elas se olham por um longo período. A cliente põe a mão nas costas da psicose, e ambas se olham intensamente. Então a psicose torna a olhar para o chão, a cliente senta-se um pouco mais para trás e suspira profundamente.

Após algum tempo, a psicose se levanta e dá alguns passos para trás. A cliente também se levanta. Ambas olham para o mesmo lugar no chão. Depois voltam-se uma para a outra, olham-se nos olhos e dão alguns passos para trás.

Hellinger escolhe dois representantes e pede que se deitem de costas, neste ponto.

A cliente vira-se e olha para as duas pessoas no chão. Ambas estão deitadas de costas e giram a cabeça em direção à *outra. Olham-se e seguram-se pelas mãos. A cliente volta-se para elas e dá alguns passos para trás. A psicose faz o mesmo.*

HELLINGER *para a cliente* Agora olhe para além destes dois, para longe, bem longe.

A cliente olha rapidamente para além das duas pessoas mortas e, então, volta-se para a psicose.

HELLINGER Agora olhe para além da psicose, para longe.

O rosto da psicose fica radiante. Ela afasta-se para o lado, enquanto a cliente vira de costas para ela, voltando- se para o grupo.

HELLINGER Agora olhe para todos no grupo.

Ela se volta para o grupo e chora.

HELLINGER *para a cliente e os representantes* Permaneçam como estão por um momento. Eu gostaria de dar uma explicação em relação a isso.

Psicoses como agressores, psicóticos como vítimas

HELLINGER *para o grupo* Estes movimentos foram de uma beleza e profundidade incríveis. Foram muito exatos. Ninguém pode inventá-los. Ambas foram tomadas por algo poderoso e foram movimentadas por ele.

Então, o que vimos aqui? Entre a cliente e a psicose aconteceu algo parecido com o que aconteceu antes entre as duas mulheres no chão. A psicose representou o agressor e a cliente, uma vítima. Ela comportou-se como uma vítima. Comportou-se em relação à psicose da mesma maneira como em relação ao seu assassino. Em famílias onde existem psicoses, a psicose é tratada exatamente dessa forma. A família mostra, em relação à psicose, a mesma postura interna de exclusão e medo que tem em relação à um agressor. Muitas vezes trata o membro psicótico da família como os agressores tratam uma vítima. Não reconhecem o que a psicose carrega para a família e para onde quer levá-la.

No final a psicose queria ser deixada em paz. A partir do momento em que foi respeitada e o seu significado foi reconhecido, mesmo que ainda não completamente, ela pôde se afastar.

Para os representantes Obrigado a todos.

Para a cliente Sente-se ao meu lado. Como está agora?

CLIENTE Melhor ainda.

HELLINGER Isso soa pobre.

CLIENTE Por que você diz isso?

Começa a rir alto.

HELLINGER Isso soa melhor.

A mulher continua rindo alto e olha para Hellinger.

HELLINGER Naturalmente, aqui também temos que levar em consideração que muitas pessoas veem a psicose como algo especial. Alguém precisa apenas dizer: "Sou psicótico", e automaticamente os outros têm medo dele. Isso não é maravilhoso?

A mulher ri alto e acena com a cabeça.

HELLINGER Você também gostou. Claro que você gostou.

Para o grupo Dessa forma os psicóticos mostram que também estão identificados com o agressor.

A cliente faz um movimento com a cabeça, afirmando que sim.

Para o grupo Acho que vimos o suficiente. Isso agora precisa atuar em nós.

As psicoses como um problema familiar

Após o acontecimento que provocou a psicose, ou seja, um assassinato dentro da família, em cada geração posterior algum membro tem que se tornar psicótico.

Ele assume esse destino no lugar dos outros. A partir do momento em que um membro da família assume isso e se torna psicótico, os outros ficam aliviados. Por esse motivo têm medo de que o membro familiar psicótico seja curado e unem-se, secretamente, contra a cura de sua psicose. Porque neste caso, talvez um outro membro familiar precise se tornar psicótico. Podemos observar esse medo principalmente no pai ou na mãe. O membro da família que assume este destino mostra o maior amor, porém, de forma secreta.

Quando fiz o meu primeiro seminário para clientes psicóticos, mesmo contra a resistência de muitos psicoterapeutas e psiquiatras, o amor desses clientes me tocou profundamente. Por este motivo denominei o livro que escrevi sobre isso, *Amor à beira do abismo. É o* que podemos observar, tratando-se de psicoses. É amor à beira do abismo.

Para a cliente Se esse amor vier à luz, você sabe o quanto você foi importante para a família e o que carregou para ela.

Ela sorri e acena com a cabeça.

Para o grupo Por isso não podemos tratar um cliente psicótico isoladamente. Temos que tratar a família inteira e ajudá-la como um todo.

Para a cliente O que eu fiz aqui foi também a serviço da sua família. Ninguém precisa ter medo de tornar-se psicótico por você ter se libertado da psicose.

Para o grupo Aqui se tratou, ao mesmo tempo, da cura de muitas gerações.

Os ajudantes

Podemos observar a mesma situação em muitos médicos e seus assistentes em instituições psiquiátricas. Se não tivessem pacientes psicóticos em tratamento, talvez tivessem medo de se tornarem psicóticos eles mesmos.

Para a cliente Você consegue entender isso?

Ela acena com a cabeça, afirmando.

Muitas vezes também existe um delito mantido em segredo em relação a algum membro familiar. Neste sentido, os ajudantes em instituições psiquiátricas frequentemente comportam-se de forma parecida com os parentes de seus pacientes. Qual seria a solução aqui?

Não podemos esperar que essas compreensões sejam aceitas facilmente por essas instituições. O medo dos resultados e suas consequências são demasiadamente grandes. O que é compreensível.

Exercício: o amor espiritual

HELLINGER *para o grupo* Agora farei um exercício com ela. Ela representará todos nós ao mesmo

tempo.

Para a cliente Fique de pé ali e olhe nessa direção. Agora você está olhando para muitas instituições e clínicas psiquiátricas. Depois você olha para além delas, para longe, para uma força espiritual que também atua nelas, com o mesmo cuidado e amor - em todas elas. Depois você se afasta lentamente porém, sempre mantendo o olhar nessa direção.

Ela permanece assim por um longo período de tempo.

HELLINGER Fique de pé assim, sempre com o olhar nessa direção. Não desvie seu olhar *de* forma alguma. Olhe para além disso tudo, com total confiança no movimento desse espírito, que movimenta todos, da mesma maneira, assim como ele quer. Ninguém é melhor, ninguém é pior. Aqui não existem mais agressores e vítimas. Todos são apenas seres humanos, em todos os sentidos.

Após algum tempo E agora você se volta para as pessoas aqui no grupo.

Ela volta-se, lentamente, para o grupo.

HELLINGER Agora pode olhar para todos eles. Diga- lhes: "Estou aqui..."

CLIENTE "Estou aqui..."

O grupo aplaude.

HELLINGER "Uma de vocês".

CLIENTE Uma de vocês.

Ela aplaude voltada para o grupo. Todos aplaudem juntos.

Nosso amor à beira do abismo

Quero dizer mais uma coisa sobre o amor à beira do abismo. Farei isso de forma meditativa. Podemos fechar os olhos, para podermos sentir de quais abismos o nosso amor também já se aproximou, em alguns momentos.

O amor da consciência inconsciente

O que é esse amor à beira do abismo? É um amor espiritual? Ou é um amor no qual alguém está emaranhado de tal forma que não se trata do seu próprio amor? É um amor movido por uma necessidade dentro da família - família aqui no sentido mais amplo. Portanto, esse amor é um amor cego, que já por isso não pode ser espiritual. Situa-se em outro lugar.

Esse amor encontra-se no âmbito da consciência inconsciente. Assim, através das Constelações familiares descobrimos, que o sistema familiar é dominado por um poder, que vigia os nossos atos como uma consciência, para que sigam determinadas ordens.

Benevolência para todos

Existem dois tipos de ordem. A primeira ordem é: todos na família têm o mesmo direito de pertencer. Por isso essa consciência é benevolente em relação a cada membro familiar. Podemos sentir isso de forma meditativa.

Imaginamos a nossa família, todos aqueles que pertencem a ela e sentimos como está a nossa benevolência em relação a eles. É igual para todos? Todos podem estar presentes da mesma maneira? Excluímos alguns de tal forma que caíram em esquecimento?

Por exemplo, precisamos apenas imaginar o nosso pai e a nossa mãe. Qual dos dois está em primeiro plano e qual está mais no fundo? Agora podemos colocar os dois em primeiro plano, lado a lado, e nos voltamos para os dois com a mesma benevolência.

Depois olhamos para a família do pai e a família da mãe. Qual está no fundo, qual está mais na frente? Internamente nós as juntamos, nós as colocamos lado a lado e olhamos para as duas famílias com a mesma benevolência. Com o mesmo amor, dizemos "sim" para ambas.

Agora também olhamos para os outros que fazem parte. Por exemplo, para antigos parceiros dos nossos pais e avós e para aqueles cujas perdas foram as bases para os nossos ganhos e os ganhos da nossa família. Colocamos todos eles em primeiro plano, com os outros, com a mesma benevolência. Nessa benevolência, no entanto, mantemos distância. Cada um permanece por si só. Com a nossa benevolência não queremos nada. Ela é apenas uma postura.

Depois existem pessoas na família sobre as quais não se fala, pessoas das quais se sente vergonha, pessoas que são consideradas delinquentes e agressores. Também as colocamos em primeiro plano, com todos os outros e olhamos para elas com benevolência.

Essa benevolência é sem julgamento. Ela apenas existe. Dessa maneira é como uma benevolência divina. Assim como Deus é benevolente em relação a todos, tal como são, sem diferenças. Essa seria uma benevolência que corresponde à consciência arcaica inconsciente.

O emaranhamento

Acontece, porém, que na nossa família alguns foram excluídos, rejeitados, esquecidos, dados, ou talvez abortados. E agora essa consciência arcaica procura restabelecer a ordem de tal forma que toma a serviço um inocente, alguém de uma geração posterior, uma criança ou um neto ou alguém que veio muito mais tarde, para que ele ou ela represente essa pessoa excluída. Essa consciência arcaica força alguém que veio mais tarde a ser benevolente. Trata-se, no entanto, de uma benevolência inconsciente para a qual ele ou ela é movido por essa consciência arcaica. Precisam comportar-se como esse excluído, de forma inconsciente. Estão emaranhados.

Este é um amor que se encontra no abismo por ser inconsciente. Está cegamente entregue a um outro poder. Pois, na realidade, esse amor é o amor da consciência inconsciente, arcaica, coletiva. Não é mais um amor próprio. Porém, em relação ao todo, é amor. Quem for abrangido por ele, encontra-se num movimento de amor, mesmo que inconsciente.

O amor ciente

Agora a questão é: como é possível que esse amor se transforme num amor ciente, num amor espiritual que é capaz de muito mais que esse amor cego? Que se transforme num amor que não está mais à beira do abismo?

Sentimos internamente: também fomos tomados, de uma forma ou de outra, por um amor à beira do abismo? Esse tipo de amor frequentemente se mostra sob a forma de doença, fracassos ou sentimentos sobre os quais não temos controle, às vezes em forma de raiva, desespero, tristeza e decepção. Esperamos que se possa salvar esse amor cego levando-o para o nível espiritual, de forma que o amor permaneça e o abismo desapareça.

A precedência

Essa consciência inconsciente segue, ainda, uma outra ordem. Segundo essa ordem, cada membro que esteve aqui antes tem precedência sobre aqueles que vieram depois. Sendo assim essa consciência inconsciente exige que ninguém que veio depois assuma algo para alguém que veio antes dele. Principalmente aqui se mostra que alguém que veio depois, frequentemente ama para ajudar alguém que veio antes.

Isso também é amor, mas um amor cego. As consequências são sempre as mesmas: ele fracassa. Muitas vezes termina em uma doença, psicose ou até mesmo na morte. Ele é principalmente cego. Cego por não conhecer os próprios limites.

Nosso amor cego

Vamos sentir dentro de nós: onde estivemos presos em um amor cego desse tipo ou ainda estamos presos? Por exemplo, quando ficamos preocupados com alguém que veio antes e, por ter estado aqui antes de nós, é maior do que nós poderemos ser? Como esse amor cego à beira do abismo nos atinge, talvez ainda em nosso trabalho? Por exemplo, quando queremos ajudar onde nós somos pequenos e os outros são grandes e sucumbimos às tentativas de superioridade em nosso trabalho?

Como nos desprendemos dessa cegueira? Como podemos começar a enxergar? Deixando os outros na

sua grandeza, reconhecendo nossa impotência e concordando com ela.

O caminho da purificação

Volto a falar mais uma vez sobre o amor à beira do abismo, como ele se mostra em psicoses. Aqui, sobretudo, foi possível observar o que significa a cura espiritual.

Na medida em que o vivenciamos, nós também entramos nessa área espiritual. Talvez nós mesmos tenhamos solucionado algo nessa área espiritual, onde estamos ou estivemos presos.

Também ficou claro que este caminho é um caminho de purificação. O caminho em direção ao espiritual é um caminho de purificação. Nele nos desprendemos de muitas ideias, principalmente muitas ideias de poder.

Se caminharmos com os movimentos do espírito, ganhamos uma certa segurança após algum tempo. O que é essa segurança nesse caminho? Pura confiança. Pura confiança. Isso é tudo.

Meditação: o amor que afasta do abismo

Neste contexto quero percorrer com vocês no espírito o caminho que nos afasta do abismo. Faremos isso em forma de meditação. Podem fechar os olhos.

O círculo

Imaginemos os membros de várias gerações da nossa família. Todos que fazem parte. Alguns nem conhecemos. Nunca ouvimos falar deles. Mesmo assim, eles fazem parte de nós, e nós, deles.

Imaginemos que estão diante de nós, também aqueles que não conhecemos. Talvez os visualizemos apenas como sombras, de forma embaçada, mas mesmo assim eles estão aqui. Pegam-se pelas mãos e formam um círculo. Nós também entramos nesse círculo, junto com aqueles que nos são próximos, com nossos pais e irmãos, com nossos parceiros e filhos. Todos se olham. Olham para a direita, para a esquerda e para frente. Olham-se com amor. Nós também os olhamos e permitimos que nos olhem.

Alguns, cujos rostos não reconhecemos, de repente tornam-se presentes para nós. Sentimos o efeito da sua presença. Enquanto os olhamos e eles nos olham, dizemos a cada um deles: "Eu te vejo. Eu te respeito. Eu te amo. Por favor, também me olhe - com amor."

Como todos se seguram pelas mãos, sentem a energia, o movimento e o amor de todos ao mesmo tempo. Permitimo-nos sentir o mais profundamente possível o que esse amor nos dá. Sentimos como nos amplia e nos cura. Sentimos como de repente conseguimos soltar. Sentimos como as preocupações desaparecem e como, de repente, estamos simplesmente presentes com todos eles.

Paz aos mortos

Muitos, neste círculo, já morreram há muito tempo, mas ainda estão aqui. Talvez estivessem esperando por alguma coisa para que pudessem nos olhar e serem olhados. Agora eles fecham os olhos, desprendem-se. Entram para o reino dos mortos e lá permanecem em paz, para sempre.

Nós os deixamos partir, sem desejo e sem preocupações. Deixamos que partam, sem exigências e sem querer recuperar algo para eles e para nós. Sentimos como ficamos livres por eles terem se libertado de nós.

A liberdade

Os vivos ficam. Ainda seguram-se pelas mãos por algum tempo e se olham com amor.

Depois soltam as mãos. Cada um agora toma seu próprio caminho, por conta própria, mas ao mesmo tempo conectado. E livre no amor.

Distúrbios de fala

O destino e o sofrimento das pessoas com distúrbios de fala encontraram pouquíssima atenção até agora nas Constelações familiares. Por isso, fiquei muito feliz quando fui convidado para dar um curso de dois dias para pessoas com distúrbios de fala e seus ajudantes. Há muito que me dedicava à

pergunta: quais são os emaranhamentos que se ocultam por trás desse sofrimento e quais as soluções que eventualmente existem para os atingidos?

As minhas expectativas em relação a este curso foram ultrapassadas em muito. Pois revelou-se que praticamente quase todos os distúrbios de fala estão condicionados a um fundo sistêmico ou, pelo menos, parcialmente condicionados.

Gagueira e esquizofrenia

Em cada caso se mostrou que por trás de muitos distúrbios de fala está um conflito não solucionado na família, por exemplo, que alguém não podia estar presente ou não teve a palavra, porque foi mantido em segredo ou dado. Ou porque numa família, duas pessoas estavam, uma perante a outra, de forma irreconciliável, por exemplo, um agressor e sua vítima. Como consequência, frequentemente um descendente representa ambos simultaneamente e, por isso, não pode deixar que nenhum dos dois tenha a palavra sozinho. Assim, começa a gaguejar.

Através disso, veio à luz que a gagueira frequentemente tem um quadro de fundo sistêmico similar ao da esquizofrenia. Enquanto que, em relação à esquizofrenia, o conflito não solucionado se torna visível, na confusão mental, no gago se mostra na fala.

Por isso, a solução para o gago é frequentemente a mesma de um esquizofrênico. Aqueles que não estão reconciliados na família são colocados um diante do outro até que ambos se reconheçam e se reconciliem. Quando vem à luz onde está o conflito real, as pessoas com distúrbios de fala ou os esquizofrênicos podem deixá-lo no lugar onde pertence. Dessa forma ficam livres.

Gagueira por temor perante uma pessoa internalizada

Contudo, a gagueira ainda pode ter outros panos de fundo. Frequentemente pode se observar que um gago, antes de começar a gaguejar olha primeiro para o lado. Isso significa que olha para uma imagem interna. Falando mais explicitamente: para uma pessoa internalizada, da qual se tem medo e perante a qual começa a gaguejar. Quando, numa constelação, o gago pode encontrar essa pessoa de forma aberta, prestando-lhe homenagem, até que ela também o acolha e lhe mostre o seu amor, o gago pode olhá-la nos olhos e dizer claramente o que sente e o que deseja.

Gaguejar porque um segredo de família não pode vir à luz

Algumas vezes esconde-se um segredo por trás da gagueira e outros distúrbios de fala. Um segredo que quer vir à luz e que, ao mesmo tempo, provoca medo na família como, por exemplo, uma criança que é mantida em segredo. Quando isso é revelado e olhado através das Constelações familiares, não existe mais nada que obstrua o caminho para uma fala clara.

Por isso, frequentemente as crianças apresentam distúrbios de fala porque os seus pais querem ou precisam esconder algo. Somente depois que os pais puderem falar abertamente sobre isso, os filhos terão a possibilidade de deixar para trás o distúrbio de fala.

O alívio

Eu me dedico a esses problemas, partindo do ponto de vista sistêmico. Eu os vejo inseridos em algo maior. Através disso, abrem-se outras soluções.

Na psicoterapia e nas profissões de ajuda como, por exemplo, na fonoaudiologia, os terapeutas trabalham diretamente com o cliente. Ele fica sentado diante deles. Com isso, frequentemente se perde de vista que ele é membro de uma família e, quando este campo maior fica excluído, atingimos rapidamente os limites. Contudo, tão logo entremos nesse campo maior com o cliente surgem possibilidades totalmente novas. Frequentemente, depois disso os exercícios que os fonoaudiólogos fazem com ele podem ser uma contribuição importante e adequada. Pois quando alguém tem distúrbios de fala, por um longo tempo, mesmo que os panos de fundo sistêmicos tenham sido descobertos e ele possa, então, se soltar deles, ainda precisa se exercitar. O exercício é um passo importante para a solução, entretanto, fica inserido em algo abrangente.

Através do procedimento sistêmico todos ficam aliviados, sobretudo os clientes.

Reconciliar os opostos

Nas constelações com as pessoas com distúrbios de fala frequentemente há algo relacionado à loucura.

Louco é alguém que não consegue reunir algo. Via de regra, esse algo são pessoas opostas, e ele precisa conseguir lidar com os dois, porém não consegue, porque estão em conflito entre si. Existe algo insolúvel entre eles como, por exemplo, entre agressores e vítimas. Na medida em que alguém precisa representar os dois, fica louco. Normalmente isso significa: ele se torna esquizofrênico.

Em relação aos distúrbios de fala é similar. Alguém tem distúrbios de fala, especialmente quando gagueja, porque dentro dele duas pessoas opostas querem ter a palavra, simultaneamente. Uma está contra a outra. Uma delas quer dizer algo e não deve dizer, o mesmo acontece com a outra: quer dizer algo e a outra está contra. Então isso leva à gagueira ou a algum outro distúrbio de fala.

Essa imagem me surgiu, quando estava trabalhando aqui, que os distúrbios de fala, algumas vezes, têm algo de louco, e que isso pode ser curado, quando aqueles que se opõem podem ser reunidos e se reconciliam na alma. Então as palavras também podem se reconciliar e se mostrar como um todo, como uma unidade.

A premissa é que aconteça algo similar com o ajudante. Ele também precisa reunir os opostos em sua alma.

Um exercício para gagos "Você e eu - nós dois"

HELLINGER *para o grupo* Fechem os olhos. Vão até cada um dos membros de suas famílias através de várias gerações. Vão até cada um deles: os bons, os maus, agressores, vítimas, os que morreram cedo, os rejeitados, os esquecidos. Olhem para cada um deles e digam: "Você e eu - nós dois." -'' Você e eu - nós dois." - "Você e eu - nós dois." *Longo silêncio.*

Digam sobretudo para a mãe e para o pai: "Você e eu - nós dois." - E para cada filho também: "Você e eu - nós dois." *Novamente um longo silêncio.*

Este é um exercício importante para os gagos. Deixá-los exercitar: "Você e eu - nós dois." *Novamente longo silêncio.*

Ok. Bom.

Como crescemos

Para mim, foi muito impressionante ver que, em relação aos distúrbios de fala, vem à luz que em uma família existem duas tendências opostas. Falando mais exatamente, que se trata de pessoas diferentes que não se encontraram. Esse desencontro se revela no distúrbio de fala. Gostaria de dizer algo fundamental em relação a isso.

Como crescemos? Como somos conduzidos do estreito para o amplo, do limitado para a completude - para a perfeição? O processo de crescimento acontece quando incluímos, cada vez mais, algo que tínhamos excluído e para o qual não tínhamos dado lugar, integrando-o e dando-lhe o lugar que lhe compete.

Exercício: Reconciliação na alma

Isso começa de forma bem simples. Fechem os olhos. Vou fazer um pequeno exercício em conjunto.

Imaginemos nossos pais: a mãe e o pai. Dos dois, qual está mais próximo? Qual está mais distante? Qual dos dois está mais acolhido? Qual menos? Então coloquemos totalmente nas nossas almas e nos nossos corpos aquele que está menos acolhido, tanto um como o outro. Sentimos o que se transforma. Permanecemos assim até que a mãe e o pai estejam acolhidos, amados e reconhecidos por nós, da mesma forma, equivalentes, sem diferenciação.

Vamos dar um passo adiante, olhemos para a família da mãe e para a do pai. Qual está mais próxima? Qual está mais distante? Agora trazemos para perto aquela que está distante, até que seja totalmente acolhida, amada, reconhecida por nós - sem qualquer valorização, para além do bom e do mau.

Agora, podemos sentir na própria alma e olhamos para o que talvez não queiramos perceber, o que talvez queiramos excluir, o que desprezamos. Olhamos para isso e o acolhemos na alma, com amor -

com tudo que pertence, por exemplo, uma culpa pessoal, talvez também dores, uma doença. Agora damos um lugar a todos.

Então talvez desçamos do alto, lá do céu para a terra e nos submetamos ao todo, como ele é, sem desejo de mudar e sem desejar que seja de uma forma diferente do que é. Dessa forma nos reconciliamos com todos em nossa alma.

Agora olhamos para os clientes com os quais lidamos, principalmente aqueles com distúrbios de fala. Fazemos o mesmo em relação a eles. Acolhemos nas nossas almas o que ele rejeita, exclui e não quer admitir e concordamos com isso. A reconciliação que é necessária a ele, realiza-se primeiro em nós, na nossa alma. Então sentimos quanta força temos, quando o encontramos. Colocamos os pais e a família de cada um deles nas nossas almas, os agressores e as vítimas de cada família, da mesma forma, sem avaliações e talvez também a sua culpa, o seu destino, como ele é. Fazemos uma reverência interna e concordamos com eles.

Dessa concordância, dessa consonância com a sua situação, sua família e seu destino vem a força para oferecer aquilo que mais ajuda e que mais apoia, de maneira cuidadosa.

Exemplo: Gagueira e esquizofrenia

A cliente, uma mulher na terceira idade, quer dizer algo e gagueja ao falar.

HELLINGER *para o grupo* Ela gagueja, porque quer alcançar algo de qualquer forma.

Para a cliente Sente-se confortavelmente ao meu lado. Ela ri.

Para o grupo Meu Deus, como ela está nervosa.

Os dois sorriem um para o outro.

HELLINGER Qual é a sua idade?

CLIENTE *gagueja tanto que é praticamente impossível entendê-la* Sessenta.

HELLINGER Quantos sessenta?

CLIENTE *gagueja muito* Apenas um zero atrás.

HELLINGER Não entendi. Olhe cordialmente para mim. Então, qual é a sua idade?

CLIENTE *sem gaguejar* Sessenta.

Risadas e aplausos no grupo.

HELLINGER Com cordialidade, tudo fica mais fácil. Entretanto, atrás disso se esconde um medo. - Olhe para mim. Se você olhar, não precisa ter medo, sabe disso? Agora você está desviando o olhar novamente.

Ela olha para ele.

HELLINGER Exatamente. Denominamos isso: felicidade.

Ela olha para ele, longa e cordialmente.

HELLINGER Feche os olhos.

Hellinger coloca o braço ao redor dela. Então coloca uma mão na frente de seus olhos.

Após um certo tempo, para o grupo Ela não está acostumada com algo assim.

Ele continua segurando-a dessa forma. Um pouco depois ele pega o braço dela e o coloca à sua volta. Depois escolhe uma representante para a mãe e conduz a cliente até posicioná-la diante dela. Após um certo tempo, ele a conduz alguns passos à frente, mais próxima à mãe.

HELLINGER *depois de um certo tempo* Diga para a sua mãe: "Por favor."

CLIENTE Por favor.

HELLINGER *um pouco mais tarde* "Mas eu ainda sou tão pequena."

CLIENTE *gagueja muito* Mas eu ainda sou tão pequena.

Hellinger a conduz lentamente para mais próximo da mãe.

HELLINGER *para a representante da mãe* Permaneça totalmente centrada. Permaneça naquilo que é.

Após um certo tempo, ele escolhe uma representante para a mãe da mãe e a coloca atrás da mãe.

HELLINGER *após um certo tempo, para a mãe* Diga para sua filha: "Mas eu ainda sou tão pequena."

MÃE Mas eu ainda sou tão pequena.

Hellinger a vira para a sua própria mãe. A mãe e a sua própria mãe olham longamente uma para a outra, sem se tocarem. Hellinger coloca atrás da mãe da mãe, a mãe dela (bisavó da cliente).

HELLINGER *para a mãe da mãe* Diga para a sua filha: "Mas eu ainda sou tão pequena."

MÃE DA MÃE Mas eu ainda sou tão pequena.

Hellinger vira a mãe da mãe para a sua mãe, avó dela. Após certo tempo, escolhe uma representante para a bisavó, coloca-a atrás da avó da mãe e a vira para esta. Depois de um certo tempo, Hellinger escolhe uma outra representante como a quinta ancestral, coloca-a e também vira a quarta ancestral para ela. A quinta ancestral parece ser dura e olha para o lado. Depois de um certo tempo, a quarta ancestral se dirige para a mãe e as duas se abraçam.

Hellinger solta o abraço e pede que uma mulher se deite no chão entre as duas.

A quarta ancestral se agacha e se deita ao lado da mulher morta. As duas se abraçam.

HELLINGER *para a cliente* Siga o seu movimento, como você o sente internamente.

A cliente dirige-se para a mulher morta e para a quarta ancestral. As três se abraçam intimamente.

Depois de um certo tempo, Hellinger pede para todas se levantarem. Ele solicita às mulheres que façam um círculo ao redor da mulher morta. Apenas a quinta ancestral e a cliente permanecem fora.

A mulher morta olha para cada uma das outras mulheres.

HELLINGER *para a quinta ancestral* O que há com você?

QUINTA ANCESTRAL Eu pensei que não era da conta delas, de nenhuma forma.

Hellinger abre o círculo e coloca a mulher morta em frente à quinta ancestral, sua mãe. A mulher morta é obviamente uma filha dela. Esta pega-a com ambas as mãos. Entretanto, a morta se vira e olha para o chão.

HELLINGER *para a quinta ancestral* Diga para ela: "Não me interesso por você."

QUINTA ANCESTRAL Não me interesso por você.

A pessoa morta abaixa a cabeça.

HELLINGER *para a quinta ancestral* Diga para ela: "Não quero você."

QUINTA ANCESTRAL Não quero você.

A pessoa morta soluça.

HELLINGER *para a quinta ancestral* Aqui a gente vê o que você não quer.

Hellinger conduz a pessoa morta até a cliente. Esta a toma nos braços, segurando-a, e ela continua soluçando. Ele coloca as mães novamente uma atrás da outra.

Depois de um certo tempo, Hellinger desfaz o abraço e conduz a cliente para a frente da quinta ancestral. Ambas olham uma para a outra longamente. A cliente cerra os punhos. Então a quinta ancestral fecha os olhos, aperta a barriga, ajoelha-se lentamente e se inclina profundamente. A cliente a segura carinhosamente.

Hellinger pede agora que a mulher morta se ajoelhe junto à quinta ancestral. Ela também coloca o braço ao seu redor. A cliente coloca as mãos sobre as duas.

Enquanto a quinta ancestral e a morta se abraçam amorosamente, Hellinger conduz a cliente novamente para a frente da mãe.

CLIENTE *gaguejando para a mãe* Eu a perdoo pelo que me fez. Quero estar em paz com você.

Hellinger a conduz lentamente para a sua mãe e ambas se abraçam. As outras mães formam um círculo ao redor delas e entram nesse abraço. Apenas a quinta ancestral e a morta permanecem de fora.

Para as representantes Agradeço a todas vocês.

Explicações

Para o grupo Vou explicar agora os passos que segui.

A primeira imagem foi: ela não tinha acesso à mãe. Quando a tomei nos braços, percebi sua situação, em relação ao pai e à mãe. A mãe estava ausente.

Para a cliente Eu me senti assim internamente.

CLIENTE *sem gaguejar* Ela estava ausente internamente. Na verdade, a sua pessoa estava presente, mas ausente internamente.

HELLINGER Mas, você fala muito bem.

Risadas e aplausos no grupo.

Para o grupo Ok, é isso que senti e pensei: agora vou colocar mãe e filha uma em frente à outra. No início, a representante da mãe se comportou como uma terapeuta e quis ajudar. Contudo, isso altera tudo. Então, precisei adverti-la para que se centrasse.

Para esta representante Você fez muito bem.

HELLINGER *para o grupo* Todo o desejo de querer ajudar impede a ajuda. Com isso interferimos nos movimentos da alma. Então eles não conseguem mais se mostrar. Por isso, algumas vezes é difícil quando se escolhe uma terapeuta para representante, a não ser que já estejam amestrados e maduros no recolhimento.

Para a representante da quinta ancestral Você fez muito bem. Pode se ver bem claramente em você a agressividade da última mãe na linhagem dos ancestrais. Agora a sua aparência é totalmente outra.

A representante concorda com a cabeça e ri.

Para o grupo Então vi que não havia nenhuma dedicação da mãe em relação à filha. Disso podemos concluir que entre a mãe e a mãe dela também faltara dedicação. Por isso coloquei a mãe atrás dela. Entretanto, também entre elas havia algo conturbado.

E dessa forma fui continuando, até que cheguei à quinta ancestral. Ela mostrou a rigidez que estava oculta nas outras. Ela também desviou o olhar. Esse tipo de procedimento em uma linhagem de ancestrais, demonstra que houve um assassinato. Não devemos nos iludir em relação a isso.

Então coloquei alguém como vítima em frente a ela. Agora o estranho foi que a cliente se sentiu atraída em direção a essa vítima. Ela mostrou que a mãe recusou essa vítima.

Mais tarde coloquei a cliente em frente a essa ancestral. Lá, ela cerrou os punhos. Isso mostra que ela estava identificada duplamente: com a vítima e com a agressora. Na esquizofrenia encontramos essa dinâmica - e na gagueira parece óbvio também.

Quando a ancestral se abaixou para a vítima, a cliente tocou as duas.

Para a cliente De repente, ambas tinham um lugar no seu coração. A contradição e o conflito não resolvido entre a agressora e a vítima cessaram com isso. De repente o amor pelas duas pôde fluir dentro de você. Você precisou de sessenta anos para descobrir isso.

CLIENTE *gagueja* Foi o meu propósito...

HELLINGER Olhe gentilmente para mim. Assim, exatamente. Na verdade, você é uma pessoa gentil. Olhe nos meus olhos.

CLIENTE *gagueja* Foi o meu propósito resolver esse problema.

Sem gaguejar E mesmo que seja no último terço de minha vida, quero ver isso resolvido.

Risadas e aplausos no grupo.

HELLINGER Exatamente.

Para o grupo O parentesco entre a esquizofrenia e a gagueira veio à luz de forma bem clara nesta constelação.

Para a cliente Depois disso, todas as mães puderam receber você carinhosamente no círculo delas.

CLIENTE Não sei de nenhum assassinato concreto em minha família.

HELLINGER É claro que não. Isso remonta a cinco gerações.

CLIENTE É claro que não sei de nada em relação a isso.

HELLINGER É claro que você não sabe de nada. Contudo, numa constelação, isso vem à tona.

Para o grupo Um assassinato num sistema, por exemplo, quando uma criança é assassinada pela mãe ou a mulher pelo marido, atua durante várias gerações. Já vi isso remontar a 13 gerações.

Para a cliente É claro que você não sabe nada disso. Mas teve o sentimento, a compaixão. Não foi bom?

CLIENTE Quando fiquei adulta, sempre senti necessidade de me dirigir a minha mãe para mostrar-lhe minha compreensão, mas não foi possível me entender com ela.

HELLINGER É claro que não. Você assumiu algo que uma criança não deve assumir. Aqui todas estavam emaranhadas, todas as ancestrais.

Ambos riem.

HELLINGER Ok, agora eu deixo isso atuar em sua alma. Tome a ancestral e a vítima igualmente em sua alma - com amor. As duas, da mesma forma.

CLIENTE Espero que a gagueira também desapareça com o tempo. Este era o meu objetivo.

HELLINGER Com o tempo. Espere ainda um pouquinho. Você ainda está muito acostumada a gaguejar, ainda está desabituada ao outro jeito de falar.

CLIENTE sem gaguejar Sim, bem desabituada, sim.

Risadas estrondosas e aplausos no grupo. A cliente ri junto.

HELLINGER Ok, foi isso, então.

A fala

O que acontece quando dizemos algo? Qual o efeito que tem falar a palavra certa?

Quando uma criança fala pela primeira vez "mamãe", vocês percebem o que isso significa? Vocês percebem a diferença em relação ao que era antes?

Qual é o efeito que essa palavra tem na mãe? Ela se transforma. Algo nela fica diferente, porque a criança diz "mamãe" para ela. E também na criança algo se transforma quando consegue pronunciar essa palavra pela primeira vez. A relação entre a mãe e a criança e da criança com a mãe se transforma.

Esta palavra é criativa. Uma nova forma e tipo de relação se realiza nessa palavra. Também quando alguém diz para uma outra pessoa, pela primeira vez: "você", algo se transformou.

As coisas

O que acontece com as coisas quando as denominamos de forma correta? Frequentemente, refletimos durante muito tempo sobre uma conexão e não conseguimos compreendê-la. Mas, logo que a percebemos, ela se concentra e se condensa numa verdade que será expressa numa palavra. Somente aquilo que é compreendido pode ser expresso e tem um efeito especial. Transforma algo. A pessoa que compreendeu, pode expressar isso. Uma palavra assim tem força.

Ainda existe algo que devemos considerar. Uma coisa que não é denominada corretamente, não atinge a sua plenitude. Peguemos uma palavra bem simples, por exemplo, a palavra "rosa". Quando a

compreendemos e a expressamos, a rosa tem um efeito diferente. Ela não é a mesma que era antes. Portanto, na palavra algo inconcluído, uma relação inconcluída, uma situação inconcluída se eleva em direção a algo maior. Damos-lhe alma através da palavra que usamos.

As grandes palavras

Nas Constelações familiares muito frequentemente uma palavra ou uma frase tem que ser expressa. Algumas vezes, apenas uma palavra ou uma frase. E essa palavra ou frase transforma. Somente quando o ajudante alcança a palavra que dá uma guinada na necessidade e, por assim dizer, coloca-a na boca do cliente, de forma que ele possa dizer isso, algo se transforma. Essa palavra é criativa.

No trabalho das Constelações familiares e como elas vêm-se desenvolvendo, a fala correta é o que leva adiante, na hora certa. Essas palavras são uma bênção.

Algumas vezes, outras palavras se opõem a isso, por exemplo, uma maldição, um ataque, uma objeção. Por isso, prestamos atenção ao efeito que uma palavra terá - na própria alma e na alma dos outros.

As grandes palavras surgem do silêncio. Precisam de tempo até que fiquem maduras e caiam da árvore do conhecimento como fruta madura. São palavras que surgem da compreensão.

Autismo

Quando iniciei o trabalho com crianças autistas, fiquei surpreso porque em suas famílias se mostrou uma dinâmica similar à da esquizofrenia. Nas famílias com uma criança autista também se mostrou que esta criança precisa estar identificada com um assassino e uma vítima.

Quando numa constelação este pano de fundo veio à luz e a reconciliação entre o assassino e a vítima foi conseguida, houve melhoras surpreendentes nas crianças autistas. E o movimento que cura veio, em primeira instância, dos agressores.

Contudo, na família da criança existem resistências consideráveis contra a solução, porque a criança autista assume as consequências desse acontecimento por um de seus pais. Os pais têm medo de que eles mesmos precisem assumir essas consequências.

As minhas experiências com crianças autistas são limitadas. Talvez outros panos de fundo e acontecimentos na família também desempenhem um papel aí. Entretanto, o que percebi até o presente, com clientes autistas, tem sido encorajador.

Exemplos sobre o meu trabalho com crianças autistas podem ser encontrados em meu livro:

Histórias de amor

191 p., 2006, Editora Atman

Alguns exemplos também podem ser adquiridos em DVD:

Children, Mirror of the Family

4 DVDs, English, Chinese

Hellinger Institute Taiwan

Families in Turmoil

5 DVDs, English

Hellinger Institute of DC, www.HellingerDC.com

Publicações sobre o tema psicose e distúrbios de fala

Livros

Liebe am Abgrund

Ein Kurs für Psychose-Patienten 230 Seiten, 187 Abb. 2001. Carl-Auer-Systeme Verlag

O outro jeito de falar

Um curso para pessoas com distúrbios de fala e seus ajudantes 146 p., 2007, Editora Atman

Histórias de amor

191 p., 2006, Editora Atman

Vídeos

Liebe am Abgrund ***Ein Kurs für Psychose-Patienten***

3 Videos, 10 Stunden

Die Versõhnung des Getrennten

Ein Kurs für Psychose-Patienten in Mallorca

4 Videos, 8 Stunden, 46 Minuten. Deutsch/Spanisch

Das andere Sagen

Ein Kurs für Sprechgestõrte und ihre Helfer

3 Videos, 8 Stunden **Wo Ohnmacht Frieden stiftet**

Familien-Stellen mit Opfem von Trauma, Schicksal und Schuld,

3 Videos, 6 Stunden, 30 Minuten

DVDs

Das andere Sagen

3 DVDs, 8 Stunden

As Constelações familiares espirituais em uma frase

O procedimento

O que acontece? Um cliente apresenta um problema citando determinadas pessoas. Normalmente são os pais, parceiros e filhos. Esses são os mais próximos. Mas, também podem ser outras pessoas. Agora prossigo de forma sistêmica, ou seja, eu imagino as pessoas que fazem parte e volto-me para todas elas da mesma maneira. Eu me exponho a elas mantendo uma distância, sem querer algo específico e sem medo. Depois espero por uma indicação.

Essa indicação ajuda a todos da mesma maneira, ou seja, não está unicamente direcionada para algo que ajuda somente ao cliente. Ajuda a todos da mesma maneira. Isso mostra que se trata de uma frase que vem de um movimento espiritual.

Quando essa frase é encontrada e dita, tudo está feito. Nenhuma palavra adicional! Qualquer palavra adicional destruiria a força dessa frase.

Essa é a forma mais bela de ajudar alguém. Transcende ainda as Constelações familiares espirituais. Mas, só de certa forma, pois na imaginação interna todos estão presentes na mesma medida.

Gostaria de exercitar isso com vocês em forma de supervisão, ou seja, vocês não trazem um problema pessoal e sim uma questão de um cliente. Através destes exemplos demonstrarei essa maneira de ajudar. Então, não farei apenas uma demonstração; todos aprenderemos como podemos entrar num movimento de ajuda desse tipo.

Seja qual for o resultado, ele nos ajudará de diversas maneiras. Entramos numa postura totalmente diferente. Está totalmente claro que aqui não podemos querer nada. Não podemos inventar essas frases. Nós as recebemos como um presente no caminho fenomenológico do conhecimento.

Então, está claro o que eu disse? Quem teria um caso que gostaria de apresentar?

Exemplo: um menino de 12 anos tem um tique nervoso

HELLINGER *para o participante que gostaria de apresentar este caso* De que se trata?

PARTICIPANTE Trata-se de Wen, uma criança de 12 anos que procurou a mim e a minha mulher. Tem um tique nervoso: pisca com os olhos e movimenta as mãos involuntariamente.

HELLINGER Quem procurou você?

PARTICIPANTE Na primeira vez a mãe, com esse menino de 12 anos e o seu irmão.

HELLINGER *após um tempo de reflexão, para o grupo* Ele mencionou apenas esse menino e a mãe.

Para o participante Quem você não mencionou?

PARTICIPANTE Quem? O pai os acompanhou na segunda visita.

HELLINGER Ok.

PARTICIPANTE Na segunda vez trabalhamos apenas com o pai e a mãe.

HELLINGER Bom.

Para o grupo Agora imaginemos o seguinte: quando essa criança faz esses movimentos, com este tique nervoso e com a mão. Se desviarmos o olhar dessa criança nesse momento, para onde a criança olha? Para quem ela olha? Para que pessoa a criança olha? Para quem os pais não olham? Ao invés de olharem para essa pessoa, olham para a criança.

O participante acena com a cabeça.

HELLINGER *para o grupo* Agora imaginamos o sistema inteiro: aqueles que fazem parte e aqueles que talvez estejam esperando para que sejam olhados, esperando que se tenha compaixão por eles, que sejam amados. Esse seria o pano de fundo.

Ok, agora nós fechamos os olhos e entramos nessa postura em relação ao sistema inteiro: dedicados a todos com amor. Depois esperamos para que talvez a palavra ou a frase decisiva venha.

Hellinger centra-se profundamente.

Após algum tempo Eu tenho a frase. Uma frase surpreendente que não se pode inventar.

Para este participante Quando eles estiverem com você novamente, os três, você pede ao menino para dizer aos seus pais: esqueçam-se de mim também.

O participante fica tocado e acena com a cabeça.

HELLINGER: Depois você os manda para casa imediatamente. Você sentiu a força imediatamente.

Para o grupo Pudemos ver pela expressão do seu rosto. E nós também sentimos a força.

Para este participante E o menino está melhor.

O homem acena com a cabeça.

HELLINGER Ok.

Após algum tempo, para o grupo Vocês percebem que não podemos inventar essas frases. São completamente diferentes do que imaginamos.

Exemplo: homem de 40 anos com diarreia

HELLINGER *para o grupo* Querem continuar com essa terapia "ultra breve"?

Uma mulher levanta o braço.

HELLINGER *para esta mulher* Vamos nos dar tempo. São processos meditativos. Com eles nos acalmamos. Todos nós nos acalmamos.

Após algum tempo Agora estou pronto para a próxima questão.

PARTICIPANTE Trata-se de um homem de 40 anos que tem diarreia há dois anos. Fisicamente não se acha nada.

HELLINGER Você sabe algo sobre a sua família?

PARTICIPANTE Sua mãe morreu quando tinha 16 anos. Ela teve uma depressão grave depois que o pai foi embora. Ele foi embora porque havia tido uma briga séria com a filha e bateu nela.

HELLINGER Esse é o pai desse homem?

PARTICIPANTE Era seu pai.

HELLINGER A filha era a irmã desse homem?

PARTICIPANTE Sim.

HELLINGER A mãe morreu de depressão?

PARTICIPANTE Ela não saía mais da cama e queria morrer. Finalmente morreu de uma embolia.

HELLINGER As pessoas são: esse homem, sua mãe, seu pai e sua irmã. Quatro. Qual deles precisa do maior carinho?

PARTICIPANTE O pai.

HELLINGER *para o grupo* Isso agora é importante *para nós.* Ele é quem foi o excluído. Então nós o colocamos *em* nossa alma. Abrimo-nos para essa família, voltando-nos para cada um deles e esperamos sem medo e sem intenção.

Após algum tempo Tenho uma frase.

Para esta mulher O homem diz a frase. Mas, fica em aberto para quem. Quando ele for ao seu consultório você faz um atendimento rápido, uma meditação. Depois diz essa frase a ele. Depois ele deve levantar-se imediatamente e ir embora.

Então, você pede que se sente ao seu lado e diz a ele: "Feche os olhos. Agora imagine todas as pessoas

da sua família. O pai, a mãe, sua irmã e você. Eles ficam a alguma distância de você. Então sinta com quem está conectado mais profundamente. Você diz uma frase para essa pessoa. Vou lhe dizer essa frase. Depois você se levanta, sem dizer uma palavra e vai embora."

A frase é: por favor, fique.

A mulher acena com a cabeça.

HELLINGER Ok?

PARTICIPANTE Sim.

Exemplo: menino de 15 anos se automutila e tem ataques de pânico

HELLINGER *para uma participante* Do que se trata aqui?

PARTICIPANTE Trata-se de uma família em que os pais são separados. O menino se automutila e tem ataques de pânico.

HELLINGER Quem procurou você?

PARTICIPANTE Todos os três.

HELLINGER *para o grupo* Ok. Aqui somente três pessoas são importantes: o pai, a mãe, o filho.

Para a participante Com quem o filho mora?

PARTICIPANTE Ele reveza entre o pai e a mãe, mas agora fica mais na casa do pai.

HELLINGER *para o grupo* Agora imaginamos essa situação. Sentimos a situação, dedicando-nos a todos ao mesmo tempo. Sentimos o que o menino sente e sentimos o seu amor.

Após algum tempo para a participante Tenho a frase. É totalmente codificada. Você diz a frase na presença dos pais, diz a eles qual a frase secreta do menino. E acrescenta que, depois que você tiver falado a frase, eles devem ir sem dizer uma palavra.

Você diz aos pais que o menino diz internamente: *Melhor eu.*

Como você se sente com essa frase?

Quando a participante ri Podemos ver. Ok. Foi isso.

PARTICIPANTE Obrigada.

HELLINGER *para o grupo* Permito mais um caso. Depois, é suficiente.

Exemplo: cliente de 35 anos consegue apenas ingerir alimentos líquidos

HELLINGER *para o grupo após um pequeno intervalo para centrar-se* Naturalmente também pode acontecer que não venha frase nenhuma. Isso pode ter diversos panos de fundo.

Talvez estejamos demasiadamente empenhados. Então perdemos a conexão com o movimento espiritual. Isso também é o perigo aqui, quando trabalho com um caso após o outro. Fica como um exercício e isso é perigoso. Perigoso no sentido de que nada dá certo.

Para a participante Então?

PARTICIPANTE Trata-se de uma cliente que tem 35 anos. Desde quando era jovem tem uma doença, que se manifesta de tal forma que ela não é capaz de engolir alimentos sólidos. Ficam presos na garganta. Portanto, pode apenas ingerir alimentos líquidos.

HELLINGER Então, esse é o problema. Quem procurou você?

PARTICIANTE Ela mesmo veio.

HELLINGER *para o grupo* Agora temos que acrescentar internamente quem mais faz parte. Sem entrar em detalhes, imaginamos essa família. Também os irmãos dela.

Para a participante Um dos irmãos ou irmãs morreu cedo?

PARTICIPANTE Essa mulher nunca conheceu o seu

pai.

HELLINGER Essa é uma informação importante.

Após algum tempo Veio-me uma frase bastante estranha.

Para a participante Você pode dizer a ela que deve imaginar que está dizendo uma frase para sua mãe. Ela, porém, não diz a frase. Apenas a diz internamente. A frase é: eu fico pela metade.

A participante concorda com a cabeça e ri.

HELLINGER Ok?

PARTICIPANTE Obrigada.

HELLINGER *para o grupo* Vocês percebem para onde as Constelações familiares espirituais ainda vão nos levar, no final.

Exemplo: Cliente de 37 anos tem o lado direito do corpo paralisado há um ano

PARTICIPANTE O cliente tem 37 anos. Há um ano não sente nada e está paralítico do lado direito. Sobre sua história: ele tinha um ano quando sua mãe se enforcou.

HELLINGER Não quero saber de nada mais agora.

Para o grupo Sentimos agora a situação e a família.

Hellinger novamente centra-se profundamente.

Após algum tempo para o grupo Mais uma vez é uma frase estranha.

Para o participante Então, quando ele vier até você, peça a ele que feche os olhos e imagine: ele é uma criança pequena, e sua mãe está pendurada diante dele. Ele olha para ela como está ali, pendurada e diz: eu também.

O participante fica sério e acena com a cabeça.

HELLINGER Ok?

PARTICIPANTE Obrigado.

O movimento interno

HELLINGER *para o grupo* Essas frases estão além da ajuda. Elas colocam cada pessoa em contato com um movimento interno. A partir do momento em que está em contato com o movimento interno, é guiada por ele. Mas, não sabemos para onde. E também não queremos saber. A pessoa, então, está totalmente entregue a esse movimento.

Quando somos presenteados com uma frase desse tipo - essas frases sempre são um presente - imediatamente separamo-nos do cliente, sem preocupação. Somos livres imediatamente. Então, é para lá que as Constelações familiares espirituais nos levam no final.

Agora é assim: quando um cliente chega até vocês e se senta ao seu lado e vocês se abrem para ele, às vezes uma dessas frases ou palavra vem às suas mentes sem que o cliente diga algo. Essa é uma bela experiência. Então vocês sentem que estão sendo guiados.

Numa constelação, quando não sabemos como continuar, a compreensão sobre qual é o próximo passo também nos é dada dessa maneira. Ou então a frase que alguém deve dizer.

Meditação: a nossa própria frase

Fechem os olhos. Agora entramos dentro da nossa família, junto a todos que fazem parte. Colocamo-nos no nosso devido lugar ao lado deles. Lá permanecemos. Sentimos a conexão com todos e percebemos como os destinos dessa família também nos aguardam, como esperam algo de nós, que no final traz a paz.

Enquanto nos abrimos assim para todos e para os seus destinos, porém permanecendo sempre no

nosso lugar, esperamos até que, após algum tempo, possamos dizer algo para cada um deles: uma frase, a nossa frase. Não a dizemos apenas para eles. Essa frase também nos abarca. Não somos nós que dizemos uma frase a eles, pois essa frase, que recebemos como um presente, também diz respeito a nós. Todos ficam aliviados porque a frase nos abarca e porque podemos concordar com ela. Essa frase nos conecta com todos da forma mais profunda.

Após algum tempo Talvez vocês tenham achado uma dessas frases. Darei um exemplo de uma frase desse tipo: olhando para todos, alguém diz: Eu fico aqui.

Supervisões breves

Darei mais alguns exemplos sobre essa forma de acompanhar o movimento do espírito. São supervisões breves, também com uma única frase ou indicação.

O futuro

HELLINGER *para um ajudante* Do que se trata, no seu caso?

AJUDANTE Trata-se de uma mulher jovem que sofreu abuso por parte do seu avô, quando era criança.

HELLINGER Qual é o problema?

AJUDANTE Na época ela contou isso ao seu pai. O pai proibiu-a de contar para a mãe, pois ela também havia sofrido abuso por parte do pai, ou seja, desse mesmo avô, quando era pequena.

HELLINGER Então, aqui se necessita da nossa benevolência - em relação a todos.

Para o ajudante Qual a idade da mulher?

AJUDANTE Entre vinte a trinta anos.

HELLINGER *para o grupo* Algo que faço frequentemente numa situação assim: imagino todos eles: essa mulher, o avô, o pai, a mãe. E quem mais? Quem não foi mencionado? A avó. A avó não foi mencionada. Eu me exponho a isso, com a mesma benevolência, sem julgamento. Às vezes, então me vem uma frase ou uma palavra que serve a todos da mesma maneira e que os ajuda.

Para o ajudante Acabei de receber essa frase. Devo dizê-la?

A frase é: *esse amor também é grande.*

Silêncio prolongado.

HELLINGER *para o grupo* Vamos esquecer os nossos julgamentos morais e olhar para o efeito dessa frase na família. Qual o efeito dessa frase para todos? Todos se libertam e têm futuro.

Ok, este foi um exemplo de uma terapia breve. Esta forma de trabalhar que acabei de demonstrar é a forma mais densa desse trabalho.

Para o ajudante Após você ter falado essa frase para a mulher, a terapia terminou. Nada mais será dito. Nenhuma palavra adicional. A frase apenas terá um efeito se puder agir por si só. Com toda sua força.

Mas primeiro você deve concordar que de fato é assim: "Esse amor também é grande - e divino."

Ambos acenam com a cabeça.

HELLINGER A frase entrou na sua alma de verdade.

Ambos riem um para o outro.

HELLINGER Ok?

O ajudante acena com a cabeça.

HELLINGER Ok. Vou deixar aqui.

Um menino perde a fala

HELLINGER *para uma ajudante* Sim, do que se trata no seu caso?

AJUDANTE Uma criança de cinco anos está visivelmente perdendo a fala.

HELLINGER Como isso se manifesta?

AJUDANTE Ele quer dizer algo, começa a gaguejar, entra num tom de voz muito agudo, foge e se esconde.

HELLINGER Ok. Olho para o menino e olho para sua mãe e seu pai e olho para o segredo. Existe um segredo. O segredo é uma pessoa morta. Você sente isso?

AJUDANTE Vi o pai há pouco tempo. Ele está em pânico, pois também perdeu a fala quando era pequeno. Desde a primeira série frequentou um colégio interno e não recuperou a fala novamente.

HELLINGER Isso então é algo que vai lá para trás. Nessa família existe um agressor. O agressor tem medo de que isso venha à luz. Agora eu me exponho a isso, a essa situação.

Após algum tempo Tenho uma palavra simples.

Para a ajudante Você trabalha sozinha com ele?

AJUDANTE Sim.

HELLINGER Quantos anos ele tem?

AJUDANTE Cinco anos e meio.

HELLINGER Você imagina que ele está sentado ao seu lado. Coloca o braço em volta dele, o que provavelmente você faz e vocês olham para frente. E depois você pede a ele para dizer: *papai, nós dois.*

Para a ajudante Isso imediatamente atingiu você. Eu pude ver o efeito bom.

Isso é para o menino. Depois você trabalha com o pai e tenta levá-lo até o segredo que existe ali. Certamente trata-se de um assassinato. Mas isso pode ter acontecido lá atrás ou estar relacionado com a guerra, por exemplo. Posso deixar aqui?

A ajudante acena com a cabeça.

Exercício: acompanhar o espírito

Agora vou fazer isso como um exercício para todos. Imaginem uma situação onde lhes é relatado um problema, uma situação onde vocês querem e, talvez, até devam ajudar. Quando se relata um problema, trata-se sempre de um problema de relacionamento. Não existe outro tipo de problema. Por que um relacionamento torna-se um problema? Porque alguém é excluído, rejeitado ou esquecido.

Quando um cliente relata um problema, sempre diz quem é a pessoa má. Isso é um convite para que o ajudante também fique zangado com essa pessoa e 80% dos ajudantes caem nessa armadilha. Então, naturalmente, não podem mais ajudar.

Agora fechem os olhos. Imaginem uma situação assim, ou seja, um problema que lhes é relatado, talvez até um problema que vocês mesmos tenham. Olhem para todas as pessoas que fazem parte dele e prestem atenção principalmente aos seguintes pontos: quem foi excluído, quem não foi mencionado? Coloquem também essa pessoa para dentro da alma, ou seja, principalmente as pessoas das quais se diz que são pessoas más.

Olhem para cada pessoa com o mesmo carinho, com o mesmo respeito, com o mesmo amor, sem diferença, da mesma maneira para todos. Entreguem-se a um movimento do espírito, do espírito criativo que se volta para tudo da mesma maneira.

Assim vocês acompanham esse movimento, porém sem entrar nessa relação. Permaneçam do lado de fora do sistema. Apenas olhem do lado de fora com a mesma benevolência em relação a todos. Depois esperem, simplesmente esperem. Talvez após algum tempo, de repente, lhes venha uma frase ou às vezes apenas uma única palavra que serve a todos, que ajuda a todos. Vem de um lugar profundo, sem pensarmos, vem de repente.

A palavra é sempre nova. Não existem repetições. Imediatamente tem um efeito liberador, também em vocês, imediatamente.

Vocês viram como eu trabalhei dessa maneira. No momento em que achei a frase e a falei, imediatamente pudemos observar uma mudança nos rostos. Vocês perceberam isso?

A veracidade da frase mostra-se imediatamente, através do efeito.

Ajudar em sintonia

Nota preliminar

Neste capítulo trata-se da prática da ajuda de acordo com minhas compreensões sobre a consciência, sobre os laços de destino, sobre os movimentos do espírito na alma. Aqui descrevo minhas experiências no que diz respeito à ajuda e ofereço indicações de como podemos proceder em diferentes situações. Esta é a Hellinger Sciencia aplicada à ajuda.

Aqui não se trata de perceber os detalhes a fim de aplicá-los em uma situação similar. Isso seria difícil, porque a multiplicidade dessas experiências não pode ser compreendida através dos detalhes. Por isso, recomendo ler este capítulo como uma coletânea de histórias emocionantes sobre a vida, sem querer perceber os detalhes. Assim, vivenciando essas experiências, você crescerá gradualmente com elas. Quando se encontrar em situações similares, saberá, de repente, partindo de seu íntimo, o que é realmente importante, podendo seguir a sua compreensão, em sintonia com a situação como ela se mostra.

Essas histórias são reflexões sobre a ajuda, extraídas de vários cursos e são muito próximas às situações da vida real. Refletem a aprendizagem imediata através dos eventos reais, incluindo alguma repetição aparente, contudo sempre há um campo espiritual novo ou diferente. Os subtextos deste campo espiritual especial podem ser sentidos em cada história, enquanto elas se desdobram em ressonância com ele.

A ajuda como profissão

A ajuda como dar e tomar

Ajudar é uma qualidade humana. Nós ajudamos os outros com prazer porque eles também nos ajudaram. E quando ajudamos outras pessoas, é também mais fácil tomar o que recebemos deles. Quando recebemos sem dar algo de volta, é difícil conservarmos aquilo que nos deram. Quando damos algo de volta, podemos manter o que recebemos, feliz e livremente. Isso é um traço humano universal.

A ajuda profissional

A ajuda profissional é algo totalmente diferente. Se quisermos ajudar os outros em nossa vida profissional, com a mesma postura com que ajudamos em outras relações humanas, isso se torna perigoso. Por quê?

Em relação à ajuda profissional, por exemplo, nas Constelações familiares, na Psicoterapia, e ainda na Medicina, frequentemente trata-se de vida e morte. E trata- se de que uma pessoa alcance o seu próprio destino, de modo que possa se desenvolver e crescer, de acordo com o que lhe é adequado.

Quando nos é permitido ajudar?

Em que mãos estão a vida e a morte? Nas mãos de um ajudante? Se alguém se comporta como se a *vida e a* morte de um outro ser humano estivessem em suas mãos, ele se arroga a uma posição que cabe somente a Deus ou à força que podemos sentir atrás dessa palavra. Portanto, em questões de vida e morte, é adequado o mais extremo recolhimento.

É permitido a nós realmente ajudar? Sim. Contudo, somente se estivermos em sintonia com as forças maiores, que decidem sobre a vida e a morte dos seres humanos. Que forças são essas?

Em primeiro lugar é o destino que todos nós assumimos, através de nossa família e nossa origem. Cada um de nós é filho de um pai e de uma mãe e de muitos ancestrais. Em ambos os lados aconteceram muitas coisas que afetam nossa vida. Por exemplo, quando houve crimes em nossa família, isso se torna o destino dos descendentes ou quando algumas pessoas foram excluídas ou esquecidas em nossa família. Elas atuam no presente como seu destino. Portanto, quando ajudamos alguém, precisamos respeitar e nos conectarmos com esse destino e com aquilo que o provocou.

Ajudar com respeito

O que isso significa na prática? Primeiro de tudo, quando ajudamos as pessoas, precisamos dar aos pais delas um lugar de respeito e amor em nossos corações, independentemente de como foram essas pessoas ou do que disseram sobre elas. Quando um cliente se queixa de seu pai ou de sua mãe, está ao mesmo tempo queixando-se de seu destino, queixando-se de Deus ou o que quer que seja que essa palavra nos oculta.

Quando eu dou espaço em minha alma ao que o cliente diz sobre seus pais, então me coloco como ele, acima do seu destino e acima de Deus. Então, como posso ajudá-lo dessa forma? Eu me transformo em seu criador.

Quando me comporto dessa forma, que efeitos tem em minha alma? E talvez também em meu corpo e em minha saúde? Uma pessoa pode adotar tais atitudes de superioridade, sem representar um grande perigo para si mesmo e para seu cliente?

Ajudar com segurança

Quando observamos as atitudes e procedimentos de muitas pessoas nas profissões de ajuda e o grau de cegueira que demonstram, quando realmente olhamos para isso mais detalhadamente, e deixamos que isso toque nossa alma, então podemos sentir que devemos nos submeter a uma transformação profunda, para que nossa maneira de ajudar seja segura, antes de mais nada, para nós mesmos e também para os outros.

Portanto, retomando: como podemos proceder com segurança? Não importa o que uma pessoa diga sobre seus pais, eu, como ajudante, olho para eles com profundo respeito e amor. Então, olho para os

seus ancestrais e os destinos de seus familiares e me curvo profundamente, entrando assim em sintonia com esses destinos, com todo o pano de fundo e com a grande alma que atua aí. Quando estou em sintonia com tudo isso, recebo uma dica desse campo, que me diz se posso ou devo fazer algo, se preciso me recolher, se não devo fazer nada ou se devo ou preciso comunicar ao outro o que percebo.

Algumas vezes, a partir dessa ressonância, sou encarregado de dizer algo que parece ser duro, no entanto, está em sintonia com o destino. Outras vezes, sou encarregado de não me intrometer nisso e também de dizê-lo. Isso parece ser duro, entretanto acontece em conformidade com o outro, com a sua alma e seu destino.

Ajudar outros a crescer

Ajudar tem a ver com a promoção do crescimento, do crescimento interno. Como algo cresce?

Primeiro, quando é nutrido; segundo, quando precisa se impor contra forças que se opõem ao crescimento. Muitos ajudantes, frequentemente, preferem focar na nutrição e recuar perante o conflito. Entretanto, trata-se de confiar em que o outro saberá lidar com o seu conflito, administrando as adversidades.

Ordens da ajuda

As ordens da ajuda das quais falo aqui têm a ver com a ajuda como profissão, não com a ajuda interpessoal. Há uma diferença entre as duas. A ajuda como profissão é uma arte, uma habilidade de saber como. Sobretudo, precisamos saber como fazer para não nos deixarmos ser envolvidos em um relacionamento.

O que significa ajudar?

Ajudar é uma arte. Como em qualquer outra arte, faz parte dela uma faculdade que pode ser aprendida e praticada. Também faz parte dela uma sensibilidade para compreender a pessoa que procura ajuda, isto é, a compreensão daquilo que lhe é adequado e, simultaneamente, daquilo que o expande para além de si mesmo, para algo mais abrangente.

A ajuda como compensação

Nós, seres humanos, dependemos, sob todos os aspectos, da ajuda de outros. Só assim podemos desenvolver nosso potencial. Ao mesmo tempo, precisamos também ajudar outros. Quando não temos necessidades e quando não podemos ajudar outras pessoas, nos tornamos isolados e definhamos. Assim, nossa ajuda não serve somente aos outros, mas também a nós mesmos.

A ajuda é recíproca, por exemplo, entre parceiros. Ela se ordena pela necessidade de compensar. Quem recebeu de outros o que deseja e precisa, também quer dar algo, restaurando o equilíbrio entre o dar e o tomar.

Frequentemente, a compensação através da retribuição só é possível de uma forma limitada, por exemplo, em relação a nossos pais. O que eles nos presentearam é grande demais para que possamos compensar, retribuindo com algo. Assim, só nos resta, em relação a eles, o reconhecimento pelo presente que nos deram e o agradecimento que vem do coração. A compensação através da retribuição e o consequente alívio só se consegue quando se passa isso adiante, por exemplo, para nossos filhos ou para outras pessoas.

O dar e o tomar acontece em dois níveis. O primeiro, que ocorre entre pessoas equiparadas, permanece no mesmo nível e exige reciprocidade. No outro, entre pais e filhos ou entre pessoas com recursos superiores e outras com menos, existe um desnível. No segundo caso, dar e tomar se assemelha a um rio que flui, levando adiante o que recolheu. Este dar e tomar é maior, tem em vista, também, o que vem depois. Esse modo de dar, aumenta o que foi presenteado. Aquele que ajuda é tomado e inserido em algo maior, mais rico e duradouro.

Para esta ajuda ter sucesso, a longo prazo, precisamos ter recebido e tomado primeiro. Pois somente assim teremos a necessidade e a força de ajudar outros, principalmente quando essa ajuda exige muito de nós. Ao mesmo tempo, pressupõe que aqueles que queremos ajudar também necessitam e desejam

aquilo que podemos e queremos dar a eles. Caso contrário, a nossa ajuda se perde no vazio. Separa, ao invés de unir.

Dar o que temos e tomar o de que precisamos

A primeira ordem da ajuda consiste em dar apenas o que se tem, e esperar e tomar apenas o que se necessita.

A primeira desordem da ajuda começa quando uma pessoa quer dar o que não tem, e a outra quer tomar algo de que não precisa. A desordem também ocorre quando uma pessoa espera e exige da outra algo que ela não pode dar, porque ela mesma não tem. Mas também quando uma pessoa não pode dar algo, porque com isso tiraria da outra a responsabilidade por algo que só ela pode ou deve carregar sozinha ou precisa ou deve fazer. Portanto, existem limites a serem observados no dar e tomar. Pertence à arte da ajuda percebê-los e se submeter a eles.

Essa ajuda é humilde. Muitas vezes, renuncia à ajuda em face da expectativa e também do sofrimento. Nas Constelações familiares, podemos ver que o ajudante deve exigir tanto de si tanto daquele que procura a sua ajuda. Essa humildade e essa renúncia contradizem muitas ideias tradicionais sobre a maneira correta de ajudar, expondo, frequentemente, o ajudante a graves acusações e ataques.

Permanecer dentro das possibilidades

Por um lado, a ajuda está a serviço da sobrevivência e, por outro, da evolução e do crescimento. A sobrevivência, a evolução e o crescimento dependem de circunstâncias especiais, tanto externas quanto internas. Muitas circunstâncias externas são preestabelecidas e inalteráveis, por exemplo, uma doença hereditária, consequências de acontecimentos, uma culpa pessoal ou de outras pessoas. Quando a ajuda desconsidera as circunstâncias externas ou não as admite, está fadada ao fracasso.

Isso é ainda mais crucial para as circunstâncias de natureza interna. A elas pertence a missão pessoal e particular, o emaranhamento nos destinos de outros membros familiares e o amor cego que, sob a influência da consciência, permanece ligado ao pensamento mágico. O que isso significa, nos seus pormenores, esclareci minuciosamente no meu livro *Ordens do Amor,* no capítulo *Do céu que faz adoecer e da terra que cura.*

Para muitos ajudantes pode ser que o destino do outro pareça ser difícil e por isso querem mudá-lo. Entretanto, muitas vezes, não porque o outro precise ou queira, mas porque os próprios ajudantes não conseguem suportar esse destino. E quando o outro, mesmo assim se deixa ajudar por eles, não é tanto porque precise, mas porque deseja ajudar o ajudante. Então, essa ajuda que parte do ajudante se transforma em tomar e o receber a ajuda, doar.

A segunda ordem da ajuda é, portanto, nos submetermos às circunstâncias e somente interferir e apoiar à medida que elas o permitirem. Essa ajuda é discreta e tem força.

A desordem da ajuda seria, aqui, negarmos ou encobrirmos as circunstâncias, ao invés de olhá-las juntamente com aquele que procura ajuda. O querer ajudar contra as circunstâncias enfraquece tanto o ajudante quanto aquele que espera ajuda ou a quem ela é oferecida ou até mesmo imposta.

O arquétipo da ajuda: Pais e filhos

O arquétipo da ajuda acontece na relação entre pais e filhos, principalmente, entre mãe e filho. Os pais dão, os filhos tomam. Os pais são grandes, superiores e ricos; os filhos pequenos, necessitados e pobres. Entretanto, porque pais e filhos estão ligados por um profundo amor mútuo, o dar e o tomar entre eles pode ser quase ilimitado. Os filhos podem esperar quase tudo de seus pais. Estes estão dispostos a dar quase tudo aos seus filhos. Na relação entre pais e filhos as expectativas dos filhos e a prontidão dos pais para atendê-las são necessárias e por isso, estão em ordem.

Entretanto, estão em ordem enquanto os filhos ainda são pequenos. Com o avançar da idade os pais vão colocando limites aos filhos, com os quais estes podem entrar em atrito, amadurecendo dessa forma. Então os pais são menos amorosos com os seus filhos? Seriam pais melhores se não colocassem limites? Ou provam ser bons pais justamente porque exigem de seus filhos algo que os prepara para uma vida de adultos? Muitos filhos ficam então com raiva de seus pais porque preferem manter a dependência original. Contudo, justamente porque os pais se retraem e desiludem essas expectativas,

ajudam seus filhos a se libertarem dessa dependência e, passo a passo, agirem por própria responsabilidade. Somente assim os filhos tomam o seu lugar no mundo dos adultos e se transformam de tomadores em doadores.

Ajudar de igual para igual

Muitos ajudantes, por exemplo, na psicoterapia e no trabalho social pensam que precisam ajudar aqueles que procuram ajuda, como pais ajudam seus filhos pequenos. Inversamente, muitos que procuram ajuda esperam que os ajudantes se dediquem a eles como pais em relação a seus filhos e esperam receber deles, mais tarde, o que ainda esperam ou exigem de seus próprios pais.

O que acontece se os ajudantes correspondem a essas expectativas? Eles se envolvem numa longa relação.

Para onde leva essa relação? Os ajudantes ficam na mesma situação dos pais, no lugar onde se colocaram através desse desejo de ajudar. Passo a passo, precisam colocar limites aos que procuram ajuda, decepcionando- os. Então, estes desenvolvem frequentemente, em relação aos ajudantes, os mesmos sentimentos que tinham antes, em relação aos pais. Dessa maneira, os ajudantes que se colocaram no lugar dos pais e talvez até queiram ser melhores que os pais tornam-se, para os clientes, iguais aos pais deles.

Muitos ajudantes permanecem presos na transferência e na contratransferência da criança em relação aos pais, dificultando assim ao cliente a despedida, tanto de seus pais quanto deles.

Ao mesmo tempo, a relação segundo o modelo da transferência entre pais e filhos impede também o desenvolvimento pessoal e amadurecimento do ajudante. Vou ilustrar isso com um exemplo:

Quando um homem jovem se casa com uma mulher mais velha, ocorre a muitos a imagem de que ele procura uma substituta para sua mãe. E ela, o que procura? Um substituto para seu pai. O inverso também é válido. Quando um homem mais velho se casa com uma mulher jovem, muitos dizem que ela procurou um pai. E ele? Ele procurou uma substituta para sua mãe. Portanto, embora isso possa soar estranho, quem persiste por muito tempo numa posição superior e até a procura e quer conservá-la, recusa-se a assumir seu lugar de igual para igual, no mundo dos adultos.

Contudo, existem situações em que é conveniente que, por um curto tempo, o ajudante represente os pais, por exemplo, quando um movimento precocemente interrompido precisa ser completado. Quando uma criança teve que ficar no hospital por um longo tempo e não pôde estar com sua mãe ou com seu pai, embora tenha precisado deles urgentemente e sentido muito a sua falta, depois de algum tempo, o seu desejo se transforma em tristeza, desespero e raiva. Então a criança afasta-se dos pais e, mais tarde, de outras pessoas também, embora tenha o desejo de ficar. As consequências de um rompimento precoce do movimento em direção aos pais podem ser superados se o movimento original for retomado e levado ao fim. Nesse processo, o ajudante representa a mãe ou o pai do cliente daquela época, e o cliente pode terminar o movimento interrompido em direção aos pais, como a criança daquela época. Mas, diferentemente da transferência da relação entre pais e filhos, os ajudantes representam aqui os pais reais e não se colocam em seu lugar como uma mãe melhor ou um pai melhor. Por isso, os clientes também não precisam se desprender deles. Os ajudantes deixam os clientes voltarem para seus pais reais e, assim, clientes e ajudantes ficam livres.

Seguindo esse modelo de sintonia com os pais verdadeiros, os ajudantes podem fazer fracassar, desde o início, a transferência da relação entre pais e filhos. Pois se eles respeitam de coração os pais de seus clientes, se estão em sintonia com esses pais e seus destinos, os clientes encontram, ao mesmo tempo, nos ajudantes, os seus pais, não podendo mais se esquivar deles.

O mesmo é válido, quando ajudantes lidam com crianças. Na medida em que somente representam os pais, os clientes podem se sentir acolhidos junto a eles. Os ajudantes não se colocam no lugar dos pais.

A terceira ordem da ajuda, então, é que o ajudante também se coloque como adulto perante um adulto que procura ajuda. Com isso recusa as tentativas do cliente de forçá-lo a fazer o papel de seus pais. É compreensível que isso seja sentido e criticado por muitos como dureza. Paradoxalmente, essa "dureza" é criticada por muitos como arrogância, embora, olhando com exatidão, o ajudante seja muito mais arrogante numa transferência da relação entre pais e filhos.

A desordem da ajuda ocorre quando o ajudante permite que o cliente faça reivindicações a ele como uma criança a seus pais, e quando o ajudante trata o cliente como uma criança, para poupá-lo de algo que ele mesmo precisa e deve carregar - a responsabilidade e as consequências.

É o reconhecimento dessa terceira ordem da ajuda que diferencia de modo fundamental as Constelações familiares e o trabalho com os movimentos da alma da psicoterapia habitual.

Permanecer dedicado à família toda

Sob a influência da psicoterapia clássica, muitos ajudantes frequentemente encaram seu cliente como um indivíduo isolado. Com isso, também ficam facilmente em perigo de uma transferência da relação entre pais e filhos.

Mas o indivíduo é parte de uma família. Somente quando o ajudante o percebe como uma parte de sua família, é que ele percebe de que o cliente precisa e a quem ele talvez deva algo. O ajudante percebe, realmente, o cliente quando o vê junto com seus pais e ancestrais e talvez também com o seu parceiro e seus filhos. Então percebe também quem mais precisa de respeito e ajuda nessa família e a quem o cliente precisa se dirigir para reconhecer e dar os passos decisivos em sua vida.

A quarta ordem da ajuda requer que a empatia do ajudante deve ser focada mais no sistema como um todo do que exclusivamente no cliente. Ele não se envolve num relacionamento pessoal com o cliente.

A desordem da ajuda aqui seria ignorar ou desrespeitar outros membros da família que, por assim dizer, têm nas mãos a chave para a solução. A elas pertencem sobretudo as pessoas que foram excluídas da família, por exemplo, porque os outros se envergonharam delas.

Também aqui o grande perigo é que essa empatia sistêmica seja sentida como dura pelo cliente, principalmente por aqueles que fazem reivindicações infantis ao ajudante. Contudo, aquele que procura uma solução, de maneira adulta, sente o procedimento sistêmico como uma libertação e uma fonte de força.

Podemos ajudar de uma forma completamente diferente quando vemos imediatamente atrás dos clientes seus pais e o destino deles. Dessa forma perdemos o olhar estreito só para o cliente e olhamos para algo maior. Colocamos em primeiro lugar os seus pais no nosso coração, com respeito, e nos curvamos diante deles.

O que podemos fazer pelos clientes quando começam a reclamar de seu destino ou de seus pais,? Nada. Quem reclama de seus pais os perdeu. Não podemos e não devemos ajudar essa pessoa, contudo, existem algumas maneiras com as quais podemos ajudar.

Por exemplo, podemos dizer para uma pessoa que reclama de seu pai ou de sua mãe: "Quando olho para você, vejo como eles eram grandes." O que ela faz, então? Ela não vai mais poder reclamar deles.

Ajudar sem julgamento

As Constelações familiares unem o que antes estava separado. Nesse sentido, está a serviço da reconciliação, sobretudo com os pais. O que impede essa reconciliação é a diferenciação entre os bons e maus membros da família, tal como fazem muitos ajudantes, sob a influência de sua própria consciência e de uma opinião pública que está presa dentro dos limites dessa consciência. Quando um cliente se queixa de seus pais, das circunstâncias de sua vida ou de seu destino, e o ajudante simplesmente adota essa visão do cliente, está mais a serviço do conflito e da separação do que da reconciliação. A ajuda a serviço da reconciliação só pode ser realizada por aquele que der um lugar em seu coração para a pessoa de quem o cliente reclama. Dessa maneira, o ajudante antecipa em sua própria alma o que o cliente ainda precisa realizar.

A quinta ordem da ajuda é, portanto, o amor a cada ser humano, não importa o quanto essa pessoa seja diferente de mim. Dessa forma, o ajudante abre seu coração para o outro, e o cliente se torna parte dele, também. Aquilo que se reconciliou em seu coração também pode se reconciliar no sistema do cliente.

A desordem da ajuda aqui seria o julgamento dos outros, que geralmente é uma condenação, e a indignação moral ligada a isso. Quem realmente ajuda, não julga.

Ajudar para além do bom e do mau

Algo mais é importante em relação à ajuda. Tão logo tomemos partido, não podemos mais ajudar. Por exemplo, se nós tomarmos partido do outro contra seus pais, contra o seu patrão, contra a sociedade malvada ou não importa o que seja, não poderemos ajudá-lo mais.

Existem situações onde tomamos partido instintivamente. Por exemplo, quando alguém fala de incesto, de abuso sexual, de estupro, de um pai agressivo ou de um parceiro agressivo. Instintivamente, ficamos do lado da vítima e contra o ofensor. Entretanto, fazendo isso, perdemos nosso chão. Só quando todas as pessoas envolvidas são igualmente respeitadas com seu destino especial e seus emaranhamentos, quando podemos permanecer no amor maior perante eles - não no amor da compaixão, mas no amor que reconhece o todo, como ele é - somente então podemos ajudar. Assim os movimentos profundos da alma são possíveis, reconciliando o que estava antes em conflito.

Portanto, esse é o aspecto importante aqui: que reconheçamos que a diferenciação entre o bom e o mau é um obstáculo importante para a verdadeira ajuda. Quando renunciamos a essa diferenciação estamos, no nosso íntimo, a serviço da reconciliação, a serviço da paz. Esta é a verdadeira ajuda.

Ajudar sem lastimar

Quando um cliente reclama de alguma situação de sua infância, o que ele está realmente fazendo? Ele deseja que tivesse sido diferente do que foi. O que acontece no ajudante quando ele sente pena do cliente? Ele também deseja que tivesse sido diferente. Com isso, ambos estão cortados da realidade como ela foi. O que foi se transforma numa fonte de força quando se reconhece o passado e se concorda com ele, como foi. Quem reclama perde essa força, então o que aconteceu foi em vão para ele.

Portanto, como ajudante, concordo com a situação do cliente, exatamente como é ou foi, sem nenhum pesar.

Esta é a sexta ordem da ajuda. Através do reconhecimento, ganho força. Através do meu reconhecimento, o cliente também ganha força para concordar com o seu passado exatamente como foi.

A desordem da ajuda é quando queremos que algo seja diferente do que é ou do foi. Como se mostra que um ajudante gostaria de que fosse diferente do que foi ou é? Ele quer consolar o outro. Consolar significa aqui: ele lastima com o cliente sobre o que foi, da maneira que foi.

Ajudar em harmonia com um destino difícil

Quando uma pessoa vivenciou algo ruim, podemos sentir juntamente com ele. Isso também nos afeta. Contudo, se concordarmos internamente com esta situação ruim como é ou foi, sentimos dentro de nós a força que ele pode conquistar com isso, quando concorda. Então não precisa ser consolado.

Muitos ajudantes não conseguem suportar a realidade de um cliente. Ao invés de se expor a essa realidade, tentam consolá-lo. Com isso encobrem a sua realidade porque não podem suportá-la, por exemplo, a realidade de que a morte do cliente está próxima ou que está entregue a um destino inevitável. Tão logo entremos internamente em sintonia com a sua realidade, ficamos tranquilos. Através de nossa tranquilidade e nossa concordância com o seu destino, como é, o cliente ganha força para se expor a ele.

Portanto, ajudar nesse sentido permanece em sintonia com a grandeza da vida e de sua plenitude, também em sintonia com seu desafio e sua dureza, simultaneamente com tudo. Então o outro pode crescer na nossa presença, como nós crescemos quando nos expomos à realidade, como ela é: à sua e à nossa realidade.

A percepção especial

Para poder agir de acordo com as ordens da ajuda é necessária uma percepção especial. O que disse sobre as ordens da ajuda não deve ser aplicado de modo rigoroso e metódico. Quem tentar fazer isso está pensando, ao invés de perceber. Ele reflete e recorre a experiências anteriores ao invés de se expor à situação como um todo e dela apreender o essencial. Por isso, essa percepção é tanto direcionada quanto reservada.

Nessa percepção, eu me direciono a uma pessoa, entretanto sem querer algo determinado, a não ser percebê-la interiormente, de uma forma abrangente, e considerando a próxima ação que deve ser realizada.

Essa percepção surge do centramento interno. Nele, abandono o nível das reflexões, das intenções, das diferenciações e dos medos. Eu me abro para algo que me toca imediatamente, a partir do interior. Aquele que, como representante numa constelação, já se entregou aos movimentos da alma e foi dirigido e impelido por eles de uma forma totalmente surpreendente, sabe do que estou falando. Ele percebe algo que, para além de suas ideias habituais torna-o capaz de ter movimentos precisos, imagens internas, vozes interiores e sensações incomuns. Esses movimentos o dirigem, por assim dizer, de fora, e simultaneamente de dentro. Perceber e agir *convergem* aqui. Portanto, essa percepção é menos receptiva e reprodutiva, ela é produtiva: leva à ação, amplia e se aprofunda na realização.

Normalmente, a ajuda que sobrevêm dessa percepção é de curta duração. Permanece no essencial, mostra o próximo passo, retira-se rápido e deixa o outro imediatamente em sua liberdade. É uma ajuda de passagem. Nós nos encontramos, damos uma indicação e cada um retorna ao seu próprio caminho. Essa percepção reconhece quando a ajuda é conveniente e quando prejudica; quando desencoraja mais do que promove; quando é mais um alívio da nossa própria necessidade do que servir ao outro. E é modesta.

Observação, percepção, compreensão, intuição, sintonia

Talvez ainda seja útil descrever aqui as formas diversas de conhecimento para que, quando ajudarmos, possamos recorrer e escolher dentre elas a maior gama de possibilidades. Vou começar com a observação.

A observação é aguda, precisa e direcionada para os detalhes. Por ser tão precisa, é também limitada. Escapa- lhe o que está ao redor, tanto o que está mais próximo quanto o mais distante. Porque é tão exata, ela é próxima, resoluta e penetrante e também, de certa forma, impiedosa e agressiva. Ela é condição para a ciência exata e para a técnica moderna que é dela proveniente.

A percepção é distanciada. Precisa da distância. Ela percebe simultaneamente várias coisas, abrange com a vista, ganha uma impressão do todo, vê os detalhes ao seu redor e no seu lugar. Entretanto, no que diz respeito aos detalhes, ela é imprecisa.

Este é um lado da percepção. O outro é que ela compreende o que é observado e percebido, ela compreende o significado de uma coisa ou de um processo observado e percebido. Ela vê, por assim dizer, por trás do observado e percebido, compreende o seu sentido. Portanto, acrescenta-se à observação externa e à percepção uma compreensão.

A compreensão é baseada na observação e percepção. Sem a observação e a percepção não há compreensão. Ao contrário: sem a compreensão, o observado e o percebido permanecem desconectados. Observação, percepção e compreensão compõem um todo. Apenas quando atuam juntas é que percebemos, de forma que podemos agir de um modo significativo; sobretudo ajudar de um modo significativo.

A intuição. Na execução e na ação aparece, frequentemente, ainda um quarto elemento: a intuição. Ela está relacionada à compreensão, assemelha-se a ela, mas não é a mesma coisa. A intuição é a compreensão súbita da próxima ação a ser realizada.

A compreensão é, muitas vezes, geral, compreende todo o contexto e todo o processo. A intuição, pelo contrário, reconhece o próximo passo e por isso é exata. A relação entre a intuição e a compreensão é semelhante à relação entre a observação e a percepção.

A sintonia é percepção que vem de dentro, em um sentido amplo. Também está direcionada a uma ação, de maneira semelhante à intuição, principalmente a uma ajuda que conduz à ação. A sintonia exige que eu entre na mesma vibração do outro, que chegue à mesma faixa de onda, sintonize com ele e, assim, entenda-o. Para entendê-lo, preciso também entrar em sintonia com sua origem, principalmente com seus pais, mas também com seu destino, suas possibilidades, seus limites - também com as consequências de seu comportamento, sua culpa e, finalmente, com sua morte.

Em sintonia, eu me despeço de minhas próprias intenções, meu julgamento, meu superego e daquilo

que ele quer, do que eu devo e preciso fazer. Isso quer dizer: chego à mesma sintonia comigo e com o outro. Dessa forma, o outro também pode entrar em sintonia comigo, sem se perder, sem precisar ter medo de mim. Também posso estar em sintonia com ele e permanecer em mim mesmo. Não me entrego a ele, em sintonia com ele conservo a distância e, exatamente por isso, posso perceber precisamente o que posso e devo fazer quando o ajudo. Por isso a sintonia é também passageira, dura somente o tempo que dura a ação que ajuda. Depois disso cada um volta à sua vibração especial. Por isso, não existe na sintonia transferência nem contratransferência, nem a chamada relação terapêutica, portanto, nenhuma tomada de responsabilidade pelo outro. Cada um permanece livre.

Ajudar em sintonia com a alma

Muitos ajudantes acham que devem colocar alguma coisa em ordem, da mesma maneira que se conserta algo que não funciona mais. Assim, por exemplo, consertamos um relógio quebrado ou levamos um carro que não funciona mais para a oficina. Lá é consertado e depois volta a funcionar. De forma parecida, alguns pais levam um filho ao terapeuta para que ele o conserte e volte a funcionar novamente ou vão eles próprios ao terapeuta e dizem: "Aqui estou. Agora me conserte. Não sei o que tenho de errado, mas você tem que descobrir. Se olhar bem, vai ver o que tenho, então você conserta e ficarei bem novamente." Tanto entre os clientes quanto entre os ajudantes essa postura de que é possível interferir dessa maneira é bastante difundida.

Mas também podemos proceder de outra forma: quando vemos que alguém tem um problema, trazemos algo à luz que, até então, estava oculto. De repente o outro tem uma imagem diferente da sua situação e, então, o ajudante para de ajudar. Ele apenas traz algo à luz.

Depois não é mais ele quem trabalha, é a imagem que trabalha. Esta imagem não deixa a alma em paz e, assim, inicia-se um processo de crescimento na alma. Esse processo pode demorar muito tempo, talvez um ou dois anos - e, de repente, algo está mudado, mas não porque o ajudante fez alguma coisa e sim porque uma imagem veio à luz, e o que antes estava oculto começou a atuar. Portanto, no final, cada um segue sua própria alma.

O ajudante apenas ajuda o outro para que sua alma receba novas informações que não vêm de fora e sim, de dentro. Nas Constelações familiares como as conhecemos de antigamente, os clientes colocam a imagem – não o ajudante. E veem aquilo que eles mesmos colocaram, ou seja, permanecem consigo mesmos.

Quando o ajudante transcende as Constelações familiares no seu trabalho e trabalha com os movimentos da alma e do espírito e, talvez no início, posicione somente o próprio cliente ou um representante dele, surge neles um movimento que vem do interior, sem determinações externas e traz à luz algo que estava velado.

Aqui atua algo no espaço. Trata-se de uma imagem no espaço, uma imagem atemporal que atua se a deixarmos da maneira como se mostra.

Em muitas terapias se fazem perguntas. Tenta-se descobrir o que houve no passado. Mais tarde se quer saber como continuou, por exemplo, após um mês ou um ano. Dessa forma nos movimentamos num eixo de tempo com início, meio, fim.

Na maior parte das vezes renuncio a essas perguntas e a esse conhecimento. Permaneço com aquilo que se mostrou como imagem, dentro do espaço. Isto atua como imagem e não é modificado, no máximo é ampliado através de pessoas que são acrescentadas.

Se perguntarmos pelo significado da imagem, a mesma perde a força. Por esse motivo é importante não falarmos sobre a imagem.

Depois do trabalho ter sido feito, despeço o cliente da minha alma. Eu o entrego internamente, por exemplo, aos seus pais ou antepassados ou a alguma pessoa importante da sua família que antes estava excluída. Os clientes também se afastam de mim. Eu me liberto deles, e eles de mim, não precisam se preocupar com aquilo que penso. Assim, a força permanece totalmente dentro da sua própria alma. Tenho um respeito imenso diante da alma de cada indivíduo e diante de uma alma conjunta que a tudo conduz. Pessoalmente, não me intrometo.

Em uma constelação algo muito maior do que podemos expressar em palavras vem à luz.

Algo essencial vem à luz que brilha partindo de uma força e de um calor próprios. Deve permanecer exatamente assim. Qualquer tentativa de fazer perguntas, interpretar algo, ou de indagar qual será seu efeito destrói um grande presente.

***

Quando trabalho com alguém, tento entrar em sintonia com a sua alma. Não presto atenção exatamente àquilo que a outra pessoa fala, às vezes não pergunto. Deixo atuar o que vem do cliente em minha direção, em forma de vibração. De repente percebo: esse é o ponto fundamental e, com isso, eu começo, ou seja, desenvolve-se algo com um mínimo de intervenção terapêutica.

A postura terapêutica

Não possuímos uma alma da qual dispomos, mas participamos de uma alma que nos conduz junto com muitos outros. Essa alma é ciente. Apenas entramos em conexão com ela, se renunciarmos a um conhecimento próprio. Quando não temos mais curiosidade e nos abrimos para aquilo que acontece diante de nós, de repente participamos desse conhecimento.

Os representantes em uma constelação de repente participam desse conhecimento assim como o ajudante que conduz a constelação, apenas, porém, se renunciar àquilo que aprendeu, até então, se ele não ficar preso a experiências e teorias anteriores e sim acompanhar inteiramente os movimentos da alma e do espírito. Portanto, também não é possível aprender esse trabalho através da teoria. Quem achar que pode aprender dessa forma perde a conexão com a alma. Determinados passos podem ser aprendidos, mas não o essencial.

Reconhecemos o essencial à medida que nos entregamos ao processo da maneira como se desenvolve, como se nos entregássemos a uma música emocionante ou a uma bela paisagem. Estamos abertos, absorvemos e não sabemos o que está acontecendo, mas depois estamos mudados. Estamos mudados na medida em que entramos em sintonia com a alma, com os movimentos profundos da alma e do espírito.

Quando começo a averiguar porque aquilo que acontece aqui é possível, não estou mais em conexão com os movimentos do espírito. A curiosidade impede minha conexão com esses movimentos.

Se estou em conexão com a alma do outro, preciso perguntar muito pouco, estou em conexão com as vibrações de sua alma. Então, imediatamente percebo o essencial.

Se, então, um ajudante fizer perguntas ao cliente durante meia hora sobre o que aconteceu em sua família, tanto ele quanto o cliente perdem, em grande parte, a conexão com os movimentos da alma.

As perguntas

O ajudante precisa apenas saber de fatos. Não precisa saber como cada pessoa individual se comportou. Normalmente as perguntas mais importantes que um ajudante faz são as seguintes:

1 .Qual é a questão? Ou seja, se alguém está doente ou então corre perigo de suicídio.

2. O que aconteceu de especial na família? Os acontecimentos especiais sempre são acontecimentos externos, por exemplo, a morte precoce de pais e irmãos, se alguém por parte dos pais já teve um outro relacionamento importante antes ou se houve algum delito na família, se alguém foi excluído, se filhos foram dados, se talvez alguém é portador de uma deficiência. Normalmente isso é tudo. O ajudante não precisa saber mais do que isso, o resto ele vê. Durante a constelação aquilo que antes estava velado vem à luz.

Muitas vezes não se deve saber o que aconteceu dentro de uma família, é um tabu para ela. Por esse motivo, um cliente também não pode averiguar por conta própria, ele pode apenas fazê-lo se tiver a permissão da família. Se, no entanto, achar que seria uma ajuda para a família trazer à luz o que está oculto e se respeitar internamente todos os atingidos, talvez possa saber o que aconteceu.

O começo do amor

A maior parte dos grandes problemas origina-se do fato de alguém estar separado da sua mãe, de que não toma ou não consegue tomar algo que vem dela. Então a ajuda para essa pessoa consiste em ajudá-la a aproximar-se da sua mãe. Mas podem existir obstáculos, por exemplo, um emaranhamento.

Como podemos reconhecer que alguém está intimamente conectado com a sua mãe? Pelo fato dessa pessoa ser amada pelos outros. Como podemos reconhecer que alguém não está conectado com a sua mãe? Pelo fato de alguém amar pouco e não ser muito amado. Onde, então, começa o amor? Na mãe.

Amor e força

O grande amor tem força e é duro. O amor barato é macio, não suporta o sofrimento. Às vezes podemos observar isso aqui. Alguns ficam profundamente tocados pelo trabalho, também no público e começam a soluçar. Depois, alguém que não aguenta isso vai até essas pessoas e as consola. Não as consola por necessitarem de consolo, consola-as porque ele mesmo é que precisa ser consolado. Esse amor é fraco, interfere na alma dos outros sem respeito por aquilo que serve à sua alma. Temos que aprender a suportar a dor dos outros sem interferir.

Na Bíblia existe um bom exemplo para isso. Jó foi espancado por Deus. Todos seus filhos morreram. Coberto de feridas, ele estava sentado num monte de lixo. Depois vieram seus amigos para consolá-lo. O que fizeram? Sentaram-se a certa distância dele e durante sete dias não disseram nenhuma palavra. Isto foi amor com força.

Se um médico fizer uma operação e chorar durante a operação, certamente é um médico sensível, mas não pode mais operar. Para podermos ajudar diante de um grande sofrimento temos que nos deslocar para um nível superior. Nesse nível superior estamos sem emoção, porém plenos de amor. O médico que faz uma boa cirurgia não mostra nenhuma emoção, mas está repleto de amor e, assim, pode operar. Um ajudante que realmente quer ajudar tem que suportar a dor sem deixar que o puxem para dentro desse sofrimento. Se suportar a dor, transmite força ao outro, mesmo não interferindo.

Quem tem um problema, também pode suportá-lo. Apenas a pessoa que tem o problema pode suportá-lo. Se uma outra pessoa quiser suportar esse problema no seu lugar, ele se torna fraco. Podemos observar isso em nós. Eu faço essa experiência em mim mesmo: quando vejo algo no outro e quero dizê-lo a ele de qualquer forma, mas me contenho e não digo nada, isto exige minha força. A força que me custa para que eu me contenha, converte-se em força para ele. De repente aquilo que queria lhe dizer vem à sua mente e, como veio à sua mente, ele pode tomá-lo.

Quando não aguento e quero dizer-lhe de qualquer forma, sinto-me aliviado por ter dito, mas tirei a sua força. Mesmo se aquilo que queria lhe dizer estiver certo, ele não pode tomá-lo, por vir de fora. Então, esse ato de conter-se é a base do respeito e do amor.

O amor do ajudante

Por um lado, o amor é simples, pois está ligado a um vínculo. Assim, o filho está vinculado aos seus pais, os pais estão vinculados ao seu filho e, num relacionamento, existe uma vínculo entre homem e mulher. Dentro dessa conexão o amor flui de um lado para o outro. O amor que está em conexão com o vínculo preenche os nossos desejos mais profundos, por este motivo é tão importante, em todos os sentidos.

Porém, frequentemente acontece que o ajudante estabelece um vínculo com um cliente, e o cliente estabelece um vínculo com o ajudante, então esse relacionamento é similar ao relacionamento entre filhos e pais e pais e filhos e, às vezes, também se assemelha ao relacionamento entre casais.

Mas isto não é um ajudar que ajuda, substitui alguma outra coisa. Nesse amor entre o ajudante e o cliente, o amor é um substituto tanto para o ajudante quanto para o cliente. Assim sendo, esse relacionamento atrapalha os verdadeiros vínculos, principalmente o vínculo e o relacionamento entre pais e filhos, mas às vezes também o vínculo e o relacionamento com um parceiro, uma vez que o ajudante toma o seu lugar. Então o relacionamento terapêutico transforma-se num relacionamento em triângulo e coloca em perigo o relacionamento e o vínculo em questão.

Não se intrometer e resistir ao vínculo aqui é uma arte e uma conquista especial. Então, o ajudante ama de uma forma totalmente diferente do que é possível e adequado no amor ao vínculo. Ele está a serviço desse vínculo, porém não entra nele. Assim, mantém a sua independência e sua força e ajuda de verdade.

A alma abrangente

Existe a experiência de que nos movimentamos num campo através do qual temos uma percepção. Se olho para alguém, reconhecendo-o e vendo-o, e se essa pessoa me olha, vendo-me e reconhecendo-me: como isso é possível? Se imaginar que aquilo que estiver vendo da outra pessoa está apenas no meu cérebro, e se a pessoa imaginar que tudo que estiver vendo de mim está apenas no seu, nesse caso estaríamos nos vendo? Podemos realmente ver um ao outro? A pessoa está no meu cérebro e eu no seu? Isto é ridículo.

Eu a vejo ali e ela me vê aqui. Eu não a vejo no meu cérebro e ela não me vê no seu.

O que nos conecta e possibilita reconhecermos um ao outro é uma alma que nos abrange. Nessa alma eu abranjo a pessoa e ela a mim. Nessa alma em comum nós nos reconhecemos. Essa alma é extensa, não apenas em relação ao espaço, mas também em relação ao tempo. Assim sendo, os mortos também estão presentes nessa alma. Tudo que já existiu nesse campo, tudo que já passou atua sobre mim. Estou em ressonância com tudo que foi.

Se houver uma perturbação nesse campo, por exemplo, se houve um crime na minha família e existe um assassino e uma vítima, estou em ressonância com eles. Eles me influenciam. Estou entregue a eles através desse campo. Muitos clientes também estão entregues a um passado através desse campo, por exemplo, a um assassino e a sua vítima.

Nesse campo podemos restabelecer a ordem em relação a algo, posteriormente. Por exemplo, quando é possível juntar o assassino e sua vítima nesse campo, para que se percebam, amem-se, para que façam as pazes. Então, nesse campo algo muda. Algo no passado mudou e tem um efeito reconfortante no presente. Isso significaria curar algo.

O ajudante que conhece essas ligações interfere nesse campo de forma apaziguadora. Assim a terapia fica sob uma luz totalmente diferente. Aquilo que podemos e eventualmente devemos fazer e aquilo para que temos que nos abrir e preparar, de repente aparece sob uma luz diferente. Em que formação isso é levado em consideração? E quão pouco podemos fazer se não considerarmos esses fatos, se não Sentirmos em nós mesmos essa ressonância, se não a percebermos e aprendermos a lidar com ela?

A psicoterapia simples

A psicoterapia boa é bem simples. Descobri que quando alguém encontra o caminho para os seus pais e abre o seu coração para eles, então os problemas principais estão resolvidos.

Isto, porém tem como pré-condição que o terapeuta dê aos pais do seu cliente um lugar de honra no seu coração. Então tudo acontece por si só, de maneira bem simples.

Se o terapeuta der um lugar no seu coração aos pais do cliente, não existe transferência. Transferência significa que o cliente de repente vê o pai ou a mãe no terapeuta. Ao contrário, na contratransferência o terapeuta vê o cliente como um filho, trata-o como um filho e até sente-se como o pai melhor ou a mãe melhor. Então o cliente olha para ele admirado, como um filho olha para um pai ou uma mãe. Tudo isso não é possível se o terapeuta tiver dado um lugar no seu coração para o pai e a mãe.

Amor e destino

Digo mais algo sobre psicoterapeutas. Um cliente procura um psicoterapeuta - talvez ele tenha uma doença grave - e o terapeuta quer ajudá-lo. A questão é: ele pode fazer isso? Às vezes o terapeuta vê que o outro chegou num limite, e que ele mesmo não pode interferir. O respeito diante do outro exige que ele se contenha. Então, diz-lhe internamente: "Eu amo você - e amo aquilo que nos conduz." Nesse instante entra em sintonia com algo maior. Talvez depois ambos, o terapeuta e o cliente, sejam conduzidos de uma maneira que ajude, porém sem que o terapeuta intervenha na alma do outro e sem que o cliente perca o contato com a sua alma.

Ajudar em sintonia com as famílias

Quero dizer mais alguma coisa sobre a ajuda em sintonia. Pergunto-me: "Como podemos fazê-lo da melhor maneira"? Quem pode ajudar e a quem se pode ajudar?

Ajudar em sintonia com os pais

As maiores dificuldades de um cliente em psicoterapia estão ligadas a uma separação. Por estar separado de algo, principalmente dos próprios pais ou de um dos pais. Este é o problema principal na psicoterapia.

Existe um método básico para a solução desta questão, um método bem simples e evidente: levamos o cliente de volta aos seus pais. Este é o segredo, quase todo o segredo de uma boa psicoterapia.

Existe algo que se opõe a isso. Quem pode ajudar alguém dessa maneira e nessa direção? Apenas alguém que tomou seus próprios pais com amor e também tomou os pais do cliente em seu coração com amor. Assim sendo, um bom terapeuta não permite ao seu cliente que diga algo negativo sobre seus pais. Eu interrompo imediatamente, pois amo e respeito os pais do cliente. Para mim não existe nada maior que os pais.

Vocês conhecem algo maior que os pais? Alguém que tenha mais dignidade? Alguém que atingiu alguma coisa ainda maior? Alguém que se entregou a algo maior? Não existe nada maior.

Os pais não possuem nenhuma falha, enquanto pais, pois ao passar a vida adiante, eles fizeram tudo certo. Não houve nenhum erro envolvido nisso, ou seja, em relação a esse ponto essencial todos os pais são perfeitos.

Olho para essa perfeição e a respeito como sendo maior que tudo. O que os pais fizeram, além disso, ou onde erraram não é tão importante. Aqui outros podem substituí-los, porém, naquilo que fez com que se tornassem pais, ninguém poderia tê-lo feito melhor.

Muitos que reclamam dos seus pais olham para questões secundárias e não para o essencial. Assim perdem o essencial. Em todas as situações onde alguém critica seus pais está diminuindo o essencial dentro de si. Fica mate estreito, menor, limitado. Quanto mais o fizer, mais limitado fica.

Ao contrário, se alguém olha para o essencial e toma a vida em sua plenitude e pelo preço total que custou aos seus pais e que lhe custa, essa pessoa pode enfrentar todas as situações.

O que acontece quando dou aos pais de um cliente um lugar honroso no meu coração? O cliente não poderá estabelecer uma transferência no sentido de projetar a imagem de seus pais em mim, e eu não irei estabelecer uma transferência no sentido de ver no cliente um filho. Essas questões de transferência não me atingem mais.

Quando o cliente olha para mim, percebe que estou aliado aos seus pais. Através de mim acha o caminho em direção a eles, portanto, não substituo os pais, não me coloco no seu lugar. Quando o cliente está diante de mim, os seus pais, que estão no meu coração, olham para ele, não para mim. O olhar dos pais e o seu amor me atravessam. Após algum tempo, dou um passo para o lado e pais e filho encontram-se diretamente. Então acontece o essencial.

A sintonia com a própria família

Quando olho para mim, recebo a força para ajudar, na medida em que entro em sintonia com a minha própria alma. Como entro em sintonia com a minha alma? Olho para os meus pais. Eles me deram a vida que receberam de seus pais. Eles a passaram inteiramente para mim, sem retirar nada, exatamente da maneira como a receberam. Olho para os meus pais e digo: "Tomo a vida da maneira como a recebi de presente de vocês." Quando olho para eles assim, tomo a minha vida com plenitude. Esta é a primeira condição.

Se eu tomar a minha vida dessa maneira, tomo ao mesmo tempo tudo o mais que flui dos meus pais para mim, também com toda sua plenitude, sem excluir nada. Tomo também aquilo que é pesado e que

talvez esteja ou já esteve ligado a isso, faz parte. Somente assim estou conectado com a plenitude da vida.

Se imaginarmos que os nossos pais tinham que ser perfeitos, então, de acordo com a nossa idéia de perfeição, o que teríamos, de fato, recebido deles? Seria mais ou seria menos? Da minha parte digo: seria menos. Na medida em que entro em conexão com os meus pais da maneira como são, minha alma se expande. A partir do momento em que entro em sintonia com isso, aquilo que talvez tenha me custado esforço também se torna valioso e me transmite força.

Depois olho ainda mais para trás, para os meus antepassados. Às vezes faço um exercício: olho para todos eles, também para aqueles que morreram precocemente - dos quais quase ninguém se lembra mais - e lhes digo: "Eu sou o Bert." Olho para eles e deixo que me olhem. Assim, entro em conexão com eles, e a minha alma tor- na-se cada vez mais ampla. Entro em sintonia com o destino deles independente de como foi, e na medida em que faço isto, me fortaleço. Na medida em que entro em sintonia com o seu destino, este torna-se frutífero para mim no presente, por exemplo, quando encontro alguém que procura e necessita da minha ajuda. Assim, vou ao encontro de todos os meus antepassados e entro em sintonia com o meu destino, num sentido amplo.

Não há algo assim como um bom destino ou um destino mau. Ele é grande e adequado da maneira como é. Principalmente se não olharmos somente para o destino como algo que pertence aos indivíduos, mas também vermos como o destino das pessoas continuam a ter influência. Nosso destino não termina com nossa morte, portanto, a medida que entro em sintonia com o destino de alguém, inclusive com sua morte, esse destino continua atuando através de mim como um destino grande e poderoso e flui em tudo que faço pelos outros. Desse modo, a ajuda começa em mim.

A sintonia com a outra família

Quando alguém me procura e pede ajuda, procedo da mesma maneira. Primeiro, entro em sintonia com a sua alma. Se tentasse elaborar antes o que fazer com ele, estaria separado de sua alma. Mas simplesmente através da plenitude que vivenciei e recebi dos meus antepassados e seus destinos, entro em contato com a alma dele, com seus pais, assim como são ou como foram e também com seus antepassados e seus destinos. De repente, ele se torna grande diante dos meus olhos.

Eu o respeito, independente do seu destino. Quando entro em contato com seus antepassados dessa maneira, ele fica a meu lado, como igual. Então, quando começo a ajudá-lo tenho muito cuidado de permanecer em sintonia com seus antepassados. Caso contrário, estaria em perigo de interferir na sua alma e no seu destino com aquilo que imagino ser certo para ele, poderia confundi-lo e enfraquecê-lo deste modo. Então, isto é ajudarem sintonia.

A sintonia com os outros ajudantes

Muitos de vocês trabalham em instituições que visam a apoiar pessoas que estão sofrendo. Todos aqueles que se engajaram nessas instituições assumiram o trabalho com boa vontade e com amor. Obviamente possuem outras experiências e outras ideias. Às vezes, quando queremos ajudar outras pessoas em sintonia com aquilo que está de acordo com as nossas experiências, talvez parta delas uma resistência, pois tiveram experiências diferentes.

O mesmo processo pode ser feito novamente: entro em sintonia com eles, com a sua alma, com os seus pais, com seus antepassados, com seu destino, com sua experiência e com seus desejos e boa vontade. Na medida em que entro em sintonia com eles dessa maneira, dissolve- se um preconceito em mim e, talvez, também neles. Assim essa ajuda é ampliada, ela se propaga. Nessa sintonia com os outros podemos atingir muitas coisas e apoiar muitas pessoas.

A benevolência

De acordo com a minha experiência, uma equipe de ajudantes sustenta-se através do reconhecimento mútuo. Se estiver em questão quem é o melhor e quem é pior, então o grupo se divide. Qualquer coisa, porém, que alguém faça num grupo desses é boa. Pode ser diferente daquilo que nós imaginamos, mas cada pessoa que trabalha nessa equipe certamente faz algo bom em seu trabalho, mesmo que não seja da mesma forma como eu o faria. Então, às vezes posso falar para um membro dessa equipe: "O que você faz é interessante para mim. Vou lembrar disso." Não custa nada e é verdade. É uma bela imagem,

deixar o sol brilhar num grupo desses.

Como a ajuda pode dar certo

Quero dizer algo sobre a outra forma de ajudar. Tornou-se claro que esse trabalho exige uma postura especial e que ajudar aqui tem um significado diferente do que geralmente é entendido na psicoterapia. Naturalmente isso pode levar à resistência por parte daqueles que estão acostumados a algo diferente.

Quero compartilhar algumas observações em relação a isso. Vocês podem sentir dentro de si mesmos em que extensão isto ressoa em suas almas e também o que isto demandaria de vocês para serem capazes de ajudar desta forma.

No decorrer do tempo as Constelações familiares continuaram se desenvolvendo. Nós experimentamos, nas Constelações familiares, que os representantes sentem como a pessoa que eles estão representando, e isso abriu novas possibilidades de trabalho. Hoje em dia raramente faço a constelação de uma família inteira. Começo com uma ou duas pessoas, por exemplo, posiciono somente o cliente ou um representante do cliente e dou a ele o espaço e o tempo para que, dentro dele, algo se movimente por si. Frequentemente inicia-se um movimento partindo dele mesmo, que traz à luz algo que até então estava oculto.

Então, rapidamente torna-se evidente se é necessário acrescentar mais uma pessoa e muitas vezes também podemos ver que pessoa seria. Podemos colocá-la de frente para ele, por exemplo. Então imediatamente vemos o que acontece entre as duas pessoas, o que as separa e o que as une, dependendo das circunstâncias. Nisso talvez se desenvolva mais alguma coisa, de forma que se torne necessário acrescentar mais pessoas.

Não existe, porém, uma solução no sentido convencional. Frequentemente não existe solução. A procura por uma solução já seria uma intervenção nos movimentos da alma e do espírito. A tentativa de achar uma solução rápida é uma intervenção no movimento da alma do outro. Aqui apenas é importante que algum movimento se inicie. Quando tiver começado, o ajudante pode-se afastar.

Esse movimento é um movimento de crescimento. Como qualquer tipo de crescimento, necessita de tempo.

Quem se abre e sente dessa maneira pode perceber, dentro de si, qual é o próximo passo e o que é essencial e o que importa. O essencial é sempre apenas uma coisa. Se o acharmos e com ele dermos um passo para frente, então aquilo que é decisivo foi feito.

O último lugar

Quando alguém procura um ajudante muitas vezes mostra-se desamparado. Por exemplo, diz: "Tenho um conflito com os meus pais.[1]' e frequentemente age como se não pudesse ou não quisesse fazer nada. Então, o ajudante pode responder através de palavras ou ações: "Eu ajudo você."

Comportando-se desta forma, o que o ajudante está fazendo? Ele se coloca acima dos pais do cliente. Entra imediatamente numa contratransferência, ou seja, o cliente faz uma transferência de filho para pais e o ajudante responde com a contratransferência de pais para filho. Assim, desenvolve-se o que chamamos de relacionamento terapêutico.

Num relacionamento terapêutico assim, não podemos mais ajudar. Nele o ajudante renunciou à sua força e ao seu controle, pois quem decide o que deve ser feito num relacionamento terapêutico? É o cliente ou é o ajudante? O cliente.

O ajudante que entrou num relacionamento terapêutico provavelmente tentou salvar seus próprios pais quando era criança, e tenta fazer algo parecido com o seu cliente no assim chamado relacionamento terapêutico. Assume uma posição de soberania em relação ao cliente e seus pais sendo que, na verdade, ele está em último lugar.

A hierarquia

De acordo com a ordem de origem no sistema, aqueles que chegaram primeiro têm a posição mais alta.

Aqueles que chegaram por ultimo têm a posição mais baixa.

Num relacionamento terapêutico, quem tem a posição mais alta? Normalmente o relacionamento terapêutico não se restringe ao cliente e ao ajudante pois, logo que o cliente fala de seus pais, o ajudante os inclui. Então, a partir do momento em que o ajudante entra numa relação terapêutica, torna-se um membro desse sistema e chega por último. Assim sendo, os pais do cliente têm a posição mais alta nesse sistema. A posição abaixo dos pais é a do cliente, e a última posição é a do ajudante. Se ele respeitar o fato de estar no último lugar, nada pode lhe acontecer. Ele assiste ao jogo sem ser atingido por ele. Permanece como espectador, até que de repente percebe que chegou o seu momento, então age, porém permanecendo do lado de fora, sem tornar-se parte do sistema. Então acontece algo que ajuda a todos igualmente.

Grandeza

O que torna uma pessoa grande? Aquilo que a torna igual a todas as outras pessoas. Isso é o que tem de maior em cada pessoa. Uma pessoa ganha sua grandeza na medida em que reconhece: "Eu sou igual a vocês, vocês são iguais a mim." Se ela puder falar a todas as pessoas que encontra: "Sou seu irmão, sou sua *irmã."* Se abrimos espaço para isso, percebemos como isso nos amplia e fortalece nossa alma. Ganhamos a nossa verdadeira grandeza, então podemos ficar de pé com a postura ereta, ao lado de todos os outros, não somos maiores nem menores, somos exatamente igual aos outros. Esta é a postura que dá força ao ajudante para também realizar trabalhos difíceis. Ele confia naquilo que une todos.

A relação terapêutica

Podemos entrar e nos abrir para esse assunto com uma breve meditação. Imaginamos os nossos clientes, um após o outro, e sentimos onde nós somos pequenos e eles, grandes, onde talvez tenhamos pena deles e achemos que algo tenha sido realmente difícil para eles. Sentimos o que esse sentimento de pena causa na nossa alma.

Depois damos alguns passos para trás, olhamos para os seus pais e para o destino desses clientes. Fazemos uma reverência diante dos seus pais e do seu destino.

Enquanto fazemos essa reverência, abrimo-nos para aquilo que muda dentro dos clientes e para aquilo que muda no nosso relacionamento com os clientes e no relacionamento deles em relação a nós.

Após algum tempo, erguemo-nos e olhamos para todos com uma visão clara.

Agir

Gostaria de falar mais detalhadamente sobre o relacionamento terapêutico. Nesse exercício mostrei um caminho de como podemos sair de um relacionamento terapêutico ou como podemos interrompê-lo. Mesmo assim, permanecemos num relacionamento com o cliente, não num relacionamento terapêutico e sim, num relacionamento onde se trata de agir. Nele o cliente e o ajudante acumulam suas forças para iniciar o movimento daquilo que é possível. Ambos são adultos.

Como se inicia um relacionamento terapêutico? Começa no momento em que alguém procura um ajudante e se apresenta como alguém que carece de algo, como uma criança que precisa de algo. Os adultos muitas vezes também são carentes e precisam de algo, mas buscam aquilo de que precisam como adultos. Depois fazem algo com isso. No momento, porém, em que um cliente apresenta- se como criança, por exemplo, quando diz: "Me sinto tão só. Vivo um fracasso após o outro. Minha mulher quer ir embora" - então, ele quer mesmo fazer algo? Alguém pode ajudá-lo, quando ele permanece nessa postura?

O controle

O que acontece nesses casos, normalmente? O ajudante tem pena do cliente ou sente-se desafiado a ajudar o cliente assim como uma mãe ajuda um filho. Dá-lhe bons conselhos e o consola. Isto é o começo de um relacionamento terapêutico e esse relacionamento se aprofunda.

Quem tem o controle nesse relacionamento terapêutico? O cliente. Por esse motivo não existe progresso, nele o tempo é desperdiçado.

Como um terapeuta evita ou impede um relacionamento terapêutico? Por exemplo, quando pergunta ao cliente: ”0 que você quer fazer?" Ou: "O que aconteceu?" Ou quando lhe faz uma outra pergunta de grande efeito que o desmascara imediatamente: "Quem você ama?" Depois dessa pergunta, o cliente sabe o que deve fazer, não pode mais permanecer na posição de criança.

Mas no momento em que o ajudante entra numa conversa, onde o cliente pode relatar razões e força o terapeuta a ouvi-lo e talvez se zangue se o terapeuta não o ouvir, o cliente assumiu novamente o controle. O relacionamento terapêutico - o assim chamado relacionamento terapêutico - é restabelecido.

A serviço da vida

As primeiras frases entre o ajudante e o cliente são decisivas para se estabelecer ou não um relacionamento terapêutico. Por esse motivo é importante não ter uma conversa longa e iniciar imediatamente um movimento que poderá trazer algo à luz. Por exemplo, podemos colocar a mãe do cliente diante dele e acolhê-la no coração. Então, um relacionamento terapêutico é impossível. Porém, começa um outro relacionamento que inicia um movimento, não apenas para o cliente, mas também para a família.

A partir daquilo que foi dito até agora, fica claro, que este trabalho não é uma psicoterapia no sentido convencional. Pelo menos, não se trata de uma psicoterapia onde um relacionamento terapêutico da maneira descrita é esperado ou oferecido. Se denominarmos esse trabalho de psicoterapia, muitos exigirão de nós que entremos nesse tipo de relacionamento terapêutico. Medem o trabalho através dos seus próprios parâmetros e querem nos forçar a nos tornarmos psicoterapeutas, de acordo com os seus parâmetros.

O que acontece se escutarmos o que dizem? Desenvolve-se um relacionamento terapêutico também entre nós e eles. Eles se comportam como pais e nós nos tornamos crianças. Caímos na armadilha novamente!

Se hesitarmos em chamar esse trabalho de psicoterapia, como poderíamos denominá-lo de forma diferente e melhor? É um serviço à vida, assim como ela é.

O empenho

Quando alguém opta por uma profissão de ajuda e a exerce com empenho, qual foi a situação na sua família de origem? Muitas vezes posicionou-se acima da mãe na medida em que tentou ajudá-la ou tentou ajudar o pai. Essa é a situação de uma criança, que na verdade não tem nenhum poder mas, por amor, quer ajudar os pais, mesmo que isso seja impossível. Pois os pais sempre permanecem grandes e os filhos, pequenos em relação a eles.

A situação que alguns ajudantes vivenciaram em sua família de origem repete-se quando tentam ajudar os clientes. Ajudam-nos assim como crianças ajudam uma pessoa superior a elas. Portanto, o empenho que mostram nessa ajuda é o empenho de uma criança que precisa ser grande.

Qual é a solução para eles? Na medida em que se tornam pequenos diante dos seus pais, também permanecem pequenos diante dos seus clientes e diante dos pais dos clientes. Respeitam a alma dos clientes, respeitam os pais dentro deles e têm o cuidado de não interferir de uma forma superior. Então, às vezes acontece algo no cliente como por si só.

Sintonia e coragem

Ajudar, às vezes, pode ser perigoso, pode ser uma interferência no movimento de uma outra alma e pode incomodar esse movimento. Quando queremos ajudar alguém, em primeiro lugar, temos que entrar em sintonia com a sua alma e esperar que a sua alma entre em sintonia com a nossa, de forma que ambas vibrem juntas. Então podemos conduzi-lo em sintonia com a sua alma, porém apenas como acompanhante dela e apenas até o ponto em que a alma dele e a nossa o permitirem.

Sentimos se estamos em sintonia com a nossa alma quando permanecemos inteiramente calmos na hora de ajudar e se podemos parar a qualquer momento. Se formos longe demais, percebemos que a nossa alma se recolhe, que ficamos inquietos e que começamos a pensar ao invés de agir. Então não estamos mais em sintonia com a nossa alma ou com a alma do outro.

Se percebermos que o outro está inquieto, vemos que ele também não está em sintonia com a sua alma, então paramos.

Às vezes, quando queremos ou devemos ajudar alguém porque as circunstâncias o tornam inevitável, percebemos que temos que dar passos que são perigosos e demandam coragem. São passos no escuro. Às vezes, também são perigosos porque podem gerar desaprovação de alguém que testemunhou aquelas ações, porém sem estar em sintonia com a alma do cliente. Essa pessoa talvez nos repreenda posteriormente, talvez até nos acuse por estarmos fazendo algo que considera errado, mesmo que ela própria não se abra para aquilo que o outro precisa e quer. Principalmente aqueles que seguem determinadas escolas, que desenvolvem suas teorias baseadas em dogmas. Eles esperam que sigamos e obedeçamos a esses dogmas mesmo que a realidade - a realidade que pode ser percebida naquele determinado momento - não justifique a posição dogmática.

Então, para ajudar, precisa-se da sintonia por um lado e da coragem por outro e precisa-se da disponibilidade de parar onde a sintonia termina. Pois se não estivermos nessa sintonia não sabemos o que é adequado para a pessoa em questão. Assim sendo, quando a sintonia acaba, a ajuda também deve acabar.

A disputa pelo poder

Ganhar a disputa pelo poder com um cliente de uma forma boa faz parte da arte de ser terapeuta. Naturalmente, nessas situações certos métodos nos ajudam e, às vezes, demonstro-os.

Por que um cliente entra numa disputa pelo poder com um ajudante? É estranho. Se ganhar a disputa pelo poder, o que ele ganhou com isso? Talvez queira a confirmação de que o seu problema é impossível de ser resolvido e que o ajudante não pode resolvê-lo. Mas, por que desejaria isso?

Eu parto do principio de que muitas pessoas que procuram um ajudante não querem resolver seu problema, desejam receber uma confirmação de que o seu problema não tem solução. Após algum tempo querem provar ao ajudante que não é possível. Isso lhes parece conhecido? Sim, mas por quê?

Frequentemente temos um problema porque amamos alguém, seguramos o problema porque amamos alguém. Posso também dizê-lo ao contrário: seguramos o problema porque nos sentimos inocentes no problema. Se solucionarmos o problema, nos sentimos culpados.

Irei demonstrá-lo no exemplo dessa cliente. Nós vimos que ela assume algo para a sua mãe. Na medida em que assumiu o problema para sua mãe, demonstrou-lhe o seu amor. Neste trabalho mostrei a ela como pode sair do problema. Mas se fizer isso ficará de consciência pesada. Assim corre o perigo de ter uma recaída. Estão vendo como ela acena com a cabeça? Ela sente exatamente isso.

A pergunta agora é: como posso ajudá-la a solucionar a questão para que possa mudar de consciência tranquila?

HELLINGER *para esta cliente* Vou fazer isso com você agora. Devo?

CLIENTE Por favor.

HELLINGER chama uma representante para a mãe da cliente e a coloca de frente a ela.

Para o grupo Vocês podem ver como o rosto dela está mudado? Isso não é bonito de se ver?

Para a mãe Olhe para a filha e diga: "Vejo o seu amor."

MÃE Vejo o seu amor.

Mãe e filha abraçam-se intensamente.

HELLINGER *para o grupo* Agora a cliente permanece de consciência tranquila, e a mãe também, naturalmente.

Para a cliente Ok. É isso. Tudo de bom para você.

Na disputa pelo poder com o cliente, o ajudante alia- se secretamente a alguém da família. Conduz a disputa pelo poder em sintonia com uma outra pessoa da família. Por esse motivo permanece humilde nessa disputa. O ajudante quer que o cliente ganhe, mesmo que de maneira diferente do que o cliente esperava ser.

A dureza

Quero dizer algo sobre a dureza. O que é duro aqui? A realidade é dura. Quem concorda com a realidade dura dentro da sua alma parece ser duro. Essa pessoa, porém, tem força por estar em sintonia com essa realidade.

Quem recuar diante da realidade como ela é por ter o desejo interno de que ela fosse diferente, enfraquece. Essa fraqueza torna-o ameaçador para o cliente, e o cliente não pode mais confiar nele. Então ele e o cliente iniciam um jogo de olhos vendados que está além da realidade.

O fato de olhar para a realidade como ela é e de concordar com ela, força o ajudante a crescer. Ele precisa mudar e também a ajuda que ele presta torna-se uma ajuda que o preenche.

***

O ajudante ganha força na medida em que concorda com a realidade e está disposto a denominá-la. Aquele que procura ajuda também ganha força se também puder olhar para a realidade.

Aqueles que têm pena do cliente e preferem esconder a realidade porque eles próprios têm medo, são suaves? Não, eles são duros, muito mais duros e enganam aquele que está procurando ajuda.

Esse trabalho é feito sem um amor que se sente, como no caso do cirurgião que não sente amor no momento em que opera, porém se mobiliza com muito amor e faz algo bom. Isso é amor num nível mais elevado e principalmente é um amor que não olha apenas para uma pessoa individual e sim, para toda sua família, incluindo-a inteiramente.

A empatia

Quero dizer algo sobre a empatia ou, então, a bela palavra alemã die Einfühlung ou Sich - Einfühlen.

Dos ajudantes espera-se principalmente que consigam compreender o que a pessoa, que está procurando ajuda, sente. Que consigam sentir a situação da pessoa, a sua necessidade mais íntima, a sua dor. Naturalmente obtivemos o modelo de como sentir o que o outro sente das mães e dos pais, através do amor que sentem pelos seus filhos. Ali podemos ver o que significa empatia.

Muitas vezes quando um cliente procura um assistente social ou um outro ajudante, espera desses ajudantes a mesma empatia que um filho espera dos seus pais. Assim sendo, muitos ajudantes acham que devem ter a mesma postura perante o cliente, de poder sentir o que ele sente, como pais em relação aos seus filhos. Mas, diferentemente de uma criança, o cliente normalmente é adulto e capaz de agir. Então, na medida em que se é capaz de sentir o que o cliente sente, faz parte também sentir a sua situação de adulto capaz de agir por contra própria. Assim essa empatia ganha uma outra dimensão.

Posso exigir de um adulto que ele também sinta a minha situação. Uma criança não precisa sentir a situação dos pais, está conectada com eles de qualquer maneira e não precisa se preocupar. A criança pode ser criança, mas numa situação que envolve um adulto, um assistente social pode esperar do cliente que também compreenda e sinta a sua situação, por exemplo, os limites que lhe são impostos pela instituição, e os limites que tem enquanto ser humano.

Um exemplo: depois que trabalho aqui e se ainda estou totalmente dentro desse campo, alguém se aproxima de mim e diz: "Tenho uma pergunta". Ele espera de mim uma resposta, não demonstra sensibilidade com minha situação, como se eu tivesse que me desligar de tudo em que estou ainda absorvido imediatamente e estar presente para ele. Nesse caso, ele está se comportando como uma criança perante os seus pais.

A empatia sistêmica

Aqui existe mais um ponto importante. Se alguém me procurar com uma questão ou um problema, espera de mim que eu sinta, principalmente, o que ele pessoalmente sente. Mas ele vem de uma família e nessa família talvez existam outros que, mais do que ele, necessitem da minha empatia. Por exemplo, os filhos do cliente. Então, necessita-se de uma empatia sistêmica, ou seja, precisa- se não apenas de uma empatia pessoal de mim para ele e sim de uma empatia que parte de mim em direção à sua família e ao sistema de onde ele vem. Então olho para o sistema inteiro diante de mim. Eu o respeito e sinto quem mais precisa da minha empatia. Talvez quem me procurou seja a pessoa que menos necessite ou

a mereça. Então trabalho com o campo maior e tenho uma força maior.

A empatia verdadeira é sem emoção, permanece num nível superior onde pode manter a visão geral. Apenas através dessa empatia e dessa maneira de sentir e abrir- se para algo maior, obtemos a força que atua para ajudar.

A grande alma

Existe uma força que nos conduz de uma maneira boa se nos entregarmos a ela. Eu a denomino de grande alma. Se compreendermos como ela nos conduz, podemos confiar nela. Por esse motivo, por exemplo, não é necessário concluirmos tudo quando trabalhamos com alguém. A partir do momento em que um movimento é iniciado, e a alma tiver possibilidade de atuar sem que alguém de fora intervenha, ela mesma pode concluir o trabalho.

Por que estou contando tudo isso? Muitos acham que eu deveria trabalhar com eles e que só podem se sentir bem se eu fizer a constelação de sua família. O que essas pessoas perdem de vista? Não olham mais para a grande alma. Quem se entrega à grande alma, será conduzido por ela de uma maneira que vai para muito além do que deseja.

Atuar sem agir

Um exercício para o ajudante é o de recolher-se para um centro vazio. Nesse centro vazio está sem intenção, sem temor, sem lembrança. Está inteiramente centrado. Se for capaz de centrar-se dessa maneira, acontecerá algo em sua volta como se tivesse atuado. Ele, porém, não age. Atua sem agir, apenas através da sua presença, sem fazer nada.

Estas leis da não-ação são maravilhosamente descritas em Tao Te King de Lao Tse. A seguinte indicação também faz parte: quando um trabalho estiver concluído, o ajudante imediatamente se afasta e parte para o próximo trabalho, sem olhar para trás. E também não faz mais perguntas.

A noite do espírito

Existe mais um exercício que está estreitamente relacionado a esse assunto - se é que podemos chamá-lo de exercício. O ajudante ou outra pessoa que quer alcançar a profundidade da alma submete-se à purificação através da noite do espírito. Essa imagem remonta a São João da Cruz.

O que significa a noite do espírito? Eu renuncio ao conhecimento, então não faço perguntas e renuncio a novidades. Se alguém me contar algo que não me diz respeito, recolho-me nessa noite. Quando trabalho com um cliente, às vezes não tenho ideia de qual seria o próximo passo. Nada da minha experiência pode me ajudar. Então me recolho nessa noite. Isso se assemelha à retirada para o vazio. Quando permaneço nessa noite, me vem uma compreensão tão rápida como um relâmpago cruzando o céu. Essa compreensão é uma indicação para o próximo passo. Depois é noite novamente.

Nessa postura estamos totalmente serenos. Nada nos pode surpreender. Nessa postura sentimo-nos plenos, embora estejamos vazios.

Recusar a ação

Aqui estamos treinando nossa percepção para perceber o que é possível e o que não é possível, e como podemos ajudar através da não-ação, quando a ação não é possível. Não agir aqui significa, acima de tudo, não fazermos aquilo que o cliente espera. Às vezes isso parece duro, mas é o certo.

O guerreiro

Um dia fiz algumas reflexões sobre o ajudante como guerreiro. O ajudante como guerreiro nunca participa de uma comemoração de vitória. Enquanto os outros festejam, ele já está no próximo trabalho. Imediatamente se afasta do antigo e está livre.

Ganhar e perder

Gostaria de dizer algo sobre a guerra, no sentido mais amplo. Heráclito já disse: Panton pater polemos. A guerra é o pai de todas as coisas. Muitos de vocês encontram-se numa situação de conflito, por

exemplo, dentro de uma instituição ou através de um cargo que ocupam, e têm o desejo secreto de que algumas coisas fossem diferentes, que houvesse menos resistências.

A guerra, porém, também é o pai da paz. Sem guerra não existe paz. O vencedor de um conflito frequentemente jogou fora a paz. Então, se vocês fossem vitoriosos sobre outros com suas novas experiências, algo teria sido jogado fora. Aquilo que vocês vivenciam de oposto no outro deve ser reconhecido como equivalente. E aqueles que representam algo de diferente devem ser reconhecidos como iguais. A partir desse momento eles também serão capazes de reconhecer algo de diferente em vocês, pois não precisam abrir mão do que é próprio deles.

Os opostos

Reconhecemos o outro exatamente na área em que ele atua. Também reconhecemos o seu poder, sua influência, seu sucesso, seus méritos e seus limites. Da mesma maneira como reconhecemos os nossos próprios méritos, nosso poder, mas também os nossos limites. Na medida em que as duas coisas são reconhecidas, cada um pode absorver dentro de si o outro como algo legítimo. Quando fazemos isso nossa alma se amplia. Se a nossa alma estiver ampla, a alma do outro também pode se abrir e ampliar. Então surge a paz através do reconhecimento mútuo.

Se vocês ganharam em algum lugar, então fiquem preocupados. É melhor que algo evolua em conjunto através dos opostos. Ambos - um lado e o outro - ou todos, quando se trata de vários lados, são importantes para o todo. Por isso, numa equipe, uma pessoa que tem uma opinião contrária nunca pode ser excluída. Aquilo que ela representa tem que ser reconhecido. Na medida em que isso é reconhecido, ela pode se abrir.

Nas Constelações familiares vale o mesmo. Alguns também vêem uma contraposição entre o trabalho de um e o trabalho de outro. Aqui também algumas pessoas gostariam de tirar algumas coisas. Se aquilo que for diferente for incluído, se for reconhecido sem que aquilo que é próprio seja negado, então existe paz. Então tudo tem lugar.

Erros

Alguns ajudantes começam a constelar uma família. Mas, de repente, não conseguem continuar e precisam interromper. Eles se mostram incapazes de fazer esse trabalho. Mas, estranhamente, às vezes, isso ajuda o cliente, mesmo quando ele fica zangado. Se esse ajudante se sentir culpado comporta-se como se o resultado dependesse dele, porém, através dos seus erros, está aprendendo que não depende dele. Então, pode misturar-se às pessoas comuns que também cometem erros. Isso tem um efeito bom para todos.

A fonte

Uma vez Rilke escreveu: "A vida permanece pura porque ninguém a domina". Eu também aplicaria isso às Constelações familiares. Permanecem puras quando cada um sabe que não podem ser dominadas. Permanecem puras se a pessoa souber que deve confiar em algo que atua por detrás delas. Quando as constelações familiares dão certo, sempre se trata de uma graça recebida.

O ajudante é como uma fonte. Dela flui água corrente. Porém, não é a água da fonte. Apenas passa por ela.

Imagens que solucionam

As imagens, das quais se trata aqui não são ideias que temos na cabeça. Trata-se de imagens de solução que pode penetrar na alma e atuar aí, como imagens.

A imagem inicial

A imagem familiar se compõe na medida em que alguém escolhe representantes para os membros da sua família entre as pessoas presentes e as coloca em relação umas às outras, dentro do espaço. Se o fizer de maneira centrada surge uma imagem que o surpreende. O cliente carregava dentro de si uma imagem que frequentemente difere muito do que pode ser visto agora. Assim, algo que estava oculto vem à luz através dessa imagem. Se deixarmos que ela atue sobre nós, reconhecemos problemas

importantes desta família. Ao mesmo tempo talvez também possamos descobrir onde podem estar as soluções para os seus problemas. Então, através de mudanças nessa imagem podemos chegar a uma imagem de solução, no final. Este é um aspecto das Constelações familiares.

Tem um outro aspecto que também deve ser levado em consideração. Quando os representantes estão verdadeiramente centrados, sentem-se igual às pessoas que estão representando, sem conhecê-las. Isso é algo misterioso. Não podemos explicar esses fenômenos sem mais nem menos. Mas isto mostra que estamos conectados com algo maior e que através dessa conexão podemos chegar a um conhecimento que não recebemos de fora. Aqui se trata daquela imagem.

As imagens de solução

Quando falo sobre as imagens de solução, pressupõe-se que também existam imagens que nos emaranham e que nos prendem de tal forma que bloqueiam algo dentro de nós, algo que quer se desenvolver. Essas imagens também são imagens internas.

Cada um de nós nasce dentro de uma determinada família. Essa família tem determinadas ideias sobre o que é bom e é permitido e sobre o que é proibido - muitas vezes essas ideias independem da realidade daquilo que é realmente bom e ajuda e daquilo que realmente atrapalha. Assim sendo, temos que aprender a nos despedir dessas imagens internas, por exemplo, de imagens que nos impedem de reconhecer outras pessoas que são diferentes e conferir-lhes os mesmos direitos que temos.

Então, aqui também se trata de purificação, de uma purificação interna de imagens que nos confundem, talvez também de imagens que nos atraem para alguma coisa que nos prejudica e que prejudica outras pessoas. Através dessa purificação encontramos soluções que unem com respeito aquilo que é diferente. Normalmente esse é o processo essencial de cura, unir dentro do nosso coração aquilo que considerávamos contraditório ou oposto.

Quero dizer mais alguma coisa sobre como lidar com essas imagens. Elas existem dentro de um espaço, são atemporais, não podemos modificá-las. Se refletíssemos sobre o que aconteceria se mudássemos uma ou outra imagem, estaríamos interferindo nela. Também não podemos atuar imediatamente de acordo com a imagem. Ela deve repousar na alma, talvez por muito tempo. A imagem atua na medida em que está presente, presente não apenas na nossa própria alma, mas também na alma de outros membros familiares, sem que contemos algo a eles.

Após algum tempo, acumula-se na alma a força necessária para fazer o certo. Então seguimos a nossa própria alma, não mais a imagem. Mesmo assim, essa imagem estimulou algo na alma que possibilita a ação posterior.

Dois tipos de sentimentos

Os sentimentos primários

O sentimento primário sempre vai diretamente ao ponto. Leva e possibilita a ação. No final algo está mudado. Neste sentimento os olhos estão abertos, pois estão em conexão com uma realidade.

Os sentimentos primários normalmente têm curta duração. Outras pessoas que são testemunhas podem permanecer totalmente consigo mesmas, podem assistir e ter compaixão, mas permanecem consigo mesmas.

Os sentimentos dramáticos

Por outro lado existem sentimentos que se manifestam de forma dramática. Aqui a pessoa mantém os olhos fechados, pois tais sentimentos não estão em conexão com a realidade visível, mas orientam-se por uma imagem interna. Assim sendo temos que fechar os olhos quando se trata desses sentimentos.

Vou fazer um pequeno exercício com vocês, para que possam verificar a diferença. Fechem os olhos e lembrem- se das acusações que fizeram aos seus pais antigamente e como isso é sentido. Depois, ainda mantendo os olhos fechados, imaginem que estão olhando nos olhos de seus pais e que permanecem num contato contínuo através do olhar. Agora experimentem se são capazes de acusá-los, olhando nos olhos deles.

O sentimento de olhos abertos é primário, simples, leva à ação e libera os pais. Os outros sentimentos ligados a acusações orientam-se por imagens internas, e nós os sustentamos de olhos fechados. A partir do momento em que abrimos os olhos não podemos mais segurar esses sentimentos.

Qual é o objetivo desses sentimentos dramáticos? Querem impressionar e estimular os outros para a ação, ao invés de agirmos por conta própria. Por isso, os outros se sentem desconfortáveis na presença desses sentimentos, sentem que devem fazer algo, no entanto, imediatamente percebem que não podem fazer nada. No momento em que alguém tenta ajudar outro, tratando-se de um sentimento dramático, este vai lhe provar que não é possível ajudar. Tem que provar isso a ele, pois o único objetivo do sentimento dramático é de evitar a ação.

Sonhos

Quando alguém conta um sonho vocês podem perceber a mesma coisa. Também podemos classificar os sonhos em sentimentos primários e sentimentos dramáticos. Quando alguém conta um sonho imediatamente, principalmente quando diz: "Sonhei com você que...." trata-se de um sonho que serve para sustentar problemas e, às vezes, tem a finalidade de fazer algo contra alguém. O sonho contém uma acusação. Não podemos interpretar esse tipo de sonho ou tomar isso pessoalmente. Essa é uma diferenciação muito importante, a diferenciação entre os sentimentos primários que possibilitam a ação e levam à ação e os sentimentos secundários que servem para substituir a ação.

O olhar bom e o olhar mau

Quero relatar mais uma observação aqui. Não podemos dizer ou pensar algo ruim sobre alguém quando olhamos nos olhos dessa pessoa. Vocês podem observar isso quando alguém diz algo ruim sobre um terceiro ou sobre vocês. Antes vai olhar para o lado, rapidamente, elabora uma imagem. No contato através do olhar não somos capazes de sustentar essas imagens.

A ajuda essencial

Muitos que procuram por ajuda na psicoterapia têm a ideia de que devem trabalhar algo de sua infância. Passam muitos anos de sua vida trabalhando um assunto de sua infância, às vezes, um número maior de anos do que durou a infância. Naturalmente, às vezes existe algo a ser trabalhado, mas assim muitos evitam enfrentar o presente e aquilo que é importante naquele momento.

Um amigo meu, psicoterapeuta, teve câncer. Ele me ligou e disse: "Tem algo que ainda preciso colocar em dia. Preciso absolutamente esclarecer como foi meu relacionamento com meu pai no meu oitavo ano de vida.[1]' Eu disse a ele: "Você tem que encarar o fim, que mais você quer esclarecer?" Ele ficou zangado e desligou o telefone.

Alguns meses depois, faleceu.

A questão

Quando alguém vem com uma questão temos que nos perguntar: é adequado aprofundar-se nela? Até que ponto seria adequado e quanto tempo resta a essa pessoa? Principalmente tratando-se de pessoas com doenças graves, às vezes podemos observar: ao invés de elas olharem para o fim próximo, olham para algo no passado. Assim perdem aquilo que é importante no momento.

Em outros, vejo que atingiram um limite. Não conseguem ultrapassá-lo porque algo do passado ainda os segura. Então soluciono algo do seu passado com eles - rapidamente, muito rapidamente. Assim ganham força para agir e podem ir.

Frequentemente ocorre que deixaram algo para trás num determinado momento, algo de que precisam para continuar andando. Por exemplo, uma confiança ou uma ligação com uma pessoa que para eles foi importante. Quando recuperam aquilo que deixaram para trás - às vezes bem rápido - tudo para eles continua, automaticamente.

Algumas vezes, assumiram algo que não lhes pertence, como podemos observar em muitos casos de emaranhamento. Dissolvemos o emaranhamento na medida em que deixamos algo no lugar que lhe pertence. Depois continuam o seu caminho por conta própria.

Curto e preciso

Muitos procuram uma psicoterapia com a imagem de que algo deve ser consertado. Isso significa que entregam o seu problema ao terapeuta, assim como entregamos um relógio ao relojoeiro para ser consertado. Ele o conserta e o entrega consertado. A imagem de algo completo está ligada a isso, a ideia de que uma terapia deve ser completa.

No contexto da terapia familiar também encontramos a postura em alguns consteladores de que todos os problemas devem ser resolvidos. Depois talvez façam 10 constelações seguidas com um cliente para resolver tudo para todos os membros da família. Mas, quanto mais querem fazer, menos força têm.

Nas Constelações familiares o decisivo é definir os rumos na alma. A partir do momento em que esses rumos estão definidos, o resto acontece automaticamente. Por isso, normalmente uma seção é o suficiente. Não precisa de mais. A não ser que algo novo venha à luz ou que surja uma situação nova. Então fazemos mais uma constelação, talvez somente após um ou dois anos, mas não fazemos mais do que isso.

A seriedade

Também não podemos utilizar as Constelações familiares no sentido de trabalhar um assunto do início ao fim, ou seja, fazendo uma constelação após a outra para trabalhar um assunto do início ao fim. Ou por curiosidade, no sentido de querer ver o que há numa determinada família. Sem um problema que urge não podemos fazer uma constelação. A constelação familiar é mais adequada em situações em que se trata de vida ou morte. Então, toda a seriedade está presente. Depois nos recolhemos e entregamos o resto a uma força maior.

O limite máximo

Como ajudante frequentemente vou até o limite máximo com o cliente. Confronto a pessoa com os extremos. Não amenizo a situação de forma alguma, assim ela tem plena consciência das consequências. Apenas quando tiver plena consciência dessas consequências talvez exista uma solução mais amena. Essa solução, porém, apenas surge no momento em que olhamos diretamente para a seriedade da situação. Isso demanda muita coragem e confiança do ajudante.

Mesmo que para alguns isso possa parecer cruel ou demasiadamente direto, trata-se de uma realização humilde que permite à realidade ser o que é e que concorda com a realidade como ela é.

O respeito

O ajudante somente pode ajudar enquanto mantém o controle. Exigir que o cliente o respeite faz parte desse controle. Isso significa que o cliente também respeita o que o ajudante decide. Caso contrário, o cliente decide o que o ajudante deve fazer. Se o ajudante fizer o que o cliente quer, qual é o resultado? O cliente permanece como é.

Apenas quando os jogos do cliente terminam e não valem mais a pena, é possível ajudá-lo.

O centramento

Antes de ajudar temos que nos centrar. Vou fazer um exercício com vocês.

Imaginem uma pessoa que querem ajudar e estabeleçam uma determinada distância entre vocês, uma boa distância. Façam um círculo à sua volta que corresponda a um lugar seguro no qual ninguém pode entrar do exterior e onde vocês permanecem protegidos.

Depois olhem para essa pessoa e por detrás dela vejam os seus pais. Façam uma reverência diante deles e internamente lhes digam: "Aqui eu sou o pequeno e vocês são os grandes." Depois vocês veem os seus avós e outras pessoas importantes por detrás dela e, ao lado da pessoa, vocês veem a sua culpa, fazem uma reverência diante da sua culpa e dizem a ela: "Aqui eu sou o pequeno."

Assim vocês aguardam, sem intenção e sem culpa, esperam pelo momento apropriado e talvez recebam alguma indicação sobre o que podem fazer, onde devem se recolher, onde devem interferir - talvez com força - ou se devem permanecer em silêncio.

A outra dimensão

Este trabalho nos conduz a dimensões que antes não percebíamos. Também para mim revela sempre algo novo. Esta forma de trabalho diferencia-se em vários sentidos de outros procedimentos usuais.

Normalmente traçamos um plano, um objetivo que desejamos alcançar. Em seguida escolhemos o caminho que nos conduz até o mesmo. Na medicina e frequentemente também na psicoterapia elabora-se muitas vezes, em um primeiro momento, um diagnóstico. O tratamento resulta do diagnóstico. O caminho por qual se opta baseia-se assim em experiências anteriores.

Aqui, neste trabalho não existem definições, nem diagnósticos. Também não há um objetivo a ser alcançado. O próximo passo ainda desconhecido para nós vem a partir do centramento, um passo às escuras e, novamente, um próximo passo às escuras. Para onde ele nos conduz, não sabemos. No final, quando olhamos para trás, percebemos qual foi o caminho e para onde nos conduziu. Sendo assim, este tipo de trabalho exige total confiança em relação a algo desconhecido, que nos conduz quando confiamos nele.

A humildade

Isso exige de certo modo uma transformação da ideia sobre o fazer - a ideia de que posso alcançar algo a partir de minhas habilidades - para uma atitude em direção ao recolhimento e da espera por algo que nos conduza a partir de dentro. Por isso esse caminho é marcado pela humildade. O ajudante não se permite ser seduzido pelas queixas de um cliente, pela sua dor ou seu desejo pessoal de ajudá-lo ou então pela ideia de que pode fazê-lo. Quando ajudo permaneço em sintonia com o destino do cliente. Minha designação não é modificá-lo. Apenas quando sua alma emite um sinal que me dá o direito de ajudá-lo e para tal me habilita, entro nesse movimento que me é oferecido.

Pena

Pena é o que há de mais perigoso. Isto é perigoso quando não suporto a dor do outro e quero ajudá-lo por esta razão. Neste momento interfiro na sua alma. Nesse momento torno-me fraco e necessitado. Quando, no entanto, suporto a sua dor com respeito, dedico-me a ele a partir de outra dimensão. Essa dimensão, ao contrário da pena, é uma dimensão de força.

O movimento interrompido

Em muitas famílias a criança é separada precocemente da mãe, quando, por exemplo, precisa ir ao hospital e a mãe não pode visitá-la. Às vezes também ocorre uma separação imediatamente após o nascimento, quando, por exemplo, uma criança nasce prematura e precisa ficar na incubadora. No caso da cesariana ocorre igualmente uma separação precoce.

A criança sente a separação como uma grande dor. Ela se modifica após este evento, pois a dor se transforma em raiva ou desespero. Quando a mãe retorna, a criança afasta a mãe de si, pois se lembra da dor que sentiu. Assim a mãe talvez acredite ter falhado de algum modo e igualmente se retrai. Desta forma os dois permanecem separados.

Tal fato pode ter influências ao longo da vida. Quando ocorreu um movimento interrompido precoce, principalmente em relação à mãe, por vezes também em relação ao pai, mais tarde a criança não se aproxima mais de outras pessoas. Sente medo da proximidade. Sempre que se aproxima de alguém lembra-se da dor passada e interrompe o movimento de aproximação.

Se mais tarde essa criança, enquanto adulta, desejar aproximar-se de alguém recordará, antes de realmente chegar a ele, da situação antiga. Nesse sentido andará em círculos. Retrai-se, dá um passo para o lado, afasta- se, volta para o ponto de partida sem realmente ir adiante ou se aproximar.

Qual a solução neste caso? Retornamos para a situação onde o movimento foi interrompido precocemente e o concluímos. Para isso o terapeuta precisa representar a mãe, isto é, a mãe daquela época. Ele não larga a criança. Quando ela deseja afastar-se, ele a segura até que ela se acalme. Desta forma o movimento interrompido alcança o seu objetivo.

Desprender-se dos mortos

Muitos de nossos problemas e dos problemas de nossos clientes têm a ver com os mortos. Os mortos

nos influenciam, e talvez nós também os influenciemos. Quando algo em relação aos mortos de nossa família ainda se encontra sem solução, isso acaba atuando de modo perturbador no presente. Nesse sentido encontramo-nos presos ao passado, ao invés de olhar para o futuro.

De que forma nos encontramos ligados aos mortos? Encontramo-nos ligados a eles à medida que nos lembramos deles. Muitas vezes lembramo-nos de forma amorosa. Sentimos sua falta, sentimos saudades, estamos ligados a eles com amor, estamos de luto.

Como os mortos se sentem quando agimos deste modo? Sentem-se melhor? O que fazemos quando nos lembramos deles deste modo? Nós os seguramos. O que é adequado nesse caso? Quando a morte deles é recente, a dor e o luto são adequados. Ajudam a nos separar dos mortos. Talvez isso também ajude os mortos. Desse modo se libertam de nós.

Como o luto em relação aos mortos tem mais êxito? Quando agradecemos aos mesmos. Quando olhamos para as coisas boas que deles recebemos e dizemos: "Eu sou grato. Eu conservo o que você me deu e em sua memória, farei algo de bom com isso." De repente os mortos podem libertar-se, pois aquilo que nos deram continua atuando, isto é, realizaram o seu objetivo.

Esta é uma forma. Porém, muitos ainda estão zangados com os mortos, ressentem-se deles. Muitos clientes que nos procuram ressentem-se de seus pais, embora talvez já estejam mortos há muito tempo. Dessa forma os vivos continuam ligados aos mortos e talvez os próprios mortos também não estejam em paz, pois nós os seguramos através de nossas expectativas e exigências.

Qual a solução neste caso? Dizemos a eles: "Não importa o que tenha acontecido, foi precioso para mim." É verdade. Aquilo que foi, independentemente do que foi, torna-se uma força a nosso favor à medida que concordamos. Torna-se um peso apenas quando o rejeitamos. Então, quando existem mortos com os quais estamos zangados por esperarmos algo deles, dizemos-lhes: ''Eu sou grato". Nesse momento, aquilo que foi, seja lá o que tenha sido, transforma-se em um tesouro valioso.

Existem mortos em relação aos quais sentimos culpa, pois fomos injustos com eles, nós os prejudicamos. Desse modo permanecemos ligados a eles e eles a nós, pois ainda exigem algo de nós.

Naturalmente isso é apenas uma imagem. Se isto é realmente assim, nós não sabemos. Para nós, no entanto, tem um bom efeito, quando refazemos a nossa ligação de modo amoroso com os mortos contra os quais cometemos injustiças, dizendo-lhes, por exemplo: "Sinto muito e caso exista algo que possa fazer, eu o farei." Podemos, por exemplo, fazer algo de bom em relação a seus filhos. Quando concordamos com isso e nos decidimos nesse sentido, podemos deixar esses mortos, e eles farão o mesmo em relação a nós.

Mas, algumas vezes, sentimos que cometemos tamanha injustiça em relação a eles, que causamos danos irreparáveis, talvez até nos sintamos culpados em relação a sua morte.

Como lidamos com isso? Dizemos a eles: "Sei o quanto a culpa me pesa. Mas mesmo assim fico com ela. Não farei nenhuma tentativa de me desvencilhar da mesma como, por exemplo, através da expiação. Por ficar com ela possuo uma força especial. Farei algo bom através dessa força, em sua memória." Assim esses mortos podem ficar em paz conosco. Podem nos deixar sem novas exigências e nós os deixamos em paz.

O que isso significa em relação ao ato da ajuda? Enquanto ajudantes incluímos esses mortos no nosso campo de visão, quer dizer, olhamos para além do cliente e para além dos membros vivos de sua família em direção aos seus mortos. Nós os respeitamos, consideramos aquilo que ainda desejam e o transmitimos para o cliente. Nós o ajudamos para que possa estar em paz com os mortos e, desse modo, livres para viver a sua vida.

Independentemente do que aprendemos durante a nossa formação, enquanto ajudantes ou psicoterapeutas - isso não terá êxito diante desta tarefa. Aqui a demanda é outra. Porém, se nós nos introduzirmos nisso, nos sentiremos profundos e amplos de um modo especial e temos força.

Ações que solucionam

Quando um paciente se queixa de seu destino ou de seus pais, por que está se queixando? Qual o seu objetivo? Deseja que o outro sinta pena dele e que aja no seu lugar. Esse tipo de ação, no entanto, jamais conduzirá ao sucesso.

Também podemos lidar de outra forma com ele. Quando alguém, por exemplo, se queixa de seus pais e de seu destino, permitimos que nos conte tudo e ainda perguntamos: "O que aconteceu exatamente?" Ele nos contará tudo nos mínimos detalhes. Em seguida, dizemos: "Então, essa não foi uma oportunidade maravilhosa de se desvincular de seus pais e começar a realizar algo através de sua própria força? Se outra pessoa, que não passou pelas mesmas experiências que você tentasse realizar o mesmo, não seria capaz, pois lhe faltaria a força necessária." Assim, independentemente das experiências às quais alguém é submetido, elas sempre lhe darão forças para que possa crescer, caso realize algo a partir delas. Seja lá como tenha sido o passado de alguém, ele se transformará, através das ações baseadas na força que emerge.

Por isso, o ajudante sempre observa de que modo aquilo que o cliente revela pode contribuir para o seu crescimento, ajudando-o a agir de modo correto.

Quando um cliente prefere fixar-se em suas reclamações e acusações, não devemos trabalhar com ele. A maior ajuda que pode receber é quando alguém lhe diz: "Para mim isto é demasiadamente perigoso."

Toda pessoa que se queixa ou reclama é perigosa. Isso nós podemos ver quando nos recusamos a trabalhar com ela. Ninguém consegue ficar mais agressivo. Por isso, tenham cautela.

Existem terapeutas que são acusados e atacados. Por quem? Por aqueles que eles decepcionaram, pois não fizeram o que desejavam e se vingam por isso. Sentem se bem quando acusam, pois agem, enfim, porém, não a seu favor.

Quando alguém ajuda de modo leviano no caso de questões de vida e morte, acreditando poder colocar-se acima do destino de um cliente, combater o mesmo com sucesso, corre um profundo perigo. Aqui ninguém pode brincar de ser Deus sem prejudicar o cliente e a si mesmo.

Temor

Fui acusado algumas vezes de dizer coisas muito ousadas que poderiam prejudicar o cliente.

Meu ponto de vista em relação a isso é um tanto radical. Nenhum terapeuta é capaz de prejudicar um cliente. Como poderia realizar tal empreendimento, a não ser que o matasse? Todos nós somos livres para fazer o que bem entendemos. Quando o cliente quer ser prejudicado, ou seja, quando age de um modo como se tivesse sido prejudicado, então esse é o seu desejo.

Porém, deseja isso de um modo específico, de um modo que o isenta da responsabilidade. Ao invés disso acusa o terapeuta. Mas olhando de perto, um terapeuta não é capaz de prejudicar um adulto. Se digo algo errado, todos têm a liberdade de ter um ponto de vista diferente.

No entanto, quando alguém age como eu, às vezes corre o perigo de ouvir: "Isso não está acontecendo, isso é impossível." Eles podem acusar o terapeuta de estar fazendo algo errado. Quando um ajudante cede diante desse temor, o que acontece com ele? Perde a clareza da percepção e não se pode mais confiar nele.

Uma das condições para este trabalho é deixar o temor para trás. Quem cede torna-se uma criança e o outro, do qual se sente medo, é transformado internamente por ele em pai ou mãe. Ser fiel à sua percepção e ter coragem de verbalizá-la exige força.

Verifiquem agora se perceberam algo diferente do que eu e se teriam tido coragem de dizer o que perceberam.

Mais algo: quando vamos até o limite máximo - e isso aqui foi um limite máximo - algo decisivo pode acontecer. Muitas coisas ocorrem apenas no limite máximo; apenas quando temos coragem de ir até o limite máximo, algo pode tomar um rumo melhor. Vencemos a guerra no limite máximo. Apenas no limite máximo.

A cautela

A nossa existência não é muito segura. Nada possui limites claros. Os limites são permeáveis e por vezes nós nos perdemos. A nossa estabilidade psíquica também é precária. As tentativas realizadas por alguns de transpor os seus limites psíquicos, através de drogas ou certos exercícios, por exemplo, são perigosas. Estamos mais seguros quando permanecemos no aqui e agora e nos alegramos com isso,

enquanto dura.

O rio

Fechem os olhos. Coloquem no chão aquilo que seguram, para que nada os distraia.

Agora centrem-se e exponham-se àquilo que emerge de seu centro e se revela para vocês. Olhem para isso, sem medo, sem desejos, simplesmente abertos tal como uma criança que olha para o mundo pela primeira vez. Uma criança que não sabe nada ainda sobre palavras e definições, que escuta um passarinho sem saber o nome do mesmo, uma criança que se encontra conectada com tudo de modo imediato.

A alma é como um rio. Entramos nesse rio e deixamos que ele nos leve. Não sabemos para onde flui e mesmo assim ele nos sustenta. Entregamo-nos a ele.

Se eu começar a trabalhar agora com casos isolados não estarei trabalhando apenas com eles, trabalho simultaneamente com todos vocês. Pois aquilo que emerge a partir do trabalho com eles, em termos da qualidade humana essencial, refere-se a todos nós. Toca nossa alma imediatamente. Nadamos com eles no rio da vida.

Ajudar de igual para igual

Em cima e embaixo

A psicoterapia, conforme transmitida por Freud e do modo como está continuamente se desenvolvendo, parte de um modelo básico: aqui está um doente e lá um médico, aqui está um necessitado e lá um ajudante superior que diz a ele o que o ajudará. A partir disso forma-se uma relação específica. Tal modelo é válido e também se justifica na relação que o doente estabelece com seu médico. Mas isso também se aplica à psicoterapia?

Quando ajo segundo esse modelo, no final o cliente é maior do que antes ou menor? A terapia contribuiu para seu crescimento ou talvez o tenha colocado na posição de uma criança?

Agir

Trato cada cliente como igual e me recuso a trabalhar com alguém que se apresenta como necessitado. Não nego que muitos necessitam realmente de ajuda. É claro que necessitam. A pergunta é se o cliente está disposto a agir ou não. Quando alguém necessita de ajuda e se apresenta para mim como alguém que está disposto a agir, esperando apenas que lhe mostrem como, aí sim, posso ajudá-lo. Não se tornará dependente através de minha ajuda, pois sabe e quer agir através de sua própria força.

Reclamações

Quando alguém reclama, contando-me, por exemplo, como foi terrível a sua juventude - será que deseja agir? Por que me conta isso? Ele o revela como um pretexto para não agir. Por isso, toda energia por mim mobilizada para ajudá-lo será em vão. A disponibilidade básica de acompanhar um movimento da alma que leva adiante aqui se encontra bloqueada. Por isso testo primeiramente se posso e desejo trabalhar com alguém.

Acontecimentos

Existe algo bem simples a ser considerado aqui. O ser humano é como é, pois algo aconteceu em sua família, algo que influencia a sua vida por inteiro. Por exemplo, quando alguém morreu cedo em sua família, isto é um acontecimento que influencia toda sua vida. Ou então quando alguém foi abandonado quando criança, quando houve um suicídio, um crime foi cometido ou qualquer coisa que tenha provocado uma mudança radical na família.

Tais eventos podem ter ocorrido na família atual de um cliente, quer dizer, com ele, seu parceiro e seus filhos ou então em sua família de origem, com seu pai, sua mãe, seus irmãos e, além disso, nas gerações anteriores.

Por isso, a primeira pergunta que faço a um cliente que quer trabalhar comigo é: "O que aconteceu?"

Na maioria das vezes isso pode ser dito em três frases. Nesse sentido não preciso saber nada sobre seus sentimentos nem como foram seus pais. Isso apenas distrai. O que é decisivo está relacionado a acontecimentos.

As Constelações familiares internas

O que fiz com esse homem? Isso foi uma constelação familiar? Foi. Quando veio até mim pudemos perceber que estava em apuros. Pedi então que fechasse os olhos e iniciei uma constelação familiar - em minha alma.

Retraí-me e o entreguei à sua alma. Olhei para sua mãe, seu pai, seus irmãos, caso tenha algum, e para seus ancestrais. Olhei para os destinos dessa família e fiz uma reverência a eles, com respeito. Quer dizer, olhei para além dele, para o contexto de onde veio.

À medida que não perguntei e nem disse nada e por ele estar seguro, diante de mim, no campo ao qual pertence, os sentimentos adequados puderam surgir. Sua alma o guiou. De repente ficou claro que era uma criança pequena e que algo marcante aconteceu naquela época. Assim eu o acolhi nos meus braços como uma mãe. Ele estava seguro comigo. Cobri seu rosto com minhas mãos para protegê-lo de olhares curiosos.

Em seguida pudemos ver a raiva dele, era a de uma criança que foi abandonada, Por isso aproximei-o cada vez mais de mim. Por que dei-lhe um golpe entre as omoplatas com o punho? Por estar em sintonia com ele, de repente percebi que isso era necessário. Pudemos ver imediatamente o efeito e que havia feito a coisa certa.

Quando gritou, disse a ele que deveria respirar sem sons. O ato de gritar muitas vezes é uma resistência. Quando passou a respirar mais calmamente estava conectado de modo muito mais profundo com sua alma. Após um tempo senti: por agora é o suficiente. Agora sua alma necessita de tempo para lidar com isso.

Ajudar através da renúncia

Neste tipo de trabalho, aquilo que tentamos fazer externamente na constelação já está algumas vezes acontecendo profundamente no âmbito interno. Os movimentos emergem da própria alma. Através do rosto e dos movimentos podemos ver onde não é mais possível prosseguir. Então ajudamos o cliente para que possa transpor lentamente o obstáculo.

É essa a diferença em relação à constelação. Nela procuramos por uma solução. Quando a solução é encontrada, o cliente precisa fazer algo em seguida.

Aqui o processo de cura já ocorre através dos movimentos da alma. Quer dizer, o trabalho em si acontece aqui e agora ou, pelo menos, já começa. Dessa maneira ocorre em um nível muito mais profundo. Ao mesmo tempo tudo permanece no âmbito da própria alma, não há nenhuma intervenção de fora. O ajudante revela uma profunda deferência diante do destino de uma pessoa.

Quando vocês comparam este procedimento com as ideias mais corriqueiras sobre o desejo de ajudar, perceberão quais intervenções por vezes são realizadas de fora para dentro. Perceberão a partir de que ideias são realizadas e que isso é realizado sem considerar o que ocorre na alma.

Às vezes queremos ajudar, pois o cliente disse algo de uma certa maneira e porque entramos no que disse. O que o cliente diz é quase sempre uma resistência diante do essencial. Se entrarmos nisso imediatamente, talvez iniciemos um grande jogo para além daquilo que realmente conta.

Por isso precisamos ser cautelosos aqui. Sentimos as diferenças entre os dois modos de ajudar. A partir da reação da própria alma aprendemos gradativamente o que podemos e o que não podemos fazer.

Assim como o conhecimento no caminho fenomenológico do conhecimento tem êxito através da renúncia, essa ajuda também tem êxito através da renúncia.

A realidade que é trazida à luz

O que importa neste trabalho não é o fato do terapeuta fazer muito, mas que ele traga algo à luz com a ajuda dos representantes. Quando isso vem à luz, passa a atuar. Por isso, não precisa fazer mais nada depois. O essencial ele já fez. Todo o resto a alma faz e isso exige tempo. O ajudante não precisa fazer mais nada, pelo contrário, se ainda desejasse fazer algo, interferiria na alma do outro.

O destino

Neste trabalho muitas vezes encontramos pessoas com um destino especial. A questão é como nos confrontamos com esse destino, como o reconhecemos, concordando simultaneamente com ele - e em que medida somos capazes de compreender onde esse destino se torna inevitável e onde algo nos é oferecido através do destino, algo que nos capacita a ajudar alguém em sintonia com o mesmo.

A margem de movimento

No nosso trabalho nos deparamos frequentemente com situações onde nos sentimos inclinados a julgar dizendo, por exemplo: "O problema é que a pessoa simplesmente não quer." Partimos assim do pressuposto de que alguém tem liberdade de ação, sendo igualmente livre a optar pelas situações de vida nas quais se encontra e que poderia modificá-las, caso quisesse. Através da constelação obtemos a compreensão de que a margem de movimento de cada um é bastante restrita. Deste modo, a ideia de liberdade diminui consideravelmente em direção a algo bem pequeno e superficial.

A família como destino

Em primeiro lugar, destino significa que nos encontramos inseridos em uma família específica na qual ocorreram certos acontecimentos que determinam os destinos daqueles que vêm depois. Esse destino ou essa determinação através do destino se expressa no indivíduo como lealdade à família. Quando, por exemplo, ocorreu um suicídio, isso influencia gerações posteriores e pode levar outros a quererem igualmente suicidar-se. Quando investigamos melhor o assunto, descobrimos talvez que lá atrás na família alguém deveria ter se suicidado, mas não o fez. Sendo assim delega aquilo que não realizou e que deveria ter realizado para as próximas gerações. Estas sentem tal fato como uma obrigação, sem saber o porquê.

Então quando encontramos alguém que se encontra emaranhado em uma situação como esta não adianta tentarmos persuadir a pessoa. Precisamos verificar onde esse destino se inicia. Quando, no entanto, podemos pressupor que o problema da pessoa se encontra para além de seu livre-arbítrio, lidaremos de modo mais sereno com ele. Quando lhe dizemos: "Vamos verificar de onde vem isso, qual a sua origem", sente-se pessoalmente aliviado. Só isso já ajuda.

A sequência das gerações

Ultimamente temos encontrado métodos para trazer à luz a situação original. Em seu livro "A cura vem de fora", Daan van Kampenhout descreve detalhadamente de que forma isso pode ser feito. Posicionamos primeiramente o cliente. Em seguida, posicionamos atrás dele um representante para a geração dos pais, depois um para a geração dos avós e assim por diante. No caso dos homens posicionamos apenas homens, no caso das mulheres, apenas mulheres. Deste modo podemos posicionar, quem sabe, oito, nove, dez gerações. Quando esperamos por um tempo suficiente podemos perceber, através das reações dos participantes, em que geração ocorreu o acontecimento decisivo.

Ou então o cliente ou a cliente se movimenta lentamente de um representante ao outro e sente o que acontece com eles.

O decisivo é sempre um assassinato. Até onde pude perceber, até agora, os destinos mais pesados têm a ver com o fato de que alguém na família foi assassinado por outro da família ou então que alguém da família assassinou outro familiar.

Quando percorremos as gerações, talvez percebamos que um dos representantes se torna inquieto, passa a olhar para o chão. É nessa geração que se encontra o destino decisivo. Pedimos que um representante para a vítima se deite no chão diante desse representante. Nesse momento inicia-se o

confronto entre o agressor e a vítima. Naturalmente não sabemos o que ocorreu e também não precisamos saber. Vemos apenas que algo aconteceu aqui.

Quando ocorre algo entre a vítima e o agressor, algo que os aproxima, vamos supor que o agressor se deite ao lado da vítima, podemos observar como as gerações seguintes ficam aliviadas. Esse alívio também pode ser sentido em relação ao cliente. Este é um método elegante sem que tenhamos que investigar muito. O efeito confirma que isso ajuda.

Por vezes nada pode ser mudado, pois o destino é grande demais. Talvez não tenhamos acesso às compreensões necessárias para solucionar. Entretanto trago um exemplo, revelando como algo assim pode ser solucionado de modo surpreendente.

A força curativa

Em Taiwan a mãe de um participante era esquizofrênica. Quando posicionamos seus filhos, que eram quatro meninas, uma delas se comportou de modo estranho. Investigamos se havia ocorrido algo fora do comum várias gerações atrás, na família. O cliente lembrou que seu bisavô tinha sido assassinado por seu irmão. Sendo assim coloquei o bisavô e seu irmão, porém este se comportou de um modo como se não fosse apenas um agressor, e sim, também uma vítima. Em seguida, coloquei a mãe deles, a tataravó, e ficou claro, através das reações dos representantes, que ela tinha sido a real agressora. Foi ela que havia incentivado este ato. O irmão do bisavô estava confuso, pois sentia tanto a energia da vítima como a do agressor. Pedi que se apoiasse, de costas, em seu irmão e na tataravó. De repente a confusão do irmão do bisavô se dissolveu e ele percebeu tudo mais claro.

Em seguida fiz o mesmo em relação às gerações posteriores. Apoiaram-se, de costas, naqueles que vieram antes. Todos passaram a perceber as coisas de modo mais claro, inclusive a mãe do cliente. Sua filha, porém, permaneceu confusa. Não vi nenhum caminho que pudesse ajudá-la. Vi-me em apuros e, que foi que fiz? Eu a conduzi até sua tataravó que a tomou em seus braços e, assim, ela também se sentiu livre. No final, a força curativa veio da assassina, neste sistema.

O grande destino

Por vezes não sabemos se podemos ou devemos fazer algo. O que então fazemos como ajudantes? Fazemos uma reverência diante do destino, sem interferir. Quando vem à luz que não podemos fazer nada, dizemos claramente: "Aqui não posso fazer nada." Então o destino assume a condução.

É claro que aqui destino significa também que a grande alma assume a condução. Por vezes acaba surgindo uma solução.

Caso não surja uma solução, isso é grave? Quando percebemos, por exemplo, que é inevitável que alguém se suicide e que nada pode ser feito - é grave quando isso acontece? É grave para a alma dele? Podemos julgar tal fato? Talvez seja exatamente nisso que se revela grandeza, amor e plenitude. Nesse sentido somos convocados, como ajudantes a nos submeter também a esse destino e a reconhecer que ele está acima de nós. Assim permanecemos centrados e calmos em todos os nossos empreendimentos de ajuda.

Morte precoce

O mesmo se refere naturalmente à morte. Faz alguma diferença se alguém morre cedo, quem sabe até antes de nascer ou envelhece? Pouco tempo atrás me apresentei, através de um exercício, aos mortos de minha família. Na família de minha mãe quatro filhos morreram cedo. Apresentei-me também a eles. Foi deles que senti emergir a maior força. Eles não estão simplesmente ausentes. Deles emerge algo que nos ajuda quando os reconhecemos e nos apresentamos. Eles perderam algo ou será que continuam atuando através de mim e, deste modo, são confortados? Sendo assim, concordamos também neste sentido com a realidade sobre a vida e a morte, assim como ela é.

As Constelações familiares espirituais

Nota preliminar

O que é novo nas Constelações familiares espirituais?

1. **A postura interna**

O condutor de uma constelação permite ser guiado por um movimento do espírito em todo o caminho e a cada passo. Este movimento nos guia para saber com quem podemos trabalhar, até onde podemos ir e quando precisamos parar.

2. **A concordância com tudo e todos, assim como** são**,** sem julgamentos, com respeito e amor.

3. **Sem se preocupar,** pois reconhece todos como sendo guiados por este movimento do espírito independente de seu destino e sua culpa.

Sem imagens internas a respeito do que deve ser certo ou errado para o outro. Por isso ele está aberto a qualquer indicação que lhe é dada, através de sua observação cuidadosa e de sua sintonia com os movimentos do espírito, sendo encarregado de segui-la.

A filosofia

Neste tipo de trabalho considerei bastante as razões mais profundas do comportamento humano, também do sofrimento e da felicidade. No fundo era filosofia. Porém uma forma especial de filosofia, uma filosofia que surge a partir da sintonia com algo diferente.

O que era a filosofia, originalmente? A filosofia olhava para algo, observava cuidadosamente, expunha-se a uma multiplicidade de fenômenos. À medida que o filósofo, o homem que ama a sabedoria - é isto que significa filósofo - expunha-se a esses fenômenos, revelava-se para ele subitamente o essencial, a partir dessa multiplicidade de fenômenos.

Filosofia significa: reconheço de repente o essencial por trás do que se encontra em primeiro plano. Quem reconhece a essência, quer dizer, que possui o conhecimento da essência, é capacitado e impulsionado para agir através desse conhecimento. Esse tipo de reconhecimento precisa ser aplicado. Quando não é, permanece vazio ou então, o reconhecimento que não possibilita uma aplicação não é um conhecimento da essência.

Este tipo de trabalho é possível apenas por ter sido precedido por esse tipo de conhecimento. Aqui a postura do ajudante é a de um filósofo. Isso significa: ele se expõe àquilo que se revela simplesmente assim como é e se torna internamente vazio, sem intenções, sem lançar mão de um conhecimento anterior, sem medo. Então lhe é revelado, como um raio, o próximo passo essencial e ele o dá. Depois disso, não sabe como prosseguir, pois o conhecimento jamais é perfeito. O conhecimento da essência jamais é uma verdade generalizada. É apenas uma indicação em relação ao próximo passo que precisa ser dado e que é possível. Quando esse passo é dado, tudo começa de novo. O ajudante espera novamente para que se revele o próximo e deste modo desenvolve-se algo em constante sintonia com aquilo que atua de forma criativa por trás das coisas.

O corpo

O que é isto que atua de forma criativa? Darei um pequeno exemplo para que possamos compreendê-lo melhor. O que é vivo, o corpo, por exemplo, é guiado por uma força criativa que mantém tudo junto e que guia o que é vivo. Com ele faz surgir algo novo de modo criativo. Conhecemos essa força como alma. O corpo vive, pois é animado pela alma.

A vida do corpo segue determinadas ordens. Tudo que é vivo desenvolve-se segundo uma ordem preestabelecida. Essa ordem, no entanto, não se encontra concluída, pois o vivo continua se desenvolvendo. Mesmo assim, algo é preestabelecido. Aquilo que é preestabelecido não pode ter sua origem no mundo material, deve ter outra origem que está acima do mundo material e que não está submetida a uma ordem.

A alma

Aquilo que capacita a alma a animar o corpo e a levar o que é vivo adiante, movimentando-o, também segue ordens preestabelecidas. Por exemplo, a alma não permite a exclusão. Essa é uma ordem preestabelecida que, entretanto, não pode ter sua origem na própria alma e sim em algo que está acima dela.

O espírito humano

Acima da alma encontra-se o espírito humano. O espírito se prima por ser ilimitado. Por exemplo, podemos nos movimentar com nosso espírito até as galáxias mais distantes, em segundos estamos lá. Ou então estabelecemos um contato com uma pessoa muito distante e, em segundos, estamos lá. Através do espírito superamos todas as distâncias em poucos segundos.

Mesmo assim o espírito humano também segue ordens, não se encontra além delas. Por exemplo, podemos pensar apenas segundo certas categorias, tais como:

causa e efeito ou espaço e tempo. O espírito humano também segue determinadas leis lógicas. Essas ordens e leis são preestabelecidas para o nosso espírito. Podemos apenas pensar por intermédio dessas ordens. Nesse sentido precisa existir ainda algo diferente para além do espírito humano, algo que prescreve tais ordens e que atua para além delas. Do que se trata?

O espírito criativo

Tem que ser algo espiritual, mas não como o espírito humano. É algo que pode ser observado, pois podemos observar que tudo que existe se move. Tudo está em movimento, quer dizer, em um movimento criativo. Por trás age uma força que é criativa, inesgotavelmente criativa. Esta é a força essencial.

Quando nos tornamos vazios internamente, entramos finalmente em contato com nossa causa primeira. Trata- se dessa força criativa. Essa causa primeira não é apenas minha causa primeira, é a causa primeira de cada um de nós, do mundo como um todo. À medida que entro em contato com essa causa primeira, encontro-me simultaneamente em contato com todos os outros. Nesse contato, porém, quando me desloco para essa profundeza, não sou mais eu que atuo a partir de mim mesmo. Minha causa primeira atua em conjunto com todos os outros, pois é a causa primeira deles e também a minha. Neste trabalho, o ato de atuar criativamente surge apenas através desse caminho e dessa conexão. Por isso podemos realizar este trabalho apenas quando tivermos caminhado pelo menos parte desse caminho do conhecimento, quando tivermos internalizado essa filosofia, quando algo se realiza através e para além de nós, e não somos mais nós mesmos. Então podemos realizar este trabalho.

Isso naturalmente não é mais psicoterapia. Este trabalho vai muito além. É filosofia aplicada e capacitação para a vida. Se desejássemos reduzi-lo às categorias da psicoterapia, perderíamos de vista o essencial.

As Constelações familiares espirituais

O que significa Constelações familiares? Descreve um processo, uma família é constelada. Em um grupo uma pessoa escolhe representantes para seus pais e seus irmãos e também para si próprio e os coloca em um espaço, um em relação ao outro.

O campo espiritual

O que acontece em seguida? De repente os representantes sentem como as pessoas que representam, sem saber algo sobre elas. O que ocorre nas Constelações familiares está em conexão com uma totalidade maior, com um campo espiritual em que todos os membros familiares estão presentes, em ressonância com todos. Todos podem estabelecer uma relação com todos, nem sempre de modo consciente, porém através de seus comportamentos e sentimentos. O quanto isso é profundo revela- se passo a passo através das Constelações familiares.

Nessas Constelações familiares algo também vem à luz através desse campo espiritual. Esse campo espiritual possui uma alma em comum, segue certas leis e faz valê-las, acarretando consequências amplas para a família e a todos que a ela pertencem.

Nesse sentido podemos aprender as Constelações familiares de forma mais geral, simplesmente à medida que constelamos a família. E isso tem imediatamente um efeito.

Porém, aquele que procede dessa forma já sabe algo a respeito desse campo espiritual?

O conhecimento sobre o campo espiritual é uma premissa para oferecermos as Constelações familiares de modo curativo e solucionador. Ter familiaridade com as leis desse campo espiritual e com os efeitos que têm é parte integrante do treinamento.

Os movimentos do espírito

Quando nos movemos dessa forma por vezes nos deparamos com um limite. Essa maneira das Constelação familiares se depara com um limite. Então precisamos nos mover para o próximo nível. Trata-se de um nível abrangente, espiritual, totalmente diferente. Nesse nível espiritual somos captados e guiados por uma outra força e não conseguimos mais agir como antes. Por isso nos recolhemos. Sentimos o movimento dessa força espiritual, movimentamo-nos com ela e percebemos que ela move algo nas almas, porém de modo totalmente diverso do que imaginamos. Aqui nos recolhemos por completo e nos entregamos a esse movimento: aqui cessa o fazer. Não podemos mais dizer: "Agora farei uma constelação familiar". Aqui nos movimentamos em sintonia com outras forças.

O campo espiritual da família

O campo espiritual da família pode ser comparado aos campos morfogenéticos dos quais nos fala Rupert Sheldrake. Ele fez uma observação importante em relação aos campos morfogenéticos: não são capazes de se modificar a partir de si mesmos. Nos campos morfogenéticos algo se repete constantemente. Vemos isso também quando olhamos para o campo familiar.

Campo e alma

Existem algumas confusões sobre os termos campo e alma. Sheldrake me disse em uma conversa: "Campo não é um bom termo."

Os primeiros que se dedicaram a estudar os campos foram filósofos alemães no início do século passado. Já haviam sido feitas observações relativas aos campos espirituais. Eles usaram a palavra "alma". Falavam de uma alma generalizada e também da alma do mundo. Mas a palavra alma não era aceita pela ciência. Por isso, preferiam falar em campo.

De qualquer forma, podemos observar que um campo espiritual segue determinadas ordens que se encontram em movimento e que deseja alcançar algo com esses movimentos. Porém, poderá realizar tal empreendimento só se tiver consciência. Um campo não pode ter uma consciência, por isso, aqui o termo alma é mais adequado. Por isso me refiro frequentemente a uma grande alma.

A alma da família

Agora, porém, tenho as minhas dúvidas. Essa alma familiar encontra-se presa nesse campo, isto é, nesse campo tudo se repete. Os destinos da família são repetidos. Quando uma pessoa se encontra emaranhada no destino de um membro familiar anterior, comportando-se de modo correspondente, então alguém de uma próxima geração se encontrará emaranhado com ele. Portanto, o emaranhamento não soluciona nada.

Sheldrake observou que algo de fora precisa vir ao encontro dessa alma, algo maior. Ele o denominou *spirit*. Darei alguns exemplos para que possamos compreendê-lo melhor.

Os psicanalistas, por exemplo, são um campo. Dentro desse campo todos se comportam da mesma forma. Precisam se comportar de modo semelhante. Quando um deles faz uso de um outro método, ameaça o campo. Por isso, às vezes é excluído do campo. O campo tem ainda outro efeito: determina o que podemos perceber. Proíbe- nos de perceber ou pensar determinadas coisas.

A consciência

Antes de mim nenhum filósofo ousou olhar de modo mais minucioso para a consciência. Todos estavam sob a esfera da consciência, também grandes filósofos como Kant. Não conseguiam perceber que pessoas e grupos diversos possuíam consciências diversas que se opunham. Sem falar do Cristianismo, onde a consciência vale como o que há de mais elevado, inclusive como a voz de Deus dentro de nós. As contradições que se encontravam imbu- tidas nessa concepção não podiam ser percebidas.

A justiça

Tive ainda outra compreensão muito importante nesse contexto. Por exemplo, em relação à justiça. Ela é considerada um grande bem e um grande objetivo. Já houve justiça um dia? Vocês já viram a justiça ter êxito? Ela não existe. Existe apenas enquanto ideia, a ideia de que precisamos alcançá-la. O que acontece quando a alcançamos? Alguém é assassinado. Todos os grandes sacrifícios são feitos em nome da justiça. As guerras querem estabelecer a justiça. Na última guerra mundial cada cidade alemã foi ofertada como holocausto da justiça. Literalmente. Cada cidade alemã tornou-se vítima da vingança, foi incendiada e destruída em nome da justiça.

Para quem foi feita a oferenda? Para um ídolo que se chama justiça. Pois é isso que na religião esperamos de Deus, que ele estabeleça a justiça. Nesse sentido, Deus serve a quem? Serve ao ídolo da justiça. Desse modo deixa de ser Deus e é unicamente um ídolo.

Isto é totalmente compreensível. Por que então ninguém pensa em olhar melhor para isso? Por que neste campo morfogenético é proibido olhar de forma exata para isso.

Existem muitos campos desta espécie. Os médicos, por exemplo, formam um campo com grandes conquistas, porém muitas compreensões sobre as razões das doenças não penetram nesse campo, pois existe uma proibição de percepção em relação a isso.

Muitos terapeutas, também consteladores familiares, movimentam-se em um campo assim e não podem perceber certas coisas.

O cativeiro do espírito

Muitos psicoterapeutas encontram-se presos a uma determinada visão de mundo que se ergue tal como um muro à sua volta. Não conseguem ir além dela, a não ser que se abra uma nova janela ou uma nova porta.

Quero dizer algo sobre este cativeiro. Pessoas que pertencem a uma determinada escola psicoterapêutica ou a um determinado partido, religião ou profissão encontram-se em um campo morfogenético. Rupert Sheldrake investigou tal fato mais de perto.

Morfogenético significa: quando alguma coisa se desenvolve segundo um determinado padrão, mais tarde esse padrão determina o que acontecerá nesse campo. O padrão se repete.

Darei um exemplo: Sigmund Freud descobriu algo especial e nesse sentido prescreveu um determinado padrão, uma determinada visão de mundo e um determinado método de tratamento. Quem entrar mais tarde nesse campo terá dificuldades em se abrir para novas concepções, pois o campo assume o comando de modo amplo. Pensará e agirá de uma determinada forma, permanecendo preso nesse campo.

Quando alguém se torna advogado, junta-se igualmente a um campo morfogenético. Quando alguém segue uma determinada religião se junta igualmente a um campo morfogenético. As pessoas que ocupam cargos de liderança em um campo morfogenético falam quase sempre o mesmo e se movimentam infinitamente em torno do mesmo tema, através das mesmas palavras. Os membros de um partido político também penetram em um campo morfogenético.

Este campo morfogenético age como uma consciência. Quando os membros se permitem pensar sobre algo, de forma diferente, de repente se sentem desconfortáveis ou até mesmo com medo e sentirão a consciência pesada.

O trabalho das Constelações familiares também não está isento da possibilidade de formar um campo morfogenético. Existe apenas uma saída. Mantemo-nos constantemente abertos para o novo, como os olhos de uma criança que descobre algo novo a cada dia.

Muito do que vi aqui não pode ser reduzido a algo que já disse, escrevi ou fiz antes. Isso só pode ser experimentado quando nos abrimos para o novo e para o desconhecido.

Quando observamos um movimento em um determinado ponto no campo, então a mudança está acontecendo dentro dele.

O caminho fenomenológico do conhecimento

Nas Constelações familiares duas leis básicas da vida e dos relacionamentos humanos vêm à luz. Trata-se de uma compreensão espiritual. Fui presenteado com ela em um caminho especial de conhecimento. Eu o denomino o caminho fenomenológico do conhecimento.

O procedimento

Elucidarei o procedimento para que possam entrar em sintonia com este tipo de conhecimento. Podemos trilhar este caminho do conhecimento quando lidamos, por exemplo, com um cliente, com o problema de um cliente. Através deste caminho do conhecimento encontramos, então, a compreensão para o próximo passo.

Explicarei o mesmo através de um exemplo onde apliquei isso, pela primeira vez, de modo consciente. Através desse caminho obtive as compreensões essenciais sobre a consciência. Minhas compreensões sobre a consciência e sobre estas leis da vida constituem as compreensões fundamentais,

imprescindíveis para as Constelações familiares.

O primeiro passo deste caminho de conhecimento é: eu esqueço tudo o que já foi dito antes sobre o problema. Seja lá o que é ou foi dito, deixo de fora, esqueço.

Vocês podem fazer o mesmo com o cliente. Seja lá o que for que ele diga, esqueçam. Não se norteiem de modo algum por aquilo que ele diz, isto é, criem um espaço entre vocês e o problema dele.

Em relação à consciência me expus de modo totalmente novo à ela, esquecendo tudo o que já foi dito sobre ela. Esta foi a primeira distância.

A segunda distância é que me exponho a uma situação ou a um problema de um cliente sem nenhuma intenção.

Em relação à consciência, por exemplo, não quis saber nada sobre ela, pois com esse conhecimento eu teria querido aplicá-lo a alguma outra coisa. A intenção me impediria de realmente perceber. Isto cria a segunda distância. O fato de minhas compreensões sobre a consciência terem posteriormente um amplo efeito, é outra coisa. A aplicação intencional dessas compreensões em todos os âmbitos da vida e do amor é uma consequência da percepção pura.

Agora eu aplico isto à ajuda. Expomo-nos a um cliente sem intenções, sem a intenção de ajudá-lo. Renunciamos a todas as ideias sobre o que poderia ajudá-lo.

Agora vocês podem sentir em si mesmos o quanto estarão centrados, se fizerem desta maneira: vocês esquecem o que o cliente disse e não têm nenhuma intenção.

Mas vocês estão presentes. Estão presentes para ele. Percebem quanta força obtêm, nesse instante? Sobretudo, o cliente não possui mais poder sobre vocês, porque vocês estão simplesmente centrados.

A terceira distância é: permanecemos sem medo. Não sentimos medo do que se revela e nem do que as outras pessoas dirão, quando permanecemos dentro da postura do esquecimento e da falta de intenção. É o que há de mais difícil, porém, quando permanecemos nessa postura sentimos uma força diferente. Agora estamos abertos para um novo conhecimento, talvez um conhecimento inusitado, talvez para um conhecimento que nos amedronta.

O que descrevi aqui é um caminho de purificação. Através dele somos purificados internamente.

Agora chega ao que realmente importa. À medida que me exponho a uma situação ou a um problema, dessa maneira, isto é, do modo como se revela, algo lá fora se centra e de repente percebo o que realmente importa: o essencial. Sou presenteado com o essencial. Ele se revela para mim, portanto estamos voltados para a questão sem fazermos nada. Assim, algo se revela e vem ao nosso encontro, mostra-se para nós. Então, esse conhecimento é receptivo, ao invés de ativo.

Toda grande arte é um conhecimento deste tipo, também a arte de entrar em sintonia com os animais. Por exemplo, o encantador de cavalos: não foi imediatamente até ele, expôs-se a ele com respeito, até que o cavalo foi até ele.

Meditação: A distância

Farei um exercício com vocês. Fechem os olhos e imaginemos alguém por quem gostaríamos de fazer algo. Um cliente, por exemplo, ou alguém da família, alguém que gostaríamos de ajudar, com quem nos preocupamos, por exemplo, uma criança.

Expomo-nos a essa pessoa a uma certa distância, uma ampla distância, sem nenhuma intenção, sem preocupações, sem lamentá-la, sem medo, sem receio daquilo que talvez possa acontecer. Permanecemos nessa postura.

Vemos o que se modifica nessa pessoa - e em nós. O modo como ambos entramos em sintonia com algo maior, para além de nossas preocupações.

Em seguida, olhamos para além dessa pessoa, por exemplo, para o seu destino e depois ainda para além de seu destino, para bem longe. Estamos simplesmente presentes, de modo centrado.

Dizemos, então, primeiramente: sim, e depois, após um tempo, uma segunda palavra: por favor.

Desse modo nos exercitamos cada vez mais no que, em última instância, significam as Constelações

familiares espirituais. Nós acompanhamos esse movimento.

A alma

A alma é uma força que une o que se encontra separado, guiando-o para uma certa direção. A interação de nossos órgãos, por exemplo, é possível apenas porque existe uma força que os une e guia. Dessa forma experimentamos a alma dentro de nós mesmos.

A alma une, simultaneamente, os membros de uma determinada família e os leva em uma determinada direção. Também aqui se trata da alma, de uma alma ampliada. Ela não permite a exclusão de qualquer coisa. Também aqui os movimentos da alma desejam juntar algo que se encontra separado. A alma maior, a alma familiar capta, por exemplo, os representantes, durante uma constelação familiar. Eles são captados por ela e se movimentam em uma direção onde, no final, o movimento une algo que antes estava separado.

A outra direção

Algumas vezes podemos imaginar qual o ponto decisivo que une as coisas e sabemos, a partir de certas experiências, o que pode ou talvez deva ser a solução final. Estas ordens se revelam durante as Constelações familiares e contribuíram, no caso de muitas famílias, para que algo que se encontrava separado pudesse ser unido novamente.

Quando, no entanto, trata-se de emaranhamentos graves ou de destinos especiais, os movimentos da alma podem seguir em uma direção inesperada e talvez indesejada por nós. Levam, por exemplo, às vezes, à morte, de modo que a morte nos parece inevitável. Porém, quando confiamos nesse movimento sem interferir, sem nos opormos ao mesmo, o movimento de repente muda, de forma inesperada, de modo que uma solução pode surgir, uma solução que não pudemos prever e que vai muito além daquilo que desejávamos. No final reconhecemos que estávamos conectados com algo maior, diante do qual nossos pensamentos e desejos fracassam.

Quando percebemos o que ocorre nesses movimentos, às vezes desejamos compreendê-los melhor e tenho a suspeita de que muitos de vocês acreditam que eu sei do que se trata e que eu não o digo. Mas eu também não sei. Apenas olho e percebo o efeito.

A seriedade

No final de um movimento dessa espécie se encontra a seriedade. Aqui cessa qualquer jogo. A seriedade conduz a um centramento interno especial, não apenas os representantes e o cliente, mas todos que se encontram presentes e realizam esse movimento em sua alma. A partir desse centramento e dessa seriedade podemos concluir que aquilo que ocorreu é significativo, mesmo quando não o compreendemos.

O alcance

Nas Constelações familiares, como muitos as conhecem, muitas vezes nos movimentamos apenas até os avós, talvez ainda até os bisavós. Dentro dessas gerações recebemos, via de regra, uma imagem clara sobre quem se encontra emaranhado com quem. Algumas vezes, no entanto, os emaranhamentos têm um alcance maior. É possível observar em algumas constelações que algo decisivo ocorreu há várias gerações atrás, algo que não conseguimos apreender, mas que continua nos influenciando no presente.

No caso de psicoses os pacientes muitas vezes se encontram influenciados por um passado mais longínquo. Também no caso dos índios na América, tanto na do Sul como na do Norte, podemos observar que continuam sendo influenciados intensamente por aquilo que ocorreu séculos atrás, apesar de não ser possível especificar do que se trata, exatamente.

Até onde sei, é sempre a mesma coisa que influencia os destinos das gerações posteriores de modo tão intenso. Trata-se sempre de um assassinato ou de vários.

A alma perdida

O que ocorre com alguém que assassinou uma outra pessoa? Perde a sua alma. Então essa alma é procurada. Quando o assassino não a encontra, as gerações posteriores procurarão por ela. Onde está

essa alma? Com a vítima. Podemos resgatá-la lá, onde se encontra a vítima. Por isso, quando procuramos por essas grandes soluções que nos conduzem à paz, torna-se necessário olhar para as vítimas, chorar com profunda compaixão sobre seu destino. Assim as acolhemos em nossa alma. Desse modo acolhemos igualmente a alma perdida dos agressores em nossa alma. Só depois disso tudo pode ficar no passado.

A clareza

Muitas vezes tateamos no escuro, sem informações e mesmo assim algo importante vem à luz e tem um efeito que continua atuando quando não interferimos.

Na psicoterapia e, em muitos sentidos, também nas Constelações familiares, principalmente da forma como eram realizadas no início, procuramos por uma solução e muitas vezes a encontramos.

Quando se trata de algo mais profundo, não podemos fazê-lo desse modo, nós acompanhamos um movimento da alma, como ele se revela. No momento que começa, podemos parar. Esse movimento continua por si só.

Quando procuramos por uma solução, muitas vezes já possuímos uma imagem de como ela deveria ser. Existem situações onde essa imagem está certa e desenvolve um bom efeito. Nesse caso específico isso não foi possível. Não sabemos qual poderia ser a solução, porém pudemos observar um movimento. Quando esse movimento vem à luz e permitimos que a imagem desse movimento permaneça da forma que se revela, sem querermos mudá-la, a força é muito maior do que se procurássemos por uma solução.

A chance de algo se modificar é maior quando paramos na hora certa. Principalmente o ajudante permanecerá conectado com uma força maior, e o cliente também.

Então existe algo que atua, algo que se encontra para além de nossas habilidades. Estar em sintonia com o caminho e com o movimento da alma, seja para onde conduzam e mesmo que nos conduzam à morte, cria clareza. Tudo se torna claro, tanto para o cliente como para o ajudante. E ficamos humildes.

Conectar o que está separado

Quero dizer algo sobre distúrbios psíquicos. Como surgem? Por que alguém procura por uma psicoterapia? Normalmente por encontrar-se desconectado de alguém. A partir do momento em que alguém se encontra desconectado de seus pais ou de um deles, perde energia e força. Está enfraquecido e desenvolve sintomas.

A solução é bem simples. Refazemos a conexão com aquilo que se encontra separado. Como isso é possível? Que premissas o ajudante precisa trazer consigo para que esse empreendimento tenha êxito? O primeiro ponto é que o ajudante esteja conectado com seus próprios pais, seus ancestrais, seu destino, sua culpa e sua morte.

Na nossa família

Podemos fazer um pequeno exercício a respeito. Fechem os olhos e sintam os seus pais em seus corpos. Pois não existe nada em nós que de início não tenha vindo de nossos pais. Nós somos os nossos pais. E assim ficamos amplos, internamente, até sentirmos os nossos pais como um todo dentro de nós, do modo como realmente são, sem o desejo de que poderiam ter sido diferentes.

Do mesmo modo sintam os seus avós, os bisavós e todos aqueles que pertenciam à família, também aqueles que morreram cedo. Podemos sentir a presença de todos em nossos próprios corpos. Assim concordamos com todos eles e também conosco mesmos, a partir de nosso próprio corpo. Neles nos aconchegamos, permitimos que nos envolvam e nos tornamos um com eles. Através desse movimento experimentamos o nosso destino especial: de nossos pais, de nossos ancestrais, mas também de nossas próprias ações e nossa culpa. E concordamos com esse destino: "Sim, este é o meu destino, e eu concordo com ele."

Então se acrescenta algo mais. Pois para além de nossos pais e ancestrais, nos encontramos igualmente em conexão com algo maior, que nos toma a serviço e também a eles. Desse algo maior surge, para

cada um de nós, uma determinação especial, uma tarefa e, desse modo, também a força para nos expormos a ela. Concordando com isso, ficamos livre, sem nos distrair em função de nossos desejos mais imediatos. Somos preenchidos com algo maior.

Na família de um cliente

Talvez olhemos em seguida para um cliente que vem até nós e que necessita de ajuda. Quando olhamos para ele, vemos e sentimos ao mesmo tempo seus pais, do modo que são ou foram, e concordamos com eles, com respeito e amor. Em seguida olhamos para seus avós e bisavós, para todos seus ancestrais, para todos aqueles membros de sua família que morreram cedo. Através do cliente eles se tornam presentes para nós e fazemos uma reverência a eles e pedimos seu auxílio. Assim não somos nós que começamos a cuidar dele. Seus ancestrais nos apoiam e, além disso, algo maior do qual todos nós participamos. Talvez compreendamos a sua designação, sua tarefa e seu destino. E concordamos.

Agora sentimos o quanto estamos conectados e, ao mesmo tempo, separados dele. Tornamo-nos cuidadosos de uma forma que, independentemente do que fizermos, estamos sempre em sintonia com sua família, seu destino e talvez também com sua morte.

Algo mais. Quando alguém está magoado com seus pais, acusando-os, repreendendo-os, talvez desprezando-os, eu permaneço em sintonia com seus pais e antepassados. Nesse caso me recuso a ajudá-lo, pois se ele não pode dar esse primeiro passo vital, a oportunidade para que eu desenvolva o meu papel está perdida. O que, no entanto, ainda pode ajudá-lo? Quando, em sintonia com ele, eu o entrego ao seu destino. Assim, talvez ocorra uma mudança, que o ajudará.

Imaginem o que aconteceria se vocês assumissem o lugar dos pais dele, tentando ajudá-lo, opondo-se a seus pais, agindo sem a bênção dos mesmos e sem a bênção de seu destino. Permanecer em sintonia, aqui, exige grandeza.

Muitos distúrbios surgem quando alguém não pode ser criança em uma família, pois a partir de um emaranhamento, algo lhe é imposto, algo que torna a sua ligação com os pais impossível. Quando, por exemplo, precisa expiar, repetir destinos que não são seus. Então podemos ajudá-lo, à medida que investigamos a questão até encontrarmos a ordem adequada que o liberta de sua carga e lhe possibilita ser criança, tomando, enquanto criança, aquilo com o qual foi presenteado.

Dissonância e ressonância

Quando encontramos uma pessoa, encontramos ao mesmo tempo seu pai e sua mãe. Pois cada pessoa é seu pai e sua mãe. Estão presentes através dele. Seus antepassados também estão presentes. Por isso, quando encontramos uma pessoa, encontramos simultaneamente muitas outras. Quando respeito uma pessoa, respeito, a partir dela, também seus pais e seus ancestrais.

Aqui neste trabalho isto fica visível. Fica igualmente visível quando alguém se encontra internamente separado de seu pai, de sua mãe ou de outras pessoas de sua família. Onde quer que isso aconteça, a pessoa se sente incompleta e o sistema ao qual pertence sente-se fora de ordem. Por isso, o objetivo deste trabalho é incluir novamente aquelas pessoas de nossa família das quais estamos separados ou as quais rejeitamos ou esquecemos. Assim nos sentimos completos, e o sistema como um todo, também.

Desse modo, o real processo que ocorre neste trabalho é a união daquilo que se encontra separado. Por isso, este é um trabalho de reconciliação e de paz.

Quando alguém adoece, encontra-se separado de algo em seu corpo ou, então, algo em seu corpo não se encontra em sintonia com ele. Podemos dizer também que o órgão, que causa dor se encontra em dissonância com ele.

Porém, podemos observar que muitas vezes esse órgão que se encontra em dissonância, está em ressonância com outra pessoa. Quer dizer, quando alguém de nossa família se encontra excluído ou quando rejeitamos alguém, aquele que foi excluído, frequentemente manifesta-se em nosso corpo a partir de uma doença ou uma moléstia. Sendo assim, o órgão que causa dor encontra- se em ressonância com uma pessoa excluída. Quando, no entanto, conseguimos entrar em ressonância com a pessoa excluída, o órgão que causa dor pode entrar em ressonância conosco, e ele e nós nos sentimos melhor.

A outra maneira das Constelações familiares

A outra maneira das Constelações familiares é um desenvolvimento das mesmas. Ficou claro, desde o início, que nas Constelações familiares os representantes sentem como as pessoas reais. A partir das experiências das Constelações familiares, resultaram certos padrões ou ordens do amor. Por exemplo, sabemos que, via de regra, os filhos precisam estar diante dos pais de acordo com a sequência da idade e que parceiros anteriores dos pais possuem importância especial.

Também aqui foi possível observar essa regra. O homem representou o parceiro anterior de sua mãe, porém não exatamente. Nesse sentido, nem sempre é possível seguir essa regra. Aqui algo diferente veio à luz: ele representou a vítima do parceiro anterior.

Portanto, algumas ordens do amor foram encontradas através das Constelações familiares. Eu as descrevi, sendo possível trabalhar com elas. Podemos, por exemplo, refletir com a sua ajuda sobre qual seria o passo seguinte. Porém, com o decorrer do tempo, ficou claro, que a alma e o espírito, quando concedemos espaço a eles, podem ir mais longe e encontrar ainda outras soluções totalmente diferentes.

Com o decorrer do tempo pudemos fazer as seguintes observações em relação às Constelações familiares: muito frequentemente o ajudante pode-se retrair e deixar o que está acontecendo seguir o seu curso, porém, não se torna passivo. Permanece inteiramente presente. Subitamente sabe o que precisa ser feito. Então interfere. O ajudante permanece conectado com o que está acontecendo e age na hora certa, mas não através do raciocínio, e sim, em sintonia com um movimento do espírito.

Muitos ajudantes se assustam com isso, pois não estão mais seguros de como algo continua. Precisam se entregar a algo maior. Assim, alguns preferem retrair-se diante daquilo que conhecem.

O desejo

Farei um pequeno exercício com vocês, bem rápido. Imaginem que desejam ajudar alguém. Como ele se sente? E vocês, como se sentem? O que ocorre com a força dele e com a força de vocês?

Dimensões da ajuda

As Constelações familiares são um método que se desenvolveu de acordo com a experiência. Várias compreensões muito importantes vieram à luz através delas. Por exemplo, como os emaranhamentos se formam e como podemos nos libertar dos mesmos. Além disso, as ordens do amor nos relacionamentos tornaram-se claras e transparentes a partir das Constelações familiares. Porém, a mesma postura que possibilitou as Constelações familiares, isto é, a abertura diante daquilo que se revela, nos conduz em direção a outras e novas experiências. Por isso, sempre algo de novo é acrescentado.

Atuar através da não-ação

O que surgiu de novo foi principalmente o fato de observarmos que, quando concedemos espaço ao representante para que este possa se entregar aos movimentos de alma, novas dimensões da ajuda se revelam. Quando nos entregamos aos movimentos da alma, permanecemos em movimento. Quem se detém fica paralisado, e a alma se retrai diante dele. Por isso o trabalho é um constante desafio. Está longe do fim e nem pode chegar ao fim, pois a alma jamais se detém, encontra-se em fluxo.

O que há de especial aqui é o fato de o ajudante entrar em sintonia não apenas com o cliente, e sim, para além dele, também com sua família, seu destino, sua morte e com algo que aponta uma direção para o cliente. Por isso, o ajudante se contém por inteiro. Quando entra em sintonia com o cliente dessa maneira e quando se encontra igualmente em sintonia consigo mesmo, com seus limites e com o movimento de sua alma, que por vezes exige algo difícil e novo dele, que o leva em direção a algo que exige coragem e amedronta, pode, em consonância com sua alma e a do cliente dizer ou fazer algo decisivo, algo que tanto a sua alma como a do cliente reconhecem como certo. Ele não penetra de fora para dentro, não deseja conduzir nada. Algumas vezes, dá um pequeno impulso em sintonia com o fluxo ou então se contém até que as coisas fluam de modo adequado. Por isso, sempre me surpreendo em relação àquilo que de repente se revela como possibilidade e com os efeitos apesar de

aparentemente não fazer nada. Porém, esse não-fazer é presença absoluta. É um não-fazer altamente consciente. Desse modo, aquele que se encontra na presença daquele que não age pode efetuar, por si só, o essencial.

Os iniciantes

É fato que muitos que começam com este trabalho ainda têm seus determinados limites. Alcançarão menos, em função disso? Quando estão em sintonia com os seus limites, a alma atua de um modo determinado. Quando alguém assume que não pode fazer nada, que chegou aos seus limites, talvez isso tenha o maior efeito na alma do outro. O ajudante precisa realmente confiar em sua alma. Por isso, o grande Freud já descobriu que, algumas vezes, os iniciantes tinham mais sucessos que os macacos velhos. Pois são modestos, e isso concede espaço à alma.

Confiar na alma

Como é possível trabalhar da maneira como demonstrei aqui? Sou vidente? Não. O representante é vidente quando, de repente, sente o que está acontecendo? Não. Ele está apenas conectado. Assim como eu. Então, eu me exponho à situação, porém com responsabilidade. O representante não tem responsabilidade, demonstra apenas o que ocorre com ele, enquanto um ajudante mantém um todo maior em seu campo de visão e sentimento.

De forma similar ao representante, abstraio-me daquilo que sinto momentaneamente, isto é, de meus próprios sentimentos, de meu próprio pensamento e de minha própria intenção. Deixo-me guiar, sem temor. É esta a postura básica aqui. Assim por vezes digo frases que algumas vezes causam uma reação forte nas pessoas: "Como pode!" Muitos dentre vocês sentiram as mesmas frases, porém não tiveram coragem de dizê-las. Quando estamos em sintonia, mesmo o mais ousado é adequado. Podemos verificá-lo a partir do efeito.

Então, nos expomos à situação tal qual ela é e nos movimentamos em sintonia com o sistema maior. Mas assim como o representante às vezes demora até sentir qual o movimento essencial, o ajudante também demora. O representante não sabe para onde o movimento o conduz. Eu também não sei. Após um tempo sinto: é este o passo seguinte. Por exemplo, que devo acrescentar uma pessoa. Sinto igualmente se deve ser um homem ou uma mulher. Confio nesse sentimento e nesse movimento. Através deles o essencial fica, sem o auxilio de nenhum artifício, o mais denso possível. Em seguida eu me recolho novamente. A alma do cliente continua trabalhando sem mim.

Podemos entrar em sintonia com esta postura. Aqueles que já foram escolhidos mais vezes como representantes têm facilidade de entrar em sintonia. Já sabem o quanto podem confiar neste movimento. Após um tempo isto se assemelha ao ato de caminhar de olhos vedados, no escuro, e mesmo assim encontramos exatamente aquilo que é certo. Naturalmente não de modo perfeito. Algumas vezes ocorrem erros, é óbvio. Porém, isso não tem importância, pois os erros se compensam dentro do movimento mais amplo. É muito difícil e são necessários grandes esforços para desviar a alma do caminho certo.

Um ajudante sente se continua em sintonia ou não através do fato de estar calmo. Enquanto permanece calmo, tudo vai bem. A partir do momento em que ele ou o grupo se torna inquieto, não está mais conectado. Então existe apenas um remédio: interrompemos imediatamente.

A proteção

Neste trabalho algumas vezes alcançamos dimensões que são perigosas. Sendo assim, precisamos mover-nos com

o máximo de cautela. É perigoso para o terapeuta expor- se cegamente a uma situação. Não é sempre que é capaz de medir imediatamente o que a situação exige dele. Poderá expor-se a ela apenas quando tem alguma proteção.

A proteção vem do vazio. Apenas quando nos expomos para além de todos os desejos e todo temor a algo maior, e quando nos movemos apenas até o ponto que este nos conduz e leva, podemos e devemos fazer este trabalho. Apenas quando não fomos mais adiante do que nos é permitido, mas também quando não hesitamos diante daquilo que as circunstâncias exigem de nós, saímos inteiros de uma situação como essa.

Quando alguém acredita que basta arregaçar as mangas e encarar o trabalho, pode se perder. Mais não posso dizer sobre isso. De qualquer modo, aquele que realmente se envolve com esse trabalho será levado para um caminho que exigirá dele o máximo, mas também o presenteará com o máximo.

O incompleto

Quero dizer algo sobre a completude. A completude está relacionada com o final. Aquilo que se encontra completo está encerrado. Por isso, aquilo que permanece ainda está incompleto. O incompleto tem a força de continuar se desenvolvendo. O que está completo pode ser descartado.

Por que digo isso? Também o trabalho aqui é incompleto. Possui força justamente por ser incompleto. O ajudante para no ponto, quando percebe a maior concentração de força. Quando algo se encontra encerrado e, mesmo assim, continuamos, por acreditar que devíamos fazer mais, sentimos de repente: o trabalho se esgotou. Não há mais força.

Às vezes, quando encerro no auge da força, algumas pessoas têm a impressão de que existe algo a mais a ser feito. Dirigem-se então ao cliente em questão, fazem-lhe perguntas e desejam continuar o trabalho segundo seu próprio ponto de vista. Desse modo interferem em algo vivo. Pois o que é vivo cresce. Às vezes sem percebermos. Porém, quando após um tempo, olhamos novamente para trás, ficamos admirados com o tamanho da planta ou como o bezerro se transformou em uma vaca.

A paciência de deixar algo agir do seu modo, desenvolvendo-se segundo sua própria força e velocidade, é importante para este trabalho. É importante também que

o ajudante tenha confiança na possibilidade da questão se desenvolver a partir de sua própria força. Essa paciência ó igualmente importante para o cliente ou para aqueles que acreditam precisar ajudar os outros, para que o processo se acelere.

Aquilo que ocorre atua de modo atemporal. A imagem que se forma aqui é uma imagem atemporal, que atua justamente quando pode tomar espaço na alma sob esta forma, mas não por estarmos fazendo algo e sim, porque a imagem simplesmente está presente. Com a sua força tranquila, leva algo a se movimentar.

Crescer em harmonia

Quero dizer algo sobre como aplicar o que aprendemos aqui. Aplicamos isso em sintonia. Primeiramente em sintonia consigo mesmo. No entanto, posso estar em sintonia comigo mesmo apenas quando me encontro em sintonia com meus pais. Quando, por exemplo, olho para eles e digo: "Nada é mais belo para mim do que vocês. Nada é melhor. Tudo que há de grande chega a mim através de vocês. Com vocês, tudo começou."

Desse modo abro meu coração para tudo que procede dos meus pais. Sendo assim, não estou apenas em sintonia com eles e sim, com os meus ancestrais, meu país, meu povo e minha religião. Nasci no meio desse contexto e ele faz parte de mim.

Quando me encontro em sintonia dessa forma e quando considero tudo não preciso me opor a nada. Não preciso me opor àquilo que está em ordem.

De repente estou livre para desabrochar e meus pais, meus ancestrais e tudo aquilo que foi precioso, quando criança, alegram-se com isso. À medida que desabrocho honro todos eles. E eles se alegram com o meu desenvolvimento.

Quando encontro alguém que solicita a minha ajuda, entro em sintonia com sua alma, seus pais, seus ancestrais, seu país, sua cultura e sua religião. Por não ter resistência contra coisa alguma, pode confiar em mim e eu nele. Nesse movimento de sintonia conjunta, ficamos mais ricos e amplos.

Quando vocês se permitem entrar em sintonia consigo mesmos, com seus pais e com seu destino e quando entram em sintonia com o outro e seu destino - e algumas vezes isto também significa entrar em contato com a doença e a sua morte, do mesmo modo que eu me encontro em sintonia com minha doença, minha dificuldade e minha própria morte - então algo age por si mesmo entre nós, totalmente por si mesmo. Algo acontece sem precisarmos agir.

A não-ação

Os grandes místicos, também no Islamismo e na China, neste caso Lao Tse, atuam através da não-ação. Não por serem preguiçosos. Expõem-se ao todo, observam o que acontece e mesmo assim se contêm. Sobretudo se contêm no desejo de ajudar. Deste modo não interferem em nada. Então, tudo pode se desenvolver por si só e de acordo com cada um.

Esse desenvolvimento não possui um objetivo certo. Algumas pessoas prescrevem objetivos para os seus pacientes, dizem o que deveriam alcançar para se tornarem saudáveis. Quando alguém enfim alcançou esse objetivo, tornou-se o quê? Uma criança.

Quando alguém experimenta, dentro de si, o que significa estar em sintonia, algumas vezes se encontra em situações onde percebe: agora é adequado dizer algo, às vezes uma única frase. Nesse momento uma face se ilumina, e algo se transforma. Então passamos adiante, para não continuar olhando. Pois quando continuamos olhando por mais tempo, impedimos o desenvolvimento do outro. Isto significa que fazemos o bem, de passagem.

Na verdade podemos nos alegrar com isso. Porém, o que acontece quando permanecemos na alegria? Não vemos a próxima oportunidade. Por isso, simplesmente continuamos e, de repente, ficamos admirados com tudo aquilo que alcançamos, sem nenhum esforço, sem nenhuma aprendizagem. Simplesmente crescendo.

Os caminhos diversos

Quando os pintinhos saem da casca correm para diversas direções. Constroem seus próprios ninhos e geram seus próprios pintos. Sendo assim, o trabalho com as Constelações familiares e com os movimentos da alma cresce de modos variados. Presencio todas essas buscas com bons pensamentos e de coração aberto.

Vejo que esses caminhos diversos, quando se respeitam mutuamente, contribuem para a plenitude de modo especial. Se trilhássemos todos o mesmo caminho, alcançaríamos apenas uma parte do objetivo. Quando aspiramos ao objetivo simultaneamente através de muitos e também diferentes caminhos, a plenitude aumenta para todos. Para mim todos os caminhos são corretos e valiosos. Alegro-me quando as sementes que pude semear florescem e trazem frutos, independentemente do lugar onde caíram.

História: Duas maneiras de saber

Um erudito perguntou a um sábio
como as partes se unem num todo
e como o saber sobre as muitas partes
se diferencia do saber sobre o todo.
O sábio respondeu:
“O disperso se agrega num todo
quando encontra seu centro
e passa a atuar.
Pois só tendo um centro, o muito torna-se
essencial e real,
e o todo então se nos revela como algo simples
quase como pouco,
como força serena que segue adiante,
que permanece embaixo
e contígua àquilo que sustenta.
Para experimentar
ou transmitir o todo,

para comunicá-la
não preciso
saber,
dizer,
ter,
fazer,
tudo em detalhe.
Quem quer entrar na cidade
passa por uma única porta.
Quem dá uma badalada num sino
faz retinir, com esse único som, muitos outros.
E quem colhe a maçã madura
não precisa averiguar a sua origem.
Ele a segura na mão
e a come.
O erudito não concordou: quem quer a verdade,
tem que conhecer também todos os detalhes.
O sábio, porém, contestou.
Sabe-se muito sobre a verdade que nos foi legada.
A verdade que leva adiante
é nova,
e ousada.
Pois ela contém o seu fim
assim como uma semente, a árvore.
Portanto, aquele que ainda hesita em agir,
porque quer saber mais
do que lhe permite o próximo passo,
não aproveita o que faz.
Ele toma a moeda
pela mercadoria,
e transforma em lenha
as árvores.
O erudito achou
que essa poderia ser apenas uma parte da resposta
e pede-lhe
um pouco mais.
Mas o sábio se recusou,
pois o todo, no princípio, é como um barril de mosto:
doce e turvo.
E precisa fermentar durante um tempo suficiente
para ficar claro.
Então, aquele que o bebe, em vez de degustá-lo,
passa a cambalear embriagado.

Outras publicações sobre o tema ajuda

No fundo, na maioria de minhas publicações, trata-se do tema ajuda à vida. Por isso aqui se encontra apenas uma seleção.

Livros

Ordens do amor

Um guia para o trabalho com Constelações Familiares ***424 p., 3a. Edição 2007, Editora Cultrix***

Der Austausch

Fortbildung für Familien-Steller

227 Seiten. 141 Abb. 2002 Carl-Auer-Systeme Verlag

Ordens da ajuda

Um livro de treinamento

238 p., 2a. edição 2008, Editora Atman

O essencial é simples

Terapias breves

244 ***p.,*** *2a. edição 2006, Editora Atman*

A fonte não precisa perguntar pelo caminho

Um livro de consulta

342 p., 2a. Edição 2007 , Editora Atman

Histórias de Amor

182 p., 2007, Editora Atman

Um lugar para os excluídos

Conversas sobre os caminhos de uma vida ***Bert Hellinger e Gabriele ten Hõvel.***

148 p., 2006, Editora Atman

Vídeos

Die Seele schenkt

Schulung in Kóln *2 Videos, 4 Stunden, 50 Minuten*

Ordnungen des Helfens

Schulung in Bad Nauheim

2 *Videos 2 Stunden, 32 Minuten*

Helfen - eine Kunst

Schulung in Salzburg

2 *Videos 4 Stunden, 10 Minuten*

Helfen braucht Einsicht

Schulung in Zürich *4 Videos 7 Stunden, 20 Minuten*

Helfen auf den Punkt gebracht

Schulung in Madrid

4 *Videos 7 Stunden, 36 Minuten. Deutsch/Spanisch*

Dimensionen der Liebe

5 *Videos 11 Stunden. Deutsch/Franzõsisch*

Zu den Schulungsvideos gehõren auch die folgenden Videos vom Kurs für soziale und pâdagogische Berufe in Mainz:

Helfen im Einklang

1 *Video 2 Stunden, 40 Minuten*

Kurzsupervisionen

1 *Video 2 Stunden, 35 Minuten*

Das andere Familien-Stellen

1 *Video 2 Stunden, 15 Minuten*

DVDs

Dimensionen des Helfens in der Praxis

Schulung in Basel

1 *DVD 3 Stunden, 8 Minuten*

Liebe in unserer Zeit

Schulungskurs Bad Suiza

3 *DVD 4Stunden, 31 Minuten*

Wie Liebe und Leben zusammen gelingen

Kurstag Lebenshilfe in Aktion Leipzig

2 *DVD Gesamtlaufzeit 2 Stunden, 55 Minuten*

Schulungstag: Lebenshilfe in Aktion

Neuchàtel

3 *DVD 2 Std., 40 Minuten. Deutsch/Franzõsisch*

Geistige Liebe - geistiges Heilen

1 *DVD, 1 Stunde, 57 Minuten*

Helfen braucht Einsicht

4 *DVDs, 7 Stunden, 19 Minuten*

Helfen auf den Punkt gebracht

4 *DVDs, 7 Stunden, 36 Minuten*

Das Gewissen und die Seele

1 *DVD, 45 Minuten*

Homem e Mulher

Homem e mulher do ponto de vista espiritual

Seguiremos com as *Constelações familiares espirituais* e acompanhando o movimento do espírito e vamos olhar para o que significa um movimento do amor. Desejo voltar-me principalmente à relação humana básica, à relação humana mais básica em si, à relação entre homem e mulher do ponto de vista espiritual.

O relacionamento de casal começa de maneira bem comum. Um homem precisa de uma mulher e uma mulher de um homem para que possam se sentir inteiros. O que é um homem sem uma mulher? Vocês poderão ver isso também aqui comigo. E o que é uma mulher sem um homem? Ela se sente incompleta. E é claro que um homem solteiro pode se sentir inteiro, se tiver a mulher em seu coração e honrá-la, principalmente a própria mãe. O mesmo ocorre com a mulher, que precisa viver sozinha, quando respeita o masculino e os homens, torna-se inteira.

O respeito

Quando olho concretamente para o relacionamento de casal, um dos problemas mais evidentes é que as mulheres muitas vezes se recusam a honrar os homens. Isso influencia os filhos de modo substancial. Pois os filhos fazem, por fidelidade ao pai, aquilo que a mãe despreza nele. É esta a compensação, e é este o castigo. Nada que faz parte do todo é passível de ser excluído ou desprezado.

Observei em países, tal como a Rússia - estive diversas vezes em Moscou para realizar cursos grandes - que o fato de os homens beberem, de serem alcoólatras é um grande problema para a população. Eu disse a eles: uma das razões para isso é que suas mulheres os desprezam. Eles concordaram comigo. Lá a situação frequente é: os homens são desprezados.

A concordância

Sendo assim, é evidente que um relacionamento de casal tem êxito apenas quando o homem respeita a mulher assim como ela é, exatamente assim como ela é e quando a mulher respeita o homem assim como ele é, exatamente assim como ele é. Esse concordar é um movimento do espírito.

Muitos entram em uma relação de casal com certas ideias sobre como deve ser o parceiro. Se ele não for assim, desejam modificá-lo. Este é um modo de pré-programação do divórcio. Quem não é respeitado da forma como é, não pode permanecer - por respeito a si mesmo.

A concordância: "Amo você, assim como você é, exatamente como você é", faz o parceiro se sentir seguro, seguro no seu amor em relação ao seu parceiro.

Essa concordância ainda inclui várias outras coisas: que o homem diga à mulher: "Você é certa para mim, tal como você é. Alegro-me com você, tal como você é." A alegria é a concordância mais bela. Então ele acrescenta algo mais:" Alegro-me com sua mãe tal como ela é, e me alegro com seu pai tal como ele é." Percebem a diferença? Como o parceiro se sente seguro junto ao outro, quando seus pais são amados e reconhecidos tal como são?

E isso ainda continua: "Digo sim à sua designação e ao seu destino, tal como é, independente do que isso possa me custar."

O amor do espírito

Agora entramos em sintonia com um movimento do espírito. O amor do espírito é assim, é como eu imagino esse amor: encontra-se voltado para qualquer um, exatamente assim como ele ou ela é. Pois movimenta-os da forma que ele ou ela é. Portanto, quando me encontro em sintonia com um movimento do espírito alcanço um amor que une um casal em um nível mais elevado, de modo profundo e lhes permite se tornar em um só, de um modo que as ideias mais usuais sobre o amor entre homem e mulher não possibilitam.

Em sintonia com esse movimento - a união sexual, o desejo, a alegria - que pertence ao relacionamento do casal, tudo se torna espiritual, em todos os sentidos. Ele provém do espírito, é o movimento primordial da vida. O desejo do homem pela mulher e o desejo da mulher pelo homem é o movimento primordial da vida e do amor. Quando nos sentimos de tal modo em sintonia com ele, permitindo que

nos sustente, não há nada mais que possa se opor à plena felicidade entre o homem e a mulher.

A fidelidade

Por vezes também nos deparamos com a situação onde um dos parceiros - devido ao seu vínculo com sua família de origem, do emaranhamento em relação a sua família ou então porque precisa assumir algo de sua família, algo importante para a família - segue um destino que o separa de seu parceiro. Quando então o parceiro diz: "Você precisa ser fiel a *mim",* percebem o que isso provoca na alma? Em ambas? Como os separa de um movimento do espírito?

Existe uma frase que, em situações como essas, permite que o amor permaneça, mesmo no caso de uma separação. A frase é: "Amo você e amo a mim mesmo e amo aquilo que me guia e que guia você, seja lá qual for o resultado". Este é um movimento em sintonia com um movimento do espírito, é um movimento de fidelidade, uma outra fidelidade, uma fidelidade espiritual. É um movimento do amor que permanece, apesar de tudo.

A sucessão

Essa foi uma introdução do que significa o amor entre o homem e a mulher quando se encontram em sintonia com um movimento do espírito.

Quem, em uma tal relação de casal, segue quem? Ninguém segue ninguém, ambos seguem um movimento do espírito. Desse modo encontram-se profundamente conectados e simultaneamente livres.

Agora, o que devo fazer com vocês nesta manhã?

Devo trabalhar concretamente com relacionamentos de casal? Tem algum casal presente que gostaria de trabalhar alguma questão? Mesmo alguém que veio sozinho e deseja olhar algo referente ao seu relacionamento de casal, pode vir.

Exemplo: O olhar para além do parceiro

HELLINGER *para um homem* Você é casado?

HOMEM Sou.

HELLINGER Uma ou duas vezes?

HOMEM Uma.

HELLINGER Vocês têm filhos?

HOMEM Uma filha de quatro anos.

HELLINGER *para o público* Essas são as informações mais importantes de que preciso. O restante obtemos, via de regra, através da constelação.

Para o homem Por que você deseja olhar para isso? O que acontece?

HOMEM Não conseguimos ir adiante e não sei...

HELLINGER Está bem, não conseguem ir adiante.

Hellinger pede ao homem que se posicione. Escolhe uma representante para sua mulher e pede que se coloque a alguns metros de distância do homem.

HELLINGER *para o homem* Agora olhe para além dela.

Para a representante da mulher Olhe igualmente para além dele.

Para os dois Vocês estão olhando para os pais do parceiro, para os destinos de sua família. Cada um de vocês olha para isso com amor.

Após um tempo Cada um de vocês olha para além do outro.

Após um tempo E agora olhem um para o outro.

O homem começa a dar lentamente alguns pequenos passos em direção à mulher.

HELLINGER Retomem ao exercício: olhem para além do outro e, lá longe, vocês também se veem. Entreguem os seus desejos à força que se encontra por trás de cada um. E também à culpa, às coisas das quais talvez se arrependam. Vocês a entregam a esta força.

Após um tempo Agora vocês se olham novamente.

O homem começa lentamente a dar alguns pequenos passos em direção à mulher. Ela faz o mesmo.

HELLINGER Agora parem novamente e olhem para além do outro. Também olhem para os relacionamentos anteriores com amor - e com gratidão. Vocês também os entregam a essa força maior.

Após um tempo Agora, olhem-se novamente.

Os dois sorriem um para o outro e se aproximam com amor.

HELLINGER para o público, quando os dois se encontram um diante do outro. *O resto podemos imaginar.*

Risos em voz alta e aplausos.

Exercício: Acompanhar o movimento do espírito

HELLINGER *para o público* Fechem os olhos. Façam o mesmo exercício também em relação a vocês e seus parceiros, seus parceiros anteriores e em relação ao que ocorreu.

Olhamos para o parceiro assim como ele é, exatamente assim como é. Concordamos com ele do jeito que é, exatamente como é - com amor.

Olhamos para os pais do parceiro, principalmente para sua mãe e para seu pai e para os destinos, também para os mais difíceis. Nós os entregamos a um movimento do espírito, assim como são. Aqui podem permanecer assim como são tomados por um movimento do amor.

Então olhamos novamente para o parceiro e para aquilo que ocorreu entre vocês, quem sabe algo que machucou. Algo do qual se sintam culpados, até muito culpados. Olhem para além disso, para longe e o entreguem a um movimento do amor. Lá isso se encontra acolhido - apenas lá.

Agora se olhem novamente. Digam um ao outro: "Agora isso pode ficar no passado. Encontra-se acolhido em outro lugar."

Olhem novamente para além do outro, desta vez para seus relacionamentos anteriores, também para os do parceiro. Concordem com eles assim como são. Vocês concordam com o amor que experimentaram com esse parceiro, que o seu parceiro também experimentou em seus relacionamentos. Digam a todos eles: "Eu sou grato. Nós os levamos para o nosso futuro conjunto, pois nos tornou mais ricos um para o outro."

Entregamos igualmente aquilo que talvez não tenha tido êxito nesses relacionamentos ao movimento do amor do espírito. Lá será acolhido e tudo ficará bem.

Olhamos novamente para o parceiro e sentimos o movimento mais adequado para o momento, se ele nos une ou separa. Ambos agora são um movimento do espírito.

Caso se encontrem, coloquem se um ao lado do outro. Ao invés de olharem somente para o parceiro, olhem juntos para algo diferente: para seus filhos, por exemplo, ou para algo a cujo serviço estejam juntos.

Após um tempo *Ok.*

Acompanhar o movimento do espírito tem algo de belo, de grande e que reconcilia.

A indulgência

Após os meus estudos na Alemanha, iniciei outros na África do Sul, como preparação para o professorado lá. No final do semestre e do ano aconteciam os exames. Recebíamos uma folha com várias perguntas, que eram respondidas por escrito. Para ser aprovado, 40% das perguntas tinham

que ser respondidas de forma correta. Bastava 40% para ser aprovado.

O mesmo vale para o nosso parceiro: 40% é suficientemente bom.

Risos no público.

Precisamos nos despedir da ideia do amor perfeito. Ele é desumano. 40% é suficientemente bom. Para o que resta exercitamos a indulgência. A indulgência é amor, um amor maravilhoso.

Um dia testemunhei um belo exemplo. Fui caminhar com minha mulher. Encontramos um homem velho com um pequeno carrinho de mão. Estava catando garrafas de cervejas e latas para eliminá-las. Ali perto se encontrava uma discoteca. Minha mulher disse a ele: "É bonito o que o senhor está fazendo."

"Ah", ele respondeu, eles as jogaram fora distraidamente e eu as cato também distraidamente."

Risos no público.

Isso é indulgência.

Pensei muito sobre as ordens do amor. Faz igualmente parte das ordens do amor, entre o homem e a mulher, que cada um conceda ao outro no mínimo dez pecados.

Risos e aplausos no público.

Essa é uma ordem do amor. Percebem como é bela? Desse modo pecam mais ou pecam menos? Não precisam mais disso. Aqui se abre um campo para a liberdade do amor.

Exemplo: A felicidade que fica

HELLINGER *sobre um casal que deseja trabalhar* Já os conheço há um tempo. Lidamos aqui, em um primeiro momento, com duas culturas diferentes - o marido é do Líbano. E com duas religiões diferentes - o homem pertence ao Islamismo. Além disso, já foi casado uma vez e tem filhos desse casamento.

Para o homem Quantos filhos você tem?

HOMEM Quatro.

HELLINGER *para a mulher* Você também já teve um relacionamento anterior?

MULHER Fui casada duas vezes e tenho um filho adulto do segundo casamento.

HELLINGER *para o público* E agora estão juntos. Farei um exercício espiritual com eles.

Para o casal Fechem os olhos. Agora olhem para o parceiro anterior.

Para o público Quando um casal se separa podemos contar uma história para eles. Um dia um casal me procurou e me veio à mente uma história para eles. E contei-a.

Um homem e uma mulher partem juntos para uma caminhada. Cada um carrega uma mochila repleta de boas coisas. Juntos passam alegremente por jardins e campos e se alegram. De vez em quando param para descansar. Tiram algo de suas mochilas e o dividem. Continuam caminhando e vão subindo.

Após um tempo um dos dois se cansa. O conteúdo de sua mochila se esgotou e ele se senta.

O outro continua andando por mais um trecho, subindo cada vez mais. Também a sua mochila se esvazia e ele se senta.

Olha para trás, vê o parceiro um pouco mais abaixo, o caminho que andaram juntos, lembra-se de todas as coisas belas pelas quais passaram e começa a chorar.

Isso é amor, chorar com amor. E é uma despedida com amor. Desse modo podemos olhar para o parceiro anterior com amor e também com tristeza. Olhem para além dele, para o seu destino e também para o seu próprio destino e digam "sim" a esse destino, ao próprio e ao do parceiro.

Olhem também para os filhos e para o que significa o fato de terem pais separados. Percebam o quanto eles precisam crescer e crescem. Encarreguem-nos disso com amor.

Olhem em seguida internamente para o parceiro atual, assim como ele é. Olhem também para o que sucedeu em sua vida. Olhem para os parceiros anteriores e para os filhos. Olhem para eles e digam "sim" para tudo.

Vocês sabem que as expectativas possíveis agora são diferentes daquelas em relação ao primeiro relacionamento. São mais modestas. No relacionamento novo cada um se sente ligado ao que veio antes. Vê também o outro ligado ao que veio antes e concorda com isso assim como é. Digam ao outro: "Tomo você assim, com tudo que faz parte de você através de seu relacionamento anterior e daquilo que sucedeu nele."

Trata-se aqui, por um lado, de um amor modesto; por outro, de um amor grande, pois inclui todos. É um amor espiritual.

Após um tempo para o público O que resta para este casal? Uma felicidade comum. É a melhor felicidade que existe.

A mulher encosta a sua cabeça no peito do homem e ele a abraça. Os dois choram.

Para o público Essa é a felicidade comum. Essa felicidade fica. Muitos dentre vocês certamente seguiram esse exercício.

Para o casal Tudo de bom para vocês.

Para o público O que fica e o que parte? A grande felicidade parte, a felicidade comum fica.

Aplausos no público.

Outras publicações sobre o tema homem e mulher

Livros

Ordens do amor

Um guia para o trabalho com Constelações Familiares 424 p., 3®. edição 2007, Editora Cultrix

Para que o amor dê certo

O trabalho terapêutico de Bert Hellinger com casais Organizado por Johannes Neuhauser 286 p., 2a. Edição 2006, Editora Cultrix

Wir gehen nach vorne

Ein Kurs für Paare in Krisen

273 Seiten, 200 Abb. 2. korrigierte Auflage 2002. Carl-Auer- Systeme Verlag

Amor à segunda vista

Soluções para casais 230 p., 2006, Editora Atman

Liebe und Schicksal

Was Paare aneinander wachsen lâsst

249 Seiten, 165 Abb. 2. Auflage 2003. Kõsel Verlag

A fonte não precisa perguntar pelo caminho

Um livro de consulta

342 p., 2a. Edição 2007 , Editora Atman

Histórias de Amor

182 p., 2007, Editora Atman

Vídeos

Wie Liebe gelingt

Die Paartherapie Bert Hellingers *5 Videos, 12 Stunden, 30 Minuten*

Wir gehen nach vorne

Ein Kurs für Paare in Krisen

3 Videos, 7 Stunden

Liebe und Schicksal

Was Paare aneinander wachsen lãsst

4 Videos, 10 Stunden, 10 Minuten Deutsch/ltalienisch

DVDs

Ich liebe dich. Lebenshilfen für Mann und Frau

Schulungskurs in Bad Suiza

2 DVD

Liebe wãchst o Geschichten aus einem Kurs für Paare in Neuchãtel

4 DVD, 5 Stunden, 33 Minuten. Deutsch/Franzôsisch

Wie Liebe gelingt

5 DVDs, 12 Stunden, 30 Minuten

Liebe auf den zweiten Blick

5 DVD, Deutsch/Spanisch

Crianças em apuros

Todas as crianças são boas

Desejo olhar ainda para um outro âmbito de modo espiritual. Trata-se das crianças difíceis.

Nenhuma criança é difícil. O sistema é difícil. Algo em sua família encontra-se fora de ordem. A desordem principal de uma família é que alguém foi excluído ou esquecido. O que então uma criança difícil faz? Olha para aqueles que foram excluídos. À medida que os excluídos retornam ao campo de visão, a criança fica desobrigada.

Por exemplo, observei que as assim chamadas crianças hiperativas, que não param quietas, estão olhando para um morto, para o qual a família não está olhando. Por isso, disse a frase que muitos estranham: todas as crianças são boas. O fato de serem boas pode ser demonstrado durante as Constelações familiares. Acrescentei mais um ponto a essa frase: seus pais também - como crianças.

Como crianças, os pais também costumavam olhar para alguém. Especialmente os pais que julgamos difíceis são crianças que estão olhando para uma pessoa excluída. Muitas vezes não estão disponíveis para seus filhos, pois olham para a pessoa excluída.

De que depende, em última instância, também no caso das Constelações familiares espirituais? Que todos recebam o seu lugar, que aqueles, aos quais foi negado o seu lugar, recebam-no de volta. Assim todos respiram aliviados.

Darei um exemplo. Um dia, procurou-me um professor que cuidava de alunos difíceis, principalmente aqueles que eram ameaçados de serem expulsos do colégio. Tentou integrá-los, com muito amor e com sucesso. Um dia me ligou dizendo: "Meu filho mais novo está tão agressivo que querem expulsá-lo do colégio. O que devo fazer?"

Podemos ver aqui que mesmo aquele que tem muita experiência e alcança muitas melhorias, está entregue ao destino, porém não ao seu destino e sim ao destino de outras pessoas da família.

Disse a ele: "Venha a um curso meu com sua família". Ele veio com sua mulher e seus dois filhos. O filho agressivo era o mais novo.

Fui professor durante muitos anos. Sei como lidar com meninos. Conheço o lado bom deles.

Então, a família estava sentada do meu lado. Olhei para eles e percebi imediatamente que a mãe desejava morrer. Por isso o filho era agressivo. Disse a ela: "Quando olho para você vejo que deseja morrer." Ela me respondeu:" É verdade."

Mas por que deseja morrer? Naturalmente por ser uma boa filha. Disse a ela: "Primeiro vou posicionar a sua mãe." Então, não abordei diretamente o problema.

Posicionei a sua mãe, que olhou imediatamente para o chão, para um morto. Perguntei para a mulher: "Para quem a sua mãe está olhando? Deseja ir até um morto". A mulher respondeu: "Minha mãe teve um namorado que ela amou muito. Ele morreu em um acidente de carro." Sendo assim, coloquei um representante para o namorado, deitado no chão. Pôde-se ver que havia um grande amor entre ela e a pessoa morta. Ela era atraída para lá, foi até ele e se abraçaram. Então o morto fechou os olhos e estava satisfeito. A mãe da mulher voltou para o seu lugar e respirou, profundamente aliviada.

Em seguida coloquei a mulher diante de sua mãe, e a mãe disse à filha: "Agora eu fico". A mulher ficou toda feliz e as duas se abraçaram. Estava evidente que antes desejava morrer no lugar de sua mãe. Em seguida apoiou- se de costas em sua mãe e estava radiante. Assim pus o pequeno filho diante dela, ele tinha cerca de 14 anos. Ela disse a ele: "Agora eu fico e me alegro se você também ficar."

O filho se derreteu de tanto amor e aconchegou-se à mãe. Assim, tudo estava em ordem. De repente ele tornou-se uma boa criança.

As crianças mais difíceis são aquelas com o maior amor. Muitas vezes, porém, não sabemos para onde estão olhando.

Meditação: Nós, como crianças difíceis

Farei agora uma pequena meditação com vocês. Suponho que 20% de nós também foi, *um* dia, uma criança difícil. Abaixei um pouco a porcentagem, por precaução. Porém, a maioria entre nós passou

pela experiência de os pais se preocuparem conosco. Talvez tenhamos adoecido ou então nos comportávamos de um modo que pensavam: o que será desta criança?

Ok, agora fechem os olhos e retornem à época onde causavam preocupações para seus pais ou adoeciam. Olhem com amor para essa criança e deixem-se guiar por ela. Para onde a criança olha ? Para aquele para o qual a família não está olhando. Dizemos a essa pessoa: "Olho para você com amor. Para mim você faz parte."

Então talvez voltamos para nossos pais e dizemos a eles: “Estou olhando para alguém que amo**.** Por favor, olhem também comigo para lá."

A maioria de vocês têm filhos. Talvez tenham também uma criança difícil, uma criança que os preocupa, que está doente, tem acidentes. Olhem para o mesmo lugar que essa criança está olhando - com amor.

Talvez a criança esteja olhando para uma criança que foi abortada ou para alguém que vocês rejeitam, para alguém que talvez tenha sido, em uma geração passada, vítima de um crime realizado por alguém na família, talvez crimes cometidos na guerra e a criança olha para isso. Ou então olha para alguém que a família rejeita, por se envergonhar como, por exemplo, no caso de um criminoso, um assassino, alguém que realizou crimes durante a guerra. A criança olha para ele com amor, pois os outros se envergonham dele. Mas mesmo assim ele faz parte, assim como todos os outros.

Agora olhamos para essa pessoa com amor, através do amor do espírito, que tomou todos a seu serviço, assim como são, sem distinção, pois os seus objetivos são mais amplos do que imaginamos.

Vemos o efeito e o sentimos em nós. E sentimos como uma criança talvez possa se acalmar, como se sente melhor.

Uma história para um órfão

O coordenador de um orfanato visitou um dos meus cursos em Moscou e trouxe um menino de 12 anos. O menino sentou-se ao meu lado e eu lhe contei uma história.

Convivi muitos anos com a população negra da África do Sul. Um dia fui até um chefe de tribo e conversamos. Ele também me apresentou as suas mulheres. Tinha quatro e muitos filhos com elas. Então me falou de seus filhos, pois um menino o preocupava. Disse: "Não sei o que acontece com ele. Às vezes fica tão triste."

Um dia o menino encontrou um amigo. Foram caminhar e encontraram mais um outro menino. Este era um pouco mais velho que eles. Disseram um ao outro: "Agora vamos olhar o mundo." Mas aquele menino disse: "Tem algo muito importante que preciso fazer antes." Pois havia perdido alguém que lhe era muito caro. Disse: "Preciso primeiro ir até seu túmulo." Foram juntos até lá. Quando estavam diante do túmulo, o menino disse: "Esperem mais um pouco. Antes preciso colher algumas flores". Colheu-as e se juntou aos outros, diante do túmulo.

De repente ficou triste. Fechou os olhos e pensou nessa pessoa querida. Então sentou-se. Subitamente sentiu que a pessoa querida estava com ele. Sentiu de fato a sua presença, como se alguém colocasse os braços em torno dele e dissesse: "Estou sempre com você". Então ficou feliz.

Assim partiram. Aquele menino olhou ao seu redor. De repente tudo era muito mais belo do que antes. As flores estavam mais belas. Ouviu os passarinhos cantarem e pensou: "Jamais os ouvi cantar de modo tão belo." Passaram por uma macieira. O menino colheu uma maçã e a mordeu. Nunca uma maçã lhe tinha sido tão saborosa. Assim continuaram caminhando.

À noite retornaram para casa. O chefe da tribo perguntou a seu filho: " Então, o que você fez? Você está completamente transformado." O menino disse: "Estou, sim, pois encontrei um tesouro. Daqui por diante estará sempre comigo."

Ajudar as crianças

Quero dizer algo aos educadores. Quando ajudamos demasiadamente uma criança, ela fica brava. Por isso ajudamos mantendo certa distância. Sobretudo ajuda-se em nome dos pais. Nesse sentido, é importante nos colocarmos abaixo deles. Quando nos colocamos acima deles como se fôssemos um pai

ou uma mãe melhor, a criança fica zangada.

A melhor maneira dos educadores ajudarem crianças que vivem em orfanatos é estando em sintonia com os pais deles. Isso inclui que concordem com que as crianças confiadas a eles possam tornar-se iguais a seus pais. Isso é importante, pois os filhos querem ser como os pais.

Quando dizemos, por exemplo, a uma criança: "Seu pai foi um beberrão. Nem pense em se tornar igual a seu pai", a criança desejará, por lealdade ao pai, tornar-se igual a ele. É este o efeito na alma, diante desse tipo de alerta. Quando, no entanto, a criança pode ser como o pai e diz a ele em sua alma: "Quero ser igual a você", percebe como o pai o olha de modo carinhoso e talvez lhe diga:" Você também pode ser diferente de mim". Justamente através da concordância que uma criança pode ser tal como os pais, ela se torna livre para desenvolver-se para além da esfera dos pais. Através dessa concordância, o educador permanece no mesmo nível dos pais da criança.

Toda criança ama seus pais, independentemente de como eles são. As crianças se sentem seguras com alguém que deseja ajudá-las, quando essa pessoa ama e respeita os pais que elas carregam dentro de si. Elas amam o ajudante ou a ajudante, pois sabem que eles se encontram em sintonia com seus pais e que podem encontrá-los sempre que assim desejarem.

Exemplo: Criança portadora de deficiência: Agora eu concordo

Nota preliminar

Para muitos pais, terem uma criança portadora de deficiência significa um abalo de suas expectativas futuras. Por um lado se encontram conectados por um profundo amor a seu filho e sofrem com ele, pelo menos na maioria dos casos. Por outro, repreendem a si mesmos e procuram por um culpado entre eles e em outras pessoas, por exemplo, nos médicos. Dessa forma, no entanto, perdem a conexão mais imediata que têm com o seu filho e também consigo mesmo.

O que ajuda os pais nessa situação? Quando reconhecem o seu destino e também o destino do filho como um movimento do espírito que os conduz, assim como seu filho, em direção a um caminho especial. Nesse caminho ambos recebem uma força e um significado que podem alcançar apenas através desse destino. Entrarão em sintonia, de um modo que deles exige o último, com a essência de nossa existência, com algo que vai muito além de nossas ideias mais corriqueiras sobre a felicidade, o amor e a vida.

Esse destino é mais do que um destino apenas individual e pessoal. Vai muito além da família em questão, alcançando assim também o seu entorno, atuando de modo curativo. Torna-os modestos e humildes, envolvendo-os com uma solidariedade amorosa e humana.

A constelação

Os pais chegam com um menino portador de deficiência, com cerca de 12 anos, que dizem ser também autista e sentam-se ao lado de Hellinger. O menino senta-se ao lado dele, do lado esquerdo sua mãe e, então, seu pai.

O menino trouxe uma barra de chocolate para Hellinger. Ele agradece e abre o papel. Dá um pedaço ao menino e pega outro para si, colocando-o na boca.

HELLINGER *para o menino* Está gostoso.

MENINO PORTADOR DE DEFICIÊNCIA *com dificuldade* Gostoso.

Olha para a mãe e bate palmas, rindo. Quando os participantes desejam bater palmas também, Hellinger interfere.

HELLINGER *para o grupo* Não reajam. Tudo deve permanecer apenas dentro da família, senão a incomodaremos.

O menino alisa de modo amoroso o cabelo da mãe e a beija. Hellinger segura sua mão esquerda, até

que se acalma. Em seguida pede aos pais que se coloquem no meio do círculo formado pelos participantes. A mãe se coloca à direita, ao lado do marido.

Depois Hellinger coloca o menino diante de seus pais.

HELLINGER *aos pais* Permaneçam um ao lado do outro e se olhem. Agora um diz ao outro: "É o nosso filho."

MULHER *para o homem* É o nosso filho.

HELLINGER *para o homem* Diga você também.

HOMEM *para a mulher* É o nosso filho.

HELLINGER "Nós o tomamos como nosso filho."

MULHER Nós o tomamos como nosso filho.

HOMEM Nós o tomamos como nosso filho.

HELLINGER "Juntos cuidaremos dele."

MULHER Juntos cuidaremos dele.

HELLINGER "Com amor".

MULHER Com amor.

HELLINGER *para o homem* Olhe para a mulher e diga a ela: "Juntos cuidaremos dele com amor."

HOMEM Juntos cuidaremos dele com amor.

HELLINGER *para os pais* Agora olhem para além da criança, para bem longe, para seu destino. E para mais longe ainda e digam, internamente: "sim".

Os dois olham por um longo tempo, centrados, para além do filho, para longe.

HELLINGER E agora olhem para o filho.

Hellinger aproxima o filho de seus pais. Este se apoia com as costas nos dois. Os pais se aproximaram de forma que o menino possa estar entre eles.

Após um tempo o menino coloca os braços por trás, em volta de seus pais e olha alternadamente para um e para o outro. Beija a mãe na bochecha. Em seguida, beija também o pai.

Alisa os cabelos da mãe**.** A seguir, encosta a cabeça no peito do pai e diz: "papai"**.** Volta-se para sua mãe e diz a ela, várias vezes: "Mamãe." Então diz a eles:" Vocês são a minha família."

HELLINGER *aos pais* Ok, isso foi tudo que pensei aqui. Mas sentem-se novamente ao meu lado.

Para o grupo Em uma situação como esta onde os pais têm um filho portador de deficiência, algumas vezes sentem-se culpados. Aqui pudemos ver que a mãe se sente culpada.

Ele olha para ela e para o marido.

Para o marido O marido sabe disso. Sabe, sim.

Hellinger pede que a mulher se levante e a conduz mais uma vez até o seu lugar na constelação. *Os* dois se olham longamente nos olhos.

HELLINGER *para a mulher* Agora olhe para longe.

Ela olha para longe. Hellinger está ao lado dela e a toca no ombro.

Após um tempo Agora recolha internamente todos os seus desejos, todas aquelas grandes expectativas que você tinha. Tome-as de mãos abertas e as oferte.

A mulher olha constantemente para longe. Suas mãos estão abertas como se segurasse algo de grande porte.

...e diga internamente Por favor

Após um tempo Você está de mãos abertas para aquilo que está sendo presenteado agora.

A mulher continua olhando para longe.

... e diga internamente "Agora concordo - com amor."

Ela continua olhando durante vários minutos, centrada e de mãos abertas para longe. De repente vira a cabeça de modo aliviado e sorri para seu marido e filho. Os dois haviam se levantado. O homem está abraçando o filho por trás, e este segura a cabeça do pai por trás, com uma mão. Todos se sentam novamente ao lado de Hellinger.

HELLINGER Acho que podemos parar aqui. Tudo de bom para vocês.

Exemplo: Crianças abortadas são representadas

Uma mulher se senta ao lado de Sophie Hellinger. Após um tempo, Sophie coloca a sua mão direita entre as omoplatas da mulher.

SOPHIE HELLINGER *para o grupo* Ela está muito nervosa, mergulhada em seus pensamentos. Seu coração bate forte.

Para a mulher O que devemos fazer? Não estou certa se deseja trabalhar. Está com medo daquilo que talvez venha à luz.

Coloca a mão nos olhos da mulher, para que ela os feche e depois a coloca novamente entre as suas omoplatas.

Após um tempo Respire profundamente com a boca aberta. Inspire e expire várias vezes.

Para o grupo Estou tentada a colocá-la em contato *com* outra energia e o mesmo faço comigo mesma.

Após um tempo Agora sei do que se trata.

Coloca a sua mão direita no colo da mulher.

Para o grupo Hoje de manhã ela fez uma pergunta. Gostaria de retomá-la agora.

Escolhe um representante para o filho de nove anos da mulher e pede para que se posicione. Após um tempo, ele dá alguns passos para trás. Em seguida escolhe uma representante para a mulher e pede para que se posicione diante do filho a uma certa distância.

Para esta representante O filho sempre diz que seria melhor para ele se não vivesse.

A representante da mulher coloca a mão direita no seu coração e respira profundamente. Olha para frente em direção ao chão. O filho se ajoelha lentamente e senta nos seus calcanhares.

Sophie escolhe um homem como representante e pede que sente de costas diante do filho, para que olhe, assim como ele, em direção à mãe. Ele representa uma criança abortada, conforme se torna claro mais adiante.

Para o grupo A representante da mãe disse que não consegue olhar para essa criança. Vê apenas os dedos do pé dela.

A representante da mãe continua respirando profundamente e aponta para frente.

SOPHIE *para a mulher* O segundo filho também é um menino?

MULHER É.

Sophie Hellinger escolhe um representante para esse menino e pede para que se sente ao lado de seu irmão, nos calcanhares.

Para o representante do irmão mais velho *Para quem você está olhando?*

FILHO MAIS VELHO Olho apenas para essa criança diante de mim.

SOPHIE *para a mulher* O que exatamente seu filho disse?

MULHER Ele diz: " Eu preferia *me* matar. Preferiria não ter nascido."

SOPHIE *para o representante do filho mais velho* Diga a ele (à criança abortada): "Preferiria não ter

nascido como você."

FILHO MAIS VELHO Preferiria não ter nascido como você.

A representante da mãe está muito comovida, porém não olha. O segundo filho se aproxima mais do irmão abortado.

SOPHIE *para a mulher* Seu segundo filho diz o mesmo que o primeiro?

MULHER Diz, sim.

A criança abortada começa a ficar inquieta.

SOPHIE *para a representante da mulher* Diga a ele: "Não quis você. Mesmo agora não quero olhar para você."

REPRESENTANTE DA MULHER Não quis você. Mesmo agora não quero olhar para você.

SOPHIE Diga a seus filhos: "Concordo que vocês o assumam no meu lugar. Obrigada."

REPRESENTANTE DA MULHER Concordo que vocês o assumam no meu lugar. Obrigada.

A representante da mulher respira profundamente e assente com a cabeça. A criança abortada deita-se lentamente de costas. O filho mais jovem deita ao lado dela. Os dois se olham e se abraçam

SOPHIE *para o filho mais velho* Olhe para sua mãe e diga: "Mamãe por você faço qualquer coisa."

FILHO MAIS VELHO Mamãe por você faço qualquer coisa.

A representante da mãe acena com a cabeça.

SOPHIE Diga para ele: "Obrigada."

REPRESENTANTE DA MULHER Obrigada.

SOPHIE "Eu concordo".

REPRESENTANTE DA MULHER Eu concordo.

O filho mais velho deita igualmente ao lado da criança e a abraça. Os três se abraçam.

SOPHIE para a representante da mulher *Como se sente?*

Ela fica inquieta e movimenta os braços, hesitando. Então anda lentamente em torno das crianças deitadas no chão.

SOPHIE *para o grupo* Desejo esclarecer algo. A mulher tem dois filhos. Um deles ou até os dois dizem abertamente o que a família esconde. Porque sua mãe não olha, isso precisou continuar um segredo. Agora a verdade veio à luz. Agora que a verdade veio à luz, ela está mais calma internamente. Antes estava inquieta. Tem três filhos e não apenas dois. Mas não consegue olhar para um deles.

Para a mulher Se existiu um aborto é importante que você reconheça isso, senão, não há solução. Aqui não se trata de justiça. Se você reconhecer isso existirá uma possibilidade de salvar as outras crianças. Aqui você pode ver o que acontece com eles. Enquanto você se recusar a ir até a criança abortada, seus filhos o farão em seu lugar. A solução necessita de tempo. Se você reconhecer e verbalizar isso, poderá olhar para a criança abortada. Antes a sua representante pôde ver somente os pés dela. Enquanto você permanecer presa aos seus pensamentos e, talvez, ficar procurando por justificativas e desculpas, estará desconectada internamente do que ocorre aqui. Primeiramente precisa reconhecer o que é.

Quantos anos você tinha quando aconteceu?

MULHER 17.

SOPHIE *para o grupo* Imaginem só, uma menina tão jovem! Talvez tenha sido apenas por uma noite e de repente percebe que estava grávida. Subitamente tudo mudou. Vocês podem sentir o que isso significa para uma mulher: 17 anos e não tem mais volta?

A representante da mulher está diante dos três filhos e olha para eles. Está indecisa se deve ir até eles.

SOPHIE *para a representante da mulher* Talvez essa tenha sido a solução para você, até agora. Diga a

seus filhos: “Antes vocês do que eu."

REPRESENTANTE DA MULHER Antes vocês do que eu.

Ela sacode a cabeça enquanto diz isso.

SOPHIE Como você se sente?

REPRESENTANTE DA MULHER Não, não quero isso.

SOPHIE *para a mulher* Você verá o que vai acontecer agora. Tudo ainda está no ar.

A representante da mulher continua indecisa. Então se agacha lentamente, toca com a mão direita o pé da criança abortada, porém olha para outra direção, não para as crianças.

SOPHIE *para a mulher* Existiu mais uma criança?

MULHER Existiu sim.

SOPHIE Está certa disso?

MULHER Sim.

A representante da mulher estende a mão esquerda para frente como se quisesse tocar alguém. Em seguida curva-se profundamente nessa direção. Após um tempo, ergue-se novamente e toca seu pescoço com a mão.

SOPHIE *para a mulher* Ela se sente culpada, sentimentos de culpa, no entanto, nunca trazem a solução. Você havia escolhido um nome para essa criança?

MULHER Sempre achei que era uma menina. Dei- lhe um nome, chamei-a de Greta. Não sabia se era uma menina ou um menino, tinha apenas uma sensação de ser uma menina.

SOPHIE Diga: "Greta".

A mulher hesita. Sophie escolhe uma mulher para esta criança e pede para que se posicione diante da representante da mulher. Esta diz: tem alguém por aqui, mas consigo ver apenas seus pés. Então se abaixa até o chão e toca com a outra mão os pés da mulher (representante da criança). O filho mais novo senta-se e olha para ela. Ela o olha de modo amoroso e lhe estende a mão.

SOPHIE *para a mulher* Será que eram gêmeos?

Sophie vai até a representante de Greta e quer afastá-la da representante da mãe. Esta, no entanto, não a solta.

Ela seca as lágrimas.

SOPHIE *para a mulher* É estranho.

Para a representante da mulher Diga a ela "Agora vejo seu rosto."

REPRESENTANTE DA MULHER Agora vejo seu rosto.

SOPHIE *para a mulher* Houve algo especial na família do pai dessas crianças?

MULHER Ele tinha uma irmã gêmea.

Sophie conduz a outra representante até as crianças. O filho mais novo, ainda ajoelhado, toma sua mão e encosta sua cabeça nela.

SOPHIE A criança abortada abriu os olhos e está aliviada. Assim como o filho mais velho.

Para a representante da mulher *Agora você pode olhar.*

A representante da mulher se deita entre a criança abortada e o filho mais velho e abraça os dois. A representante de Greta também se ajoelha e olha em direção ao filho mais novo. Todos se abraçam. Agora estão juntos da mãe, conectados através de um abraço profundo.

Após um tempo, Sophie pede para que os dois filhos se levantem. Eles se levantam e se abraçam por trás e olham para baixo para os outros. A representante da mãe permanece intimamente abraçada à criança abortada. A representante de Greta está ajoelhada e olha para ela. A mãe também estende o

braço em sua direção e a aproxima de si. Greta agora se deita ao lado da outra criança abortada. A mãe olha de modo amoroso para os dois e os acaricia.

SOPHIE *para o filho mais velho* Diga à criança abortada: "Sou o terceiro".

FILHO MAIS VELHO Sou o terceiro.

SOPHIE "Você é o primeiro."

FILHO MAIS VELHO Você é o primeiro.

SOPHIE "Agora sou o terceiro."

FILHO MAIS VELHO Agora sou o terceiro.

SOPHIE "Você permanece o primeiro."

FILHO MAIS VELHO Você permanece o primeiro.

SOPHIE *ao filho mais novo* "Sou o quarto".

FILHO MAIS NOVO Sou o quarto.

Os dois filhos vivos riem um para o outro e acenam com a cabeça.

SOPHIE Como estão?

FILHO MAIS VELHO Muito melhor.

FILHO MAIS NOVO Melhor.

Sophie escolhe um representante para o pai dos dois filhos e o coloca diante deles.

Para o filho mais velho Diga ao seu pai: "Temos mais dois irmãos."

FILHO MAIS VELHO Temos mais dois irmãos.

SOPHIE "Sou o terceiro".

FILHO MAIS VELHO Sou o terceiro.

SOPHIE "Por parte de minha mãe".

FILHO MAIS VELHO Por parte de minha mãe.

SOPHIE *para o filho mais novo* "E eu sou o quarto".

FILHO MAIS NOVO E eu sou o quarto.

SOPHIE "Temos ainda uma irmã e um irmão".

O pai e os dois filhos se aproximam lentamente e se abraçam profundamente.

Nesse meio tempo, Sophie conduziu a mulher para diante dos dois filhos abortados que ainda estão intimamente abraçados à representante da mulher. Sophie pede que a representante se levante e dê alguns passos para trás. A mulher chora.

Para a mulher Permaneça forte. Diga a eles: "Não quis vocês."

MULHER após um momento de hesitação, chorando *Não quis vocês.*

SOPHIE "Esta é a verdade".

MULHER Esta é a verdade.

SOPHIE *para a mulher* Abra os olhos.

Para o grupo Acho que posso parar por aqui. Não posso fazer mais por ela. O resto ela precisa fazer por conta própria. Precisa saber que enquanto não der um lugar a essas duas crianças, seus filhos irão no seu lugar até elas. Sua representante lhe mostrou o que deve fazer e sua alma sabe. Seus filhos agora sabem que são o terceiro e o quarto e se sentem seguros com seu pai.

A mãe não precisa ter pena de si mesma. Ela fez isso. Não podemos dizer que teria sido melhor se tivesse agido diferente, pois também esses filhos concordam com seu destino. Se a mãe reconhecer o

que fez, ficará mais forte para cuidar dos outros filhos. Até agora não foi possível, pois as crianças abortadas esperam ser reconhecidas por ela. Reconhecer o que foi e dizer sim para as consequências é um movimento divino. Enquanto disser não ou buscar justificativas, tudo ficará pior para todos.

Para a mulher Quantos anos as crianças teriam agora? Imagine que elas tivessem 25 anos agora. Como seria isso para você?

MULHER Seria maravilhoso.

SOPHIE Imagine como seria. Seus filhos sabem, por isso dizem que seria melhor se não estivessem vivos. A solução certa para eles seria que essas crianças fossem reconhecidas. Está em suas mãos, apenas em suas mãos.

Para a representante *Obrigada.*

A mulher agradece a Sophie e volta ao seu lugar.

BERT HELLINGER Este tipo de trabalho revela o que significa expor-se a tudo que aconteceu e a todas as consequências. Não houve uma tentativa aqui de encobrir, amenizar ou desculpar algo. Vocês podem imaginar que efeito isso teria na família, se aquilo que aconteceu tivesse sido desculpado ou justificado, algo que os ajudantes por vezes tentam. Alguns não ousam nem mesmo verbalizar a palavra aborto ou perguntar a alguém se houve um, mesmo quando está evidente. Então esse tipo de ajuda se torna um grande jogo onde pessoas inocentes são sacrificadas.

Quero agradecer à mulher por ter tido coragem de revelar a sua questão. Pudemos aprender bastante. Isso nos encoraja a nos expormos de modo diferente a situações onde se trata de vida e morte.

As consequências para a mulher

SOPHIE HELLINGER *para o grupo* Direi ainda algo a respeito do procedimento. Apenas após ter entrado em contato com ela, com uma energia superior, através da respiração conjunta, eu pude me expor à sua questão. Antes ela estava presa aos seus pensamentos e seu coração estava explodindo. Toda sua energia estava na cabeça. Depois, no entanto, através da respiração, a energia se deslocou para seu colo. Senti o mesmo em relação a mim e soube imediatamente que algo diferente havia acontecido neste caso. Coloquei minha mão em seu colo para sentir se essa energia permanecia com ela ou se desaparecia. Se desaparecesse, sei que não poderia trabalhar com ela. Essa energia parecia ser quente e sofrida.

No caso de um aborto ocorre algo diferente com a mulher. Um médico na Califórnia fez o aborto de mais de mil crianças. Depois quis saber melhor o que ocorre em um aborto. Com a ajuda de uma câmera, revelou o que ocorre com um embrião, que já se encontra um pouco desenvolvido, no colo da mãe antes do aborto. A criança sente a ameaça. Quando a pinça é introduzida, ela tenta escapar. O vídeo prova essas tentativas da criança. O médico o exibe em todos os lugares, para que todos saibam o que ocorre com uma criança, durante um aborto.

Quando uma mulher passou por um aborto, a energia da criança ainda permanece em seu colo. A energia não pode ir embora enquanto o aborto não for reconhecido e verbalizado pela mãe.

O homem não é atingido da mesma forma pelo aborto. Imaginem que uma mulher passou um tempo breve com um homem e logo após a relação acabou. De repente a mulher percebe que parou de menstruar. O que ocorre na mulher? Nada é mais como antes. De repente tudo mudou. Não é mais uma menina e nem uma jovem mulher, em poucos meses será mãe. Se decidir abortar a criança será sempre sua a decisão. Não pode transferi-la para ninguém como, por exemplo, para sua mãe, mesmo que tenha apenas 14 anos.

As consequências para as crianças

Durante um congresso na Espanha, um juiz nos disse algo sobre a sua experiência com mulheres e seus filhos. Por vezes seus filhos são tão agressivos que as mães começam a ter medo deles. Chamam a polícia, pois não sabem mais como lidar com essas crianças. Ele nos contou que há cinco anos atrás ainda não tinham casos desse tipo. Quatro anos atrás havia apenas três ou quatro casos dessa espécie. Há anos eram 20, e dois anos atrás, 200. A agressividade das crianças sempre se voltava contra as mães, jamais contra os pais.

Durante o congresso, em uma constelação com uma mulher que não sabia mais como lidar com seu filho de apenas dois anos, revelou-se que a criança se acalmou imediatamente quando a criança abortada foi novamente incluída.

Para a mulher É esse o efeito que uma criança tem sobre os outros filhos, até que a mãe esteja pronta a tomá-la em seu coração e dizer a ela: "Agora você é bem-vinda. Essa criança agora teria 25 anos de idade." Imagine tudo aquilo que teria sido possível, deste modo e permita que exerça um profundo efeito sobre você, sem nenhum sentimento de autopiedade. Apenas olhe para ela. Então verá imediatamente a transformação de seus filhos. Se você olhar apenas para eles e disser: "Por vocês faço tudo, vocês vivem", nada muda. Os dois esperam que você dê o seu amor para essas outras crianças.

Para o grupo Precisamos considerar mais um ponto. Se a mãe presentear seus dois filhos vivos com o amor e a atenção que deveria existir para os quatro, os filhos vivos não saberão como lidar com isso. É demais para eles. Sufoca mais do que ajuda.

Para a mulher *É assim?*

Ela confirma.

Para o grupo Já ajudei a várias mulheres com essas observações e indicações. Quando a mulher disse às crianças abortadas, durante a constelação: "Não quis vocês", acalmaram-se imediatamente. A sua alma deseja que ela o diga.

Para a mulher Como se sente agora?

MULHER Estou calma.

SOPHIE HELLINGER Olho sempre para essas crianças. Meu amor é deles. Provavelmente também terão filhos mais tarde. Ao invés de visitar nossos filhos no cemitério, daremos a eles um lar na família, para que possam viver nele.

Para a mulher Você tem um jardim na sua casa?

Ela acena com a cabeça.

Plante duas árvores para os dois filhos em um lugar bonito. Sempre quando olhar para elas diga: "Olá." Deste modo ficarão em sua memória. O que aconteceu um dia permanecerá para sempre conosco. Agora você está com outra aparência.

As consequências para o relacionamento de casal

SOPHIE HELLINGER *para o grupo* É de grande ajuda para os homens e mulheres quando sabem o que ocorre na mulher que abortou uma criança. Essa mulher não está mais totalmente presente para o marido, pois uma parte dela permanece com a criança. Com frequência um marido que se encontra nessa situação diz a ela: "Você não está realmente disponível, está sempre em outro lugar". Não está aqui para mim.

Para a mulher É assim com seu marido?

Ela acena com a cabeça.

Para o grupo Parte dela está com estes filhos.

Para a mulher Se estas crianças forem reconhecidas, algo também poderá se modificar aqui.

Para o grupo Devemos considerar mais um ponto. Muitas mulheres trazem um olhar que revela uma grande saudade. Muitos homens se sentem atraídos por esse olhar. A saudade , porém, aponta para outra direção, muitas vezes para uma criança abortada. Por vezes um homem quer salvar a mulher. O que, no entanto, pode realmente fazer? Nada, pois esta saudade não está direcionada a ele e sim, a uma criança abortada. Quando deseja ajudá-la mesmo assim, dará mais do que a mulher poderá tomar. Deste modo o equilíbrio entre o dar e tomar se encontra em perigo. Portanto, um aborto atua em diversos níveis.

Quando um homem passa por uma experiência dessas com sua mulher, poderá compreendê-la melhor. Concorda que ela possa estar disponível apenas em parte para ele e sua família. Quando exige mais do que ela pode dar, algumas vezes a única saída para ela é deixar o marido.

Para a mulher Tudo de bom para você.

BERT HELLINGER Obrigado, Sophie, obrigado.

Aplausos no grupo.

Indicações de livros e vídeos sobre o tema crianças em apuros

Vocês podem encontrar exemplos detalhados sobre a ajuda para crianças em apuros nos seguintes livros e vídeos:

DVDs

Liebe in unserer Zeit

Schulungskurs Bad Suiza 3 DVD 4 Stunden, 31 Minuten

Liebes Kind

Lebenshilfen für Kinder und ihre Eltern

Schulungskurs in Bad Suiza 3 DVD 4 Stunden, 16 Minuten

Haltet mich, dass ich am Leben bleibe *Lõsungen für Adoptierte*

216 Seiten, 163 Abb. 2. Auflage 2001. Carl-Auer-Systeme Verlag

In der Seele an die Liebe rühren **Familien-Stellen mit Eltern und Pflegeeltern von behinderten Kindern**

120 Seiten, 80 Abb. 1998.

Carl-Auer-Systeme Verlag (vergriffen)

O outro jeito de falar

Um curso para pessoas com distúrbios de fala e seus ajudantes

146 p., 2007, Editora Atman

Histórias de amor

182 p., 2007, Editora Atman

Alie Kinder sind gut und ihre Eltern auch *Vortrag und Meditationen*

Schulungskurs in Bad Suiza

1 Stunde, 12 Minuten

Livros

Kindliche Not und kindliche Liebe

Familien-Stellen und systemische Lõsungen In Schule und

Familie.

Hrsg. Sylvia Gomez Pedra.

208 Seiten, 119 Abb. 2. korr. u. überarbeitete Auflage 2002. Carl-Auer-Systeme Verlag

Wenn ihr wüsstet, wie ich euch liebe

Wie schwierigen Kindern durch Familien-Stellen und

Festhalten geholfen werden kann.

Mit Jirina Prekop.

280 Seiten, 104 Abb. 3. Auflage 2003. Kõsel Verlag.

Dieses Buch ist auch ais Taschenbuch erschienen bei Knaur (Mens Sana)

ISBN 3-426-87250-1

Os grandes conflitos

Nota preliminar

Neste capítulo retomo ao tema da boa consciência, como ela se expressa nos grandes conflitos e o seu lado aniquilador da vida, muitas vezes com consequências fatais para muitos indivíduos e grandes grupos, com os quais os indivíduos estão ligados.

A questão é: como surgem esses conflitos? O que lhes serve de justificativa? O que nos entrega a eles?

Por outro lado, nós nos perguntamos: como podemos conduzi-los de uma forma que sirvam ao progresso e à renovação, de uma forma que, no final, nos reúna ao invés de nos separar uns dos outros?

Podemos também nos fazer a pergunta: o que devemos considerar e o que podemos fazer para que, no seu final, vivenciemos a paz e estejamos mais enriquecidos, ao invés de mais empobrecidos e, ainda, ao invés de desumanos, humanos.

Neste capítulo me limito à visão geral: o que leva a esses conflitos e como os solucionamos?

Eu descrevi e mostrei em situações concretas, em vários livros e também em vídeos e DVDs, como cada um de nós pode se expor aos grandes conflitos, evitá-los e superá-los.

Aqui uma seleção:

Indicações de publicações sobre o tema reconciliação

Livros

Conflito e Paz

Uma resposta

152 p., 2007, Editora Cultrix A paz começa na alma

As Constelações familiares a serviço da reconciliação ***213 p., 2006, Editora Atman***

Wo Ohnmacht Frieden stiftet

Familien-Stellen mit Opfern von Trauma,Schicksal und Schuld ***255 Seiten, 186 Abb. 2000.***

Carl-Auer-Systeme Verlag

Der Abschied

Nachkommen von Tãtern und Opfern stellen ihre Familie 370 Seiten, 260 Abb. 2. überarbeitete und erweiterte Auflage 2001**.**

Carl-Auer-Systeme Verlag

Rachel weint um ihre Kinder

Familien-Stellen in Israel.

Herder Verlag

Gottesgedanken

Ihre Wurzeln und ihre Wirkung. ***240 Seiten. 1. Auflage 2004.***

Kõsel Verlag

Vídeos

Wo Ohnmacht Frieden stiftet

Familien-Stellen mit Opfern von Trauma, Schicksal und Schuld ***3 Videos, 6 Stunden, 30 Minuten***

Der Krieg

Berlin 2000

1 Video, 55 Minuten (vergriffen)

Bewegungen auf Frieden hin

Lósungsperspektiven durch das Familien-Stellen bei ethnischen Konflikten

2 Videos, 4 Stunden, 30 Minuten

Bewegungen der Seele

3 Videos, 2001, 9 Stunden, 30 Minuten

Wie Versõhnung gelingt o Athen

1 Video, 1 Stunde, 37 Minuten. Deutsch/Griechisch

Familien-Stellen in Istanbul, Video 2, Der Friede.

Was die Getrennten wieder vereint

1 Video, 2 Stunden, 41 Minuten. Deutsch/Türkisch

Das Überleben überleben o Nachkommen von Überlebenden des Holocaust stellen ihre Familie

1 Video, 2 Stunden, 30 Minuten

Die Toten • Was Táter und Opfer versõhnt

1 Video, 60 Minuten

Ein weiteres Video zu diesem Thema dokumentiert einen dreitágigen Kurs in Israel im September 2002.

Nur in Englisch

DVDs

Awakening Love in the Soul

Workshop in Tel Aviv, Israel

5 Videos, 10 Stunden, 50 Minuten

Wo Ohnmacht Frieden stiftet

Familien-Stellen mit Opfern von Trauma, Schicksal und Schuld

3 DVDs, 5 Stunden, 54 Minuten

Wie Versõhnung gelingt

1 DVD, 95 Minuten

Die Anhaftung der Toten

1 DVD, 95 Minuten

Der Krieg

1 DVD, 55 Minuten

O grande conflito

A vontade de extermínio

Todo grande conflito pretende remover algo do caminho e, em última análise, destruí-lo. Por trás desses conflitos atua uma vontade de extermínio. De que forças ou medos ela se alimenta? Ela se nutre, principalmente, da vontade de sobreviver. Quando nossa vida é ameaçada, reagimos com a fuga para não sermos exterminados por um outro ou pela agressão, tentando liquidar o outro ou, pelo menos, colocá-lo em fuga. Tirar o adversário do caminho é o extremo da vontade de extermínio.

O que importa nisso não é apenas, via de regra, liquidar o outro, mas também incorporá-lo e apropriar-se do que ele possui. Isso também está a serviço da sobrevivência. Horrorizamo-nos com o canibalismo, contudo, apenas na aparência. Pois ainda existem situações em que os seres humanos asseguram sua sobrevivência à custa de outros seres. Muitas vezes, a assimilação do que foi exterminado por nós é inevitável para nossa sobrevivência. É verdade que nos alimentamos também dos frutos da natureza, mas isso também exige o sacrifício de outros seres, principalmente de animais.

Portanto, esses conflitos - principalmente os mortais - são desumanos? Em caso de extrema necessidade, não podemos evitá-los.

Uma vez que esses conflitos, embora assegurem a sobrevivência também a colocam em risco, desde o início os homens sempre lançaram mão de meios pacíficos para resolvê-los, por exemplo, através de acordos, fronteiras bem definidas, associação de grupos menores sob uma jurisdição comum e por meio de leis. A regulamentação jurídica mantém os conflitos mortais dentro de certos limites, principalmente porque o monopólio da força pelo governante impede a solução violenta de conflitos pelos indivíduos ou por grupos subordinados.

Essa ordem é exterior. Ela se baseia, por um lado, no consenso mas, por outro, também e principalmente, no medo da punição, que pode chegar à pena de morte ou de exclusão da comunidade. Essa ordem, que é imposta pela força, é simultaneamente conflito e luta. Mas esse conflito é administrado de modo a servir à sobrevivência do grupo e de seus membros individuais.

Assim, a ordem jurídica estabelece limites à vontade pessoal de extermínio e protege os indivíduos e os grupos contra as irrupções dessa vontade. Quando esses limites deixam de existir, como acontece na guerra, ou quando o poder da ordem desmorona, como nas revoluções, irrompe de novo a vontade original de extermínio, com suas terríveis consequências.

A transferência da vontade de extermínio

No interior dos grupos em que a ordem jurídica protege o indivíduo contra a vontade de extermínio de seus semelhantes e da sua própria, essa vontade se move, às vezes, para outras áreas. Por exemplo, manifesta-se em disputas políticas, mas também em muitas disputas científicas e ideológicas.

Que nessas áreas também atua frequentemente uma vontade de extermínio é o que vemos sempre que abandonamos a objetividade. Em vez de buscarmos juntos a melhor solução, pela observação e pela comprovação objetiva, procuramos difamar os representantes do partido ou da tendência contrária, muitas vezes com calúnias e ofensas. Tais agressões pouco diferem da vontade física de extermínio. Pelo seu sentimento e pela sua intenção, elas visam à destruição do outro, pelo menos moralmente, declarando-o um inimigo do grupo, com todas as inevitáveis consequências.

Pode o indivíduo proteger-se contra isso? Ele está entregue ao conflito, mesmo que não intervenha nele. Contudo, existe o perigo de que, ao reagir a tais agressões, ele também sinta igual vontade de extermínio e dificilmente consiga resguardar-se dela.

A justiça

Essas disputas tiram sua energia, não apenas da vontade de extermínio mas também de uma necessidade, comum a todos os seres humanos de equilíbrio entre o dar e o tomar, entre ganhos e perdas. Nós a conhecemos também como necessidade de justiça. Só teremos paz quando alcançarmos esse equilíbrio, por isso a justiça é para nós um bem altamente valioso.

Mas isso acontece em todos os casos ou apenas em determinado contexto, quando se trata da compensação de um bem? Pois a necessidade de justiça tem consequências totalmente diversas, quando se trata de perdas e danos.

Esclareço com um exemplo. Quando alguém nos faz algum mal, planejamos vingança. Isto é, para compensar queremos causar um mal também a essa pessoa. Por um lado, pela necessidade de compensação - aqui seria pela necessidade de justiça. Por outro lado, porém, também nos impele a vontade de sobrevivência e extermínio. Queremos impedir que o outro nos torne a ferir e causar danos. Por isso, ao nos vingarmos, ultrapassamos a necessidade de compensação e justiça e causamos mais sofrimento e dano ao outro do que ele nos causou. Mas ele também quer vingança e assim o conflito entre nós nunca tem fim.

A justiça torna-se aqui um pretexto para a vingança. Em nome da justiça, faz-se valer novamente a vontade de extermínio.

A consciência

Ainda uma outra coisa estimula o conflito: é algo que julgamos bom e que, não obstante, produz o mal. É a boa consciência. Tal como a justiça, também a boa consciência é atrelada, como um cavalo, ao coche da vontade de extermínio, pois sempre que alguém se julga melhor do que outros, achando-se no direito de fazer-lhes mal, age sob a influência de sua consciência, com boa consciência. Essa consciência é realmente sua? Ela é a consciência da família e do grupo que assegura a sobrevivência do indivíduo. É a consciência de um grupo que defende a própria sobrevivência, no conflito com outros grupos, por meio de uma vontade de extermínio. Essa consciência, que é considerada por muitos como algo sagrado, santifica os ataques a pessoas que pensam ou agem de modo diferente e mesmo o extermínio delas. Daí nascem as “guerras santas", tanto nos campos de batalha quanto no interior dos grupos, onde os que pensam e agem de maneira diferente são vistos como um perigo para a união desses grupos. Como numa guerra, também aqui todos os meios para tal fim são justificados e santificados pela boa consciência. Por isso, todo apelo à consciência ou à honestidade de tais agressores é inútil e esvazia-se; não porque sejam maus, mas porque têm uma boa consciência e julgam combater por uma boa causa.

Por outro lado, quem apela para a consciência deles o faz sob a influência de uma outra consciência, de sua própria boa consciência, e corre o risco de recorrer, com o seu incentivo, aos mesmos recursos dos agressores. Por isso são vãs as tentativas de resolver os grandes conflitos, apelando à justiça e à boa consciência.

A ameaça do novo

Tudo o que abala as tradições é sentido como ameaça, tanto pela consciência individual quanto pela consciência do grupo, se é que podemos diferenciar as duas pois, afinal de contas, toda consciência é a consciência de um grupo. O que é novo ameaça a coesão desse grupo e, consequentemente a sua sobrevivência em sua forma atual, pois quando um grupo abre espaço ao novo, precisa reorganizar-se para não se dissolver.

Por esse motivo, muitas ideologias políticas desmoronaram depois de algum tempo, por não poder resistir duradouramente à percepção da realidade, a exemplo do comunismo. Isso, porém, só ocorreu depois que muitos que apontaram para o caráter ilusório dessas ideologias foram executados em nome da sobrevivência desses grupos ou condenados à morte de outras maneiras, por exemplo, por fomes decorrentes da aplicação dessas ideologias.

Somente quando os grupos que apoiam as novas com- preensões ficam suficientemente fortes para proteger seus integrantes contra a vontade de extermínio dos velhos grupos é que seus adeptos se sentem seguros da própria vida. Quem se aventura cedo demais está ameaçado. O exemplo de muitos hereges e outros dissidentes nos serve de advertência.

Entretanto, os que crucificaram hereges ou os queimaram em praça pública eram maus por causa disso? Eles lutavam pela sobrevivência do grupo; portanto, pela sua própria. Sua vontade de extermínio estava a serviço dessa sobrevivência e agiam com boa consciência.

A internalização do rejeitado

Quando alguém, sob a influência de sua boa consciência, rejeita alguém - não importam os motivos uma outra instância anímica força-o a dar ao rejeitado um lugar na sua alma. Isso se mostra na medida em que passa a sentir em si algo que rejeitou no outro - por exemplo, sua agressão. Porém, o alvo dessa agressão muda, ela não se volta contra o agressor que ele rejeitou mas contra outras pessoas que associa ao agressor, sem que o sejam. Com isso, fica-lhe oculto que se trata apenas de uma transferência, entretanto o impulso é o mesmo.

Contudo, de uma maneira estranha e compensadora, uma instância interior oculta leva essa boa consciência a ferir-se com a própria arma e fracassar.

Nesse contexto existe ainda uma transferência. Em seu estudo sobre as projeções, Freud fala também de um outro tipo de transferência, pela qual combatemos numa outra pessoa aquilo que rejeitamos e negamos em nós mesmos.

Outro modo de transferência se mostra quando os filhos incorporam em seu comportamento algo rejeitado por seus pais. É o que se percebe, muitas vezes, nos radicais da direita. Muitas vezes, através de seu radicalismo, prestam uma homenagem ao pai rejeitado ou desprezado pela mãe. Vemos isso também em muitos que combatem os radicais de direita. Eles o fazem com a mesma agressão e os mesmos meios, todos porém igualmente com boa consciência.

O campo

A imagem de campo nos permite entender melhor esses contextos. Rupert Sheldrake fala de um campo espiritual ou de um espírito ampliado, que chamou de *extended mind*. Ele observou que existe uma comunicação entre seres vivos que somente podemos entender quando admitimos a presença de um campo espiritual, em cujos limites esses seres se mantêm e se movem. Como poderia explicar-se, de outra maneira, que um animal encontra exatamente a planta de que precisa para aliviar um sintoma físico ou que um cão sabe quando seu dono está voltando para casa? Somente a admissão desse campo comum permite compreender também os fenômenos manifestados nas Constelações familiares: por exemplo, que os representantes de algum membro da família, quando colocados uns em relação aos outros, de repente passam a sentir-se como aquela pessoa que representam, embora nada saibam a seu respeito.

Neste campo todos estão em ressonância entre si. Ninguém e nada pode escapar-lhe. Até mesmo o passado e os mortos continuam nele, presentes e atuantes. Por isso, todas as tentativas de excluir uma pessoa ou de livrar-se dela são fadadas ao fracasso. Pelo contrário, o que foi excluído, desprezado ou exterminado ganha mais poder nesse campo com as tentativas de eliminá-lo. Quanto mais se tenta eliminá-lo, tanto mais fortemente ele atua. O campo fica perturbado e em desordem até que também o reprimido seja reconhecido e receba o lugar que lhe cabe.

Campo e consciência

Podemos entender melhor os modos de atuação da consciência levando em consideração a associação com os campos espirituais. Então fica evidente que nos movemos em diferentes campos e, por essa razão, também temos diferentes consciências. As reações da consciência nos mostram como atua um determinado campo, quem é incluído por ele, quem e o quê dele é excluído ou reprimido.

Assim, a influência da boa consciência polariza o campo. Isto significa, que apenas uma parte do campo - aplicada às relações humanas - apenas uma parte das pessoas que o integram, são reconhecidas como pertencentes. Na linguagem da consciência, os que são admitidos são os bons. Mas "bom" no sentido da consciência, é apenas quem rejeita e exclui o diferente. Entretanto, o que foi reprimido ou excluído não pode ser expulso do campo; pelo contrário, reforça-se nele. Por consequência, o que foi reprimido coloca sob uma pressão crescente os pretensos "bons". Isso se mostra porque estão constantemente se defendendo contra o pretenso mau em sua alma e em seu entorno. Nessa luta contra a sombra de sua luz eles se consomem, até que se esgote sua força e eles cedam lugar ao "mau" ou sucumbam a ele. Entretanto, sem respeitá-lo, sentindo-se derrotados e com má consciência.

Qual é, portanto, o grande conflito? É o conflito entre a boa e a má consciência. Daí nascem os conflitos mais implacáveis entre os grupos e dentro da própria alma.

O delírio

Sob a influência da boa consciência e da irresistível necessidade de pertencer, nasce um movimento dotado de um zelo cego. Ele desperta, por um lado, um sentimento exaltado de inocência, boa consciência e vinculação ao próprio grupo e volta-se cegamente contra outros. Esse movimento leva a uma disposição de morrer, associada a uma vontade de extermínio contra outros, sem que outros entrem no campo de visão como seres humanos. Eles são sacrificados anonimamente ao paroxismo dessa exaltação, como alimento para um ídolo cego, e são assassinados em sua homenagem. Por isso, o grande e, ao mesmo tempo, insensato conflito retira a sua força de tal delírio.

Nesse delírio, naturalmente existem graus, mas o movimento básico é o mesmo. Nele a individualidade se dissolve na coletividade anônima, e a boa consciência induz a um sentimento de superioridade em relação a outros grupos. Este é o movimento que conduz à exaltação, onde a verdade é diminuída ou mesmo abolida, assumindo traços delirantes.

Quem se retira da multidão dos exaltados e volta à razão não colabora mais com o grande conflito, já não se deixa seduzir por ele, mas corre o perigo de voltar contra si os exaltados, como se fosse um traidor, tornando-se vítima do conflito. E por que razão? Porque já não tem a boa consciência dos demais.

Resumo

Os grandes conflitos começam na alma, sob a influência da boa consciência. A eles são sacrificadas, muitas vezes, a própria vida e a de muitos outros. Dessa forma, os grandes conflitos se tornam algo sagrado para a alma, sim, algo divino, ao qual, de bom grado, oferecem-se os maiores e mais extremos sacrifícios - mas apenas ao próprio deus particular. Por isso, os grandes conflitos estão a serviço desse deus. São iniciados e recompensados por ele. Como? Sobretudo depois da morte, pois a vida das vítimas é o alimento que lhe é constantemente oferecido. Ela glorifica esse deus no grupo e assegura a sua dominação sobre ele.

Existe alguma saída para nós? Vou procurá-la no próximo capítulo.

A grande paz

O amor

Além dos conflitos que nascem, em grande número, da boa consciência e da vontade de sobrevivência, existe também entre os seres humanos um movimento para aproximar-se dos semelhantes, um anseio de ligação com eles, a curiosidade e o desejo de melhor conhecimento mútuo.

Este movimento começa com o amor entre o homem e a mulher, quando provêm de famílias diferentes. Por intermédio do novo casal, essas famílias se aproximam e formam um clã, em cujas fronteiras reina a paz.

O intercâmbio

Outro caminho que leva diferentes famílias e grupos a se aproximarem, superando o temor recíproco, é o intercâmbio entre o dar e o tomar. Ele traz vantagens a ambos os lados, unindo-os mais intimamente entre si. Às vezes esses grupos também se associam contra a ameaça de outros grupos, procurando assegurar juntos suas chances de sobrevivência.

Quando necessitam de aliados num conflito, eles se associam contra um inimigo externo comum, intensificando assim o seu intercâmbio e a coesão mútua. Dessa maneira, a ameaça proveniente de um inimigo externo contribui para a paz interior.

A consciência

Paralelamente, esse grupo desenvolve uma consciência comum, sob cuja influência seus membros se distinguem daqueles que estão fora deste grupo. Essa consciência faz com que se sintam melhores do que os outros e os depreciem. Tudo o que está a serviço do próprio grupo e é exigido como condição para fazer parte dele é recompensado pela consciência com o sentimento de ser bom e de ser melhor.

Nesse contexto, todas as ações empreendidas contra outros para reforçar a distinção e a proteção contra eles, inclusive os sentimentos agressivos que aumentam a disposição para a luta e o conflito, são aprovados e recompensados pela consciência. A paz no interior do grupo e a boa consciência que a garante são condições para o bom êxito na condução dos conflitos contra o exterior.

A impotência

Como se alcança, então, a paz entre grupos em conflito? Geralmente, apenas quando ambos os lados já não suportam, quando esgotaram suas forças, com a condição de serem equiparados e perceberem que a continuação do conflito só lhes traz perdas. Então fazem a paz. Traçam novas fronteiras, respeitam-nas de comum acordo. Depois de algum tempo, recomeçam o intercâmbio do dar e do tomar ou, até mesmo, associam-se, para constituir um todo maior.

O triunfo

O que acontece, porém, quando um grupo vence e subjuga outro que antes talvez tentara exterminar? Depois da vitória, o grupo vencedor perde sua coesão interna e o grupo dominado volta a afirmar-se. Com o triunfo, começam, portanto, a dissolução do grupo vencedor e o seu declínio.

A compreensão

Descrevi isso, até aqui, numa perspectiva mais ampla e em traços essenciais. Como em outras coisas da vida, essa generalização não faz justiça à multiplicidade da realidade concreta. Também não se trata disso. Vistas do exterior, a guerra e a paz, em sua alternância e em sua dependência recíproca, aparecem como um destino inevitável. E continuarão a sê-lo, enquanto as conexões mais profundas entre a guerra e a paz em nossa alma permanecerem inconscientes e, portanto, indisponíveis para compreensões essenciais.

Uma dessas compreensões é que todo grande conflito termina em fracasso. Por que forçosamente fracassa? Porque nega o que é evidente e porque projeta no exterior o que só pode ser resolvido na própria alma.

Com isso não quero dizer que todos os conflitos podem ser resolvidos dessa maneira ou que podemos viver sem eles. Os conflitos são parte integrante da evolução dos indivíduos e dos grupos. Entretanto, por meio das compreensões essenciais, eles podem ser resolvidos de outra maneira, com mais cuidado e com o reconhecimento das diferentes necessidades e dos limites impostos às soluções adotadas em comum. Em última instância, toda paz é alcançada através de alguma renúncia.

A paz interior

O indivíduo sente permanentemente em si o conflito entre diferentes emoções, necessidades e instintos. Embora importantes, eles só podem impor-se e alcançar suas metas à medida que se respeitarem e se compatibilizarem entre si. Nesse processo eles ganham algo, mas também precisam renunciar a algo, pelo bem do todo maior. Quando eles estão balanceados entre si, sentimo-nos bons e em paz. Mas enquanto estiverem em conflito, permanecendo indefinidos seus limites e suas possibilidades, sentimo-nos mal e, eventualmente, nervosos, estressados e doentes.

A questão é: trata-se aqui de um conflito interno ou a internalização de um conflito externo? Trata-se da projeção externa de um conflito interno. Para esclarecer essa interação entre o exterior e o interior, retorno à imagem dos campos espirituais.

A paz num campo espiritual pressupõe que todos os que o integram sejam igualmente reconhecidos como tais. Isto só acontece quando os denominados bons compreenderam o lado mau e perigoso de sua boa consciência. Só então podem ultrapassar os limites da boa consciência, mesmo que seja com um sentimento de culpa e de má consciência. Só então podem conceder ao que rejeitaram, de modo especial às pessoas rejeitadas, um lugar com os mesmos direitos nesse campo.

A percepção

No interior de um campo é limitada a visão de seus integrantes, e os padrões se repetem, inclusive os padrões humanos de comportamento. Isso acontece, sobretudo, porque os rejeitados também rejeitam, com boa consciência, aqueles que os rejeitaram. O conflito entre os dois lados reduz-se a um

conflito entre duas boas consciências que se opõem. Ambos os lados são limitados, e cada um deles imagina que vencerá o outro e se livrará dele. Por isso a roda do conflito gira de uma maneira em que, alternadamente, os "bons" são vistos como "maus" e vice- versa.

Rupert Sheldrake observou que um campo só pode mudar se é colocado em movimento por um novo impulso externo. Este impulso é algo espiritual, isto é, provém de uma nova compreensão. Inicialmente o campo se defende contra ela e procura reprimi-la. Mas quando ela se apossa de um número suficiente de seus integrantes, o campo põe-se em movimento como um todo. Então, pode abrir-se às novas compreensões, deixar para trás algo superado e mudar seu comportamento.

Uma nova compreensão seria, por exemplo, a percepção de que os grandes conflitos têm suas raízes na boa consciência e tiram dela suas energias agressivas.

Outra compreensão nova resultou da evolução do trabalho com as Constelações familiares e seu desenvolvimento, o acompanhamento dos movimentos da alma. Verificou-se que, quando damos aos representantes, numa constelação familiar, tempo suficiente para se centrarem e não interferimos, de repente eles são tomados por um movimento que se desenvolve sempre na mesma direção, no sentido de conectar, num nível superior, o que até então estava separado. Com isso, esses movimentos da alma nos proporcionam um caminho de conhecimento em cujo termo os grandes conflitos perdem a sua fascinação e o seu sentido. Pois esses movimentos ultrapassam os limites da boa consciência e, consequentemente, os limites do próprio grupo. Eles juntam numa unidade maior os lados até então separados, e isso os enriquece e faz progredir.

A outra consciência

No nível dos movimentos da alma atua uma outra consciência. À semelhança de nossa consciência habitual, que percebemos em termos de culpa e inocência, essa outra consciência que nos faz transpor os limites de nosso grupo e sintonizar com algo maior, congregando numa unidade e num patamar superior os lados opostos, também se deixa perceber por meio do sentimento. Isso só ocorre, porém, quando já progredimos um pouco no caminho que vai além de nossa consciência habitual. Essa outra consciência se torna perceptível por meio da paz ou da intranquilidade; da serenidade centrada ou de um sentimento de desorientação, precipitação e recusa de saber. De resto, quando perdemos o centramento interior recaímos no domínio da boa e da má consciência. Estar em sintonia significa estar harmonizado com muitos, com todos, em definitivo, e não ser inimigo de ninguém. Na esfera da boa consciência, pelo contrário, uno-me a um dos lados e estou em conflito com o outro, até a vontade de extermínio.

Ingressar na esfera dessa outra consciência significa, portanto, abandonar as imagens de inimizade. Nesse nível continua havendo conflitos - eles são inerentes ao crescimento e ao desenvolvimento, - mas sem imagens de inimizade e sem a vontade de extermínio e, sobretudo, sem exaltação e sem zelo.

Onde começa, portanto, a grande paz? Ela começa onde termina a vontade de extermínio, seja como for que o justifiquemos, e onde o indivíduo reconhece que não existem seres humanos melhores e piores. Todos estão emaranhados de seu modo particular, nem mais nem menos do que nós. Neste sentido, somos todos iguais.

Quando sabemos e reconhecemos isso, quando sabemos que nossa consciência tolhe a nossa liberdade, podemos nos aproximar uns dos outros sem arrogância. Respeitando os limites que nos são impostos, podemos olhar mais longe e ultrapassar nossa boa consciência anterior, para nos encontrarmos mutuamente em algo maior. Aí começa a grande paz.

O outro amor

O caminho para essa paz é preparado por um outro amor, que leva a transpor os limites da boa consciência. Jesus descreveu esse caminho quando disse: "Sede compassivos como meu pai no céu, que faz brilhar o sol sobre bons e maus e faz chover sobre justos e injustos."

Esse amor por todos, tais como são, é o outro amor, o grande amor que está além do bem e do mal, além dos grandes conflitos.

Paz aos povos

Há alguns anos atrás viajei de trem com o meu amigo Zenon, de Breslau a Krakau, na Polônia. Eu lhe pedira: "Conte-me algo sobre Krakau." Ele disse: "Lá existiu uma grande comunidade judaica. Aproximadamente um terço da população era judia. Nas proximidades também estava o grande distrito da Galícia que era habitado principalmente por judeus. Contudo, todos foram embora."

Então imaginei essa cidade de Krakau. Eu vi, em uma imagem interna: ao redor de toda a cidade estão muitas pessoas que querem entrar, mas não podem.

Dei um curso em Krakau. Na manhã depois do curso, disse: "Gostaria muito de ir até o bairro judeu." Então fomos juntos. Lá, tudo ainda estava intacto. Ainda existia a sinagoga, muitas inscrições hebraicas sobre as lojas, mas não havia mais nenhum judeu. Olhei através das janelas e vi muitos rostos. Os seus olhos estavam cheios de lágrimas.

Na mesma noite dei uma palestra em Kattowitz. Estavam presentes mais de 100 pessoas. Contei isso a eles e disse: "A minha imagem é que os judeus estão faltando na alma dos poloneses. Isto é sentido na alma. Essa alma somente vai se curar, quando esses judeus - todos eles também eram poloneses - receberem um lugar na alma da atual Polônia."

Ao mesmo tempo viajamos também através da Silésia. Senti exatamente como os silesianos estão faltando. Eles faltam aos poloneses. Não que agora precisem ou devam regressar, mas precisam receber um lugar na alma dos poloneses. Dessa forma a alma deles estará completa.

Eu ouvi que lá existem determinados conflitos entre os descendentes dos silesianos e dos poloneses, mas talvez o que disse agora seja um passo importante para a solução.

Na verdade, trabalhei muito com tais situações onde existiam conflitos entre povos e conflitos entre grandes grupos. Sobretudo, é claro, entre **judeus e alemães,** mas também entre **alemães e russos** e, na Palestina, entre **israelitas e palestinos.** Também trabalhei em outros países nesse sentido, por exemplo, no ano passado, na Nicarágua. Depois da guerra civil eles têm necessidade de uma solução, de um recomeço.

Vou contar o exemplo da **Nicarágua.** Lá existiu o ditador Somoza, que dominou de forma cruel. Então um se levantou contra ele, o seu nome era Sandino. Ele foi assassinado por Somoza. Após isso formou-se o movimento dos sandinistas. Eles se rebelaram contra Somoza e ganharam. Entretanto, eram tão cruéis quanto o Somoza. Ele foi assassinado no exílio.

Então coloquei um representante para Somoza e um representante para Sandino. Ambos os representantes não eram da Nicarágua, eram da Espanha. Desta forma, às vezes, pode ocorrer de maneira mais leve porque não estão comprometidos. Eles se dirigiram um até o outro lentamente, de punhos erguidos. Então coloquei entre eles representantes para os mortos, isto é, para os mortos de ambos os lados. Somoza e Sandino deixaram cair as suas mãos e olharam juntos para os mortos. Depois coloquei uma representante para Nicarágua. Ela gritou de dor e se deitou junto aos mortos. Então o representante de Somoza se ajoelhou, dirigiu-se, ajoelhado para o outro lado e deitou-se ao lado deles. O representante de Sandino também se ajoelhou, foi deslizando ao redor dos mortos e se deitou ao lado de Somoza. Era como se os dois quisessem descansar no mesmo túmulo junto com os mortos.

Depois disso, coloquei representantes para os descendentes e para os partidários de Somoza e representantes para os descendentes e partidários de Sandino. Eles se dirigiram uns aos outros e alcançaram as suas mãos. Então deixei que a representante da Nicarágua se levantasse e a coloquei no meio deles. Aqui a Nicarágua respirou aliviada.

Portanto, o que precede à reconciliação? Todos olham para os mortos de ambos os lados e fazem o luto conjunto: sem censuras, somente o luto. Isto tem um efeito que cura.

O que o efeito que cura tem? Finalmente pode ficar no passado. Essa é a solução. Aqui ninguém mais está excluído. Não existem mais os maus e nem agressores e vítimas - todos são apenas seres humanos, todos iguais. Depois todos têm um futuro conjunto.

A religião espiritual

Nota preliminar

As religiões exercem um papel fundamental nas relações humanas. São principalmente elas que mantêm juntos os grandes grupos. São para seus seguidores tal como uma família ampliada, na qual todos se sentem pertencentes de modo abrangente, mesmo para além da vida. Elas oferecem proteção e transmitem-lhes esperança, o que lhes permite carregar e suportar mais facilmente os percalços de sua vida.

Por serem tão importantes, as religiões são defendidas também diante de outras religiões. Por isso atuam nelas os mesmos movimentos de coesão e exclusão, tal como o experimentamos em relação a todos os grandes conflitos. Por estabelecerem limites para si e para outros, restringem o nosso espaço, enquanto comunidades religiosas.

Em seu sentido original, a religião se refere ao vínculo pessoal que estabelecemos com as forças espirituais que nos sustentam, pelas quais nos sentimos guiados e sustentados. Desejamos entrar em sintonia com os seus movimentos, pois sentimos que a nossa existência se baseia nessas forças espirituais, que nossos movimentos mais íntimos são orientados por elas e apenas nelas alcançam paz. Essa religião pessoal é um movimento profundamente espiritual.

Os próximos capítulos nos conduzirão a esses movimentos espirituais, envolvendo amplas consequências para os nossos relacionamentos. Eles também pertencem a Hellinger Sciencia. Esses capítulos ainda mostram as dimensões para quais nos conduzem dentro da religião e das religiões.

Examino há muitos anos os efeitos do antissemitismo, tanto em relação aos cristãos como aos judeus. Queria saber como o antissemitismo começou, quais as suas raízes. Queria saber principalmente como poderia ser superado de modo conciliador, na alma cristã. Vocês encontrarão o resultado, para mim um tanto surpreendente, no capítulo: Jesus e Caifás.

O amor de Deus

O amor de Deus pode ter dois significados: o amor de Deus em relação a nós e nosso amor em relação a ele.

No antigo testamento, este amor a Deus é um mandamento: “Deves amar o senhor teu Deus de todo coração, com toda tua alma e com todas tuas forças." O que isso significava na prática naquela época? Significava: deves seguir os mandamentos de Deus de todo coração, com toda tua alma e com todas tuas forças.

Que mandamentos? Eram mandamentos divinos ou mandamentos humanos? Quem pronunciou tais mandamentos, em nome de Deus? Foi Deus que os incumbiu com essa tarefa? Que Deus? Será que realmente incumbiu o povo de Israel com o seguinte mandamento, quando esse invadiu Canaã: “Matem todos: homens, mulheres, crianças e animais - tal como um holocausto oferendado a Javé?" E será que aqueles que sentiram compaixão pelos outros realmente transgrediram o mandamento divino e o amor por Deus?

Mas o que acontece se esses mandamentos se revelam ser leis humanas? Mandamentos de seres humanos que se autonomeavam mensageiros de Deus, sem que os fossem realmente? Qual é então o efeito desse "amor por Deus de todo coração, com toda alma e todas as forças”? Será que não nos afasta de Deus? Será que não se contrapõe a Deus e ao que é humano?

Situações similares são encontradas sempre onde seres humanos se sentem representantes de Deus ou veem a si mesmos como escolhidos por Deus. Eles se remetem a Deus, como se Ele estivesse do seu lado e pertencesse exclusivamente a eles. Nesse caso, tanto faz o nome que é dado a Deus. Algumas vezes, “em nome de Deus" é substituído por "em nome da verdade", "em nome da ciência", "em nome do povo" ou "em nome da pátria".

O amor que esse Deus exige através de seus mensageiros é sempre o mesmo: "De todo coração, com toda alma, com todas as forças." Esse amor se comprova através da obediência a esses mensageiros, na lealdade a eles e no cumprimento de seus mandamentos e ordens. E é desumano para aqueles contra o qual esse amor é direcionado.

Também podemos ver o mandamento do amor de Deus de outro modo: “amarás o teu próximo como a ti mesmo”. Nesse sentido poderíamos dizer, por exemplo: "Quando amas teu próximo assim como a ti mesmo, então também amas a Deus de todo coração, com toda a alma e com todas as suas forças." Desse modo esse Deus não seria mais apenas meu Deus e sim o Deus de todos. Neste sentido, nenhum mensageiro poderia remeter-se a ele quando nos convoca em nome de Deus a lutarmos contra outros seres humanos.

Mas por que, na realidade, o mandamento em relação ao amor ao próximo continua sem forças? Pois o Deus que impõe esse amor permanece o Deus de um único povo e porque o próximo, aqui mencionado, muitas vezes se restringe apenas ao próximo dentro do próprio grupo. Precisamos apenas imaginar o tamanho da reviravolta, caso formulássemos o mandamento do amor acrescentando: "Amarás o povo de teu próximo assim como o teu, e a religião de teu próximo, assim como a tua". Desse modo ninguém mais poderia reivindicar Deus como se fosse propriedade sua. Estaria fora do nosso alcance.

Mas será que podemos e devemos amar a Deus? É um parceiro nosso que deseja ou necessita do nosso amor? Será que o nosso amor realmente pode lhe dar algo? Ou será que o aproximamos de nós através desse amor, apossando-nos dele através desse amor? Talvez até mesmo o obrigamos a se comprometer conosco através de nosso amor, subjugando-o. Será que esse Deus não se torna um Deus segundo a nossa imagem, um Deus nulo, assim como essa imagem?

Nossa experiência humana revela que o segredo por trás de nosso mundo, por trás de nosso destino e por trás da vida e da morte permanece fora de nosso alcance. Não podemos nem saber nem tomar posse desse segredo. Só o fato de denominarmos de Deus esse algo velado é uma tentativa nesse sentido, sobretudo porque o imaginamos como uma pessoa com qualidades humanas, tais como amor ou mágoa ou fervor ou decepção.

E mesmo assim nos experimentamos protegidos por poderes fora de nosso alcance, cuidados, guiados,

tomados a serviço e, desse modo, também amados. Confiamos nessas forças, detemo-nos diante delas e nos sentimos sustentados por elas em nossa impotência. Permanecer nesse sentimento sem desejar possui-lo, entregues sem que nos movimentemos por iniciativa própria - é isso que significa a real experiência religiosa. Ela é sem Deus, pois reconhece tudo que associamos ao nome de Deus como fora de nosso alcance. Olha para a escuridão sem enxergar.

Nesse sentimento tudo o que é como é possui o lugar que é seu de direito, faz parte da minha existência. Encontro-me profundamente vinculado a ele, porém sem querer alguma coisa. Estou simplesmente aqui com ele.

Isto, no entanto, é amor. Aproxima-se ao máximo daquilo a que muitos se referiram e que muitos experimentaram profundamente, a partir de seu amor por Deus.

Deus e os deuses

Existem muitos deuses e eles são diferentes. Justamente por se diferenciarem é que existem vários deuses. Cada um tem algo a mais ou a menos do que os outros deuses ou as outras deusas, pois os deuses também se diferenciam através de seu sexo.

Os deuses estão aqui por algum propósito. Têm uma tarefa e possuem uma habilidade especial para cumprirem essa tarefa. Por isso, são chamados e requisitados de acordo com a sua tarefa e habilidade. No Cristianismo, os santos assumiram as tarefas dos deuses, ocupando o seu lugar, ressuscitando-os.

O Deus judaico e o Deus cristão são também somente um, entre outros. Este Deus também possui uma tarefa e é responsável por um âmbito específico. Como, por exemplo, pelo povo eleito ou pelos seus fiéis. Ele também tem sexo e quando impõe: "Não terás outro Deus semelhante a mim", coloca-se no mesmo patamar, pois apenas sendo um deles é que pode sentir ciúmes em relação a eles. O mesmo se aplica ao "Deus verdadeiro." Por ser verdadeiro, ele se distingue, tornando-se um entre muitos. O Deus que se revela também pode ser apenas um entre outros, necessita de alguém através do qual possa falar e já por isso se revela limitado.

A pergunta é: então o que nos resta, em relação a Deus? A resposta é: Nada.

Será que não devemos ter medo ao dizer algo assim? Mas, por quê? Precisamos ter medo apenas dos deuses. Apenas os deuses podem se sentir ameaçados. E é exatamente por isso que se revelam não-existentes.

A pergunta é: existe algo por trás dos deuses? Algo em cujo lugar nós os colocamos? Não sabemos. Isso nos permanece oculto. Mesmo assim, quando nos despedimos dos deuses, ficamos abertos para esse algo diferente. Essa despedida encontra-se principalmente a serviço da paz. As pessoas se distinguem essencialmente uma das outras através de seus deuses. Travam guerras umas contra as outras em seu nome, independentemente de quem esteja sendo venerado, nesse momento.

Os deuses são principalmente os deuses de um grupo. Na sua ausência e quando deles nos despedimos, tornamo-nos indivíduos e podemos ir ao encontro das outras pessoas, como indivíduos, de igual para igual. Porém, o mesmo tempo, ficamos abertos para algo que é comum a todos e que, justamente por não podermos nominá-lo, nos conecta um ao outro de modo humilde.

À semelhança de Deus

Em Gênesis do Antigo Testamento está escrito: "Deus criou Adão, o primeiro homem, à sua semelhança." Por isso, quando o homem olha para si e para outros homens enxerga neles a imagem de Deus. Isto também significa que vê Deus em si mesmo. Sendo assim fala com Deus, tal como fala com um ser humano e espera que Deus lhe responda e sinta como um ser humano. A consequência desta citação bíblica é exatamente o contrário do que parece. Ela implica que o homem criou Deus à sua semelhança. Sendo assim, semelhante a Deus não significa que o homem é semelhante a Deus e sim, o contrário: Deus é semelhante ao homem. Também poderíamos dizer: sem o homem, esse Deus não existiria.

O que fazemos conosco e o que aconteceu conosco para que criássemos esse Deus à nossa semelhança? Nós usamos essa noção de Deus como motivação para ações, das mais sublimes às mais incompreensíveis. Por exemplo, julgamos outros em nome do nosso Deus, nós os condenamos e

esperamos que Deus execute o nosso desejo, vingando-se deles. Por isso, enquanto nós o segurarmos como nosso Deus, não nos desenvolveremos para além dessas emoções e não seremos capazes de sentir compaixão de modo realmente humano. Por isto esse Deus não é apenas humano, mas também nos torna desumanos.

Mas esse Deus também não é o amor? Talvez a pergunta seja: que tipo de amor e a que preço? Com que temor e quanto tremor?

Nós nos tornamos mais humanos sem esse tipo de Deus.

O outro Deus

O outro Deus - caso exista - é diferente do Deus que nos criou à sua semelhança e que nós criamos à nossa semelhança.

E obvio que ao dizer algo dessa espécie, acabo também criando o outro Deus segundo uma imagem, até mesmo segundo a minha imagem. Por isso, essa imagem é tão equivocada como todas as outras. Pois como poderíamos - caso ele exista - criar uma imagem a seu respeito ou daquilo que intuímos atuar de modo poderoso, por trás de tudo? Mas não é disso que se trata aqui.

Trata-se do efeito que uma ou outra imagem possa ter em nossa alma, principalmente de como essas imagens atuam na convivência humana.

Podemos fazer ainda uma terceira pergunta: qual é

o efeito quando renunciamos a toda e qualquer imagem de Deus, por termos consciência de nossa impotência e de nossos limites, no que diz respeito a Deus? Mas, mesmo essa renúncia é igualmente uma imagem de Deus. Desse modo, também não conseguimos escapar de nossas imagens.

O que então nos resta quando desejamos falar de Deus ou do Todo ou do mistério que se encontra por trás de nossa vida e de todos os seres? Nada. Apenas a impotência. Mas é exatamente nessa impotência que encontramos o nosso ser, tornamo-nos verdadeiramente humanos e - humanamente religiosos.

Exemplo: Jesus e Caifás

Nota preliminar

Pediram-me que falasse durante uma manhã em um congresso em Lyon sobre os nossos ancestrais, mostrando o que nos vincula a eles e o que nos reconcilia com eles. Há muito tempo que já havia percebido que a exclusão de um membro familiar muitas vezes continua atuando de modo nefasto durante séculos.

Ismael e Isaac

Penso aqui, por exemplo, na exclusão de Ismael, primogênito de Abraão, para ceder espaço ao seu segundo filho Isaac e, talvez ligada a isso, na exclusão do povo judaico pelos outros povos até hoje - como expiação da injustiça cometida contra Ismael e sua mãe Agar. Mas penso também no conflito entre Israel e seus vizinhos árabes, que se reconhecem descendentes de Ismael. Sempre onde um membro é excluído dessa maneira, o efeito profundo e curativo na alma vem quando o excluído e seus descendentes são novamente acolhidos no seio dessa família e justamente no primeiro lugar que lhes é de direito, segundo a ordem hierárquica.

Caifás e Jesus

Um conflito semelhante a esse seria a história dolorosa dos judeus quando submetidos aos cristãos e o antissemitismo relacionado a isso, que atua até hoje entre os cristãos. A meu ver esse conflito possui igualmente uma origem. Trata-se do conflito entre Caifás e Jesus e entre aqueles que se sentem mais próximos a Caifás e ao judaísmo, representado e defendido por ele e aqueles que se tornaram seguidores de Jesus. Apesar dos dois pertencerem à mesma família e de os cristãos se encontrarem, segundo a ordem hierárquica, em segundo lugar, estes simplesmente se colocaram em primeiro. Não

podemos esquecer, no entanto, que a exclusão foi mútua.

Por isso há muito tempo já estava ciente de que esse conflito precisaria ser olhado e solucionado primeiramente lá onde teve o seu início: entre Jesus e Caifás.

O caminho espiritual do conhecimento

Refleti muito sobre como poderia tornar visível a profundidade dessa relação e do seu alcance. No entanto, desde o início sabia que a compreensão dessas conexões estava além de minhas possibilidades pessoais, pois esses movimentos, independentemente de quão amplos se revelem para nós, precisam ser reconhecidos como movimentos do espírito, isto é, como movimentos de dedicação a todos que, no final, unem novamente aqueles que estavam separados.

Nas Constelações familiares espirituais esses movimentos se tornam acessíveis e visíveis para nós, de um modo que põe em marcha os movimentos essenciais - para além de nossas ideias usuais e para além de nossas lamentações e objeções. Conduzem-nos para um caminho do conhecimento, um caminho que até então não havíamos encontrado por conta própria.

Nesse sentido ousei colocarem Lyon, perante um grande público, um representante para Jesus e outro para Caifás, um diante do outro, confiando em seguida totalmente nos movimentos desse espírito criativo. Porém, jamais teria ousado fazer isso por conta própria. Quando estava me preparando internamente para esse curso, esses nomes foram claramente mencionados para mim, tão claramente que precisei deixar de lado os meus medos, para me deixar guiar também aqui, entregue em todos os sentidos aos movimentos do espírito, apenas por eles.

Foi assim que se deu a constelação seguinte, cujo desenrolar descreverei detalhadamente.

A constelação

Como sempre no caso das Constelações familiares espirituais, não necessitamos aqui de uma constelação como se fazia anteriormente. Basta que os representantes simplesmente se posicionem. De repente, são tomados por um movimento que os leva a fazer e demonstrar, sem nenhuma resistência, aquilo que corresponde à situação das pessoas que representam.

Escolhi assim um representante para Jesus e outro para Caifás. Caifás foi o pontífice que condenou Jesus à morte e o entregou ao governador romano Poncius Pilatos para a crucificação, pois somente ele poderia ordenar a execução, fazendo com que a cumprissem. Após ter encontrado voluntários para representarem Jesus e Caifás, pedi que se posicionassem um diante do outro a uma certa distância. Em seguida eu e eles nos deixamos guiar pelos movimentos do espírito.

Desde o início, o representante de Jesus estava totalmente voltado para o pontifício judeu Caifás. Não se comportou nem como um adversário nem como uma vítima, mas como alguém que pertence, sem repreensões e sem exigências. Olhava de forma amável para o representante de Caifás, com as mãos abertas, porém, sem se mover. Estava voltado para ele, simplesmente presente.

O representante do pontifício fechou os punhos, foi na direção de Jesus e deu um chute no peito dele. Jesus, porém, não se esquivou, continuou de pé, de forma amável. Caifás foi novamente até Jesus, bateu com seus punhos contra o peito de Jesus e tentou afastá-lo.

Jesus continuou na mesma postura, voltado para Caifás de modo amável, sem se deixar levar a um ato de defesa ou reação. Continuava de pé com as mãos abertas.

Neste ponto interferi. Pensei na frase do Evangelho de Mateus atribuída à multidão diante de Pilatos, sedenta pela morte de Jesus: "Que o seu sangue caía sobre nós e sobre nossos filhos". Se essa frase realmente foi pronunciada ou se vem do autor desse evangelho, não importa, pois quando olhamos para o destino do povo judeu sob o domínio dos cristãos, essa frase verbaliza o que se tornou realidade, contribuindo certamente muito para isso.

Então mostrei ao representante do pontifício as consequências de seu comportamento. Coloquei quatro representantes para os judeus que foram perseguidos e assassinados pelos cristãos, deitados de costas no chão, entre Caifás e Jesus. Estavam representando milhares de vítimas dessa época, que morreram como consequência do comportamento de Caifás diante de Jesus.

O efeito dessa intervenção no representante de Caifás foi surpreendente. Instantaneamente, a sua agressividade se dissolveu. Afastou-se, porém, sem olhar para os mortos. Olhava apenas para Jesus. Jesus, no entanto, olhava para os mortos. Após um tempo, Caifás também olhou para os mortos. Ajoelhou-se, inclinou-se em sua direção, soluçando alto.

O representante de Jesus continuou voltado para Caifás de modo amável. Sentou-se no chão, olhou para Caifás e lhe estendeu uma mão.

Depois de um tempo, o representante de Caifás deitou-se no chão de costas, apoiando a cabeça na barriga de um morto. Abriu os braços, chorava e movia constantemente seus lábios, como se quisesse dizer ou gritar algo, porém sem sons e palavras. Minha imagem foi de que ele estava igualmente pendurado na cruz. Após um tempo, tocou de leve a mão de Jesus com um dedo, no entanto, voltando a afastá-la.

Depois de algum tempo, tentou erguer os mortos como se desejasse trazê-los de volta à vida. Jesus afastou-se dele e dos mortos. Estava sentado no chão, do outro lado. As suas mãos continuavam abertas e a cabeça inclinada. Nesse ponto interrompi a constelação.

No total a constelação durou 45 minutos, sem que algo tenha sido dito.

Consideração final

Não importa como consideramos essa constelação, é certo que não podia ter surgido a partir das ideias dos representantes. Neles atuava um movimento do espírito. Eles também estavam a serviço do amor, como todos os movimentos, quando movem os representantes em direção a algo que está muito além de suas ideias estão a serviço do amor. Estavam a serviço da superação dos opostos, nesse caso entre cristãos e judeus e, deste modo, a serviço da paz.

História: A volta

Alguém nasce dentro da sua família, da sua pátria, da sua cultura e, já desde criança, ouve falar de seu modelo, professor e mestre, e sente o mais profundo desejo de tornar-se e ser como ele.

Junta-se a pessoas que partilham de seus ideais, disciplina-se por muitos anos e segue seu grande modelo até tornar-se igual a ele - até que pensa, fala, sente e quer como ele.

Acredita, entretanto, que ainda lhe falta algo. Assim, parte para uma longa viagem, buscando transpor talvez uma última fronteira. Passa por jardins antigos, há muito tempo abandonados. Apenas as rosas selvagens ainda florescem, e grandes árvores dão frutos todos os anos. Porém, caem esquecidos no chão, pois não há quem os queira. Daí para frente, começa o deserto.

Ele é logo cercado por um vazio desconhecido. Para ele todas as direções se confundem e as imagens que esporadicamente surgem diante dele são logo reconhecidas como vazias. Caminha ao sabor de seus impulsos. Quando já havia perdido, há muito tempo, a confiança nos próprios sentidos, avista diante de si a fonte. Ela brota da terra e nela imediatamente se infiltra. Porém, até onde a água alcança, o deserto se transforma em paraíso.

Olhando em volta, vê dois estranhos se aproximando. Tinham procedido exatamente como ele, seguindo seus próprios modelos até se tornarem iguais a eles. Partiram, como ele, para uma longa viagem, buscando transpor talvez uma última fronteira, na solidão do deserto. E, como ele, encontraram a fonte. Juntos, os três se curvam, bebem da mesma água e acreditam que estão perto de atingir a meta. Depois, dizem seus nomes: "Meu nome é Gautama, o Buda." "Meu nome é Jesus, o Cristo." "Meu nome é Maomé, o Profeta."

Então chega a noite, e acima deles brilham como sempre as estrelas, infinitamente distantes e silenciosas. Os três se calam, e um deles sabe que está mais próximo do grande modelo como nunca. É como se pudesse, por um momento, pressentir o que Ele sentira quando conheceu a impotência, a inutilidade, a humildade. E como deveria sentir-se, se conhecesse igualmente a culpa.

Na manhã seguinte ele retorna, escapando do deserto. Mais uma vez, seu caminho o leva por jardins abandonados, até que chega a um jardim que lhe pertence. Diante da entrada está um velho homem,

como se estivesse esperando por ele. Ele diz: "Quem vai tão longe e encontra, como você, o caminho de volta, ama a terra úmida. Sabe que tudo o que cresce também morre e, quando acaba, nutre." “Sim", responde o outro, "eu concordo com a lei da terra". E começa a cultivá-la.

Indicações de publicações sobre o tema religião

Livros

A paz começa na alma

As Constelações Familiares a serviço da reconciliação ***213 p, 2006, Editora Atman***

Der Abschied • Nachkommen von Tãtern und Opfern stellen ihre Familie

370 Seiten, 260 Abb. 2. überarbeitete und erweiterte Auflage **2001**.

Carl-Auer-Systeme Verlag

Rachel weint um ihre Kinder

Familien-Stellen in Israel. Herder Verlag

Conflito e paz. Uma resposta

152 p., 2007, Editora Cultrix

Finden, was wirkt • Therapeutische Briefe

232 Seiten. 11. Auflage 2003 Kõsel Verlag

Verdichtetes • Sinnsprüche - Kleine Geschichten - Sãtze der Kraft

109 Seiten. 5. Auflage 2000. Carl-Auer-Systeme Verlag

A fonte não precisa perguntar pelo caminho

Um livro de consulta

342 p., 2a. Edição 2007, Editora Atman

Histórias de amor

191 p., 2007, Editora Atman

Um lugar para os excluídos

Conversas sobre os caminhos de uma vida com Gabriele ten Hóvel

158 p., 2006, Editora Atman

No centro sentimos leveza

Conferências e histórias

166 p., 2®. Edição 2006, Editora Cultrix

Religião, Psycoterapia e Aconselhamento Espiritual

175 p., 2005, Editora Cultrix

Liberados somos concluídos

166 p., 2006, Editora Atman

Pensamentos a caminho

202 p., 2005, Editora Atman

Gottesgedanken • Ihre Wurzeln und ihre Wirkung

240 Seiten. 1. Auflage 2004 Kõsel Verlag

Viagens Interiores

Experiências - Meditações - Exemplos ***135 p., 2008, Editora Atman***

Natürliche Mystik • Wege spiritueller Erfahrung

200 Seiten 2008 Kreuz Verlag Auch ais Hòrbuch erhãltlich bei Video Verlag Bert Hellinger Postfach 2166 o 83462 .Berchtesgaden

Wahrheit in Bewegung

160 Seiten, 2. Auflage 2005. Herder Verlag

Dankbar u. gelassen • Im Einklang mit dem Leben

157 Seiten, 2005. Herder Verlag

Erfülltes Dasein • Wege zur Mitte

159 Seiten, 2006 Herder Verlag

Vídeos

Wie Versõhnung gelingt • Athen

1 Video, 1 Stunde, 37 Minuten. Deutsch/Griechisch

Familien-Stellen in Istanbul, Video 2

Der Friede Was die Getrennten wieder vereint

1 Video, 2 Stunden, 41 Minuten. Deutsch/Türkisch

Das Überleben überleben • Nachkommen von Überlebenden des Holocaust stellen ihre Familie

1 Video, 2 Stunden, 30 Minuten

Die Toten • Was Tãter und Opfer versõhnt

1 Video, 60 Minuten (vergriffen)

CDs

Viagens Interiores Áudio-livro

5 discos

Também disponível em MP3

1 **disco**

Das Judentum in unserer Seele

1 **CD**

Gottesgedanken

Ihre Wurzeln u. ihre Wirkungen

1 **CD**

Considerações finais

Coloque sua casa em ordem!

O que significa: "Coloque sua casa em ordem?" Significa que você a arruma de um modo que possa partir sem que ninguém ainda fique esperando algo de você. Isso significa que está em ordem de tal forma que algo pode continuar depois de você, porque foi dado a outros, através de você. Então, arrume sua casa de um modo que esse presente possa ser conservado como presente, sem precisar de seu contínuo cuidado e atenção.

"Coloque sua casa em ordem!" também significa que algo pode continuar sem você, sem que isso se torne um peso para ninguém, concedendo às outras pessoas a liberdade de assumir e levar adiante aquilo que é seu, de uma forma que possam reconhecer e dar continuidade a isso como algo próprio deles, em sintonia com aquilo com que foram presenteados e incumbidos.

A casa que é colocada em ordem continua habitada e será novamente habitada. Existe porque está em ordem, porque foi colocada em ordem com amor, com uma visão de amor ao futuro, colocada em ordem a serviço da vida e do amor. Encontra-se arrumada e pronta para o novo, que precisa vir.

Vigiando

Mantemos nossos olhos abertos por alguém que estamos esperando. Mantemos nossos olhos abertos para a felicidade, por um evento que nos alegra, para a realização de um antigo desejo. Mantemos nossos olhos abertos para a realização, para a realização de uma tarefa. Mantemos nossos olhos abertos principalmente para a realização de nossa vida.

Independentemente de admitirmos ou não, é por essa realização que ansiamos profundamente, sobretudo mantemos nossos olhos abertos para esta realização. Pois sentimos, lá no fundo de nossa alma, que esta vida é somente uma transição em direção a algo que se encontra para além dela.

Realização, neste sentido, significa exatamente o oposto de terminado e acabado. Nós já olhamos agora para além de nossa vida, em direção a algo que espera por nós depois que a nossa vida estiver terminada.

Enquanto mantemos nossos olhos abertos, olhamos em direção àquilo que está vindo, somos atraídos para o mesmo e, nessa vigia, já estamos lá.

O que acontece com a nossa vida quando vigiamos dessa maneira, quando nos encontramos centrados dessa maneira, quando centrados dessa maneira olhamos em direção ao último? Continuamos presentes nesse mundo?

Estamos presentes de outra maneira, agora já realizados, estamos presentes de modo mais sereno, mais feliz.

A liberdade

Sou livre enquanto olho para além do que se encontra próximo, em direção a algo que determina o que se encontra próximo e que lhe confere a sua existência. Isso vale especialmente para outras pessoas com as quais me sinto conectado através do amor e da gratidão ou por estar zangado com elas e preferir afastar-me.

Enquanto eu foco naquilo que se encontra próximo, neste caso, principalmente nas pessoas próximas, elas se apoderam de mim e eu me apodero delas. Elas ocupam o lugar daquilo que é maior e que está por trás delas, capturam-me em seu lugar e me tornam prisioneiro.

Eu me torno igualmente prisioneiro quando desejo livrar-me delas, imaginando estar livre, dessa maneira. Talvez continue ligado mais ainda do que antes a elas, e elas, a mim, sobretudo eu me torno menos através dessa liberdade e não mais.

Quando, no entanto, olho para além delas em direção àquela força espiritual que me move assim como a elas e quando, por isso, me comporto de modo relativamente independente e livre, pois estou ligado

a um outro lugar, elas perdem o poder sobre mim, poder esse que me vincula a elas e elas, a mim.

Ao mesmo tempo estou ligado a elas de outro modo, de um modo mais livre. Encontro-me vinculado a partir daquele amor espiritual que nos envolve em um movimento, no qual nos experimentamos plenos e amplamente vinculados para além de nós mesmos. De que modo? Não-livres de boa vontade e, assim, verdadeiramente livres até o último, para o que há de essencial.

Chegamos

Enfim, chegamos! Chegamos aonde? Lá para onde somos atraídos, desde sempre. Para onde somos atraídos? Para lá, onde podemos permanecer, onde podemos permanecer para sempre.

Vamos sozinhos para tal lugar? Outros irão conosco? Chegaremos com outros em tal lugar? E lá, o que nos espera?

Tudo nos espera? Tudo junto nos espera. De que modo? Permanentemente, pois permanece conosco, permanece pleno, conosco.

Como podemos imaginá-lo? Tudo retorna para sua origem. Como seres humanos, retornamos de modo ciente a essa origem, cientes de que de lá obtemos a nossa existência. Retornamos com a nossa existência, da forma que foi, com tudo que experimentamos a partir dela, porém sem algo que nos seja próprio. Trazemos de volta a nossa existência tal como algo emprestado e a trazemos como uma oferenda. De que modo? À medida que nos encontramos presentes com ele, apenas presentes, completamente presentes.

Continuaremos ainda sendo os mesmos que fomos no início? Tornamo-nos diferentes? Trazemos algo conosco quando chegamos?

Trazemos aquilo que sucedeu. Trazemos outras pessoas, pessoas que entraram em nossas vidas e em cujas vidas entramos. Trazemos de volta a existência plena. Plena através de quê? Através de algo nosso? Plena através de algo que nos foi dado, através de algo com o qual fomos incumbidos e presenteados. Também isso oferendamos, nós o oferendamos juntamente conosco.

Que efeito isso terá sobre nós? Tornamo-nos puros, puros pois tudo retorna para onde veio.

De que modo permanecemos lá após termos chegado de forma pura'? Nós ficamos lá, presentes, presentes em espírito, permanecemos embaixo e presentes, juntamente com todos.

A vida que fica

Falamos sobre a vida que passa. Pois é essa a nossa experiência: a vida que conhecemos termina após um tempo. Porém termina de um modo que, ao mesmo tempo, seguirá adiante e renovada, dessa forma segue adiante infinitamente. Passa e fica, ao mesmo tempo.

Porém, de onde vem essa vida? Encontra-se vinculada a algo material, a algo claramente definido? Mas os movimentos que a geram chegam de um mundo exterior, sobretudo porque na base desses movimentos da vida estão um plano e uma ordem preestabelecida. Preestabelecida a partir de onde? Esse plano pode vir da dimensão material? Ou será que aqui se revela que a dimensão material segue determinadas leis que a movimentam e dirigem a partir de algo que se encontra para além do plano material, de modo tal que comece a viver? Que a vida começa a se propagar e, por se propagar, apenas a dimensão material se dissolve, porém não a vida que tem sua origem em outro lugar? Que a vida se revela tal como uma vida que sobrevive ao indivíduo e que se encontra para além da dimensão material?

Em outras palavras, a vida se revela como algo espiritual. Não pode ser finalizada nem apagada através da dimensão material. Sobrevive àquilo que é transitório, pois vem de outro lugar, onde permanece, permanece eternamente.

O que ocorre nesse sentido conosco, seres humanos, com a nossa vida? Nós nos experimentamos espirituais. Experimentamo-nos como algo que vai para além da dimensão material, vinculados a algo e movidos por algo de origem espiritual. Experimentamo-nos espirituais na dimensão material:

movidos de modo espiritual, guiados de modo espiritual, mantidos de modo espiritual, unidos de modo espiritual com uma consciência, que já agora, nessa vida nos leva consigo em direção a algo que fica. Leva-nos consigo em direção a algo espiritual, independente da dimensão material, apesar de aqui experimentarmos a dimensão material a cada instante como algo espiritual, movida pelo espírito, desejada pelo espírito e animada pelo espírito.

Portanto, experimentamos a dimensão espiritual primeiramente a partir da dimensão material, na nossa existência física, na nossa experiência material, pois a dimensão material também não pode existir sem o espírito, não da forma que existe. Mesmo assim experimentamos a dimensão espiritual como sendo independente e livre da dimensão material, atuando para além dela, atuando eternamente para além dela. Já agora, na nossa vida atual, ela nos conduz para esse espaço espiritual, nos conduz para dentro dele, poderosamente.

Nesse âmbito espiritual possuímos a vida que permanece, que permanece para além dessa vida, que permanece para além do nosso morrer, para além de nossa consciência atual.

Como experimentamos essa permanência, desde agora? Nós a experimentamos como permanente no centramento profundo e na contemplação espiritual. Mas esse centramento e essa contemplação espiritual vêm de nós? Podemos alcançá-los a partir de nós?

Eles nos são presenteados. Quando nós os experimentamos, experimentamos como um presente. Nós os experimentamos como uma existência com que fomos presenteados, como uma existência espiritual com que fomos presenteados, como uma vida com que fomos presenteados, uma vida que permanece.

A retirada

No âmbito espiritual a retirada mais nos aproxima do que afasta. Conduz-nos até a força que tudo sustenta, pois move tudo da forma que é. Portanto, a retirada nos conecta com tudo do qual havíamos nos afastado, que acreditávamos termos ultrapassado e superado. A partir da retirada reencontramos aquilo que permanece, aquilo que não precisa mais ir adiante, pois repousa de modo pleno em si mesmo.

A retirada nos conduz de volta à fonte de nossa força, à origem que permanece eternamente, anterior a tudo que veio depois, pois nada pode ser igualada a ela. Pois tudo, que para nós veio mais tarde, já existia em sua origem. Por isso, o quanto mais parece afastar-se de sua origem, mais intensamente permanece vinculada a ela, até que reconheça que sua ânsia de ir adiante o leva em direção a sua origem, tal como um movimento circular, sempre adiante e ao mesmo tempo de volta ao início.

De que modo, então, realmente vamos para trás? Vamos para trás indo em frente. Andar para frente também nos leva de volta à origem.

Alcançamos então a nossa origem? Podemos imaginar a origem tal como um início para o qual retornamos? Ou será que a origem se encontra, por si só, inserida em um movimento, um movimento que para nós encontra-se sempre à mesma distância da origem? Talvez se revele como um movimento da fonte que permanece dentro da sua origem, um começo que nem comece e nem termine, porque nele tudo atua e se encontra presente da mesma forma, e nós nos encontramos presentes nele.

A paz

A paz começa onde cada um de nós pode ser da forma que é, onde cada um de nós permite ao outro ser tal como é e ficar onde está. Isso significa, ao mesmo tempo, respeitar os limites mútuos, que ninguém ultrapasse o limite do outro, que cada um permaneça dentro do âmbito dos seus próprios limites.

Este limite é, permito me dizê-lo de modo radical, um limite desejado por Deus. O que significa isso? Todo mundo é como é, pensado e tomado a serviço por um outro poder, incluindo os seus limites. À medida que respeito o limite do outro, também respeito o meu. Isto é, respeito o meu limite e o do outro em sintonia com um movimento do espírito. Esse limite cria paz, se permanecermos em sintonia com ele, pois os movimentos do espírito voltam- se do mesmo modo para todos os lados.

Portanto, a paz torna-se possível em sintonia com um movimento do espírito, em sintonia com a sua dedicação a tudo, tal como é, em sintonia com seu amor, em sintonia com seu amor espiritual.

O que se opõe a esse amor? Quando ouso acreditar que sou mais movido por esse espírito do que um outro, colocando-me desse modo acima dele. Nesse momento, perco a sintonia com os movimentos do espírito e com seu amor, isto é, entro em conflito tanto com os outros como com um movimento do espírito.

Como consequência, encontro-me abandonado a mim mesmo. Experimento a mim mesmo abandonado por esse espírito e por sua orientação. De que modo vivendo isso? Fracassando ou morrendo ou quando alguém morre em meu lugar.

Mas será que serei completamente abandonado por esse espírito? Jamais. Ele apenas me toma de outra forma a seu serviço. Ele me toma a seu serviço de um modo doloroso para mim e para os outros, isto é, continua to- mando-me inteiramente a seu serviço.

Para onde nos conduz, dessa forma, a seu serviço? Conduz-nos à paz. Conduz-nos ao reconhecimento mútuo de nossos limites e, assim, ao respeito diante dos outros da forma que são e ao respeito diante de nós mesmos, da forma que somos. Porém, para muitos, através de desvios e experiências dolorosas. No entanto, quanto mais permanece a paz, tanto mais modestas se tornam as nossas exigências, tanto mais sabemos da nossa semelhança com os outros.

Essa, no entanto, é a paz essencial, a paz que permanece, a paz humana. Essa é a paz do espírito.

Basta

Sempre quando aprendemos algo novo, como aqui com as Constelações familiares espirituais, sentimos após um tempo: agora basta. Isso significa que sabemos o suficiente para aplicar aquilo que aprendemos e esperamos pela oportunidade de aplicá-lo. Portanto, desejamos também aprender através de nossa própria experiência. Apenas aquilo que experimentamos por conta própria, incluindo os erros e até os fracassos, compreendemos realmente. E sabemos, principalmente, de modo imediato a partir do nosso sentimento, se algo é possível ou não.

Por isso, um professor não revela para os seus alunos tudo o que sabe. Leva-os até um limiar que precisam ultrapassar sozinhos, sem o seu apoio. Aqui ele se recolhe.

Nesse sentido, expliquei e demonstrei apenas algumas coisas referentes às Constelações familiares espirituais. Porém, aquele que me acompanhou internamente, principalmente na postura de dedicação a tudo da forma que é, sabe o suficiente para arriscar-se a essa aventura e se entregar aos movimentos do espírito, da forma que eles o conduzem.

Desse modo também confio nas forças maiores, forças essas que conduzem os outros assim como me conduziram. Recolho-me em sintonia com o seu amor e permaneço em sintonia com um movimento que continua, continua em relação a todos, também comigo.

Partida

Para onde vou quando me encontro em minha meta, para onde fui? Ainda sou aquele que se moveu até lá ou então a meta me absorveu de tal modo, que nela me perco?

Do que estou falando aqui? De que caminho, de que fim? Estou falando de um caminho do conhecimento, do caminho em direção a um conhecimento último. Continuo existindo diante dele? Ou será que me absorve para dentro de si, de forma que nele me perco, tornando-me conhecimento, conhecimento puro?

O que significa puro, aqui? Puro significa que caminhei através desse conhecimento, que nele me perdi, que nele parti. Nessa hora, quem continua conhecendo? Quem atua através desse conhecimento? Quem deseja algo através desse conhecimento? Quem se torna, algo através desse conhecimento? Ou será que esse conhecimento é apenas um saber, um saber puro, um saber enquanto existência pura?

Esse saber atua porque sabe. Podemos reconhecer o seu efeito, pelo menos parcialmente. Mas será que

podemos reconhecer aquilo que nos conhece desse modo?

Em certa medida, até certo ponto, podemos conhecer o caminho que conduz a isso - principalmente quando, ao percorrer o mesmo, sentimo-nos guiados por uma força ciente. Porém, após um tempo, o conhecimento cessa e tem início o saber, o saber puro sem um Eu, um saber que nos torna presentes, infinitamente presentes.

Mas o que ocorre, então, com o nosso destino? Com os destinos daqueles com os quais nos encontramos emaranhados? O que ocorre com as vidas passadas? Com a vida daqueles que viveram antes de nós e de cuja existência ainda nos alimentamos? Nesse saber tudo partiu, desabrochado, realizado, conosco, na meta.

Epílogo

A Hellinger Sciencia é uma ciência em movimento. Tem um alcance para além de si mesma. Quem se envolve com esse movimento cresce a cada instante para além do que veio antes. Por isso as compreensões e as suas aplicações descritas neste livro a princípio se diferenciam daquilo que normalmente associamos à palavra ciência, como se apenas a sua repetição provasse o seu caráter científico e a sua validade duradoura.

A ciência de nossos relacionamentos e nossa vida, da forma que é, pode ser apenas uma ciência em movimento, assim como os nossos relacionamentos, nosso amor e nossa vida.

Por isso o que importa não é repetirmos algo ou aprendê-lo de uma forma que possamos repeti-lo. Pelo contrário. Nós nos envolvemos com esse movimento, com o movimento dessa ciência de nossos relacionamentos, crescemos a partir dela, continuamos nos movimentando e, nessa ciência, permanecemos centrados em todos os sentidos. Permanecemos no movimento como algo que está além de nós, algo espiritual que nos põe em movimento.

Permanecemos neste movimento guiados por um espírito amplo, centrados e abertos para o diferente e o novo, que se revelam a cada dia de modo diferente e novo para nós, criando um novo saber. Permanecemos sem palavras, corajosos na nossa força, criativos para muito além de nós mesmos - e principalmente vinculados, em todos os sentidos, ao amor.

O próximo passo.

Neste livro Bert Hellinger mostra o próximo passo de seu trabalho. O amor abrangente. O amor do espírito.

É o amor a serviço da vida que supera os limites que habitualmente colocamos a nós e aos outros, quando fazemos distinções entre o bom e o mau.

Este livro ensina as compreensões básicas sobre esse amor e como essas compreensões constituem uma ciência nova, que abrange todas as relações humanas - uma ciência do amor - a Hellinger Sciencia.

Aqueles que se interessam pelo tema do amor encontrarão aqui as compreensões básicas que ajudam a superar as barreiras que bloqueiam o amor em todos os níveis. Encontrarão também grande número de referências - todas extraídas da prática - o que facilita a compreensão do amor do espírito em toda sua extensão e como podemos utilizar tais compreensões em nossa vida pessoal e profissional.

Um livro que dissipa qualquer estreiteza que ainda possa existir, levando para a amplidão.

ISBN 978-85-98540-20-7

EDITORA ATMAN – editora@atmaneditora.com.br – www.atmaneditora.com.br